

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e

Aprendizagem

Caroline Garpelli Barbosa

**A FAMÍLIA E A MORTE: ESTUDO FENOMENOLÓGICO COM
ADOLESCENTES, GENITORES E AVÓS**

BAURU

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Caroline Garpelli Barbosa

A FAMÍLIA E A MORTE: estudo fenomenológico com adolescentes, genitores e avós

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-Graduação do Desenvolvimento e Aprendizagem, área de Psicologia, sob a orientação da Prof. Dra. Ligia Ebner Melchiori e coorientação da Prof. Dra. Carmen Maria Bueno Neme.

Bauru

2010

Barbosa, Caroline Garpelli.

A família e a morte: estudo fenomenológico com
adolescentes, genitores e avós / Caroline Garpelli
Barbosa, 2010.
246 f.

Orientador: Lígia Ebner Melchiori

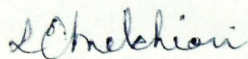
Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2010

1. Morte. 2. Luto. 3. Família. 4. Fenomenologia.
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

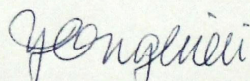
Este estudo foi desenvolvido com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE CAROLINE GARPELLI BARBOSA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

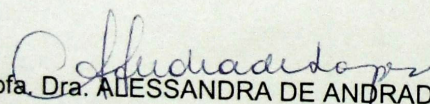
Aos 09 dias do mês de agosto do ano de 2010, às 14:30 horas, no(a) Sala 3 da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. YOLANDA CINTRÃO FORGHIERI do(a) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Profa. Dra. ALESSANDRA DE ANDRADE LOPES do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de CAROLINE GARPELLI BARBOSA, intitulada "A família e a morte: estudo fenomenológico com adolescentes, genitores e avós". Após a exposição, a discente foi argüida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: ___ _ _ _ APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI



Profa. Dra. YOLANDA CINTRÃO FORGHIERI



Profa. Dra. ALESSANDRA DE ANDRADE LOPES

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Inês e João Luiz, pelo apoio incondicional aos meus estudos e às minhas escolhas, pelo esforço sem medidas para que eu alcançasse os meus sonhos, pelo amor, carinho e compreensão em todos os momentos de minha vida.

Ao meu irmão, Heitor, por sempre estar ao meu lado, torcendo e vibrando com as minhas conquistas como se fossem suas.

Ao meu noivo, João Paulo, por ser um dos maiores incentivadores de minha carreira, pelas nossas longas conversas sobre Heidegger nas noites de sábado, pela compreensão nos meus momentos de impaciência, por fazer com que eu me sentisse mais segura e confiante em meu trabalho e, principalmente, pelo respeito, amor, carinho e dedicação que sempre demonstrou em todos esses anos que estivemos juntos.

Às minhas orientadoras, Professora Dr^a Lígia Ebner Melchiori e Professora Dr^a Carmen Maria Bueno Neme, por me aceitarem como orientanda, pelas longas horas de conversas e estudos, pela confiança e pela forma carinhosa com que sempre me acolheram e me conduziram ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Dr^a Alessandra de Andrade Lopes e à Professora Dr^a Yolanda Cintrão Forghieri, pela maneira atenciosa e cuidadosa com que leram este trabalho, pelas valiosas contribuições dadas a ele e, por tão prontamente aceitarem o convite para a participação na banca de defesa.

À Professora Dr^a Maria Renata Machado Vaz Pinto Coelho, pelas contribuições dadas a este estudo na qualificação.

Às famílias colaboradoras deste estudo, pois, sem elas, a realização deste trabalho não seria possível.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro concedido a este trabalho, possibilitando que eu pudesse me dedicar integralmente ao seu desenvolvimento.

À Professora Dr^a Alessandra Turini Bolsoni-Silva, por ter me introduzido ao apaixonante mundo da pesquisa e sempre acompanhar o meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, por sempre tão prontamente me auxiliarem com informações.

Às minhas amigas, Mariana Forgerini, Amanda, Mariana Betetto e Vanessa, que, mesmo à distância, sempre me incentivam e compartilham comigo as minhas alegrias e angústias.

À Heloísa, Laura, Bia, Dislaine e Ranússia, por me auxiliarem nos contatos com as famílias.

À toda a minha família, pelo incentivo e torcida.

BARBOSA, C. G. **A família e a morte**: estudo fenomenológico com adolescentes, genitores e avós. 2010. 246f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.

RESUMO

Apesar do aumento na quantidade de trabalhos que visam abordar o morrer como tema de investigação, observa-se que, no interior da sociedade contemporânea, prevalece a reprodução da cultura de interdição da morte, dificultando que a temática seja abordada e discutida nos mais variados contextos. Tendo em vista que a relação com a morte está longe de ser unívoca, acredita-se que o sentido dado a ela pode estar vinculado às experiências pessoais e familiares a respeito, à religião, à cultura, à idade, entre inúmeros outros fatores. Nesse sentido, o objetivo fundamental deste trabalho foi compreender como, no interior de uma mesma família, se dá a relação com a morte em três momentos da existência, a saber, na adolescência, vida adulta intermediária e velhice. Para isso, mediante o método fenomenológico, foi estabelecido contato com seis famílias, sendo que em cada uma delas, entrevistou-se individualmente, um adolescente, seus genitores e, pelo menos um dos avós. Após a compreensão das vivências dos participantes foi possível a apreensão de cinco categorias de análise, a saber, **a) Os sentidos da morte na existência**, que aborda como os colaboradores compreendem o fenômeno da morte, bem como suas crenças e incertezas a respeito do tema; **b) Saber-se mortal: existindo na finitude**, categoria que diz respeito ao modo como os colaboradores vivenciam a possibilidade da morte de si mesmos; **c) Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**, em que os colaboradores rememoram as perdas mais significativas que tiveram ao longo de suas vidas e pensam na morte daqueles com quem convivem diariamente; **d) Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte**, a qual revela como as famílias abordam a temática morte na vida cotidiana; **e) Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência**, em que as reflexões sobre a morte e o morrer dão espaço para que a vida também seja objeto de resignificação. A partir destas categorias, os dados foram organizados por famílias, na tentativa de apreender como cada um delas se relaciona com o morrer. Em seguida, realizou-se uma síntese dos aspectos convergentes, em primeiro lugar, entre as seis famílias e, posteriormente, entre as três faixas etárias estudadas. Notou-se que, apesar de cada geração apresentar sua maneira peculiar de vivenciar a morte, no interior de cada uma das famílias estudadas, tais significações se apresentaram nos relatos das três gerações de maneiras muito semelhantes, apontando para a influência que as gerações mais velhas exercem nas significações de mundo dos mais jovens. Todavia, mesmo com as particularidades, foi observado que em todas as famílias e idades, a morte (a própria e a do outro) foi negada e evitada na maior parte do tempo. Tais dados apontam para a necessidade de dar continuidade a trabalhos que aprofundem a reflexão sobre o morrer em diferentes contextos, pois, as dificuldades observadas em se abordar o assunto mostram que ele ainda está ausente de seu lugar originário, qual seja, o interior da existência humana.

Palavras-chave: morte; luto; família; fenomenologia.

BARBOSA, C. G. **The family and the death:** phenomenological study with adolescents, adulthood and elderly. 2010. 246f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.

ABSTRACT

Despite the increase in the quantity of works that aim to study death as a research topic is observed on the contemporary society it still prevails the repeating of the prohibition's of the subject death, what can make difficult how the issue is addressed and discussed in several contexts. Given that the relationship with death is not single, believe that the meaning credited to it can be linked to personal and family experiences about it, religion, culture, age, among numerous other issues. Therefore, the main goal of this study was to understand how the relationship is with death in three different stages of the life, namely, adolescence, adulthood and on elderly age, within the same family. For this goal, through phenomenological methodology, was established contact with six families, and in each one was individually interviewed: a teenager, his parents and at least one grandparent. After to understand the participant's experiences, five thematic categories were created: **a) The meanings of death in existence**, which discusses how the participants understand the phenomenon of death, as well as their beliefs and doubts about the topic; **b) Knowing myself as a mortal person: living on finitude**, this category relates how the participants experience the possibility of death for themselves; **c) Being-in-absence-of-the-other: the death revealing itself as a loss**, in which the participants remind the most significant losses experienced by them in their lives and think about the possibility of lose dear people who live daily with them; **d) Being-with-the-family: the coexistence in the face of death**, which reveals how families deal with death themes in everyday life; **e) Being-in-the-world in front of the inevitability of death: the possibilities of existence**, which shows that the reflections on death and dying can open space to the life have a new meaning. From these categories, the data were arranged by families, trying to understand how each one of them deals with the death. Then, was done a synthesis of the main convergence points, first of all, among the six families and, after, among the three age groups studied. It was noted that although each generation introduce its unique way to experience the death, within each one of the families studied, such meanings were presented to the three generations in very similar ways, confirming the literature that says that the daily life experiences among the family members take the family to form a peculiar way to understand and an interpret itself and also the world. However, despite the individual characteristics, it was observed that in all families and ages the death was denied and avoided on the most part of the time. These information show the necessity to carry on the development work that generate new reflections about dying em different places, because the difficulty observed by getting the subject shows that it's still out of its original place, this is, the interior of the human existence.

Key-words: death; mourning; family; phenomenology.

SUMÁRIO

1. PALAVRAS INICIAIS: AO ENCONTRO DO TEMA	12
2. A SOCIEDADE DIANTE DO MORRER: PERCURSO HISTÓRICO	18
3. A MORTE VISTA AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	28
4. A FAMÍLIA E A MORTE	37
4.1 Experiências de perda na família: considerações sobre o luto	38
5. O SER-PARA-A-MORTE NA ONTOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER	45
5.1 Retomando o ser-com: a coexistência familiar	52
6. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA À PESQUISA EM PSICOLOGIA ..	56
6.1 A Fenomenologia – origens e método	56
6.2 A pesquisa fenomenológica na Psicologia	60
7. OBJETIVOS.....	64
7.1 Objetivo geral	64
7.2 Objetivos específicos	64
8. CAMINHO METODOLÓGICO	66
8.1 O contato com as famílias	66
8.2 Famílias colaboradoras	68

8.3 Local da pesquisa	72
8.4 A entrevista	72
8.5 Análise dos dados	74
9. APROXIMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DAS FAMÍLIAS: DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DAS ENTREVISTAS.....	77
FAMÍLIA 1.....	80
FAMÍLIA 2.....	100
FAMÍLIA 3.....	126
FAMÍLIA 4	148
FAMÍLIA 5.....	170
FAMÍLIA 6.....	189
10. OS SENTIDOS DA MORTE: REFLEXÕES	213
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	228
REFERÊNCIAS	233
APÊNDICES	239
ANEXOS	245

Assim a vida nos afeiçoa

*Se fosse dor tudo na vida,
Seria a morte o grande bem.
Libertadora apeteçada,
A alma dir-lhe-ia, ansiosa: - “Vem!*

*Mas horas há que marcam fundo...
Feitas, em cada um de nós,
De eternidades de segundo,
Cuja saudade extingue a voz.*

*Ao nosso ouvido, embaladora,
A ama de todos os mortais,
A esperança prometadora,
Segreda coisas irreais.*

*E a vida vai tecendo laços
Quase impossíveis de romper:
Tudo o que amamos são pedaços
Vivos do nosso próprio ser.*

*A vida assim nos afeiçoa,
Prende. Antes fosse toda fel!
Que ao se mostrar às vezes boa,
Ela requinta em ser cruel...*

(MANUEL BANDEIRA, A cinza das horas)

1. PALAVRAS INICIAIS: AO ENCONTRO DO TEMA

Não duvidamos que invariavelmente caminhamos ao encontro da morte. Somos finitos e convivemos com ela desde o momento em que iniciamos nossa existência no mundo. No entanto, embora este fato nos apareça como uma certeza indubitável, insistimos em tentar superá-lo a qualquer custo. Por meio da ciência criamos novas tecnologias, desenvolvemos medicamentos poderosos, buscamos desenvolver conhecimentos universais e, não obstante, a tão sonhada pílula da imortalidade ainda não nos foi apresentada. A religião, por sua vez, promete-nos a vida eterna e/ou a reencarnação, de modo que assim, tenta nos dar o alento não proporcionado pela ciência.

Embora a angústia diante da morte circunscreva toda a nossa existência, apenas pensamos a seu respeito ao nos depararmos com nossa fragilidade diante da perda de alguém querido. Assim, por meio da morte do outro, vemo-nos em seu lugar e tememos o nosso futuro. Ao mesmo tempo, após algumas semanas do ocorrido, retornamos às nossas vidas diárias e nos esquecemos de que também somos mortais. Tal esquecimento, efetivado na lida com nosso mundo e com nossa existência cotidiana, é abalado quando, de chofre, a morte nos aparece novamente, de sorte que voltamos a nos assustar diante de sua presença. Com efeito, a cada momento que nos deparamos com ela somos tomados por reflexões, temores, angústias... O que será de nós após a morte? Reencontraremos as pessoas que amamos? Esqueceremos de tudo o que vivemos? E nossas alegrias, sonhos, conquistas, família e amigos? E as tristezas, temores, raivas? O mundo que construímos? Não é fácil suportarmos tamanho golpe em nossa ilusão de sermos indispensáveis.

Meu interesse em estudar a morte iniciou-se quando eu cursava o último ano da minha graduação em Psicologia, mais precisamente, durante o desenvolvimento do meu estágio no Centro de Oncologia de um hospital. Embora já tivesse estado em contato com a

morte em algumas ocasiões de minha vida, foi durante a realização desse estágio que ela veio me mostrar sua face de maneira mais contundente, assinalando-me o quanto pode ser frágil o nosso existir. Em um centro oncológico, a morte é a *persona non grata* presente diariamente, de sorte que, quando ela chega, as reações são as mais diversas possíveis. Alguns fogem, outros a aceitam, há quem sinta raiva e há aqueles ainda que a desejam como forma de alívio. Houve diversos pacientes terminais com os quais tive contato. Um deles morreu antes do término do meu estágio, outros seguiram com seus tratamentos, ora esperançosos de que ainda poderiam se recuperar, ora parecendo aceitar a inelutável realidade. Essa vivência, ao lado dos pacientes oncológicos, levou-me a uma série de reflexões que culminaram no seguinte questionamento: “*Como é saber-se caminhando para a morte?*”. A partir desta indagação inicial, vi a abertura para o desenvolvimento de um estudo. Cogitei desenvolvê-lo junto a pacientes terminais a fim de encontrar respostas à minha inquietação. Contudo, ao conjecturar acerca dessa possibilidade e, após diversas leituras que me introduziram à temática, dei-me conta de que a morte não diz respeito apenas a quem está doente, mas a todos os mortais. Parecia ser tão óbvia essa constatação, porém, a obviedade também nos surpreende, sobretudo se estamos falando sobre a relação do ser humano com a sua finitude.

Assim, ao decidir que gostaria de me debruçar sobre essa temática, principiei a leitura de uma vasta bibliografia que versava acerca do morrer, das perdas e do luto. Tive acesso às obras de diversos pensadores e pesquisadores e, paulatinamente, minha questão de pesquisa foi se configurando de maneira mais consistente. Tais obras me forneceram subsídios para compreender o quanto a morte é relegada ao esquecimento e ao silêncio, sendo sua interdição a responsável por grande parte dos casos de luto disfuncional. Além disso, também observei que a relação com a morte está longe de ser unívoca, uma vez que de acordo com as experiências de cada um, ela pode se mostrar e ser compreendida de diferentes formas.

Nesse sentido, iniciei o segundo momento das minhas indagações e, assim, tentei compreender como se configuram essas diversas relações com a morte. Passei a refletir em quais aspectos essas diferenças se apresentariam mais visíveis e, a partir daí, uma série de possibilidades se abriu. Entre elas, as diferenças etárias foram as que mais se sobressaíram, uma vez que me mostraram que, em diferentes momentos da vida, a relação estabelecida consigo mesmo, com os outros, com o tempo, com o mundo¹e, portanto, com a própria finitude, podem se apresentar de maneiras distintas.

Se nos atentarmos para as crianças, adolescentes, adultos e idosos, perceberemos que eles não desempenham os mesmos papéis e funções dentro de uma sociedade, na medida em que cada uma dessas gerações compartilha experiências peculiares por estarem inseridas em momentos históricos e culturais distintos. Os jovens do século XXI, por exemplo, desde o nascimento estão inseridos em um universo em que a tecnologia encurta o tempo e a distância, em que muitos relacionamentos iniciam-se via internet e em que a obsolescência das coisas está mais rápida a cada dia. Já, os adultos e os idosos, embora possam compartilhar o tempo tecnológico atual dos adolescentes, também trazem consigo as significações da época em que nasceram e viveram, na qual os relacionamentos se iniciavam e se desenvolviam de maneiras distintas e em que o tempo ainda parecia correr mais vagarosamente. Além disso, no que concerne às tarefas desenvolvimentais, o adolescente encontra-se em um momento de lançar-se em direção ao futuro, de modo a construir-se e desenvolver-se. Podemos observar que o adulto encontra-se em outra etapa, pois, geralmente, é o momento de cuidar de sua própria família e de se realizar profissionalmente. O idoso, por outro lado, já vivenciou todas estas etapas. Muitos estão aposentados, enfrentam perdas de pessoas próximas e deixam de desempenhar uma série de papéis que até então faziam parte de suas rotinas. No entanto, apesar das particularidades, em qualquer uma das etapas da vida

¹ O termo “mundo” aqui representa “rede de relações significativas”, tal como se encontra na obra *Ser e Tempo* (1927/2009) do filósofo Martin Heidegger.

o ser humano pode ser atingido pela morte e, portanto, não tem como deixar de estabelecer uma relação com ela.

Ancorando-me nas referidas considerações, portanto, minha questão de pesquisa passou a apresentar-se de maneira mais sólida. No entanto, ao me deparar com os estudos acerca do luto, outro fator também me pareceu fundamental para que eu pudesse compreender a relação que cada geração mantém com a morte, a saber, a convivência familiar. Isso porque, em alguns desses estudos, percebi que a família desempenha um papel chave para a significação e elaboração do luto de cada um de seus membros, o que por sua vez me chamou a atenção para a existência de uma relação de reciprocidade familiar, na medida em que eles parecem compartilhar maneiras peculiares de lidar com o mundo e, por conseguinte, com a morte.

Assim, foi a partir dessas inquietações que nasceu este estudo que agora venho apresentar. Tendo a morte se configurado como a temática central a ser investigada, o foco fundamental deste trabalho será, portanto, compreendê-la a partir do olhar de três gerações distintas, no interior de uma mesma família.

Para trilhar esse caminho, inicialmente apresento um breve histórico baseando-me fundamentalmente em duas obras de Philippe Ariès (*O homem perante a morte* - 1977; e *A história da morte no ocidente* – 2003), a partir das quais, delinheiro os aspectos principais da relação do homem ocidental com o morrer, desde a Idade Média, até os dias atuais. Além disso, a fim de traçar um panorama de como os estudos sobre a morte têm sido desenvolvidos em nossa sociedade nos últimos 25 anos, também apresento um resumo da revisão bibliográfica que realizei sobre este tema. Esse levantamento histórico constitui-se o conteúdo do Capítulo 2. No Capítulo 3, apresento aspectos referentes à concepção de morte ao longo do desenvolvimento humano, no qual aponto as representações mais comuns que descrevem como é a visão da morte e do morrer em diferentes etapas da vida. Com essa

finalidade, pautei-me em pesquisas realizadas na área da Psicologia da Morte e no campo do Desenvolvimento Humano, independentemente das perspectivas teóricas que nortearam tais pesquisas. No Capítulo 4, abordo o papel da família na significação e na elaboração do luto, bem como apresento alguns estudos que apontam quais os impactos que a morte de um dos membros da família pode causar dentro desta estrutura.

A seguir, no Capítulo 5, procurei fazer uma breve explanação de como o filósofo alemão Martin Heidegger, em sua obra “*Ser e Tempo*”, concebe o homem como o único ente que mantém uma relação inexorável com a própria finitude e com o próprio ser. As contribuições da Fenomenologia à pesquisa em Psicologia são apresentadas no Capítulo 6, no qual a perspectiva fenomenológica é apresentada como uma possibilidade metodológica nessa área.

Após apresentar os objetivos do estudo, descrevo todo o processo de contato com os colaboradores, apresento as questões norteadoras da entrevista, bem como os procedimentos utilizados para a análise fenomenológica das mesmas (Capítulo 8).

Nos dois capítulos seguintes busco apresentar a compreensão de como as seis famílias entrevistadas significaram o morrer, de acordo com seus membros pertencentes às três gerações estudadas, a saber, a adolescência, a vida adulta intermediária e a velhice, de modo a estabelecer relações e aproximações entre as vivências relatadas. Assim, no Capítulo 9, descrevo as categorias obtidas mediante a análise dos relatos dos colaboradores e, a partir delas, apresento a descrição, a compreensão e a interpretação das vivências de cada uma das famílias entrevistadas. No Capítulo 10, faço uma síntese dos aspectos primordiais encontrados no estudo, buscando compreendê-los à luz do pensamento heideggeriano e da perspectiva fenomenológica de investigação. Por fim, no Capítulo 11, apresento as considerações finais, com alguns apontamentos que julguei importantes no desenvolvimento deste estudo, bem como, considero sua pertinência na Psicologia.

Minha morte nasceu

*Minha morte nasceu quando eu nasci.
Despertou, balbuciou, cresceu comigo...
E, dançamos de roda ao luar amigo
Na pequenina rua em que vivi.*

*Já não tem mais aquele jeito antigo
De rir e que, ai de mim, também perdi!
Mas inda agora a estou sentindo aqui,
Grave e boa, a escutar o que lhe digo:*

*Tu que és a minha doce Prometida,
Nem sei quando serão as nossas bodas,
Se hoje mesmo... ou no fim de longa vida...*

*E as horas lá se vão, loucas ou tristes...
Mas é tão bom em meio às horas todas,
Pensar em ti... saber que tu existes!*

(MÁRIO QUINTANA, A rua dos Cataventos).

2. A SOCIEDADE DIANTE DO MORRER: PERCURSO HISTÓRICO

Falar sobre morte é ao mesmo tempo flertar com a angústia, dor e medo diante do desconhecido, como também um encontro com momentos de alegria e paz; oportunidade de olhar para a vida de uma nova maneira, na tentativa de conferir-lhe algum sentido. Alves (1991), ao ponderar sobre a ambigüidade de sentimentos existentes ao redor da morte, diz que ela aterroriza por nos falar sobre a vida e sobre aquilo que estamos fazendo ou deixando de fazer com ela. Por suscitar tantas emoções e ser foco da interminável luta existente entre o ser humano e a idéia de sua finitude, talvez seja essa a razão dela, com freqüência, apresentar-se como a musa inspiradora de muitos poetas, artistas e filósofos. Contudo, mesmo sendo uma presença constante e inevitável, a temática tem sido relegada ao ostracismo, tornando-se um assunto tabu ao longo da história das sociedades ocidentais no século XX (ARIÈS, 1977; 2003; KOVÁCS, 2002).

Philippe Ariès (1977; 2003), historiador francês, foi um dos principais pesquisadores no desenvolvimento de estudos que dizem respeito às atitudes dos homens ocidentais diante do morrer. Ele dedicou quinze anos de sua vida à pesquisa de testamentos, obras de arte, iconografias, documentos, fontes literárias, arqueológicas e litúrgicas, cemitérios e túmulos, a fim de melhor compreender como o homem relacionou-se com a finitude ao longo dos séculos. O autor organizou, para fins explicativos, quatro grupos básicos nos quais procurou relatar as características mais marcantes referentes às atitudes do homem perante a morte ao longo do desenvolvimento histórico e sócio-cultural. São eles: *a morte domada*; *a morte de si mesmo*; *a morte do outro*; e *a morte interdita*. Entretanto, cabe ressaltar que algumas atitudes apresentadas nestes grupos aparecem de modo acrônico, isto é, imóveis através de longos períodos de tempo, enquanto outras são peculiares a determinados momentos históricos.

A *morte domada* abrange uma longa série de séculos e refere-se principalmente à morte típica da primeira Idade Média. Nessa época, a morte desejada pela maior parte da população era a morte anunciada, ou seja, aquela que se dava por aviso e que propiciava tempo para a preparação. Contudo, não se tratava de algo mágico ou sobrenatural. Tais avisos apresentavam-se mediante uma convicção íntima e um reconhecimento espontâneo de que o momento da própria morte estava próximo. Furtar-se ao anúncio da morte era visto como ridículo, infame e vergonhoso. Isto porque, morrer de maneira repentina, não permitia que houvesse uma preparação, tampouco cerimônias de despedida e recebimento de homenagens.

A espera pela morte se dava no próprio leito, com o rosto voltado para o céu. O próprio moribundo organizava os cerimoniais conforme seu desejo. Reunia amigos, vizinhos e familiares, inclusive as crianças, para a realização dos rituais que visavam à lamentação como uma forma de recordar discretamente os grandes feitos e as coisas amadas, o arrependimento e o perdão, a despedida dos entes queridos e as últimas orientações a eles, o recebimento de homenagens e a prece final a fim de se obter a salvação. Todos esses rituais eram realizados com muita naturalidade, sem demonstrações exageradas de dramaticidade e emoções. Após esses atos, o moribundo permanecia em silêncio e aguardava pacificamente sua morte, o que demonstra a familiaridade com que esse evento era tratado (ARIÈS, 1977; 2003).

Portanto, a aceitação de que a morte se tratava de um fenômeno da natureza e era parte do destino coletivo da espécie, fazia com que ela fosse vista, até mesmo, com certa indiferença, ou seja, o homem não ousava evitá-la nem exaltá-la. Apenas a aceitava com resignação e vivia pacificamente junto a ela. Foi por esse convívio próximo entre a morte e os homens que esse período foi denominado como *a morte domada* (ARIÈS, 1977, 2003).

Durante a segunda metade da Idade Média, isto é, a partir dos séculos XI e XII, essa postura natural e familiar adotada pela civilização ocidental alterou-se parcialmente,

passando a apresentar lentamente um sentido mais dramático e pessoal. Até então, a representação que existia sobre o fim dos tempos era de que os mortos pertenciam à igreja, uma vez que lhe haviam confiado seus corpos, e adormeciam aguardando pelo dia final em que despertariam e voltariam ao Paraíso. Ariès (2003) ressalta que, em tal concepção, não havia espaço para responsabilidades individuais, em que boas e más ações seriam pesadas; a crença era de que aqueles que pertenciam à igreja, ou seja, os bons teriam a ressurreição gloriosa garantida, enquanto que os que não pertenciam, não sobreviveriam à morte.

Já no século XII, tal cenário se transformou. A naturalidade com que a morte era vista, deu lugar à preocupação com o Juízo Final. Individualmente, passou a ocorrer o medo do julgamento da alma e, principalmente, as dúvidas sobre o que aconteceria após a morte. *“Cada homem é julgado segundo o ‘balanço de sua vida’, as boas e más ações são escrupulosamente separadas nos dois pratos da balança”* (ARIÈS, 2003, p. 48). É nesse contexto, em que a idéia de morte como destino coletivo da espécie transformou-se em preocupação com a individualidade, que se desenrolou a etapa que ficou conhecida como *a morte de si mesmo*.

As iconografias encontradas neste período demonstram que o modelo tradicional de morte descrito anteriormente ainda permanece. Isto é, os momentos que antecedem ao morrer ocorrem no leito, com o doente cercado de amigos e parentes enquanto aguarda pelos ritos convencionais. Entretanto, o que difere, é unicamente um espetáculo com caráter dramático e com forte carga de emoção que se mostra apenas ao moribundo: *“De um lado, a Trindade, a Virgem e toda a corte celeste e, de outro, Satã e o exército de demônios monstruosos”* (ARIÈS, 2003, p. 50). Tal cena é representada inúmeras vezes pelas *artes moriendi* e revela o grande conflito pelo qual passava a pessoa no seu leito de morte; seria a sua última prova, em que teria que passar pela tentação de rever toda a sua vida, com seus amores e apegos às coisas e renunciá-las em detrimento das coisas do céu. A atitude neste

instante determinaria definitivamente seu futuro: apagaria todos os pecados de uma vida inteira ou anularia todas as boas ações realizadas. Neste momento, cada indivíduo entrava em contato com sua própria biografia, com o apego apaixonado às coisas e aos seres que amou durante toda a sua vida e sentia aumentar em si um louco amor pelo viver; Não queria separar-se de seus bens, mas sim, levá-los consigo. Havia dificuldade em resignar-se e entregar toda a conquista de uma vida. Tratou-se do momento histórico em que o homem mais amou a sua vida. A morte tornou-se podridão, sofrimento, pois retirava o gozo das coisas; era o sinal do fracasso do homem e da separação daquilo que ele mais amava. É por essa razão que Ariès (2003, p. 58) afirma que: “*a morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo*”.

A partir do século XVIII, o homem passa a atribuir um novo sentido à morte: a morte romântica. Passa a desejá-la como algo belo, que torna possível desfrutar do sublime repouso eterno e, ainda, reencontrar as pessoas amadas. Há menor preocupação com a própria morte e a morte exaltada e excessivamente lamentada é *a morte do outro* - aquela que traz a lembrança e a saudade, e que é vivenciada com dramaticidade e arrebatamento. A morte de si é vivenciada com suavidade, sem grandes sofrimentos e agonias, sendo, portanto, raras as mortes dolorosas. Para aquele que estava diante da própria morte, ela era admirável e desejável; tratava-se da felicidade de não ter que sofrer com as degenerações da velhice, e da alegria por conquistar a paz e viver em um mundo mais belo (ARIÈS, 1977; 2003).

A explicação para essa atitude remete ao século XVI, quando nas artes e na literatura passou a existir a associação da morte ao amor e ao erotismo. Durante o Romantismo, a morbidez da morte gerava fascínio e complacência; a separação das pessoas amadas tornou-se intolerável e a simples idéia da morte comovia. Neste período, a familiaridade com a morte do outro é que foi afetada, passando a existir algo que até então não havia: a morte como sinônimo de ruptura. O antigo cerimonial no leito continuou a

existir, entretanto, deixou de ter um tom apenas solene para se tornar uma situação de agitadas emoções, choros e súplicas. É no âmago desse contexto que o luto passa a ter uma ostentação além da usual e inicia-se o culto moderno aos túmulos e cemitérios. Entretanto, diferentemente do que ocorria na Idade Média, em que os corpos eram confiados à igreja, a partir dos séculos XVIII e XIX, os mortos passaram ser enterrados em sepulturas localizadas em cemitérios, numa tentativa de separar os vivos dos mortos. Os túmulos tornaram-se o símbolo da presença e imortalidade daquele que se foi, tendo também início a comercialização das sepulturas enquanto uma propriedade. Os cemitérios tornaram-se parques de visitação e locais de eloqüência (ARIÈS, 2003).

É no século XIX, período em que Ariès (2003) denomina de *a morte interdita*, que se inicia uma inversão nas características da morte, na medida em que, esta, que até então era familiar, tornou-se sinônimo de vergonha e motivo de silêncio. Conversar sobre ela passou a ser quase impossível devido ao caráter proibitivo que passou a existir ao seu redor. Uma das razões para essa alteração veio da necessidade criada no mundo moderno de que é preciso produzir, usufruir e ser feliz e, por conseguinte, evitar quaisquer formas de tristeza ou aborrecimento que possam atrapalhar o progresso da sociedade.

Paralelamente, o avanço da medicina também contribuiu para que o modo de se abordar a morte fosse alterado. Isso porque, muitas das doenças que antes matavam, hoje são facilmente curadas ou controladas, o que gerou um sentimento de onipotência por parte dos médicos. A doença deixou de ser a principal inimiga e a morte ocupou o papel de uma oponente a ser combatida e vencida. Assim, quando um paciente se vê acometido por alguma doença considerada incurável e morre, o que se observa é um sentimento intenso de derrotismo por parte da equipe de saúde que cuidou dele (ARIÈS, 2003; MARANHÃO, 1992). Vários são os estudos que mostram a dificuldade dos profissionais da saúde em lidar com a morte, sendo freqüente, em seus relatos, o sentimento de despreparo para lidar com

pacientes terminais, bem como com os próprios medos e incertezas diante da própria morte e da morte do outro (BRETÃS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2005; LUNARDI FILHO et al., 2001; POLES; BOUSSO, 2006; STEYTLER, 2007; TADA; KOVÁCS, 2007; SHIMIZU, 2007).

Morrer tornou-se motivo de vergonha e de fracasso e, por essa razão, passou a ocorrer quase que às escondidas, ou seja, dentro de um quarto de hospital e, geralmente, sob o monitoramento de tubos e aparelhos a fim de manter ao máximo uma “vida” que não pode ser “perdida” (MARANHÃO, 1992; KOVÁCS, 1994; 2002). Para Kübler-Ross (1991) essa é uma das principais razões para se temer a morte; o fim da vida tornou-se algo muito triste e extremamente desumano. Morre-se às escondidas a fim de ofuscar a morte diante da derrota para uma doença que não pode ser controlada ou curada. Nesse sentido, os últimos momentos de vida do paciente passaram a ser sem os costumeiros rituais de despedida, poupando a sociedade e os familiares da perturbação e emoção excessivamente fortes e insuportáveis que a aniquilação de uma vida poderia ocasionar.

Essas mudanças de atitude diante do morrer contribuíram para que os rituais em face da morte também fossem alterados. Estes foram gradativamente diminuindo e os cerimoniais perderam sua carga de dramaticidade. Há uma proibição de chorar a morte de si e a morte do outro por não ser mais conveniente anunciar o próprio sofrimento; a comoção só é permitida às escondidas, evitando-se ao máximo que a sociedade perceba que a morte aconteceu. Nos hospitais, as atitudes não são diferentes; a equipe de saúde evita se pronunciar sobre a gravidade do estado de um paciente, pois há receio de gerar uma cadeia de reações sentimentais que poderia lhes fazer perder o controle da situação, do próprio doente e da família (MARANHÃO, 1992).

Ousar falar da morte, admiti-la nas relações sociais, já não é como antigamente permanecer no cotidiano, é provocar uma situação excepcional, exorbitante e sempre dramática. Antigamente, a morte era uma figura familiar e, os moralistas

deviam torná-la horrenda para amedrontar. Hoje, basta apenas enunciá-la para provocar uma tensão emocional incompatível com a regularidade da vida cotidiana (ARIÈS, 2003, p. 241).

As demonstrações demasiadas ou excessivas de dor geram repugnância e não pena; são considerados comportamentos histéricos e mórbidos. Até mesmo dentro do círculo familiar há hesitação em desabafar e chorar a morte de alguém devido ao medo de impressionar as crianças (ARIÈS, 2003). No entanto, a interdição não significa uma indiferença em relação aos mortos ou ao sofrimento pela perda dos entes queridos. Ao contrário, quando o luto é interdito e não pode ser vivenciado, o sofrimento não manifesto pode comprometer a reorganização posterior dos enlutados e trazer prejuízos a sua saúde.

O trabalho de Ariès (1977; 2003) sobre a história da morte no mundo ocidental e sobre as atitudes humanas diante da morte mostra-se indispensável para os pesquisadores dessa área, tendo se configurado como base importante para estudos posteriores sobre o tema. Buscando obter um panorama geral do que foi estudado e abordado posteriormente sobre a morte, especialmente nos últimos 25 anos desse século (1985-2009), realizou-se uma busca na literatura, visando traçar um panorama de como os estudos sobre a morte têm sido desenvolvidos.

Inúmeras pesquisas foram encontradas, aparecendo com maior frequência, as associadas aos profissionais de saúde que cuidam de pacientes terminais (BOEMER; ROSSI; NASTARI, 1991; KÜBLER-ROSS, 1991; BRETÃS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2005; STARZEWSKI JR; ROLIM; MORRONE, 2005; POLES; BOUSSO, 2006; SHIMIZU, 2007; STEYTLER, 2007; TADA; KOVÁCS, 2007); às pessoas que passaram por perdas significativas ou que estão enfrentando a iminência da morte de alguém próximo (MUFSON, 1985; SCHWAB, 1997; PARKES, 1998; DAUGHERTY, 2002; ZNOJ; KELLER, 2002; DOMINGOS; MALUF, 2003; BURTON, HALEY; SMALL, 2006; GUDMUNSDOTTIR; CHESLA, 2006; HORSLEY; PATTERSON, 2006; JUCÁ et al., 2007; RODGER et al.,

2007; DOHERTY; SCANNELL-DESCH, 2008; OLIVEIRA; LOPES, 2008) e, em número reduzido, também foram encontrados trabalhos de caráter psico-educativo que buscam trazer a morte como alvo de reflexão em diferentes contextos (STILLION, 1989; KOVÁCS, 2003; KOVÁCS, 2005; RODRIGUEZ; KOVÁCS, 2005; INCONTRI; SANTOS, 2007; KOVÁCS, 2008).

Embora esses trabalhos tragam a morte de volta às rodas de discussões e reflexões, muitos de seus resultados retratam o quanto a morte continua sendo um tema tabu e interdito nas sociedades ocidentais dos séculos XX e XXI. Nos estudos desenvolvidos com equipes de saúde, evidencia-se que a formação universitária não prepara esses profissionais para a convivência diária com a morte no dia-a-dia da profissão, o que por sua vez, contribui para que se sintam inábeis em lidar com situações nas quais necessitam informar o óbito de seus pacientes e que sofram intensamente ao cuidarem de pessoas que vivenciam a terminalidade.

Os estudos acerca das perdas apontaram para diversas possibilidades que podem afetar a intensidade e magnitude da reação ao luto. Entre elas, a natureza do funcionamento familiar tem aparecido como aspecto chave nessa direção, uma vez que, em algumas ocasiões, diante de uma situação de perda significativa, pessoas que convivem em uma mesma família podem sentir-se sozinhas e sem ter a quem expor seus sentimentos. Isso porque, em diversas famílias, observa-se a reprodução da cultura de interdição da morte, o que pode acarretar na exacerbação da negação e repressão de tudo que o esteja relacionado à dor e ao sofrimento, o que, por sua vez, aumentam as chances de adoecimentos decorrentes do luto mal elaborado. Cassorla (1991) afirma, ainda, que o problema do luto disfuncional pode ser agravado, uma vez que, tal qual uma doença contagiosa, pode se alastrar por gerações, na medida em que os filhos, ao identificarem-se com os pais, tendem a manter o mesmo padrão melancólico apresentado por estes. Não obstante, apesar de a família ser vista

como uma fonte importante de apoio diante das situações de perda, poucos tem sido os trabalhos encontrados nessa direção.

No que concerne aos estudos voltados para o desenvolvimento de uma educação para a morte, eles apontam para a importância de se formar educadores habilitados para trabalhar com essa temática nas escolas, uma vez que mortes de crianças e adolescentes têm sido cada vez mais frequentes, sobretudo pelo aumento da violência e do abuso de álcool e drogas (KOVÁCS, 2008). Além disso, tais estudos também visam abrir espaços de discussão sobre a morte na vida cotidiana, a fim de aproximá-las, não só de estudantes e profissionais da saúde, mas também do público leigo que busca autoconhecimento e sentido para a vida.

Nesse sentido, de acordo com o que foi apontado até o momento, nota-se que, atualmente, são muitos e diversos os trabalhos que abordam a morte como tema de investigação, principalmente na área da saúde. A proposta da presente pesquisa, todavia, não é esgotar as diversas possibilidades de estudo que se abrem a essa temática, mas, somente, contextualizar o campo de estudos sobre a morte na atualidade.

*Assim que o homem começa a viver, tem a
idade suficiente para morrer*

(MARTIN HEIDEGGER)

3. A MORTE VISTA AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Todos os seres humanos mantêm algum tipo de relação com a morte, na medida em que, de maneira inexorável, caminham em direção a ela desde o momento do nascimento. Todavia, quando se fala em crianças e na compreensão que possam ter de sua própria finitude, percebe-se que essa compreensão ainda não se dá de maneira clara ou evidente. Com o objetivo de apresentar resultados de diversas pesquisas que abordam o tema da morte junto a crianças, Torres et al. (1991) concluíram que, desde uma etapa muito precoce, elas já têm uma representação da morte que, gradualmente, vai evoluindo paralelamente ao desenvolvimento cognitivo. Speece e Brent (1984), ao basearem-se na teoria de Piaget, destacam três dimensões do conceito de morte relacionadas aos estágios do desenvolvimento cognitivo, quais sejam, a irreversibilidade; a não-funcionalidade e a universalidade. A irreversibilidade é o entendimento de que uma coisa com vida, após morrer, não pode voltar a viver, pois a morte é algo definitivo e irrevogável. Já a não-funcionalidade é a compreensão que se adquire de que a morte se dá pela cessação das funções vitais, enquanto que, o conceito de universalidade refere-se à compreensão da inevitabilidade da morte para todas as pessoas e seres vivos.

Torres (1999; 2002) destaca que, até por volta dos três anos de idade, a criança vivencia a morte acreditando que quem morreu voltará, de modo que ela não tem a capacidade cognitiva para compreender bem a situação. Entre três e cinco anos, a morte é associada à imobilidade, e a vida é equiparada a tudo o que se movimenta; a criança ainda vê a morte como algo reversível e não definitivo. Após os cinco anos, a morte continua a ser atribuída a intervenções externas e há a crença de que não acontece com todos, apesar de a criança já começar a perceber que se trata de algo que não pode ser revertido. Entre nove e dez anos, há a percepção de que a morte envolve cessação das atividades corpóreas e há

diminuição do pensamento mágico, possibilitando que passe a ser vista e percebida como um processo biológico e irreversível, capaz de acontecer com qualquer pessoa, inclusive com ela mesma. No entanto, ao pensar em sua própria morte, a criança a associa apenas à velhice e à doença e não a algo que pode ocorrer a qualquer momento do curso da vida.

Com o intuito de realizar uma revisão teórica sobre como se dá a compreensão da morte em diferentes etapas do desenvolvimento humano, Hohendorff e Melo (2009) constataram que os trabalhos que abordam em quais idades os conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade da morte são elaborados pelas crianças, apresentam resultados divergentes. Para os autores, tais discrepâncias possivelmente ocorreram porque o conceito de morte não está apenas relacionado ao desenvolvimento cognitivo, mas também às experiências pessoais de contato com a morte e às representações culturais.

De acordo com Freire (s/d), uma criança vive mergulhada no presente, ignorando possuir passado e futuro e, assim, de alguma forma, consegue manter-se indiferente à própria finitude. Apesar disto, não há dúvidas de que, em algum momento da vida, ela já tenha ouvido falar em amanhã, o que, por sua vez, não significa que o futuro tenha sido aberto a ela enquanto algo que verdadeiramente lhe diz respeito.

Segundo Cytrynowicz (2000), o futuro, tal como o passado, vai se descortinando na medida em que a criança vai crescendo e desenvolvendo sua história e, a partir do envolvimento imediato em diversas experiências, ela passa a ser capaz de descobrir e articular diferentes significações e relações com o mundo. E assim, a cada nova significação a criança segue realizando a sua própria história e, mediante a ampliação de seu horizonte, passado e futuro tornam-se cada vez mais amplos.

Todavia, se na infância há a predominância do momento presente, com a expansão da noção de passado e futuro ocorrida durante a adolescência, o jovem é colocado de maneira mais concreta frente a sua condição de existente. Freire (s/d) aponta que, ao

ampliar a vivência temporal, o adolescente passa a ter liberdade com relação ao presente e, como consequência, tem a necessidade de resolver esse futuro que lhe é apresentado como questão. Porém, se por um lado essa abertura ao futuro amplia suas possibilidades, por outro, coloca-o ante uma questão que até então parecia ser indiferente, a saber, sua própria morte. Ao ganhar o futuro, portanto, o adolescente descobre que terá que fazer frente a sua existência finita e, nesse sentido, é possível dizer que tal preocupação é algo totalmente novo em sua vida.

Na adolescência, o mundo do jovem se expande de maneira significativa, possibilitando que, gradualmente, ele vá construindo a si mesmo. Assim, ele inicia o exercício de sua independência em relação aos genitores, aproxima-se do grupo de pares, começa a sair sozinho ou com amigos, começa algum tipo de relação amorosa, lança-se em novas escolhas e experiências, descobre-se mais livre (BEE, 1997; COLE; COLE, 2003; FREIRE, s/d). No entanto, ao deixar a infância, lugar seguro e protegido, o adolescente entra em um mundo que lhe parece ser inóspito. Desalojado de sua condição infantil e ainda sem ser um adulto, ele percebe que crescer e assumir as responsabilidades pela sua existência pode ser uma tarefa penosa (KOVÁCS, 2003; RODRIGUEZ; KOVÁCS, 2005). Para lidar com essa situação, até então desconhecida, o principal recurso utilizado por ele é a fantasia. Por meio dela, o jovem busca tornar seu mundo mais prazeroso, o que lhe dá a sensação de liberdade para ser e fazer o que quiser. Libertando-se dos limites e agarrando-se em suas fantasias, o adolescente acredita que o seu futuro será sempre melhor, o que lhe dá a sensação de poder domesticá-lo (FREIRE, s/d).

A sensação de liberdade, contudo, muitas vezes leva o adolescente a sentir-se onipotente e imortal, levando-o a colocar-se em situações de risco, sem, no entanto, perceber que pode prejudicar seriamente sua saúde ou, até mesmo, vir a morrer de maneira precoce. Como consequência, nessa faixa etária, ocorre grande número de mortes inesperadas devido a

acidentes e a comportamentos de alto risco, como, por exemplo, por velocidade excessiva, abuso de álcool ou outras substâncias tóxicas, suicídio e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, principalmente o HIV (BEE, 1997; KOVÁCS, 2003; RODRIGUEZ; KOVÁCS, 2005). Nesse sentido, embora durante a adolescência a realidade da morte apareça de maneira mais sólida e, apesar de já existir uma compreensão cognitiva a seu respeito, parece não haver espaço para pensamentos relacionados a ela, uma vez que o morrer é tratado como uma possibilidade distante e, em alguns momentos, até mesmo inexistente (KOVÁCS, 2002).

No entanto, à medida que jovem vai expandindo suas vivências e passa a adquirir mais responsabilidades, gradualmente ele precisa conter a sua impetuosidade a fim de que possa envolver-se na busca por um lugar na sociedade, na aquisição de uma profissão, na construção de uma família, ou seja, a fim de que possa entrar na assim chamada “vida adulta”. De acordo com Bee (1997), esse momento da vida requer que o jovem volte quase que a totalidade de sua atenção e energia a essas novas tarefas. Como consequência dessa ocupação com o mundo, os pensamentos relacionados à morte continuam distantes do rol das possibilidades de sua vida cotidiana, à semelhança do que acontecia durante a adolescência.

Aproximadamente por volta dos 40 ou 50 anos de idade, o adulto deixa de ser um “adulto jovem”, para então entrar na “vida adulta intermediária”, ou “meia-idade”. O trabalho de revisão bibliográfica realizado por Sartori e Zilberman (2008) apontou que essa etapa da vida é um momento de maior estabilidade, comparativamente à adolescência e às etapas iniciais da vida adulta. Isso porque, para grande parte das pessoas dessa faixa etária, a vida profissional encontra-se no auge, e a satisfação conjugal volta a elevar-se com a saída dos filhos de casa. Por outro lado, o estudo também mostrou que, em algumas situações, a saída dos filhos pode levar os casais a uma diminuição na qualidade de vida, especialmente se eles eram dependentes financeira ou emocionalmente dos mesmos.

Todavia, se em algumas pesquisas a vida adulta é apresentada como uma fase de estabilidade, outros estudiosos também conjecturam acerca da existência de uma possível “crise da meia-idade” nesse momento da vida (a fase da Metanóia descrita por Jung, por exemplo). Seria, portanto, o período em que o adulto mergulharia num processo de revisão, balanço e ressignificação da própria existência, à medida que, ao observar o início do declínio corporal, também a morte se abriria de maneira mais clara como uma possibilidade pessoal (KOVÁCS, 2002). Segundo Bee (1997), esse período seria aquele em que o temor da morte encontra-se em seu pico mais elevado, uma vez que a evidência dos sinais de envelhecimento traz a possibilidade da morte para mais perto e a morte de pessoas próximas torna-se um acontecimento recorrente.

Não obstante, embora a vida adulta intermediária apareça como um período em que a idéia de morte apresenta-se de maneira mais contundente, a literatura nacional e internacional pouco tem buscado compreender como é a relação dessas pessoas com a idéia da própria finitude. De maneira geral, os estudos que abordam a morte a partir do olhar dos adultos, costumam enfatizar as experiências de perdas, de maneira a investigarem o impacto da morte de filhos, cônjuges, genitores, bem como de divórcios, desemprego e perdas de papéis sociais (SCHWAB, 1997; MCGOLDRICK; WALSH, 1998; OLIVEIRA; LOPES, 2008; ZNOJ; KELLER, 2002; BURTON, HALEY; SMALL, 2006).

Todavia, à medida que os estudos são desenvolvidos com pessoas de faixas etárias superiores a 65 anos, também se observa um número um pouco mais elevado de pesquisas que investigam, não só a relação de idosos com as perdas (BURTON, HALEY; SMALL, 2006; HANSON; STROEBE, 2007; SILVA et. al., 2007), mas também as compreensões que eles têm sobre o envelhecimento e a própria morte (BOEMER; ZANETTI; VALLE, 1991; FIELD, 2000; BENINCÁ, 2003; FRUMI; CELICH, 2006; TERNSTEDT; FRANKLIN, 2006). O maior número de trabalhos relacionando morte, perdas e velhice

parece ser fruto da crença que habitualmente vê o idoso como aquela pessoa que passa os últimos anos de sua vida temendo a chegada da morte (ROSENBERG, 2002).

Frumi e Celich (2006), com o intuito de compreender como cinco idosos que participavam de um grupo de convivência para a terceira idade compreendiam o envelhecimento e o morrer, perceberam que esses participantes viam a morte como um evento muito próximo e inevitável em suas vidas. Apesar disso, nem sempre ela é bem aceita ou aguardada sem de temores. Para os autores, quando o saber e a história de vida do idoso são valorizados, entendidos e respeitados, ele percebe que sua existência tem um significado, o que, por sua vez, facilita o enfrentamento da própria morte.

Nessa mesma direção, um estudo realizado com três grupos de idosos – asilados; hospitalizados; e envolvidos com atividades de lazer – ao buscar compreender o significado da velhice e as perspectivas de futuro para esses participantes, encontrou que idosos asilados convivem quase que diariamente com a idéia da morte, de modo a considerá-la a única que poderia retirá-los da condição de abandono familiar e ausência de objetivos e de atividades em que se encontram no asilo. Quanto aos idosos hospitalizados, a idéia de morte também se fez presente em algumas ocasiões. Para aqueles que revelaram ter perspectiva de retorno às atividades rotineiras junto à família e ao lar, o medo da morte foi expresso de maneira mais contida e velada. Todavia, para os idosos que vivenciavam o estágio de terminalidade, tal temor apareceu mais explicitamente. No que concerne aos idosos que desempenhavam atividades sociais e de lazer, o morrer não foi mencionado. Para este grupo, o que se observou foram depoimentos que procuravam fazer um balanço da vida, bem como estabelecer planos futuros, mesmo que em curto prazo. Nesse sentido, ficou evidente nessa pesquisa, que, quanto mais os idosos estavam envolvidos em atividades satisfatórias, menor era o temor revelado diante da possibilidade de morte (BOEMER; ZANETTI; VALLE, 1991).

Por outro lado, se o próprio morrer não é descrito como o foco de preocupação daqueles idosos que habitualmente estão inseridos socialmente e em atividades de lazer, não se pode desconsiderar que a velhice é uma fase de inúmeras perdas, mesmo para aqueles que não estão asilados ou hospitalizados. Há as perdas de pessoas significativas, perda da ocupação, da capacidade física, de alguns papéis sociais, entre diversas outras (WALSH, 2001). Tais perdas, por conseguinte, pode gerar isolamento e, em alguns casos, levar ao desenvolvimento de quadros depressivos, ou até mesmo ao suicídio, sobretudo diante da morte do cônjuge (BROWN, 2001; HANSON; STROEBE, 2007). Com relação a esta, ela foi apontada por Parkes (1998) como aquela que mais requer a necessidade de encaminhamentos para tratamento psiquiátrico decorrente do luto. Isso porque, tal perda é considerada como uma dos eventos mais estressantes ao longo da vida, sobretudo quando acontece em casais idosos que conviveram juntos por muitos anos (BROWN, 2001; BURTON; HALEY; SMALL, 2006).

Além da perda do cônjuge, a morte de amigos também aparece como um dos fatores responsáveis pelo isolamento e depressão na velhice. Um estudo realizado com idosos asilados que perderam amigos que viviam no mesmo local, mostrou que a morte dos únicos companheiros que ainda lhes restavam significou, para alguns dos participantes, a perda de parte de si mesmos. Nestes casos, o sentimento de dor foi considerado tão intenso que culminou com o surgimento de alguns sintomas físicos e psicossomáticos, como mal-estar físico, aperto no peito, aceleração do coração e dor (SILVA, et. al., 2007).

Mesmo com todos os fatores apresentados sobre o idoso e sua relação com a morte, o fundamental a ser considerado é que a maneira como essa fase da vida será vivenciada e enfrentada relaciona-se não só ao processo desenvolvimental físico-cognitivo, mas também à história particular de cada um, aos seus hábitos de vida, à cultura, entre inúmeros outros fatores (SANTOS; VAZ, 1997; KOVÁCS, 2002).

Todavia, antes de dar início ao próximo capítulo é preciso salientar que ao separar crianças, adolescentes, adultos e idosos, não significa que tais parâmetros serão adotados neste trabalho como realidades pré-estabelecidas e rígidas. O intuito com tal separação é tão somente empregá-las enquanto uma orientação que visa uma separação didática, na medida em que há a concordância que em uma determinada faixa etária é possível encontrar aspectos comuns que são compartilhados dentro de uma mesma sociedade.

Nesse sentido, se até o presente momento este trabalho deteve-se às compreensões da morte no âmbito das faixas etárias, o capítulo a seguir procurará descrever como elas podem ser experienciadas no interior das vivências familiares.

/

Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou.

(RUI BARBOSA, Discursos, orações e conferências, VI, p.14)

4. A FAMÍLIA E A MORTE

Como já apontado no início, alguns estudos nacionais e internacionais mostram que a família desempenha um papel chave na significação e elaboração do luto de cada um de seus membros (KISSANE; MCKENZIE; BLOCH, 1997; DAUGHERTY, 2002; DOMINGOS; MALUF, 2003; WOODING; RAPHAEL, 2004; GUDMUNSDOTTIR; CHESLA, 2006; JUCÁ et al., 2007). Isso porque, muitas das concepções e modos de enfrentamentos presentes na vida dos indivíduos são desenvolvidas ao longo da convivência familiar na medida em que compartilham experiências, sentimentos, afetos, significados, ou seja, na medida em que coexistem (DELGADO, 2005).

De acordo com Gudmundsdottir e Chesla (2006), embora uma perda afete todos os indivíduos da família de maneiras diferentes, em suas interações diárias eles compartilham a experiência do luto e, assim, afetam uns aos outros, não só em suas práticas, mas também em seus discursos e relações. Esses autores desenvolveram um estudo com sete famílias, totalizando 15 genitores que perderam seus filhos. Como resultado, obtiveram que, diante do luto, cada família desenvolveu sua própria prática de significação e elaboração da perda, uma vez que o apoio cultural e da sociedade foram relatados como insuficientes para auxiliá-los diante desse sofrimento. Não obstante, apontam que, a despeito da família ser apresentada como um meio importante para a superação da perda, poucos são os pesquisadores que enfatizam o impacto do funcionamento familiar nestas experiências.

Corroborando as considerações de Gudmundsdottir e Chesla (2006), verificou-se que, entre os estudos que abordam as experiências de morte e luto no interior das famílias, há predominância daqueles que enfatizam o impacto da morte de um dos membros da família nuclear, em detrimento dos que buscam compreender como a família se organiza diante das

perdas. A fim de exemplificar alguns dos estudos encontrados, a seguir serão descritos alguns deles e suas implicações.

4.1. Experiências de perda na família: considerações sobre o luto

De acordo com Brown (2001), ao se levar em consideração os fortes vínculos existentes entre as pessoas de um círculo familiar, é possível verificar que a perda de um dos seus integrantes é uma das mais árduas adaptações experienciada por uma família. Tanto, que dependendo de quem morre, é possível até mesmo a ocorrência de uma ruptura no grupo familiar, podendo chegar ao extremo de um ou mais de seus membros não conseguirem completar suas tarefas ao longo do curso vital.

Conforme apontam Bromberg (1994) e Brown (2001), a fim de se obter uma melhor compreensão acerca dos efeitos do luto dentro do círculo familiar, é preciso considerar uma série de aspectos que incluem: a) a relação existente com a pessoa que morreu e o quanto ela era significativa dentro da família; b) a idade e o gênero; c) a natureza da morte (acidente, doença, repentina); d) as vulnerabilidades pessoais; e) o contexto social e étnico da morte; e f) a história de perdas anteriores. Nessa mesma direção, Parkes (1998) acrescenta que, a previsibilidade e a imprevisibilidade, bem como as oportunidades de preparação para a perda, também podem afetar a intensidade e magnitude da reação ao luto, uma vez que a morte tranquila e silenciosa de um idoso acarreta em um sofrimento distinto daquele decorrente de uma morte trágica e repentina de um jovem.

A morte de uma criança ou um adolescente é frequentemente vivida como um dos eventos mais estressantes e de forte impacto no grupo familiar. A morte de um filho é considerada uma grande tragédia, uma vez que é percebida como algo não natural e totalmente fora de lugar no curso da vida. Além disso, para muitos genitores, os filhos

parecem representar extensões de suas existências e, freqüentemente, neles são projetados seus sonhos e esperanças, de modo que, perdê-los, significa também perder parte de si mesmos (BROWN, 2001).

Ao investigarem como idosos experienciaram a morte de seus filhos, Oliveira e Lopes (2008), mostraram que há ocasiões em que os pais sentem-se fracassados por julgarem que seu amor não foi suficiente para evitar essa morte, sendo comum o sentimento de culpa por ainda estarem vivos, contrariando a expectativa natural do curso de vital. Mesmo os pais que já perderam seus próprios pais, irmãos ou cônjuge, relataram que a dor pela perda de um filho é ainda mais arrebatadora. Para alguns, esse sentimento permanece durante toda a vida, sendo necessário aprender a lidar com ele para conseguir ressignificar a vida e nela encontrar novamente algum prazer. Os pais relatam que, depois de superada essa perda, puderam sentir que são capazes de enfrentar qualquer tragédia, pois consideraram não haver dor maior do que a que sentiram ao perder seus filhos.

Além de afetar os cônjuges, a morte de uma criança/adolescente, também exerce influência sobre os irmãos, principalmente quando a diferença de idade entre eles é pequena. Tal perda é muito dolorosa, pois se trata da perda de um confidente, amigo, parceiro de brincadeiras e jogos, além de ser a pessoa com quem se passa a maior parte do tempo junto quando se é mais jovem (PACKMAN, et al., 2006). No entanto, o impacto exercido nos irmãos costuma ser subestimado pela família e amigos, sendo que todo o apoio daqueles que estão fora da situação são dirigidos aos pais (SCHWAB, 1997; BROWN, 2001). Após a perda do irmão, muitas crianças e adolescentes apresentam distúrbios psicossomáticos (dores de cabeça, dificuldades para dormir, dentre outros) e problemas de comportamento (medo da morte, regressão, medo de ficar sozinho, comportamentos auto-lesivos, agressividade, comportamentos delinqüentes). Tais sintomas podem surgir por não saberem como lidar com sua própria dor e não terem um suporte adequado para expressarem o que estão sentindo.

A falta de comunicação entre os pais e filhos sobre a morte de um irmão é um dos principais fatores desencadeadores de problemas no sistema familiar, pois, ao gerar o isolamento dos membros da família, também os leva a lidarem com seus medos e angústias sem o suporte necessário (MUFSON, 1985; SCHWAB, 1997; HORSLEY; PATTERSON, 2006; PACKMAN, et al., 2006).

A dificuldade de comunicação com os filhos durante a vivência do luto também foi constatada em estudo de Domingos e Maluf (2003), que visou examinar as experiências de perda em 25 adolescentes que perderam pessoas significativas. Nesse trabalho foi observado que o suporte (família, escola e amigos) que esses adolescentes receberam na fase de luto foi ineficaz em diversas ocasiões. Como consequência, os jovens relataram ocultação de seus sentimentos de tristeza por não se sentirem confortáveis em expô-los aos pais e, além disso, muitos passaram a apresentar dificuldade de atenção nas aulas, bem como revelaram aumento de conflitos no interior de suas famílias.

Jucá et al. (2007), ao entrevistarem doze crianças com idades entre três e seis anos que já haviam perdido pessoas próximas por assassinato ou algum outro tipo de morte, bem como, ao entrevistarem seus responsáveis e alguns de seus educadores, encontraram que os adultos (genitores e professores) apresentaram dificuldades em dialogar sobre as referidas mortes com as crianças. Frente a ausência de comunicação, as crianças revelaram sofrimento, pois, apesar de sentirem a necessidade de expor seus sentimentos, fechavam-se por não perceberem abertura para que fossem ouvidas.

Com relação à morte de um adulto, as consequências podem variar, dependendo do momento em que a família se encontra. Quando os filhos já são independentes ou já construíram suas próprias famílias, quem mais terá dificuldades em lidar com a situação será o cônjuge que ficou viúvo. Nesta etapa do desenvolvimento, a maioria dos casais está experienciando menos responsabilidades relacionadas à família e disponibilizam um tempo

maior para aproveitarem um ao outro. Nesse sentido, quando um dos cônjuges morre, aquele que fica precisa reorganizar toda sua vida, de modo a passar seus últimos anos sozinho, ou iniciar um novo relacionamento com outra pessoa. Brown (2001) aponta que em situações em que há forte dependência emocional entre os cônjuges, a morte de um deles pode levar aquele que continua vivo a um desespero tão intenso a ponto de cometer suicídio ou até mesmo, desenvolver doenças graves devido ao sentimento de perda emocional do próprio eu.

Um estudo realizado com mulheres e homens que perderam seus cônjuges de maneira repentina e inesperada mostrou que a dor de tal experiência se mantém presente diariamente em suas vidas, de modo a afetar a visão que têm de si próprios e a maneira como se relacionam com outras pessoas e com o mundo. Nos relatos, observou-se que, apesar da tentativa de se tornarem independentes e funcionais novamente, há a dificuldade em prosseguir com suas vidas normalmente devido à grande dor que experienciaram. Entretanto, alguns deles disseram que descobriram uma nova vida após a perda do cônjuge e que aprenderam a ter esperança, otimismo, a fazer planos para o futuro e a pensarem em uma possível nova relação, porém, sempre ressaltando que o lugar daquele que faleceu jamais será substituído por qualquer outra pessoa (RODGER et al., 2007). De acordo com Bromberg (1994), a idéia de esquecer o cônjuge falecido na tentativa de resolver o luto é algo rejeitado pelos viúvos, pois, pelo menos no início do processo, existe uma forte necessidade de manter o outro vivo através de lembranças e tentativas de contato, a fim de evitar o esvaziamento dentro de si enquanto ainda não há a possibilidade do estabelecimento de novas relações.

A morte de um adulto, além de afetar diretamente o cônjuge, também pode prejudicar o desenvolvimento dos filhos que perdem um dos pais durante a infância ou adolescência, principalmente nos casos em que eles ainda habitam a mesma casa e não são independentes (BROWN, 2001).

Um estudo de revisão bibliográfica realizado por Zavaschi et al. (2002) encontrou que, a maioria dos achados sobre depressão, apresenta associação entre trauma por perdas na infância e depressão na vida adulta, indicando que a vivência de situações de perda durante a infância pode afetar o indivíduo ao longo de toda a sua vida. Daugherty (2002), ao buscar compreender como 40 adultos viam suas experiências de ter perdido um dos genitores durante a infância ou a adolescência, obteve resultados semelhantes aos de Zavaschi et al. (2002), verificando que a morte dos genitores exerceu forte impacto sobre a trajetória de vida individual e familiar daqueles que vivenciaram essa perda.

No que concerne aos adolescentes, o impacto da perda dos pais não se configura como um evento menos perturbador. Isto porque, a perda de um dos genitores na adolescência pode comprometer a principal tarefa dessa etapa do desenvolvimento, a saber, a aquisição da independência e da autonomia adulta pelo jovem. Além disso, a morte de um dos genitores pode levar aquele que sobreviveu a colocar o adolescente como um substituto parental em relação aos irmãos, dificultando ainda mais o processo de independência (BROWN, 2001). Nesse sentido, a morte de um dos pais pode desencadear e acirrar conflitos de relacionamentos familiares, além de trazer dificuldades econômicas nos casos em que o falecido era o único ou o principal provedor da família (DOMINGOS; MALUF, 2003).

Nas situações em que a figura que morre é o idoso, o luto terá conseqüências menos drásticas no desenvolvimento familiar, uma vez que nessa faixa etária, a pessoa, na maioria das vezes, é vista como alguém que já cumpriu a maior parte de suas atividades e responsabilidades no curso vital (BROWN, 2001). Geralmente, quem mais sofrerá com a situação será o cônjuge que ficou viúvo, pois, além do companheiro de vários anos, ele também perde muitos de seus contatos sociais, a segurança financeira, bem como sua independência (HANSON; STROEBE, 2007). Aliado a esses fatores, nas situações em que a morte do cônjuge é repentina, observa-se que os índices de depressão apresentados são mais

elevados e, por conseguinte, mais graves quando comparadas àqueles que perdem o cônjuge após um longo período de doença incapacitante (BURTON, HALEY; SMALL, 2006).

Com relação aos filhos, para aqueles que constituíram suas próprias famílias, a morte de genitores já idosos parece causar-lhes menos sofrimento do que aos filhos solteiros. Isso porque, segundo Parkes (1998), o casamento parece proteger os filhos dos efeitos traumáticos que podem advir com essa perda. Nesse sentido, os adultos que nunca se casaram, ou que não tiveram casamentos satisfatórios, ou ainda, aqueles que são muito dependentes dos pais ou apresentam baixa autoconfiança, podem desenvolver um quadro de luto patológico ante a morte dos genitores e até mesmo virem a apresentar distúrbios psiquiátricos e até mesmo cometerem suicídio.

A consulta à literatura a respeito da morte no contexto familiar permitiu traçar um panorama geral de como as famílias lidam com situações de perda de seus diferentes membros, mostrando que essa experiência é invariavelmente marcada por sofrimento, em diversas configurações e magnitudes. Assim, quanto mais próximo e mais amado, mais essa morte significa a perda de parte de si mesmo e, ainda, mais aproxima o familiar enlutado de sua condição de ser-para-a-morte.

A morte

*A morte vem de longe
Do fundo dos céus
Vem para os meus olhos
Virá para os teus
Desce das estrelas
Das brancas estrelas
As loucas estrelas
Trânsfugas de Deus
Chega impressentida
Nunca inesperada
Ela que é na vida
A grande esperada!
A desesperada
Do amor fratricida
Dos homens, ai! dos homens
Que matam a morte
Por medo da vida.*

(VINÍCIUS DE MORAES,
Antologia Poética)

5. O SER-PARA-A-MORTE NA ONTOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER

Entre os diferentes filósofos considerados representantes do Existencialismo² e da Fenomenologia, Martin Heidegger (1889-1976) pode ser visto como um dos que mais direta e claramente abordou a questão da finitude, apontando-a como o próprio fundamento da existência humana. Ele tratou a relação entre o ser e a temporalidade como uma das questões fundamentais de sua notável obra *Ser e Tempo* e, a partir desta, parte da constatação de que o problema central de toda ontologia, a saber, a questão do ser, não foi resolvido no interior de toda a história da filosofia, que vai desde Platão, estendendo-se até Nietzsche (DASTUR, 1990; CASANOVA, 2009).

A partir dessa constatação, considera a necessidade de elaborar aquilo que denominou *ontologia fundamental*³. No entanto, nessa nova ontologia, Heidegger (1927/2009), antes de tentar solucionar a questão do ser, buscará compreender como é possível que algo assim como o ser possa vir a ser questionado. Tendo essa indagação como fulcro de sua obra, ele leva a cabo uma investigação ontológica, adotando como fio condutor o único ente que tem a possibilidade de questionar o ser e compreendê-lo, a saber, o próprio homem. É este ente que o filósofo chamará de *Dasein*⁴, e é a partir dele, em sua existência cotidiana, que tem início o caminho rumo à análise do ser.

Não obstante, é importante aqui salientar que, o termo ser-aí, não se reduz simplesmente a um novo conceito de homem cunhado por Heidegger. Com efeito, o emprego do referido termo aponta para uma transformação no modo de compreender e pensar o ser do

² Embora muitos autores vulgarmente associem Heidegger ao Existencialismo, o filósofo alemão tinha ojeriza a qualquer associação entre a sua filosofia e às filosofias do Existencialismo, as quais redundariam numa metafísica do Humanismo. Para maiores detalhes, ver a obra: HEIDEGGER, M. Carta sobre o humanismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

³ “Ontologia fundamental aponta para a compreensão da necessidade de se perguntar antes de mais nada pela possibilidade mesma da ontologia” (CASANOVA, 2009, p.79).

⁴ Na tradução brasileira (Editora Vozes), a expressão *Dasein* é traduzida como *presença*. Evitamos aqui utilizar o termo *presença*, já que ao longo do trabalho a palavra *Dasein* foi mantida sem tradução, ou chamada de ser-aí, tal como sugere Casanova (2009).

homem, de sorte que o ser-aí não diz respeito a uma figura específica e determinada a priori, mas refere-se a um ente que, sendo, mantém uma relação compreensiva e dinâmica com o seu ser. Nesse sentido, o ser-aí jamais pode deixar de ser, uma vez que desde o momento em que se encontra no mundo, ele se vê diante da necessidade de realizar a si mesmo. Ele é um poder ser que conquista a si mesmo a partir de suas múltiplas possibilidades de ser. Tal afirmação implica, portanto, que a única constituição essencial do ser-aí é a sua existência⁵ (CASANOVA, 2009).

De acordo com Vattimo (1996), a possibilidade é o próprio sentido da palavra existência, o que significa que o homem só *é* na medida em que *pode ser*. Ele é um constante vir-a-ser e, por essa razão, situa-se de maneira dinâmica sob a forma de um *projeto*. Por conseguinte, na medida em que existe, o ser-aí só se determina a partir do momento em que estabelece uma incessante relação com o mundo *fático* em meio ao qual ele se vê jogado desde o instante em que nasce. Esse mundo, todavia, não é para Heidegger (1927/2009), algo imutável e estático no qual os homens habitam, mas sim uma trama de significações a partir das quais o ser-aí se determina como o que é.

O ser-aí é imediatamente o homem e o mundo ao mesmo tempo, em sua realidade finita imediata, entregue ao seu destino [...] O mundo não existe apenas na forma de um receptáculo físico no qual nos encontramos; o *Dasein* não está apenas no mundo, mas ele *tem* mundo, constitui o mundo como uma extensão dele mesmo na medida em que lida com os instrumentos que estão em torno dele. Neste caso, é importante afastar a idéia de mundo como mera natureza que nos cerca, enquanto mundo meramente objetificado. Na verdade, o que define mesmo o mundo para o *Dasein* passa pelo modo como o *Dasein* se relaciona de modo imediato com o mundo, ao trabalhar e operar com instrumentos de seu dia-a-dia (WERLE, 2003, p.100-101).

É possível dizer, portanto, que o ser-aí é um ser-no-mundo, ou seja, ele é um ente que se encontra familiarizado com uma série de significados com os quais compartilha e, a

⁵ “O termo existência, no caso do homem, deve entender-se no sentido etimológico de *ex-sistere*, estar fora, ultrapassar a realidade simplesmente presente na direção da possibilidade. Se entendermos o termo existência Nesse sentido, deve reservar-se só para o homem” (VATTIMO, 1996, p.25).

partir dos quais ele vai projetar-se, a fim de realizar o projeto que é ele mesmo. Não obstante, na medida em que *é* no mundo, a ação de cada homem jamais é individual, pois se desdobra a partir de sua possibilidade originária de ser-com-os-outros.

Cada ser-aí encontra o mundo à luz de certas idéias que respirou no ambiente social em que vive. Isso significa que ele se encontra imerso em possibilidades existenciais específicas já dadas pelos outros e que, por isso, tende a compreender o mundo segundo a concepção comum. É a partir do outro, portanto, que o ser-aí referencia suas atitudes e pensamentos, de modo a construir a sua existência, não em virtude dos próprios projetos, mas sim em virtude do que os outros pensam e fazem, caracterizando o que Heidegger chamou de “inautenticidade” ou “impropriedade”. *“Todo mundo é o outro e ninguém é si mesmo”* (HEIDEGGER, 1927/2009, p.185).

A relação entre os *Daseins* não é uma relação entre “sujeitos” e sim nasce de uma dependência entre os homens decorrente de sua ocupação com os entes. Com os outros homens o *Dasein* não se relaciona somente por meio do mero lidar, mas por meio da *preocupação* [*Fürsorge*] [...] Nos preocupamos pelo outro, assumimos o seu lugar, o substituímos em seu sofrimento ou nos entregamos a sua preocupação, mas nos esquecemos de nós mesmos (§26). Esta preocupação na existência, porém, não é positiva, e sim assume a forma de uma *impessoalidade* [*das Man*] hipócrita, na qual os homens se “preocupam” demasiadamente com o outro e com o que *se* pensa e *se* acha socialmente e se esquece do verdadeiro sentido de sua própria existência (WERLE, 2003, p. 102-103).

Absorto no mundo, portanto, o ser-aí se realiza sem qualquer conexão com o seu caráter de poder ser, o que, em certa medida, protege-o de assumir e apropriar de suas próprias possibilidades, e de ter que escolher responsabilmente seu verdadeiro projeto. (HEIDEGGER, 1927/2009). Trata-se de uma vivência inautêntica, na qual há a repetição do que os outros dizem e fazem, sem, contudo, ocorrer a apropriação do que se está falando ou fazendo. No entanto, ao contrário do que possa parecer, a inautenticidade não significa um modo de existir inferior. Trata-se apenas de uma expressão utilizada por Heidegger, com o

propósito de descrever o modo como o ser-aí se encontra, de início, e na maioria das vezes, em seu mundo.

Imerso na impropriedade do mundo e, portanto, em dissonância com o seu caráter de poder ser, o ser-aí foge de ser si mesmo e tal fuga o acompanha desde a sua existência. No entanto, mesmo livrando-se de assumir as rédeas do próprio existir, em algumas ocasiões o ser-aí se vê tomado por um estado de ânimo que lhe permite perceber-se como protagonista de seu próprio existir. Este estado de ânimo manifesta-se por meio da angústia. De acordo com Casanova (2009, p.125), *“isto de que o ser-aí cotidiano sempre foge é também o que sempre lhe acompanha, pronto para se abater sobre ele. O ante-o-que da angústia é aquilo mesmo de que o ser-aí incessantemente já fugiu, o seu si mesmo, o seu caráter de poder ser”*.

Frente à angústia, portanto, o ser-aí é colocado ante ao nada que incessantemente o acompanha. Isso porque, à medida que a angústia faz o mundo parecer insignificante e não familiar, ela acaba por inviabilizar que o ser-aí realize o seu existir em virtude desse mundo, que, agora, mostra-se carente de sentido para ele. Ao confrontar-se com tal insignificância trazida pela angústia, o ser-aí vislumbra a possibilidade de sair de sua inautenticidade, de modo a se articular diretamente com o seu caráter de poder-ser e, assim, experimentar a si mesmo enquanto um existente que necessita se realizar.

Todavia, para que o ser-aí possa empunhar a responsabilidade por seu próprio poder ser, ou seja, por seu processo de singularização, ele precisa encontrar em sua experiência, uma possibilidade que lhe seja maximamente própria, irremissível e certa. E, de acordo com Heidegger (1927/2009), essa possibilidade só pode dizer respeito a sua finitude. É nesse sentido, portanto, que a angústia permite ao ser-aí a tomada da consciência de seu caráter finito e temporal e o desperta para a morte enquanto sua possibilidade mais intrínseca, revelando que toda a existência humana é finita, ou seja, que todo homem é um ser-para-a-morte (BRUNS; TRINDADE, 2007; WERLE, 2003).

Os mortais são os homens. São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte, como morte. Somente o homem morre. O animal finda. Pois não tem a morte nem diante de si, nem atrás de si. [...] Chamamos aqui de mortais os mortais – não por chegarem ao fim e finarem sua vida na terra, mas porque eles sabem a morte, como morte. Os homens são mortais antes de findar sua vida. (HEIDEGGER, 2001, p.156)

Esse excerto do pensamento de Heidegger aponta para a relação inexorável existente entre o homem e a sua mortalidade. Isso significa que o homem não tem como deixar de se relacionar com a morte ao longo de sua vida, na medida em que, para ele, o morrer, mais do que a simples interrupção da existência, constitui a relação intrínseca que mantém com o seu próprio existir (DASTUR, 1990; 2002).

No entanto, apesar de a morte se apresentar como fundamento da existência de todo ser-aí, em sua vida cotidiana, ele vive mergulhado no mundo de tal forma, que a morte apenas apresenta-se a ele de maneira fugaz, permanecendo relegada a ser uma preocupação para o fim da vida, uma vez que, de início, e na maioria das vezes, ela não se configura como uma experiência existencial para o ser-aí, mas, ao contrário, é vista como um evento extrínseco que gera temor (HEIDEGGER, 1927/2009).

Todavia, a relação com a morte só pode ser descrita a partir da experiência e do enfrentamento da morte do outro, uma vez que, ao longo de nossa existência a morte não está dada e, quando ela se faz presente a nós, já não somos mais. Isso significa que ao desvelar-se enquanto perda, a morte não pode ser vivenciada enquanto tal, uma vez que quando ela se fizer presente ao ser-aí, ela não mais poderá constituir-se em um problema para ele (HEIDEGGER, 1927/2009; WERLE, 2003). Por conseguinte, é a partir da morte do outro que o homem vê que segue em direção ao mesmo fim e, ante o temor que tal pensamento evoca, ele tenta, inutilmente, escapar dessa lei universal (DASTUR, 2002).

O teor público da convivência cotidiana “conhece” a morte como uma ocorrência que sempre vem ao encontro, ou seja, como “casos de morte”. Esse ou aquele, próximo ou distante, “morre”. Desconhecidos “morrem” todo dia, toda hora. “A morte” vem ao encontro como um acontecimento conhecido, que ocorre dentro do

mundo. Como tal, ela permanece na não-surpresa característica de tudo aquilo que vem ao encontro da cotidianidade. O impessoal também já assegurou uma interpretação para esse acontecimento. A fala pronunciada ou, no mais das vezes, “fugidia” sobre a morte diz o seguinte: algum dia, por fim, também se morre, mas, de imediato, não se é atingido pela morte (HEIDEGGER, 1927/2009, p.328).

Nesse sentido, o homem, em sua vivência inautêntica, procura observar a morte sob um ponto de vista impessoal e indeterminado, que pode acontecer a qualquer hora e local, no entanto, sem configurar uma ameaça a sua vida. Para Heidegger (1927/2009), a partir do momento em que se diz: “*morre-se*”, nesta assertiva está implícito que “*ninguém*” morre - o impessoal é o ninguém. Portanto, na visão do filósofo, a morte enquanto algo próprio e insubstituível converte-se em um acontecimento público e impessoal, que encobre o que há de mais inerente à morte, a saber, que ela pode ocorrer a qualquer instante.

De acordo com Dastur (2002), a partir do momento em que o homem se refere à morte como um “acidente” ou acontecimento banal que “acontece todos os dias”, ele busca fugir de sua impotência e, por conseguinte, pode acreditar-se imortal. Contudo, mesmo fugindo de tal pensamento, é indiscutível que a morte significa um acontecimento insuperável e irremissível e que, portanto, dela, o ser-aí não tem como escapar (BRUNS; TRINDADE, 2007; VATTIMO, 1996).

No entanto, a morte enquanto possibilidade existencial difere das demais possibilidades, na medida em que, para além dela, nada mais é possível ao homem como ser-no-mundo. Nas palavras de Vattimo (1996, p.52): “*A morte é a possibilidade da impossibilidade de qualquer outra possibilidade*” e, devido a essa particularidade, ela permite que o homem abra-se às suas possibilidades de modo mais autêntico. Contudo, para que realmente a morte possibilite essa abertura, urge que ela seja assumida e apropriada pelo ser-aí enquanto sua possibilidade mais intrínseca e iminente. Isso não significa que o homem deva constantemente pensar na morte. O que Heidegger salienta é a necessidade do reconhecimento de que, com exceção da morte, nenhuma outra possibilidade concreta apresenta-se de modo

definitivo. Portanto, à medida que o ser-aí se reconhece como um ser-para-a-morte, ele se rearticula com seu poder-ser e, assim, permanece continuamente aberto aos seus projetos existenciais, não se agarrando a qualquer outra possibilidade de modo peremptório.

Nesse sentido, na medida em que o homem reconhece que uma miríade de possibilidades lhe está disponível, ele pode perceber-se enquanto um vir-a-ser – um futuro. Tal fato permite-lhe desenvolver-se em sua totalidade e proporciona-lhe uma vivência autêntica, isto é, ao reconhecer-se enquanto ser-para-a-morte, o homem não se encontra mais diluído com os outros dentro desta ou daquela possibilidade, tornando-se apto, então, a voltar sua atenção à própria vida, apropriando-se dela, fazendo suas escolhas, construindo a si mesmo – singularizando-se (VATTIMO, 1996).

Cabe ressaltar que esse processo que vai da inautenticidade à autenticidade se dá num movimento não linear, sendo que ora o ser-aí se aproxima da existência autêntica, e ora afasta-se dela para se aproximar do existir inautêntico. No existir autêntico, o homem não deixa de se relacionar com o mundo fáctico no interior do qual está inserido, contudo, dentro dessa relação com outros entes e com as coisas, ele não permite perder-se a si mesmo de modo a deixar-se absorver nas referidas relações (BRUNS; TRINDADE, 2007).

A analítica heideggeriana, assim, tem o mérito de colocar a morte como um dos temas centrais para a compreensão da angústia e da existência humana. Como a última possibilidade existencial, e por ser consciente dela, o ser humano tem a possibilidade de se manter aberto às experiências da vida, dando a elas sentido e significado. Heidegger propõe, portanto, que a conscientização da morte enquanto a possibilidade mais fundamental do ser humano dá a ele a oportunidade de responsabilizar-se integralmente por sua própria existência, assumindo um existir autêntico rumo ao seu poder-ser mais próprio. Nas palavras de Forghieri (1993b, p. 42): *“A morte faz parte de nossa vida, apenas no modo como nos relacionamos com as idéias de ser ela o nosso derradeiro fim, e é apenas incluindo-a em*

nossas reflexões que teremos condições de encontrar o verdadeiro sentido de nossa existência”.

5.1. Retomando o ser-com: a coexistência familiar

A Analítica Existencial de Heidegger (1927/2009) aponta para o caráter coexistencial do ser-aí. Isso significa que o mundo é sempre um mundo compartilhado e que, por essa razão, é somente a partir do outro que cada um referencia suas atitudes e pensamentos.

Todavia, o compartilhamento do mundo não é meramente uma relação entre “sujeitos”, e sim uma teia significativa a partir da qual cada pessoa existe. Ao estar junto às coisas, portanto, o ser-aí percebe que nunca é sozinho, uma vez que sempre que algo chega até ele, apresenta-se já dotado de certos significados referentes aos seus fins e à vida dos homens. Nesse sentido, ao ser lançado no mundo, antes de tudo e na maior parte das vezes, o ser-aí vê a si mesmo, a partir de um olhar compreensivo que não é o dele, mas do outro. Nas palavras de Heidegger: *“Os ‘outros’ não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está”* (HEIDEGGER, 1927/2009, p. 174).

Ser-com implica em ser junto a algo/alguém, mais especificamente, é a manifestação de como cada um se relaciona, pensa, sente e vive com os seus semelhantes, ou seja, com os seres humanos (SPANOUDIS, 1981). Portanto, é por meio dessa relação que o homem passa a compreender o mundo e a si próprio, pois, conforme afirma Critelli (2007), não há a possibilidade de alguma percepção individual, se, previamente, ela não for uma percepção plural. É nesse sentido que Heidegger (1927/2009) nos aponta que, mesmo ao estarmos sozinhos, ainda assim somos ontologicamente coexistentes, uma vez que apenas

para um ser-com, os outros podem faltar. Assim, é nesse contexto que a família desponta como um aspecto chave a ser considerado, na tentativa de compreender como se configuram as diversas possibilidades de relações do ser com a morte.

Delgado (2005), ao pautar-se no pensamento heideggeriano, que considera a existência sempre compartilhada, desenvolveu um estudo no qual buscou fazer uma aproximação entre o pensamento do filósofo e a convivência familiar. Em suas considerações, a autora mostrou que uma família, por ser constituída por seres-aí, também se revela em sua existência cotidiana, isto é, constrói-se a si mesma na medida em que integra projetos, expectativas, frustrações, dificuldades, alegrias, responsabilidades, conquistas individuais e grupais, perdas, enfim, enquanto co-existe e convive. Essas maneiras possíveis de uma família existir levam-na a compor uma identidade, um modo peculiar de compreender e interpretar a si mesma e também ao mundo, o que faz com que o viver em família seja uma experiência singular para cada família, assim como para cada um dos seus integrantes.

Por outro lado, embora a pluralidade seja condição ontológica da existência, a singularidade também o é. Destarte, cada um se relacionará de modo distinto com aquilo que é desvelado, dando início a uma rede de significações a partir das quais os homens se relacionam e constroem-se uns aos outros (CRITELLI, 2007). *“Temos a capacidade de nos compreendermos mútua e imediatamente, por sermos fundamentalmente semelhantes, embora na concretude de nosso existir cada um apresente peculiaridades em seu perceber e compreender as situações”* (FORGHIERI, 1993b, p. 31). Assim, à medida que gradualmente a pessoa vai descobrindo a si mesma a partir dos outros, concomitantemente, ela vai desenvolvendo seu modo singular de visualizar e significar as situações que ela mesma experiencia no mundo (FORGHIERI, 1993b).

Nesse sentido, é possível dizer que a vivência familiar torna viável, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de uma história de vida particular, bem como uma história

compartilhada por seus integrantes, a partir da qual, cada família e cada ser-aí podem apresentar diferentes maneiras de compreender e significar os eventos que lhes vêm ao encontro na existência. Logo, neste estudo, sempre que se fizer referência à família e aos indivíduos em suas relações com a própria mortalidade e com as perdas, partir-se-á da consideração de que cada ser-aí estabelece uma relação compreensiva com o seu próprio ser e não tem como realizá-lo, a não ser, por meio da existência junto aos outros.

Ao abordar o pensamento de Heidegger sobre a existência concreta do ser-no-mundo, Neme (2009, p. 59) ressalta que, *“o homem não pode ser entendido como uma “coisa” entre “coisas”, pois, ele é um ser autoconsciente, numa relação constante com o mundo (as pessoas, os objetos, as situações)”*. Ressalta ainda, que, ao se tomar conceitos filosóficos e aplicá-los ao campo da Psicologia, é preciso clarificá-los e adaptá-los a este campo, maximizando a compreensão de temas tão relevantes a ele, como é o tema da morte. Assim, ao referir-se à Psicologia e às contribuições de Heidegger a essa ciência e prática, a autora coloca que a nova área de estudos constituída pela “Psicologia da Morte”, tal como as psicoterapias em geral, e as psicoterapias dos estados de luto, devem muito ao pensamento desse filósofo sobre a morte e, a sua concepção de que não é possível fugir dessa verdade inelutável.

*A morte não extingue: transforma; não aniquila:
renova; não divorcia: aproxima.*

(RUI BARBOSA, Discursos, orações e
conferências, VI, p.13)

6. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA À PESQUISA EM PSICOLOGIA

6.1 A Fenomenologia – origens e método

Durante praticamente todo o século XIX, a ciência esteve sob o domínio do pensamento positivista, para o qual, o único conhecimento considerado válido e fidedigno era aquele que se pautasse em verdades absolutas e únicas e que, portanto, fosse passível de controle e generalização. Na tentativa de aproximar-se dessa tendência, a Psicologia buscou constituir-se como uma ciência exata, ao tomar como base o modelo das ciências da natureza. Com essa finalidade, eliminou de suas investigações tudo aquilo que não considerava científico, a saber, os aspectos subjetivos e o uso da introspecção, de modo a perder de vista a essência dos fenômenos psíquicos, reduzindo-os a espaços regidos por leis causais e quantificáveis (DARTIGUES, 1992; CASANOVA, 2009).

A partir de 1880, os fundamentos e os alcances das ciências naturais passaram a ser questionados em sua utilização nas ciências humanas, na medida em que, dentro do domínio destas, parecia ser inviável a tentativa de objetivação e universalidade. Foi neste contexto que Edmund Husserl (1859-1938) atentou-se para as insuficiências e lacunas das ciências humanas e encontrou subsídios para criar um método de acesso à essência do conhecimento, qual seja, a Fenomenologia (DARTIGUES, 1992; FORGHIERI, 1993b).

Um dos pressupostos básicos da Fenomenologia husserliana é a concepção da inseparabilidade entre consciência e objeto, a qual está fundamentada no conceito de intencionalidade da consciência, anteriormente utilizado por Franz Brentano (1828-1917).

Intencionalidade é, essencialmente, o ato de atribuir um sentido; é ela que unifica a consciência e o objeto, o sujeito e o mundo. Com a intencionalidade há o reconhecimento de que o mundo não é pura exterioridade e o sujeito não é pura interioridade, mas a saída de si para um mundo que tem uma significação para ele (FORGHIERI, 1993b, p.15).

A partir do conceito de intencionalidade, portanto, não há consciência desvinculada do mundo e nem um mundo sem que haja uma consciência para atribuir-lhe significado, de modo que entre eles há uma correlação essencial, na qual ambos existem e se definem a partir da relação que compartilham. Assim, o objeto de conhecimento da Fenomenologia não é nem o sujeito, nem o mundo separadamente, mas sim, o mundo enquanto vivido e significado pelo sujeito (BRUNS, 2007; DARTIGUES, 1992).

Nesse sentido, a fim de se chegar ao conhecimento de como o mundo se mostra ao sujeito, Husserl propôs o método básico da investigação fenomenológica, a saber, a redução fenomenológica, ou *epochê*, palavra que na Filosofia grega significa “suspensão do julgamento” (MOREIRA, 2002). Tal suspensão nos julgamentos implica em uma alteração no modo de olhar o mundo, ou seja, sugere que haja uma suspensão momentânea das crenças referentes ao mundo cotidiano, de maneira a adotar uma postura neutra que torne possível questioná-lo e refleti-lo. Assim, é apenas através da atitude fenomenológica que o fenômeno pode ser acessado e posteriormente, descrito (FORGHIERI, 1993b).

Foi a partir de Husserl, portanto, que a Fenomenologia tornou-se um movimento filosófico difundido e aceito, apresentando-se como uma forma totalmente nova de fazer filosofia, de modo a abandonar as especulações metafísicas e abstratas para, assim, poder voltar-se “às coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos tais como se mostram à consciência (DARTIGUES, 1992).

Heidegger, aluno e sucessor de Husserl, também viu na Fenomenologia a possibilidade do retorno “às coisas mesmas”, tal como seu mestre. Contudo, ao elaborar sua obra *Ser e Tempo*, começou a redefinir o que seria a Fenomenologia. Nesse processo, buscou ir além da construção de um método, adotando como seu principal intento, elaborar uma nova ontologia, ou seja, um novo modo de compreender o ser humano e seu mundo (DARTIGUES, 1992).

Ao retomar o termo Fenomenologia, Heidegger o faz a partir de duas raízes gregas do termo, a saber, *phainomenon*, que significa aquilo que se mostra a partir de si mesmo, tal como é; e *logos*, que significa tornar manifesto aquilo sobre o que se fala (BRUNS; TRINDADE, 2007). Portanto, para o filósofo, etimologicamente, Fenomenologia quer dizer: “*deixar e ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo*” (HEIDEGGER, 1927/2009, p. 74), o que não significa outra coisa, senão voltar “*para as coisas mesmas*”. Portanto, para Heidegger (1927/2009), Fenomenologia significa fazer ver de si mesmo o que se manifesta, tal como de si mesmo se manifesta. Mas, o que é que a Fenomenologia deve fazer ver? Nas palavras do filósofo seria:

Justo o que *não* se mostra numa primeira aproximação e na maioria das vezes, mantendo-se *velado* frente ao que se mostra numa aproximação e na maioria das vezes mas que, ao mesmo tempo, pertence essencialmente ao que se mostra numa primeira aproximação e na maioria das vezes a ponto de constituir o seu sentido e fundamento (HEIDEGGER, 1927/2009, p. 74).

O que Heidegger afirma mediante tais palavras é que um dado fenômeno não se manifesta de maneira imediata. Ao contrário, ele se dissimula no que se manifesta e, por isso, precisa ser expressamente mostrado (DARTIGUES, 1992). Mas, o que vem a ser aquilo que se mantém *velado* e que não se mostra de imediato? Segundo o filósofo alemão, trata-se do *ser* dos entes, ou seja, o sentido de ser desse ente.

O ser, todavia, não é uma coisa “atrás” de outra coisa que se manifesta. Isso porque, em Fenomenologia, não há nada “atrás” do fenômeno. Este, não é algo a ser visto além dos entes; ele é, sim, encoberto. O fenômeno é o que constitui o ser e o ser manifesta-se e apresenta-se sempre no ente. Vale ressaltar aqui que, ente, para Heidegger, “*é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos*” (p. 42). Por isso, a fim de chegar ao ser, o filósofo vê a necessidade de empreender uma analítica do único ente que tem a possibilidade de acesso ao ser, a saber, o ser-aí.

O mais importante a ser enfatizado, portanto, é que mediante a Analítica existencial, Heidegger visa alcançar uma compreensão do ser-aí em seu estar no mundo (DARTIGUES, 1992). É nesse sentido que, pensar a possibilidade de uma metodologia fenomenológica de conhecimento se mostra, em última instância, como uma reflexão sobre o modo humano de ser-no-mundo.

É o sentido de se ser no mundo, como homens, cuidando concreta e expressamente de habitar o mundo e interagindo com os outros homens, o que provoca o pensar fenomenológico. É o sentido de ser o que preocupa a Fenomenologia, porém, compreendendo de antemão que todo saber a seu respeito nunca é senão relativo e provisório (CRITELLI, 2007, p. 25).

O sentido do ser só pode ser expresso nos modos-de-se-ser-no-mundo. Portanto, o eixo fundamental em que a questão do conhecimento e do método fenomenológico se desenvolve se dá por meio das incontáveis possibilidades do homem ser-no-mundo e em relação a si mesmo (CRITELLI, 2007). Como consequência, diante do olhar humano, as coisas não se mostram sempre da mesma maneira, uma vez que *“as situações que alguém vivencia não possuem, apenas, um significado em si mesmas, mas adquirem um sentido para quem as experiencia, que se encontra relacionado à sua própria maneira de existir”* (FORGHIERI, 1993b, p. 58).

Por conseguinte, em decorrência das razões apresentadas, acredita-se que a abertura metodológica e a fundamentação teórica fenomenológica mostram-se pertinentes e adequadas para a proposta deste estudo, uma vez que permitirão o acesso ao modo como cada indivíduo participante vivencia a morte e significa suas experiências relacionadas a ela. Segundo Valle (1988), a Fenomenologia não se esgota na descrição do que se revela, mas se complementa pela interrogação do dado que aparece, *“não mais como um espetáculo a ver, mas como um texto a compreender e a interpretar”* (p.42).

6.2 A pesquisa fenomenológica em Psicologia

A influência da Fenomenologia nas ciências humanas e, especialmente, na Psicologia possibilitou a esta ciência, adotar uma nova postura ao interrogar seus fenômenos, possibilitando que se direcionasse para além do estudo dos comportamentos observáveis e controláveis, para seguir rumo à compreensão dos significados presentes no diálogo do homem com o mundo (BRUNS, 2007). Assim, a Psicologia fenomenológica busca a compreensão das vivências do indivíduo, entendendo-se aqui, o conceito de vivência como:

(...) a percepção que o ser humano tem de suas próprias experiências, atribuindo-lhes significados que, com maior ou menor intensidade, sempre são acompanhadas de algum sentimento de agrado ou desagrado. Embora esteja relacionada a acontecimentos exteriores, a vivência é uma experiência íntima que ocorre, principalmente, na consciência do sujeito e só este tem acesso direto à mesma. Ela pode apresentar algumas manifestações exteriores, mas, só pode ser estudada se o sujeito lhe fornecer informações pormenorizadas sobre a sua própria experiência (FORGHIERI, 1993a, p.19).

De acordo com Heidegger (1927/2009), cada sujeito no mundo já interpretou a si mesmo e ao mundo a partir de uma pré-compreensão de sua própria existência cotidiana. Nesse sentido, o pesquisador apenas consegue estudar os modos de ser de uma pessoa, se ela fornecer informações detalhadas sobre a sua própria experiência, visto que elas possuem um significado relacionado ao modo de existir de cada um (FORGHIERI, 1993a).

Segundo Valle (1997), para que o pesquisador possa compreender o mundo do outro, *“é preciso reconstruir o mundo dessa pessoa, penetrar nele, ouvir o que ela tem a dizer sobre suas experiências a fim de apreender o que ela pensa, como experiencia o mundo”* (p. 43). Portanto, o acesso às experiências de alguém só é possível se elas forem descritas por meio da linguagem. É nesse sentido que a entrevista mostra-se como um recurso metodológico apropriado na mediação entre pesquisador e pesquisado.

Para que possa compreender e interpretar as significações das vivências dos indivíduos, faz-se necessário que o pesquisador contemple algumas etapas e atitudes no decorrer da entrevista. Uma delas é adotar a redução fenomenológica, na qual o pesquisador inicialmente despoja-se de conhecimentos já adquiridos sobre o fenômeno, com a finalidade de captar os significados descritos pelo indivíduo sem uma interpretação *a priori* (BICUDO, 2000; HOLANDA 2007).

Forghieri (1993b) considera que este processo passa por dois momentos que estão inter-relacionados e são reversíveis, a saber, o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo. No primeiro, o pesquisador, na tentativa de compreender o fenômeno tal qual ele se apresenta, irá voltar-se à vivência da pessoa, de modo a tentar penetrá-la espontaneamente, sem uma postura intelectualizada sobre ela, a fim de chegar o mais próximo possível da vivência do outro, de acordo com seu próprio modo de existir. Em seguida, após uma compreensão global e pré-reflexiva desta vivência, o pesquisador procura estabelecer um distanciamento da mesma, com o objetivo de refletir sobre sua compreensão e tentar analisar e enunciar, de maneira descritiva, os significados captados daquela vivência durante o envolvimento. Isto não significa que os dois momentos estejam separados; eles se alternam entre si e se inter-relacionam durante todo o contato entre o sujeito e o pesquisador.

Por meio desta postura, portanto, o pesquisador buscará captar a experiência do pesquisado, a partir do referencial deste, sem interpor entre ambos, quaisquer postulados ou concepções (BICUDO, 2000). Essa postura do pesquisador não implica em desconsiderar os conhecimentos produzidos anteriormente, uma vez que serão retomados em momento posterior, quando os significados e compreensões das experiências dos entrevistados já tiver sido submetida a análise cuidadosa do pesquisador.

De acordo com Amatuzzi (2007), o pesquisador irá atuar como facilitador do acesso ao vivido, pois, muitas vezes, as pessoas nunca tiveram a oportunidade de falar

anteriormente sobre o que estão descrevendo; fazem-no pela primeira vez, e é comum surpreenderem-se com o que dizem. Assim, o vivido, não necessariamente precisa ter sido experienciado para que seja descrito. Ele surge durante a relação pessoal entre participante e pesquisador, quando há a oportunidade de dizê-lo. Por essa razão, neste método de pesquisa, o pesquisador deve permanecer ativo o tempo todo, de modo a possibilitar que a pessoa retorne a sua experiência concreta e seja capaz de acessá-la como se fosse a primeira vez.

Devido à necessidade da relação interpessoal entre entrevistado e pesquisador é que a entrevista não pode ser entendida apenas como um procedimento mecânico, numa seqüência de perguntas e respostas, e sim como um encontro entre subjetividades em busca da intersubjetividade (AMATUZZI, 2007). Na abordagem Fenomenológica, a entrevista é considerada por Martins e Bicudo (1989) como um encontro social com características peculiares, como a empatia e a intersubjetividade, na qual ocorre a penetração mútua de percepções. No decorrer dela, o pesquisador pode penetrar o mundo do participante, a fim de compreender e interpretar seus pensamentos e sentimentos (CARVALHO, 1987).

Portanto, ao ser utilizado no campo das Ciências Humanas, o chamado método fenomenológico, configurou-se como um conjunto de variantes que dependem de cada autor ou pesquisador, sem que se possa apontar uma ou outra variante como representante básica dessa ferramenta de pesquisa (MOREIRA, 2002).

Ao abordar a aplicação do método fenomenológico na pesquisa, Moreira (2002) e Holanda (2003) resumem algumas das principais formas de utilização desse método, de acordo com as proposições de pesquisadores como Van Kaam, Colaizzi, Sanders, Giorgi, Forghieri, Gomes e Martins, apresentando sua sistematização em estratégias ou passos, para a coleta e análise dos dados. Segundo Holanda (2003), tais sistematizações referem-se ao que se costuma chamar de Psicologia Fenomenológica Empírica, ou científica, a qual “*trabalha a*

partir de dados empíricos, através da análise de depoimentos, buscando-se os elementos do significado que permitirão acessar a estrutura do vivido” (p.52).

Nesse sentido, com o intuito de compreender os significados e vivências familiares sobre a morte, o presente estudo optou por seguir os passos propostos pelos autores que trabalham com a Psicologia Fenomenológica Empírica.

7. OBJETIVOS:

7.1 Objetivo geral:

- Compreender se e como as vivências dos participantes se entrelaçam trigeracionalmente na família.

7.2 Objetivos específicos:

- Compreender as concepções e vivências familiares sobre a morte.
- Compreender as vivências e concepções de morte de adolescentes, seus genitores e avós.

*A natureza reservou para si tanta liberdade que não a
podemos nunca penetrar completamente com o nosso
saber e a nossa ciência*

(JOHANN W. V. GOETHE, Pensamentos)

8. CAMINHO METODOLÓGICO

8.1 O contato com as famílias

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP e foi aprovado de acordo com o Processo nº 1059/46/01/08 (ANEXO 1).

Após a aprovação, buscou-se encontrar adolescentes que apresentassem interesse em contribuir com a pesquisa, para em seguida, solicitar a participação dos genitores e avós. Como as escolas são locais com um número considerável de adolescentes, optou-se por ser esse o local em que haveria tal contato. Com essa finalidade, foi escolhida uma escola pública na cidade de Bauru e estabeleceu-se contato com a diretora a fim de lhe solicitar autorização para a realização da pesquisa junto a alguns alunos e suas respectivas famílias. Foi esclarecido a ela que a aproximação com a escola foi apenas um meio de poder estabelecer contato com os adolescentes e que o desenvolvimento da pesquisa não resultaria em intervenção no local. A ela foi deixada uma cópia do projeto de pesquisa, uma cópia da aprovação do Comitê de Ética, bem como as cópias das fichas que seriam preenchidas pelos alunos (APÊNDICE 1) e as cartas de convite aos pais (APÊNDICE 2).

Mediante tais esclarecimentos, a diretora fez a indicação das turmas de alunos que se encontravam dentro da faixa etária estipulada na pesquisa e a pesquisadora dirigiu-se a cada uma das classes a fim de explicar a pesquisa aos alunos adolescentes e convidá-los a participar. De modo a verificar o interesse na participação, entregou-lhes uma ficha de identificação (APÊNDICE 1). No momento em que os alunos devolveram as fichas preenchidas, apenas àqueles que responderam ter interesse em participar foi entregue uma carta a ser encaminhada aos seus pais (APÊNDICE 2), a qual explicava o objetivo da

pesquisa, convidava-os a participarem e avisava que nos próximos meses a pesquisadora poderia contatá-los.

Com os dados dos interessados em mãos, iniciaram-se os contatos com as famílias mediante ligações telefônicas, nas quais foram explicados os objetivos do estudo e feitos os convites para a participação. Em uma das ligações o próprio adolescente atendeu e disse que não tinha mais interesse em participar. Nas demais famílias contatadas, foram as mães que atenderam as ligações. Elas disseram que o filho ainda não havia entregado a carta de apresentação, e apenas uma falou que o filho comentou sobre a pesquisa. Observou-se certo receio por parte das mães no início da conversa e, principalmente, estranhamento no que dizia respeito à temática pesquisada. Após novas explicações, duas mães disseram não ter interesse em participar, alegando motivos particulares. As outras três contatadas demonstraram interesse, mas para que o estudo fosse desenvolvido era necessário que o marido e pelo menos um dos avós, aceitassem participar. Dessas, apenas uma confirmou a participação de toda a família (filho, marido e avô paterno). Com essa família foram agendadas entrevistas individuais em sua própria residência, cujo procedimento será detalhado posteriormente.

Observou-se que os adolescentes que se disponibilizaram a participar não entregaram aos genitores a carta de apresentação, o que dificultou a aproximação da pesquisadora, uma vez que, ao receberem a ligação telefônica, os pais mostravam-se surpresos com o convite. Além disso, notou-se que a temática a ser abordada gerou estranhamento e esquiva dos contatados, uma vez que consideravam um assunto difícil de ser abordado. Na escola, durante a apresentação e convite aos alunos, expressões de riso ou espanto também não foram incomuns. Um dos adolescentes chegou a comentar que não gostaria de falar sobre morte, pois se dizia que, falar sobre morte a atraía para si.

Em decorrência das dificuldades descritas, julgou-se que tal procedimento para o contato com as famílias não foi eficaz, optando-se, então, por uma nova via de acesso às famílias. Assim, foi estabelecido que a aproximação com as famílias ocorreria mediante indicações de pessoas da convivência da pesquisadora.

Como primeiro passo, foi realizado um levantamento das pessoas que poderiam ser indagadas sobre o conhecimento ou não de famílias para a inclusão na pesquisa. Depois de feito esse levantamento, foi estabelecido contato com essas pessoas mediante ligações telefônicas, a fim de explicar o estudo e seus objetivos, bem como perguntar se mantinham contato ou conheciam alguma família com as características descritas. Em caso de resposta afirmativa, foi solicitado a essas pessoas que fizessem uma aproximação prévia com tais familiares, de modo a torná-los cientes da temática e do posterior contato a ser estabelecido pela pesquisadora, caso demonstrassem interesse em colaborar. Executada essa etapa, mediante ligação telefônica, foi possível que a pesquisadora estabelecesse seu primeiro contato com essas famílias, explicando-lhes detalhadamente os objetivos do estudo, a utilização científica que seria feita dos dados e convidando-os a colaborarem. Esse procedimento foi feito até a obtenção de seis famílias que concordaram em participar, já estando incluída neste número, a família obtida através do procedimento anteriormente descrito.

8.2 Famílias colaboradoras

O estudo foi realizado com seis famílias, sendo que, em cada uma, foram entrevistados, pelo menos, quatro participantes, abarcando três gerações distintas, a saber: filho adolescente, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 17 anos, genitores, um avô e/ou uma avó, independentemente de serem maternos ou paternos, totalizando, assim, 28

entrevistas. De modo a resguardar os objetivos propostos, apenas foram selecionadas famílias em que a mãe e o pai viviam juntos e que tinham, pelo menos, um avô ou uma avó vivos. Além disso, optou-se por selecionar famílias que não tivessem perdido alguém significativo nos últimos seis meses. A escolha por filhos na fase da adolescência prendeu-se ao fato de que, nesta etapa do desenvolvimento emocional e cognitivo, o ser humano já apresenta condições de falar por si mesmo, tendo compreensão do fenômeno da morte como um acontecimento inevitável, universal e irreversível. O Quadro 1 apresenta uma caracterização dos 28 colaboradores da pesquisa.

	Vm4	70	Casado	Avó Mat.	X	F. I.	Doméstica	Esp.	Mãe	12 anos
	Vh4	73	Casado	Avô Mat.	X	F. I.	Aposentado	Nenhuma	Irmão	5 anos
									Amigos	5 anos
									Pais e irmãos	+ 10 anos
Família 5	Ad5	16	Solteiro	Filho	X	Md. I.	Estudante/ garçom	Evang.	Amiga da família	1 ano
	M5	44	Casada	Mãe	X	S.	Comerciante	Evang.	Amiga	1,5 ano
	P5	50	Casado	Pai	X	Md. I.	Comerciante	Evang.	Pai e avó	21 anos
	Vm5	66	Casada	Avó Mat.	X	F. I.	Doméstica	Evang.	Sogro	8 anos
Família 6	Ad6	14	Solteira	Filha	X	F. I.	Estudante	Nenhuma	Avó	3 anos
	M6	42	Casada	Mãe	X	Md. I.	Vendedora	Evang.	Bisavó	10 anos
	P6	50	Casado	Pai	X	S.	Diretor industrial	Cat.	Mãe	3 anos
	Vm6	71	Casada	Avó Pat.	X	F. I.	Aposentada	Evang.	Sogra	3 anos
	Vh6	77	Casado	Avô Pat.	X	F. I.	Aposentado	Evang.	Avós	+ 10 anos
									Dois netos	2 anos
									Pais e Irmã	+ 10 anos
									Irmãos, sogros, pais e amigos	+ 10 anos

Legendas:

Ad = adolescente; **M** = mãe; **P** = pai; **Vm** = avó; **Vh** = avô. Os números que acompanham estas siglas correspondem ao número da família.

F = Fundamental; **F.I** = Fundamental incompleto; **Md** = Médio; **Md. I.** = Médio incompleto; **S** = Superior; **S. I** = Superior incompleto; **P.G** = Pós-Graduação

Cat. = Católica; **Esp.** = Espírita; **Evang.** = Evangélica

É importante ainda ressaltar que, das seis famílias entrevistadas, em três (Famílias 1, 4 e 6), os avós viviam juntos aos genitores e netos adolescentes e, em duas (Famílias 3 e 5), avós, netos e genitores trabalhavam no mesmo local. Na Família 2, embora os avós tenham uma vida independente dos netos e genitores, o contato com eles é bastante próximo e frequente.

8.3 Local da Pesquisa

Com todos os colaboradores foram agendadas entrevistas individuais em seus domicílios ou no local de trabalho, de acordo com a preferência e disponibilidade. Todas as entrevistas foram realizadas em ambientes sujeitos a pouca interferência, resguardando a privacidade e o sigilo necessários.

8.4 A entrevista

Cada entrevista individual foi realizada em um único encontro, o qual se iniciou com uma conversa informal, que teve o intuito de deixar os colaboradores mais confortáveis e mais familiarizados com a pesquisadora. Neste diálogo foram explicitados o objetivo da pesquisa e a importância de se abordar a temática da morte, enfatizando-se que a participação era inteiramente voluntária e que uma eventual não participação não acarretaria em prejuízo algum ao colaborador. Depois de confirmada a anuência na participação, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 3) foi apresentado e lido pelos participantes ou em voz alta pela pesquisadora, de acordo com a preferência de cada um. Após a leitura, foi possível verificar se havia alguma dúvida referente ao conteúdo do documento e esclarecê-las. Também se explicitou a garantia do sigilo da identidade e a necessidade de utilização do gravador para posterior transcrição da entrevista. Feitas essas etapas, cada

participante assinou duas cópias do Termo, ficando uma para si e a outra em posse da pesquisadora. No que diz respeito aos adolescentes, por esses terem menos do que 18 anos, também foi solicitado a um dos genitores que assinasse o Termo (APÊNDICE 4), autorizando-os a participarem da pesquisa.

A entrevista foi iniciada solicitando-se a cada pessoa alguns dados como sexo, idade, estado civil, profissão, identificação do parentesco, religião, escolaridade e as perdas por morte de parentes próximos mais recentes e/ou significativas. Para isso, um roteiro de perguntas foi elaborado (APÊNDICE 5) em que os participantes respondiam mediante solicitação da pesquisadora. Posteriormente à obtenção das referidas informações, iniciou-se a entrevista com um preâmbulo em que a pesquisadora introduzia a temática, apontando para a dificuldade que há em se abordar a morte em nossa sociedade, ressaltando a importância de se estudar o assunto. E posteriormente as cinco questões norteadoras foram realizadas:

- a) *Gostaria de saber sobre como é a morte para você? Como você vê esta questão?*
- b) *Como sua família a vê e lida com ela?*
- c) *Diante dessa sua visão da morte, como você vê a vida?*
- d) *O que você acha que foi determinante ou importante para que você desenvolvesse esta maneira de ver a morte e também a vida?*
- e) *Como foi para você falar sobre esse assunto comigo?*

Em cada uma das questões, permitiu-se ao entrevistado falar livremente sobre suas vivências e, de acordo com suas descrições, foi possível fazer novas indagações, a fim de aprofundar e ampliar o relato. Esse procedimento foi mantido para todas as questões, embora, no decorrer da entrevista, as indagações se misturassem devido ao caráter intersubjetivo e flexível da mesma. As entrevistas foram concluídas no momento em que os dados começaram a se repetir, o que na abordagem fenomenológica sugere que a essência do fenômeno está suficientemente revelada.

8.5 Análise dos dados

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas de forma literal, de modo a preservar o estilo de se expressar de cada participante e o respeito às pausas em suas falas. A análise das descrições das vivências pautou-se nas indicações de Giorgi (1978); Martins e Bicudo (1989); Martins (1992); Forghieri (1993b); Valle (1997); Bruns e Trindade (2007), conforme apresentados na sequência:

- a) Leitura global de todos os discursos em uma tentativa preliminar de apreender o modo como cada entrevistado vivencia o fenômeno da morte;
- b) Buscando aprofundar a percepção que cada entrevistado apresentava com relação ao fenômeno da morte, foram realizadas diversas releituras de seus discursos, de maneira a organizá-los em unidades de significados. Essas foram obtidas destacando-se nos próprios textos dos participantes, trechos em que era possível perceber o significado atribuído por eles à vivência investigada. É importante ressaltar aqui que as unidades não se encontravam explícitas nas falas em si mesmas, o que implicou na necessidade de uma postura ativa e empática do pesquisador a fim de buscar colocar-se no lugar da pessoa que lhe descreveu a vivência para que fosse possível a compreensão do fenômeno interrogado;
- c) Procuraram-se convergências e divergências entre as unidades de significados para em seguida agrupar os temas recorrentes em categorias que melhor representassem as falas dos entrevistados. As convergências e divergências ocorrem porque cada pessoa percebe o fenômeno de uma maneira, a partir de suas vivências particulares, o que possibilitou a manifestação de diversos aspectos do fenômeno e dos significados a ele atribuídos;

- d) Compreensão, descrição e interpretação das unidades de significados, buscando estabelecer relações e aproximações entre as vivências relatadas dos adolescentes, genitores e avós, em uma perspectiva que partiu do individual de cada entrevistado e procurou englobar a perspectiva familiar trigeracional (filhos, genitores e avós);
- e) Aproximação entre os modos de ser das seis famílias, a partir da articulação entre a Fenomenologia de Martin Heidegger e os relatos dos colaboradores.

*Amadurecer e crescer também significa
ir, de olhos abertos,
em direção à morte.
Nós só somos maduros o tanto
quanto estejamos dispostos
a aceitar nossa própria mortalidade.
A morte nos torna sábios para a vida.*

*Eu me nego, por isto,
À fuga ilusória
para a superficialidade tentadora
e para ocultar o doloroso.
Eu quero visualizar conscientemente
que a qualquer momento será o meu último dia.
E por meio disto estar mais desperto,
mais vivo, realizado, sábio
e mais grato por cada dia,
or cada momento.*

*Em meio à plena paixão pela vida,
sou mortal.
Um dia virá a ser meu último.
Saber disto me faz amadurecer.*

(ULRICH SCHAFFER, Crescer, Amadurecer)

9. APROXIMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DAS FAMÍLIAS: DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DAS ENTREVISTAS

A partir da leitura e compreensão dos relatos dos colaboradores da pesquisa, individualmente e por famílias, foi possível apreender seis grandes categorias temáticas e subcategorias, quais sejam:

a) Os sentidos da morte na existência – aborda como os colaboradores compreendem o fenômeno da morte, bem como suas crenças e incertezas a respeito do tema.

Sub-categorias:

- *Morte como prolongamento da existência e transição para uma vida melhor;*
- *A naturalização: a certeza da morte enquanto um processo inerente à vida;*
- *Morte como o encontro com o desconhecido;*
- *Morte como um momento de julgamento da vida;*
- *Morte como a impossibilidade do existir*

b) Saber-se mortal: existindo na finitude – diz respeito ao modo como os colaboradores vivenciam a possibilidade da morte de si mesmos.

Sub-categorias:

- *A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro;*
- *Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora;*
- *Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude;*
- *O desejo da boa morte;*
- *Temor de ser cuidado pelo outro;*
- *A naturalização da própria finitude;*
- *A busca pela vida eterna: a derrota da morte.*

c) Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda – os colaboradores rememoram as perdas mais significativas que tiveram ao longo de suas vidas e pensam na possibilidade da morte daqueles com quem convivem diariamente.

Sub-categorias:

- *Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele;*
- *A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas;*
- *Reflexões ante a morte do outro: reconhecendo-se mortal e o temor de novas perdas;*
- *O cuidado com o outro: orações para o falecido e preocupação com os familiares enlutados;*
- *A aceitação da perda: empatia ante ao sofrimento do outro;*
- *A banalização das perdas: a naturalização da morte do outro;*
- *Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro;*
- *A convivência pacífica com a morte: aprendendo a aceitar as perdas;*
- *O auxílio da fé: a busca de força e conforto ante a morte do outro;*
- *Ser cuidado pelo outro: o compartilhamento dos momentos difíceis.*

d) Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte – revela como as famílias abordam a temática morte na vida cotidiana.

Sub-categorias:

- *Trazendo a morte para dentro de casa: a educação familiar;*
- *Abordando a morte de maneira fugidia: os “casos de morte”;*
- *O silêncio diante da morte: afastando o sofrimento;*
- *A morte como tema distante: o desconhecimento dos modos de ser da família;*
- *A aceitação da morte na família: a resignação ante as perdas.*

e) **Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência** – as reflexões sobre a morte e o morrer dão espaço para que a vida também seja objeto de resignificação.

Sub-categorias:

- *Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte;*
- *Escolhas na vida: a existência ética, moral e religiosa;*
- *A superação de adversidades: a apropriação da existência;*
- *Compartilhamento do existir: viver é estar junto ao outro.*

A seguir, os dados obtidos com cada família foram descritos, ilustrando-se as categorias e sub-categorias encontradas, com excertos das falas dos participantes. Foi utilizado como legenda:

- Pequena pausa: (...);
- Cortes nos relatos: [...];
- Som de negação ou discordância: tsctsc;
- Risos: (rs);
- Palavra incompreensível durante a transcrição da entrevista: ***.

FAMÍLIA 1

Na Família 1 foram entrevistados quatro colaboradores, a saber, o filho adolescente (Ad1 - 15 anos), sua mãe (M1 - 40 anos), seu pai (P1 - 45 anos) e o avô paterno (Vh1 - 86 anos). Todos são católicos e frequentam a igreja com regularidade. A morte mais significativa vivenciada pela família foi a da avó paterna de Ad1, ocorrida dois anos antes da realização da entrevista. A parente falecida viveu com a família durante alguns anos, tendo sido cuidada especialmente por M1, que iniciou um curso de Auxiliar de Enfermagem com a finalidade de se tornar mais capacitada a cuidar de sua sogra.

Ao serem questionados a respeito de suas vivências individuais diante da morte e do morrer, os integrantes da **Família 1** recorreram a um discurso genérico para adentrarem ao tema, de modo a aludirem à morte a partir de significados generalizadores e universalizantes (**Os sentidos da morte na existência**). Num primeiro momento, o adolescente, a mãe e o avô buscaram se referir a ela como um evento natural e universal do desenvolvimento humano (*A naturalização: a certeza da morte enquanto um processo inerente à vida*):

Hum, penso como uma conversa comum [...] É coisa que acontece, que eu sei que vai acontecer. Qualquer um vai morrer. (Ad1)

Acho que é igual para todo mundo, independente que seja bandido, que seja (...) né. É, eu acho assim, que não, não tem assim (...) você chega lá e fala que você morre aqui e as pessoas do bem, que fez o bem vai para o céu e a pessoa que fez o mal ou vai para o inferno, assim sabe. Eu acho que se Deus diz que é bom para todo mundo, ele na hora da morte ele vai perdoar todo mundo. (M1)

Para mim, a gente nasce, vive, não é uma coisa [...] para sempre, né [...] tem que acabar, ter a morte. (Vh1)

Já o pai, apesar de também ter iniciado a entrevista de modo a abordar a morte sob um ponto de vista genérico, apontou que ela o remete, sobretudo, a uma sensação de escuridão, a partir da qual nada mais pode ser visto e observado:

Para mim, a morte, assim, se eu for tirar a religião, eu acho que seria um, um (...) como um apagar de luz (...). Um apagar de luz. Você vai numa escuridão imensa e fica, entendeu. É dessa forma que eu vejo a morte. (P1)

Essas falas iniciais exemplificam como essa família costuma se referir à morte em seu viver cotidiano, a saber, observando-a sob um ponto de vista público, impessoal e indeterminado, que pode acontecer a qualquer hora e local. No entanto, sem configurar em uma ameaça real e concreta. Tal maneira impessoal e distante de se referir à morte também se desvela quando os genitores apontam para a possibilidade de que a morte venha a ser a continuação da vida enquanto prolongamento da existência em algum local distinto (*Morte como prolongamento da existência e transição para uma vida melhor*):

Vamos para algum outro lugar. (M1)

Quando você fala em morte, a gente leva muito para o lado da religião, não é. Porque a religião é quem assim, vamos dizer, ensina a gente de que no final da vida a gente vá ter um (...) vá para um lugar que a gente tenha uma, uma vida melhor que nós temos aqui. Então, é isso que (...) que assim, que em primeira mão a gente lembra, que a gente (...) se você falar em morte é a primeira coisa que vem a nossa cabeça. (P1)

Em suas vivências, a religião apresenta-se como uma tentativa de evitar o contato com a possibilidade do não-ser, uma vez que afasta a idéia da finitude, a partir do momento em que não se refere à morte como um fim, mas tão somente como uma continuação da existência humana; o não existir é retirado como possibilidade para que haja apenas a via do sempre permanecer. Para o pai, contudo, as explicações religiosas não evitam que ele se angustie ante a inevitabilidade de sua morte e, conseqüentemente, ante as incertezas do que ocorrerá a partir do momento em que ficar face-a-face com ela (*Morte como o encontro com o desconhecido*):

O que é que seria depois da morte, como seria, ou se é, se a gente sente alguma coisa após a morte. Então, a gente não tem idéia, não tem noção, então a gente fica (...) eu acho que a imaginação é tanta que a gente às vezes até extrapola o real e vai

(rs) é isso [...] a gente não tem noção mesmo do que seja, não tem noção se vai ter dor, se vai ter algum sentimento, se vai ter um outro lado, se realmente existe esse outro lado, se é o que eles incutem na nossa cabeça a religião, né, tem a vida eterna, se tem lá o paraíso, mas é, então, essas coisas, entendeu, assim, eu acho que (...) então, tem [...] como eu te falei, é uma incógnita, a gente não sabe realmente o que tem [...] a gente pára e pensa, né, como que será depois da morte, né, e (...) fica aquela interrogação e a gente, como ninguém voltou para contar (rs) então, a gente realmente fica aquela enorme interrogação [...] O medo seria o medo do outro lado, depois da morte, o que é que vem depois da morte, seria este o medo. Não sei se vem coisa boa, não sei se vem (rs). (P1)

Na concepção do pai, a morte apresenta-se como aniquiladora dos projetos de vida (*Morte como a impossibilidade do existir*), deixando de ser vista como algo natural e inerente à existência, para ser observada como um evento externo, que interrompe a vida presente e destrói qualquer possibilidade de seu vir-a-ser:

A gente vê a dificuldade da vida, aí quando você vê a morte, ela interrompe, assim, interrompe uma, uma (...) interrompendo a vida, você não tem essa oportunidade de você estar realizando. (P1)

Com o decorrer da entrevista, os relatos foram aprofundando-se e o contato com as vivências relacionadas à morte própria (**Saber-se mortal: existindo na finitude**) foi inevitável. O pai, ao olhar para si enquanto ser-para-a-morte, colocou-se em seu papel de genitor provedor e revelou preocupação em deixar seus familiares, temendo como eles ficariam em sua ausência (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Depois é deixar os entes queridos, né, a gente pensa (...) é sempre aquela história, a gente pensa que não quer morrer cedo porque tem que fazer as coisas para os filhos, para a esposa, então tem esse lado também, né. (P1)

Em sua fala, também se observa que a preocupação com os familiares não deixa de ser um modo de diluir a angústia de se ver esquecido e sem função a partir de sua morte, uma vez que, ao ocupar-se em construir um mundo para seu filho e esposa, ele se identifica com eles, ao mesmo tempo em que busca assegurar-se de que será lembrado e permanecerá

vivo mediante suas obras e realizações, não deixando, portanto, de ser quem ele é para essa família.

Além disso, ele também relatou a preferência em morrer sem que perceba esse momento, uma vez que seria uma forma de evitar o sofrimento de perceber-se encaminhando-se para o fim (*O desejo da boa morte*).

Eu queria ter a morte da minha mãe e da minha avó, que elas morreram dormindo, entendeu. Então é uma morte tranqüila, não uma morte trágica, assim, (rs). De modo a não sentir, entendeu. Eu acho que do modo que a minha mãe faleceu, eu acho que, assim, a gente fica mais tranqüilo (...) do modo que a minha avó faleceu também. As duas faleceram dormindo, então, eu acho que a gente não fica com tanto medo. (P1)

Do mesmo modo, o pensamento de uma morte idealizada também foi compartilhado por seu pai:

Eu penso, peço sempre para Deus que me dê sempre uma boa morte (...) que não tenha tanto sofrimento, que a gente faleça (...) faleça sem o sentimento da morte. Sem sentir a morte. (Vh1)

O avô, assim como seu filho, teme deparar-se com a própria finitude e, assim, experienciar o esvaziamento de si com a aproximação do não-ser. Por isso, mesmo considerando a morte como algo natural e universal, ambos preocupam-se com o que possa acontecer no exato momento em que ela se fizer presente em suas vidas. A peculiaridade de cada relato, porém, reside no momento existencial de cada um, uma vez que o idoso parece sentir-se mais próximo dessa realidade quando diz “*sempre*” pedir a Deus que lhe dê uma boa morte, denotando a regularidade com que este pensamento lhe acompanha.

A mãe, por outro lado, demonstra ter melhor aceitação frente à idéia de sua morte, reconhecendo que esse momento se aproxima com o decorrer dos dias (*Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude*):

Você vai pegando idade né, aí chega uma hora que você vai (...) aí quando você começa, assim, a chegar nos quarenta, você não vai pensar assim, como você (...) Quando você está nos vinte, você pensa até nos trinta, né. Agora, quando você chega nos quarenta, já é (...) que nem assim o meu sogro, que nem, tipo assim (...) a minha sogra já faleceu, então, tipo assim, então você, você vê uma realidade que aconteceu né. Então, é o nosso futuro, né. (M1)

A resignação de que a morte inevitavelmente já se faz presente em seu existir, parece ser consequência da reflexão de que, a cada dia, o avanço da idade não poderá levá-la para lugar algum, senão em direção à morte. Aliado a isso, o contato com a morte de pessoas mais velhas a remete ao seu futuro, intensificando ainda mais a proximidade com que o morrer se apresenta em sua vida.

Já o adolescente, embora diga compreender o fim da vida com naturalidade e apresente os conceitos de universalidade e irreversibilidade da morte bem definidos, relatou sentir-se melhor ao não pensar sobre o assunto, especialmente quando indagado sobre sua própria morte (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora*):

Ah, eu penso que pode acontecer a qualquer hora, né. Posso morrer, tropeçar, cair na escada, bater cabeça (...) ou, ser atropelado, mas (...) tento não pensar. Não. Não pensar não. (Ad1)

O fato de o adolescente preferir não pensar a própria morte pode ser analisado sob dois aspectos que, não necessariamente, são excludentes. O primeiro diz respeito ao momento existencial no qual ele se encontra. Na adolescência, o jovem adquire um corpo altamente potente, bem como expande suas capacidades cognitivas, o que possibilita seu envolvimento em novos comportamentos sociais e a imersão em um mundo de descobertas, não restando, portanto, espaço para apreensões relacionadas ao próprio morrer (KOVÁCS, 2002). A segunda possibilidade pode ser decorrência da negação do mal-estar gerado por pensar o próprio fim. Quanto a esta última hipótese, o relato do adolescente não fornece pistas explícitas que a confirme. No entanto, durante a entrevista, seu comportamento não verbal

denotou certo desconforto diante das perguntas, em uma tentativa forçada de aparentar serenidade frente ao assunto. Um exemplo dessa postura de negação dos próprios sentimentos pôde ser observado quando ele falou sobre as perdas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**), mais especificamente sobre a experiência vivida com a perda de sua avó (*A banalização das perdas: a naturalização da morte do outro*):

Senti que eu perdi alguém querido, mas não tanto. Não fiquei, sabe como, chorando assim, não [...] Penso: nossa! Morreu? Que pena. Novo, velho, assim. (Ad1)

Esse modo de se expressar diante de uma situação de perda, ou frente à iminência da morte, banalizando o fato, assemelha-se ao ser-diante-da-morte-do-outro manifestado por seus genitores, visto que estes, assim como o filho, procuraram se referir à morte demonstrando naturalidade, porém, sempre sob certo distanciamento:

A gente não usa o sentimento (...) para não abalar né. Se a pessoa faleceu, faleceu. Então é assim, por mais que a gente tenha, assim, contato de uma semana, tudo, é assim que o pessoal lida assim, sabe [referindo-se ao seu trabalho enquanto auxiliar de enfermagem]. (M1)

Então, eu, é como eu te falei, eu já sou um pouquinho mais assim, meio frio, né, entre aspas, né. Claro, eu sinto. Que nem da minha mãe no caso, eu senti muita falta e a gente ficou um tempo assim e (...) é que foi a primeira morte na família (...). Então, como a gente nunca tinha passado isso, então acho que o que mais marcou (...) fica aquele sentimento de perda, mas assim, não chegou a (...) a (...). Porque eu conheço pessoas que perderam pessoas, entes queridos da família, mãe, pai e não conseguiram sair da depressão, tem que ter um apoio psicológico, né. (P1)

Contudo, a postura de manterem certo distanciamento dos sentimentos dolorosos desencadeados pela perda, é a expressão de uma tentativa de proteção contra emoções perturbadoras, para as quais, possivelmente, não estariam preparados. Ao banalizarem os casos de morte com os quais tiveram contato, não necessitam dar atenção a eles, de modo que isso os livra da angústia de deparar-se com a possibilidade da própria morte e da tristeza gerada pela ruptura do laço com alguém muito querido. No caso da mãe, este modo de

vivenciar tais situações parece ser consequência de seu trabalho como auxiliar de enfermagem na área de oncologia, uma vez que, segundo ela, envolver-se sentimentalmente com pacientes terminais poderia levá-la a vivenciar muito sofrimento diante da morte de cada um deles.

O pai, por sua vez, procurou ressaltar que, embora muitas pessoas adoçam por não saberem dar continência às emoções decorrentes das perdas, ele esforça-se para amenizar o próprio pesar, acreditando ser mais forte do que aqueles que entram em estado depressivo após o falecimento de alguém querido. Todavia, mesmo defendendo-se de suas emoções mais dolorosas, ele não conseguiu evitar o encontro com algumas emoções advindas junto à recordação da morte de sua mãe (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Tem, de certa forma, assim, o lado sentimental, a gente realmente é (...) tem o lado (...) de você perder uma pessoa querida, né. Então tem aquele abalo. Dependendo da pessoa, a pessoa pode até ter um abalo emocional [...] quando a gente vê assim a pessoa querida, né, que vai, a gente recebe um (...) é um baque mesmo. Tem esse lado mesmo. A gente nunca espera que vá acontecer na nossa família, então, tem esse lado. A gente nunca, para a morte, como é uma coisa imprevisível, a gente não espera e, sendo assim a primeira vez, tem esse lado, que a gente tem esse baque de repente [...] o que mais marca depois da morte é realmente é a perda, né, a perda da pessoa e eu acho que a gente nunca está preparado também para essas situações. Pode ser que, né, a gente pensa, pode ser que venha a acontecer, mas a gente não, não, acho que não está preparado e (...) é dessa forma que eu vejo, por exemplo, que eu senti, que eu percebi, quando eu vi, né, pela primeira vez assim. (P1)

Para ele, o sentimento de tristeza originado pelo contato com a morte vem acompanhado de uma sensação de espanto, porquanto que, ainda que haja o conhecimento da possibilidade real desse acontecimento, habitualmente há a expectativa e a crença de que ele não aconteça de fato.

No que concerne às vivências do avô, este partilha com seu filho o sentimento de que a perda de pessoas queridas traz um profundo sentimento de tristeza. Porém, enfatiza a saudade como principal responsável por sua experiência de pesar (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

A gente fica sempre muito sentido por ser uma pessoa querida, conhecido, um amigo, tanto faz, ou parentes. E a gente fica muito sentido (Vh1)

Ele havia perdido a esposa dois anos antes da realização da entrevista e se remeteu à data da morte dela, recordando-se detalhadamente do ocorrido (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Ela morreu em 29 de agosto de 2006 (...) ela estava respirando forte, né (...) e tinha mania de roncar. Então, tinha mania de roncar, estava roncando, né, e roncando forte e roncou, roncou e parou. Quando parou, eu achei esquisito e fui ver, já estava falecida, né [referindo-se a esposa]. (Vh1)

Frente a essa lembrança, ele sentiu o deflagrar da tristeza:

Ah, a gente sempre fica muito (...) fica sentido. (Vh1)

A perda da esposa o lançou rumo a um mundo potencialmente solitário e vazio, ante ao qual se tornou muito difícil continuar existindo. De acordo com Brown (2001), em situações em que os filhos são independentes ou já construíram suas próprias famílias, o cônjuge sobrevivente é quem terá maiores dificuldades em lidar com a perda. Nesta etapa do desenvolvimento, a maioria dos casais está experienciando menos responsabilidades relacionadas à família e disponibilizam tempo para maior proximidade entre si. Além disso, como apontado por Parkes (1998), quando um dos cônjuges morre, aquele que fica precisa reorganizar toda sua vida, uma vez que a morte do cônjuge costuma vir associada a outras perdas – renda, casa, amigos – o que pode dificultar ainda mais a elaboração do luto, na medida em que nem todos conseguem passar por essa etapa de modo satisfatório.

Segundo Bromberg (1994), no início do processo de viuvez, existe uma forte necessidade de manter o outro vivo por meio de lembranças e tentativas de contato, sendo que o esquecimento significaria uma espécie de esvaziamento quando ainda não há a possibilidade

do estabelecimento de novas relações. O avô, ao perceber o falecimento da esposa, encontrou na oração uma forma de ajudá-la e de aproximar-se dela (*O cuidado com o outro: orações para o falecido e preocupação com os familiares enlutados*):

A primeira coisa que pensei (...) pedi a Jesus para que leve e salve a alma dela, que leve para o céu, na eternidade da felicidade, né. Rezei e depois avisei aos filhos, a todos, e (...) a gente fica sentindo com a perda, mas na esperança de que aquela pessoa está salva né [...] e que eles estão tomando conta da gente. (Vh1)

E o sentimento de aproximação com a esposa ainda permanece, ao acreditar que, mesmo após a morte, ela ainda continua cuidando dele. Mas o ritual de realizar orações com o intuito de ajudar a pessoa que morreu não se limita apenas à esposa, pois trata-se de uma atitude recorrente em sua vida ao se deparar com a morte de pessoas conhecidas:

Eu sempre peço a Deus que leve ele, salve ele, não condene no fogo do inferno, que leve para o céu, felizmente e eternamente. (Vh1)

A preocupação com o outro em situações de perda também foi revelada pelo adolescente como um de seus modos de ser diante da morte. Entretanto, para ele, a preocupação faz-se presente diante da família enlutada, e não frente àquele que de fato morreu (*O cuidado com o outro: orações para o falecido e preocupação com os familiares enlutados*):

Ah, um pouco triste, né, porque da família assim, se acontece alguma coisa, fico pensando como a família sente, mas (...) nada mais. (Ad1)

Ao (pré) ocupar-se com aqueles que estão sofrendo, o adolescente esquece seus próprios sentimentos e evita angustiar-se com a morte. Com essa postura, ele busca minimizar suas emoções, dizendo que quem sofre são os outros, mas não ele. Nesse sentido, as perdas ao seu redor aparecem naturalizadas e banalizadas e, por conseguinte, impossíveis de atingi-lo.

Como apontado anteriormente, nessa família a perda mais significativa e impactante até então vivenciada foi a morte da avó de Ad1. Durante muito tempo ela sobreviveu à doença que a acometia e seu estado de enfermidade encontrava-se cada vez mais grave. Frente a esse padecimento comovente, a mãe considera ser mais fácil aceitar a morte, uma vez que ela vem a ser um consolo para aquele que está sofrendo (*A aceitação da perda: empatia ante ao sofrimento do outro*):

Então, de repente, estava ali, já estava acamado, tudo, já estava tudo (...) sabe, já não conseguia sobreviver sozinho, então foi para algo melhor. Então (...) não dá aquela agonia assim de você ficar abatido, essas coisas. Tanto que quando minha sogra também faleceu também foi assim, foi mais tranqüilo assim, né. (M1)

Para ela, o fato da avó já ser idosa e sofrer devido à doença parece tornar-se um fator facilitador na aceitação e enfrentamento do luto. Testemunhar o sofrimento da sogra afligiu-a de maneira intensa, levando-a a acreditar que a morte se apresenta como um alívio e um prêmio àquele que não pode mais desfrutar da vida com plena saúde. Ao morrer, a sogra deixou de padecer da dor física e da angústia de ver a morte aproximar-se a cada dia, para, enfim, repousar em uma nova vida, na qual o sofrimento estará ausente (*O auxílio da fé: a busca de força e conforto ante a morte do outro*):

A gente acha assim que ele partiu para uma vida melhor, né. Que, assim, já cumpriu a missão aqui né. E (...) foi assim, mesmo que a pessoa seja nova, se foi é porque é aquele tempo que tinha que viver mesmo. Ele já veio aqui, cumpriu a missão e foi embora, né. Está vivendo num (rs) outro lugar melhor, né. (M1)

Assim, apesar de relatar que a morte da sogra foi aceita com facilidade, o fato correspondeu a um divisor de águas em sua trajetória existencial, direcionando-a a variadas e novas formas de ver e compreender o mundo, bem como a sua própria existência (*Reflexões ante a morte do outro: reconhecendo-se mortal e o temor de novas perdas*):

Ela usava aquelas coisas tudo velha [referindo-se à sogra], achando que um dia ia precisar, né. Então, quer dizer, não aproveitou nada do que tinha, assim, materialmente (rs), e (...) morreu. Então, a gente começa, assim, a achar que não adianta você ficar querendo guardar alguma coisa, ou tipo, deixar de (...) se tem condições de viajar, ou, tipo, não vai para depois ir, querer ir depois. Depois a pessoa falece e não vai a lugar nenhum. Então, a gente (...) depois disso que a gente começou a (...) a raciocinar melhor, né, em relação a isso. (M1)

Nesse sentido, tal perda a fez pensar sobre sua própria vida e seus hábitos, desvelando para si a possibilidade de sua finitude:

Então, até então quando não tem um, assim na família que já todos estão velhinhos, mas ainda não tem assim, uma morte na família, você não pensa muito (...). Porque, como nasceu muito naquela época, agora começa, né (rs) tem muita morte também. Então, aí a gente começa a raciocinar, porque vê como vem desencadeando, né. (M1)

Portanto, a morte de pessoas queridas levou M1 a perceber que a sua própria morte não é algo tão distante, de modo que isso a fez refletir sobre a brevidade da vida e a necessidade de aproveitar o presente (*Reflexões ante a morte do outro: reconhecendo-se mortal e o temor de novas perdas*):

Então a gente vai lá no velório, tudo, aí a gente volta, a gente começa a analisar, aí depois passa mais duas ou três semanas: ah, fulano morreu, né. Aí a gente volta e começa a analisar que a vida é muito curta, né. A pessoa nem (...) quando, quando a situação, de repente a financeira melhorou ele se foi. Quer dizer, tipo, quase que nem aproveitou, né (rs). Então, tipo assim, para que deixar para frente. Então, a gente começa a analisar assim [...] uma parte é bom, assim, porque você melhora seu (...) sua qualidade de vida de um jeito ou de outro, você consegue melhorar, né. (M1)

Como fruto de suas reflexões, ao aprofundar-se em suas vivências relacionadas à morte e ao morrer, a mãe realizou a compreensão de que é um vir-a-ser delimitado pelo tempo e que, em decorrência de sua finitude, deve voltar a atenção a sua própria vida, apropriando-se dela, fazendo suas escolhas de modo a construir a si mesma, pois, a qualquer instante, a morte pode surpreendê-la.

Com relação ao modo como os colaboradores vêem as compreensões da família diante da morte (**Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte**), observa-se que o assunto apenas é trazido à tona diante de seu acontecimento, limitando-se a breves comentários sobre o ocorrido (*Abordando a morte de maneira fugidia: os “casos de morte”*):

Ela estava assim, sofrendo, né. Que nem, meu sogro fala assim que, que estava agüentando por causa dos medicamentos, né. Que agora, de repente, está num lugar melhor. Mas também, não fica assim, comentando muito aqui. (M1)

Eu não sei te dizer, assim, porque, cada hora é uma coisa, né, que a gente foi, bom, faleceu, foi dessa para melhor, né, então, tipo assim, é (...) se a pessoa vai voltar, a gente não, não (...) na brincadeira a gente fala né, ah na próxima reencarnação, assim, sabe, mas não tem uma assim (...) fica conversando sobre esse assunto. (M1)

Já o pai aponta que, ante essas ocasiões, a família evita tocar no assunto por ser algo doloroso. Para ele, a fuga de conversas que remetessem à morte de sua mãe foi uma forma de evitar que entrasse em depressão (*O silêncio diante da morte: afastando o sofrimento*):

A gente não tem o costume de ficar conversando, mas quando falece as pessoas a gente também, fica pensando, assim, é (...) acho que é o lado mesmo de quem fica e depois de quem vai, entendeu [...] é que a gente foge, né, dessas situações (...) não sei se é proteção, assim, para a gente não entrar em depressão, nada, né, a gente evitava até de falar muito a esse respeito, entendeu, mas, assim, depois de alguns dias a gente voltou a falar e, agora assim, durante a situação foi mais um silêncio, entendeu, da família [referindo-se à morte da mãe]. (P1)

Seu filho confirmou essa situação ao dizer que após a morte da avó seus pais não conversaram com ele sobre o fato ocorrido:

Não, não falaram assim comigo não. (Ad1)

Esse silêncio revela que no viver cotidiano os integrantes dessa família procuram manter a morte distante, embora fique claro que, mesmo encoberta, a dor pela perda ocorrida há dois anos ainda se faz presente.

Com o decorrer das entrevistas, os colaboradores também encontraram abertura para mergulharem em suas vivências relacionadas aos sentidos da vida diante da inevitabilidade da morte (**Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência**). Assim, o adolescente enfatizou a necessidade de aproveitar a vida (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

A gente tem que aproveitar. [...] Tento não ficar pensando para pensar em outras coisas, né: no futuro. (Ad1)

Para ele, apreciar essa vitalidade implica em não pensar na morte, de modo a mergulhar no seio da vida e lançar-se aos projetos e planos futuros na tentativa de vislumbrar novos horizontes existenciais. De maneira semelhante, o pai também destacou a necessidade do deleite da vida. Entretanto, o fato de pensar em sua própria morte durante a entrevista o fez olhar para a sua trajetória existencial e refletir acerca de suas conquistas e projetos (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

A gente vê a morte e aí a gente vê a necessidade de aproveitar melhor a vida, né [...] até uma certa idade, a gente não sabe o que é viver. Aí depois a gente passa a ter uma maturidade, a gente vê com outros olhos, né, também, a vida, né. (P1)

Nesse sentido, a angústia de perceber-se enquanto um ser que tem o tempo e, conseqüentemente, a finitude como seu horizonte inexorável, impulsiona-o para a construção e realização de seu próprio ser, ajudando-o a ressignificar sua vida e a seguir rumo às conquistas dos objetivos idealizados (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*):

Aí você quer, você quer fazer as coisas mais rápido, acontecerem mais rápido, e às vezes, recuperar o tempo perdido que você não pode estar fazendo lá atrás quando você era mais novo. Aí você quer estar (...) ver se você realiza. Quando a gente era mais jovem, a gente não tinha muita cabeça, né, na parte, por exemplo, afetiva, na parte, é, na família. Então, a gente tinha muito mais (...) não pensava muito nesses

aspectos, né [...] então, é nas idades mais avançadas que a gente vê que tem coisas que a gente não conseguiu realizar e que a gente tenta realizar mais futuramente [...] os acontecimentos, né, que você tem na vida, que te impulsiona para viver, acho que (...) acho que assim, são as realizações, que nem, por exemplo, no lado da vida a gente almeja realizar várias coisas. Acho que impulsiona aí (...) acho que todo mundo tem essa necessidade na vida (rs), né. (P1)

Para ele, os erros cometidos na juventude e os impasses encontrados para a realização de suas metas o impulsionam a novos desafios, principalmente no que tange ao cuidado e às responsabilidades direcionadas à família. Por conseguinte, seu projeto existencial se desenvolve em virtude de seu filho e de sua esposa, de modo a deixá-los amparados na ocasião de sua morte (*Compartilhamento do existir: viver é estar junto ao outro*):

Então, também, no meu caso, como eu te falei, né, a gente pensa na morte, a gente pensa nas pessoas que ficam. Então, é da mesma forma quando a gente pensa da vida. A gente tem que estar, né, assim, aproveitando e tem aquele (...) aquela vontade de estar (...) de trabalhar e deixar alguma coisa, né, para eles, para não estar passando dificuldades, em termos, né. (P1)

A mãe, por sua vez, tal como o esposo, ressalta a importância da superação das adversidades apresentadas pela vida, enfatizando a importância que há em sempre estar preparada para lidar com as surpresas desagradáveis que rotineiramente vêm ao encontro de todos (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*):

Aí, como que eu vejo, assim, que (...) que não é nada daquilo que a gente calcula, né [...] De repente você planeja uma coisa e muitas vezes não é. Então, assim, tem muita coisa que vem de surpresa, assim, sabe, tanto as coisas boas, como coisas assim mais difíceis, mas (...) como que diz, todo mundo dá um jeito, né. (M1)

O avô, por seu turno, diferentemente dos demais colaboradores dessa família, foi o único a não se referir ao viver do ponto de vista do desejo de aproveitar e de superar adversidades da vida. Para ele, o fundamental é viver de acordo com os princípios morais e religiosos, de modo a projetar suas expectativas na providência divina (*Escolhas na vida: a existência ética, moral e religiosa*):

A vida, a gente nasce, cresce e sempre, sempre procura pedir o que (...) a gente acredita em Deus e, também, se acredita em Deus, a gente pensa em favorecimento d'Ele, né. Penso sempre que tenho que viver uma vida de verdade, certo, porque (...) não prejudique ninguém, não faça, por exemplo, extravagância, coisa errada e (...) que sempre tenha no coração favorecer os companheiros necessitados [...] nem mentir (...) penso assim. Eu penso que tem que viver corretamente, certinho, sem prejudicar ninguém e que tenha uma morte em paz, né. (Vh1)

O apoio religioso diante da idade avançada, que a cada dia o leva em direção à morte, é um alento à constatação de que não lhe resta mais tempo para almejar grandes realizações em vida. Para si, vê a possibilidade de um morrer tranquilo e sem sofrimento, que poderá ser alcançado como um prêmio que é oferecido àqueles que tiveram um boa conduta ao longo da vida. Sua existência apresenta o tom nostálgico de quem viveu e compartilhou uma vida, mas que agora apenas pode projetar-se enquanto única possibilidade: a possibilidade de não-ser.

Quando questionados acerca de como se sentiram ao falar sobre o a morte e o morrer, os colaboradores reafirmaram o que disseram ao longo da entrevista:

Ah, uma coisa que (...) acontece, né. Adversidade, da vida. Se eu não encarar, quem vai encarar por mim? (Ad1)

É uma etapa da vida, uma a mais. Normal, independente do que (...) não tem nada assim de (...) tem gente que fala assim: Ai, este assunto me deixa triste, me (rs) tem pavor disto. Não, é uma coisa assim, que (...) é, tipo assim, a mãe engravidou, o bebê vai nascer, se a gente está aqui, nós vamos morrer e ninguém voltou para trás, não é?! Como o bebê não voltou (rs) nunca ninguém nunca voltou para a barriga de novo, e nós também, acho que nós não vamos voltar (...) É a mesma etapa, né. Do mesmo jeito que a mãe vai parir o filho, nós vamos ter que encarar a morte. (M1)

É um assunto que dificilmente a gente fala da própria, da gente mesmo, a gente sempre (...) não é porque (...) não sei se a gente evita, ou não quer comentar, ou não quer (...) tem isso também, né. Mas é que nem eu te falei, a gente tem um pouquinho de medo também, né, mas assim, falando, conversando, eu acho que foi uma (...) é que o assunto é, como a gente não sabe como é, a gente só imagina, então, é uma coisa da nossa imaginação, assim, a gente (...) eu (...) não é que não tenho medo, eu tenho um medo sim, mas é (...) acho que foi tranquilo, não é (...) não chegou assim a ser uma coisa (...) aquele assunto que te altera, que te (...), entendeu. Acho que foi um assunto, assim, normal. (P1)

A gente recorda um momento, né, um momento que passou e sempre fica sentido né, com aquela perda, porque já a gente não tem mais contato, né, somente no pensamento, né (...) Ah, a gente sempre fica muito (...) fica sentido. (Vh1)

O adolescente manteve o mesmo distanciamento em relação ao assunto, apenas reiterando que considera a morte algo universal e que precisa ser encarado por todos, inclusive por ele. Sua mãe enfatizou a inevitabilidade e a naturalidade do morrer, dizendo que para ela a conversa sobre o tema decorreu de forma tranqüila, uma vez que considera a morte como mais uma etapa da vida. O pai salientou que a morte é uma incógnita, apesar de considerá-la algo que faz parte da vida humana. Ele acredita que a entrevista lhe possibilitou entrar em contato com alguns de seus medos, bem como falar sobre um assunto que escapa ao pensar cotidiano. Com relação ao avô, disse ele que a entrevista o levou a recordar momentos e perdas passadas, fato que fez emergir um sentimento de tristeza devido à saudade das pessoas queridas que se foram e que não voltam mais.

Síntese compreensiva

Quando lançamos um olhar compreensivo, especialmente às falas iniciais dos colaboradores da **Família 1**, observamos que os quatro colaboradores aludiram à morte a partir de um ponto de vista naturalizador e universal, no qual tratavam o assunto sob certo distanciamento, que, em certas situações, desenvolvia-se numa banalização e negação.

À medida que a entrevista se desenrolou, referências às experiências de perda, bem como à própria finitude, começaram a se desvelar. Nesse desvelamento, o sofrimento e o impacto vivenciados pela perda de um dos membros da família são expressos de modos semelhantes pelos quatro colaboradores, mostrando isso que a maneira como lidam com a morte tende a se repetir de alguma maneira ao longo das gerações. A existência dessa família encontra-se impregnada pelo luto decorrente da morte de um de seus membros. Contudo, essa perda continua sendo um assunto velado e os sentimentos decorrentes dela são negados na maior parte do tempo, levando cada um a vivenciar sua dor de maneira solitária e silenciosa.

As tentativas de simplificação identificadas nos relatos dos colaboradores parecem ser a maneira que encontraram para lidar com os próprios sentimentos relativos ao morrer. No entanto, as reflexões que fazem acerca da própria existência revelam profundidade durante o mergulho nas próprias experiências, mostrando que, apesar do silêncio rondar a família em suas vivências de perda, o momento da entrevista abriu-lhes a possibilidade de falar sobre seus sentimentos e experiências relacionados à morte e ao morrer, bem como lhes deu a oportunidade de lançarem um olhar para suas próprias vidas, facilitando reflexões sobre passado, presente e futuro.

Os relatos mostram que, apesar da inevitabilidade da finitude, no viver cotidiano a morte é representada de maneira obscura, permanecendo relegada a uma preocupação para o fim da vida. No entanto, a oportunidade de troca intersubjetiva propiciada pela entrevista fenomenológica, possibilitou um movimento de saída da impessoalidade rumo a um modo de ser próprio (autêntico). A abertura para que falassem livremente sobre as perdas de pessoas queridas, sobre a morte de si e sobre a própria vida, contribuiu para que, pelos menos nesta ocasião, cada integrante da Família 1 voltasse seu olhar para suas experiências idiossincráticas e refletisse sobre as indissociáveis relações entre o viver e o morrer. É Nesse sentido que Heidegger (1927/2009) afirma que o eu, apesar de plural e impessoal, também tem como condição ontológica ser singular. Assim, mesmo havendo diversas significações acerca da morte e do morrer pautadas na história, cultura, sociedade e grupo familiar, para cada um, morte e morrer se manifestam de maneiras distintas, de acordo com os variados modos de ser do homem no mundo.

No encontro com o adolescente, desde o início da entrevista ele se manteve fechado ante às questões, procurando, na maior parte do tempo, banalizar e naturalizar os acontecimentos relacionados às perdas e ao próprio morrer. Tal postura diante das questões revela, sobremaneira, como ele se relaciona com a morte, a saber, evitando-a e defendendo-se

dela, na medida em que tenta mostrar-se superior e impenetrável a este acontecimento. Ele procura referir-se à morte como algo real e que pode ocorrer a qualquer instante de sua vida, salientando a necessidade de encará-la de frente, uma vez que ninguém pode vivenciar esse momento em seu lugar. Contudo, apesar da aparente aceitação da finitude, o adolescente também esconde certa fragilidade diante do assunto, na medida em que revela preferir não se preocupar com a morte, uma vez que o futuro e a vida exigem-lhe mais atenção. Nesse sentido, ao preocupar-se com seu vir-a-ser, a idéia da morte é mantida à distância e, com isso, não permite que sua existência seja tocada pela angústia de perceber-se como um ser-para-a-morte.

Opondo-se ao filho, a mãe se apresentou disposta a expor seus sentimentos, pensamentos e atitudes diante do tema abordado. Embora tenha abordado a morte no início da entrevista sob um ponto de vista geral e religioso, com o decorrer das perguntas, mergulhou cada vez em suas experiências, possibilitando aprofundar suas vivências relacionadas ao assunto. Cabe aqui lembrar que essa colaboradora, diariamente em seu trabalho, está em contato com a fragilidade humana diante da morte em seu trabalho na área de oncologia. Essa proximidade parece ter facilitado que ela transpusesse sua visão impessoal e universal acerca do assunto, para, então, lançar sobre ele um olhar mais profundo, o qual lhe permitiu relacionar-se com a morte como algo próprio e inexorável.

Além da profissão, a mãe também se referiu ao avanço da idade como fator que a impele a refletir sobre a proximidade da morte. Para ela, ver-se com quarenta anos e, ao mesmo tempo, observar que o tempo traz de maneira desencadeante a morte das pessoas mais velhas que ela, é perceber-se atravessando o caminho da morte, de modo a poder ser atropelada por ela a qualquer instante. Ao ver-se frente-a-frente com a brevidade da vida, a morte, para M1, configura-se como uma mola propulsora que a impulsiona rumo à superação das adversidades e leva-a a responsabilizar-se por sua própria existência. De acordo com

Critelli (2007), a partir do momento em que o humano se dá conta de seu ser, ele necessita construir a si mesmo dentro de um horizonte temporal que se insere entre o nascer e o morrer. Portanto, ao dar-se conta de sua temporalidade e ver-se diante de sua finitude, a mãe mantém-se aberta a quaisquer possibilidades que cruzem sua existência.

Com relação ao pai, desde o início ele procurou enfatizar que o mais inquietante no pensar sobre a morte são as incertezas quanto ao que acontece nesse momento. Tais incertezas advindas juntamente à idéia da morte, remete-o à angústia de perceber-se frente ao desconhecido. Como conseqüência, ao ver-se diante do “*nada*”, ele busca negar sua angústia, naturalizando e banalizando a morte e os sentimentos relacionados a ela.

No decorrer da entrevista, a morte desvela-se para o pai enquanto perda na medida em que ele recorda-se da sua mãe e da maneira como lidou com a sua morte. Neste momento, ele reconhece que a morte de alguém querido, especialmente a da sua mãe, é um evento impactante, para o qual nunca se sente preparado. Nesse sentido, a perda o retira de seu estado de distanciamento da morte, levando-o a perceber que a morte acontece não somente com e para o outro, mas também para si mesmo e seus familiares. Assim, ao observar a fragilidade humana ante a poderosa morte, o pai salienta que a certeza da inevitabilidade da finitude o impulsiona em direção a novos desafios e realizações futuras, bem como o faz olhar para tudo o que já experienciou até o momento. Este movimento entre passado, presente e futuro o faz vislumbrar novas possibilidades existenciais, sendo que a morte, por ser considerada a possibilidade última, o faz perceber a necessidade de desfrutar de tudo o que a vida lhe proporciona.

Quanto ao avô, suas vivências mostram que falar sobre a morte é relembrar pessoas queridas que coexistiram lado a lado com ele, mas que no momento apenas podem fazer parte de suas lembranças solitárias. A fim de fugir da solidão e sentir-se próximo às pessoas que se foram, ele procura conversar com Deus em suas orações, de modo a pedir para

que aqueles que já não estão mais ao seu lado possam, ao menos, estar felizes em algum outro lugar. Através de suas preces, portanto, ele acredita estar ajudando as pessoas que morreram, ao mesmo tempo em que também se sente cuidado por elas. Nesse sentido, o avô mostra-se como um ser que se relaciona com dois mundos, a saber, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, de modo que assim sua perda é atenuada ou até suprimida, uma vez que seu relacionamento com as pessoas que se foram continua de uma forma transformada. Com 86 anos de vida, ele com frequência pensa sobre a proximidade de sua finitude e parece sentir-se conformado em não desejar nada mais para sua vida que saúde, felicidade e uma morte tranqüila e sem sofrimento. Seu futuro, destarte, parece não pertencer mais a esse mundo, e sim, a um inevitável e esperado encontro com a morte.

Considerando-se o que foi apontado sobre essa família até o momento, podemos conjecturar, portanto, que a possibilidade de falar sobre um assunto que foi recusado pelas demais famílias contatadas por intermédio da escola, foi vista como uma atitude de coragem, ou, talvez, uma atitude que refletiu a própria necessidade destes colaboradores conversarem sobre um assunto que se fazia presente de maneira adormecida em suas vidas, desde a morte de um de seus entes queridos. Essa família mostrou que, a despeito de dificuldades iniciais, falar sobre morte é falar sobre vida, pois, poder falar sobre uma experiência de perda, até então evitada, oportunizou reflexões e a abordagem de suas vidas sob outra perspectiva.

FAMÍLIA 2

Na Família 2 foram entrevistados cinco colaboradores, a saber, o adolescente (Ad2 - 14 anos), seus genitores (M2 - 43 anos e P2 - 51 anos), bem como sua avó (Vm2 - 78 anos) e seu avô (Vh2 - 81 anos), ambos maternos. Todos são católicos, embora não freqüentem a igreja com freqüência. A perda mais significativa relatada pelo adolescente e seus genitores foi a da avó paterna, ocorrida há cerca de três anos. Quanto aos avós, ambos relataram como perdas mais significativas as mortes de dois irmãos de Vm2, uma ocorrida há dez anos e a outra há oito anos. Esta última, aliás, ocorreu exatamente na mesma data em que Vm2 e Vh2 comemoravam bodas de ouro, tendo sido necessário, por isso, cancelarem a festa que planejada para a ocasião. Além dessas, apesar da avó não ter citado como perda significativa a morte de um neto, essa acabou por emergir e ser citada ao longo da entrevista e, por isso, também julguei relevante citá-la.

No primeiro momento das falas do adolescente, o morrer foi aludido sob o ponto de vista das perdas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**):

Ah, eu vejo (...) para mim morrer é normal, mas pessoas queridas mesmo, por exemplo, pessoas queridas para mim, acho que vai chocar muito mais que, por exemplo, você ver alguém mais conhecido, mais distante morrendo. Eu não penso muito na morte, eu prefiro não pensar, mas se acontecer, aí eu já vou ficar mais sentido do que o normal. (Ad2)

O adolescente, no primeiro momento de sua fala, aparenta indiferença ante o morrer, naturalizando-o. No entanto, logo em seguida, afirma que imaginar a morte de pessoas queridas é um evento extremamente doloroso e que, por isso, ele prefere evitar pensar sobre o assunto (*Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro*). Tentar não pensar sobre a possibilidade de perdas futuras é uma maneira de negar que esse acontecimento também possa acontecer com alguém que lhe é afetivamente próximo. Ao

retirar a morte de seus pensamentos, ele não necessita conviver com essa desagradável presença, podendo, portanto, viver como se ela não existisse.

No que concerne à avó, tal como o neto, ela também iniciou a sua fala remetendo-se às perdas advindas a partir da morte de pessoas queridas (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Ah, é um assunto um tanto doloroso para você saber como é que é, mas enfim, a gente sabe que a gente não é eterno, né. A gente não é eterno. A gente vai (...) nasce, cresce, vive e morre, não é. E assim, eu penso assim, que a gente tem que, a gente sente muito, é uma dor que não tem explicação. A perda de pai, de mãe, de um irmão assim, ainda mais novo do que eu, os dois eram mais novos (...) é uma perda assim que não tem explicação, é muito dolorosa, é muito triste e é uma coisa que fica no subconsciente da gente, gravado. Fica gravado no, no, na memória da gente essas tragédias (...) essas tristezas, essas coisas, mas a gente tem que tentar superar para poder sobreviver, senão não sobrevive né. (Vm2)

Para ela, a idéia de ter que conviver com a certeza da morte atravessando sua vida, ameaçando-a com a iminência de poder levar as pessoas que ama embora, é algo que lhe faz sofrer intensamente. Em sua fala, ela reconhece que a morte deve ser vista como parte da existência, contudo, ao mencionar como se sente no tocante ao assunto, revela vivenciá-lo como uma tragédia que, ao cruzar a existência humana, provoca sofrimento e dor.

Nas entrevistas de M2, P2 e Vh2, os três, ao refletirem acerca da morte, inicialmente direcionaram seus relatos às reflexões concernentes à própria finitude (**Saber-se mortal: existindo na finitude**) e aos sentimentos que acompanham este tema:

Ah, é difícil (...) eu, é o que eu falo, antes, bem antes, a gente, eu nunca pensei nisso, nesse ponto. A gente sabe que um dia todo mundo vai morrer, mas eu nunca, assim, parei para pensar e hoje eu paro porque eu tenho dois filhos. Entendeu? Então, o meu maior medo é que eu venha a faltar, quem vai fazer por ele o que eu faço? Você entendeu? É (...) nesse sentido, eu tenho pavor de que me aconteça alguma coisa e que eu deixe meus filhos. (M2)

Na realidade eu nem, nem procuro pensar nisso aí, nem procuro lidar com isso aí. Não sei. Se a gente falecer, ninguém voltou para saber se é bom ou ruim, a gente vai ver depois disso aí. Então, eu procuro automaticamente não pensar nisso daí. Eu não sou uma pessoa que fica, uh, vou me preparar para a minha, vou falecer daqui dez anos, que é o natural da vida com 75, 80 anos, que eu vou me preparar para isso (...). Não. Eu procuro não pensar nisso aí, entendeu. (P2)

A morte é (...) eu tenho medo da morte, eu tenho medo. Não da morte, mas sim do sofrimento para morrer [...] sofrimento para morrer, eu tenho medo desse sofrimento (...) entendeu. (Vh2)

A mãe, logo no início de sua entrevista, referiu-se à morte como um assunto muito difícil de ser abordado, pois se trata de um evento que a remete a sentimentos de pavor, principalmente quando pensa na falta que faria aos filhos (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*). Ela reconhece a morte como um evento inquestionável, contudo, a aceitação desse fato ainda é algo que não consegue elaborar sem sofrimento.

O pai principiou a entrevista buscando negar o assunto, de modo a afastá-lo de perto de si (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora*). Ele não disse abertamente que tem pavor de morrer, como fez a sua esposa, no entanto, sua atitude imediata em dizer que procura não pensar na morte deixa evidente o medo que o contato com o tema lhe despertou. Sua negação é tão intensa, que ele sequer pronunciou a palavra “morte” neste início de entrevista, preferindo referir-se a ela como “*isso aí*”, ou seja, a personagem assustadora e desconhecida que deve ser mantida à distância.

O avô, por sua vez, já no primeiro momento da entrevista, fez alusão ao temor que sente ao pensar no momento de sua morte e, principalmente, no que se refere ao sofrimento que poderia vivenciar neste momento.

Como uma maneira de se protegerem das emoções despertadas pelo momento inicial da entrevista, o adolescente e seus genitores buscaram mencionar o assunto a partir de concepções mais gerais relacionadas ao tema (**Os sentidos da morte na existência**), conjecturando que a morte poderia ser uma continuação da vida (*Morte como prolongamento da existência e transição para uma vida melhor*):

Você vai para o outro lado, você não vai mais estar com corpo e alma, você vai estar só alma, para mim assim. Ah, eu acredito que tem outro lugar, que a gente morre, que quando a gente morrer, a gente vai para lá, né, acredito eu. (Ad2)

A gente, como a gente acredita em céu, acredita, se você tem alguma crença, alguma coisa, você fala, não, eu vou para um lugar melhor. (M2)

Eu acho que existe um prosseguimento após a morte, entendeu. Eu acho que existe, eu acho que deve existir [...] Eu acho que pode haver uma reencarnação, entendeu. Se você não aprendeu agora, você vai aprender de novo e volta para você ver, até você aprender, entendeu. (P2)

Ao se referirem à morte como uma continuação da vida, os três continuam a negá-la enquanto uma questão a ser pensada no presente. Suas falas, ainda fugidias, mostram que eles ainda não conseguem fazer menção à morte sob um olhar mais próximo e pessoal, preferindo, com isso, acreditar que não poderão ser atingidos por ela tão brevemente.

Ainda no mesmo movimento de tangenciar a temática, de modo a não se deixar seguir por um caminho de vivências singulares, o pai, a mãe e a avó desenvolvem seus relatos a partir de uma linguagem genérica e universal, que é caracterizada pela abordagem pública cotidiana inerente à vivência inautêntica (*A naturalização: a certeza da morte enquanto um processo inerente à vida*):

É o natural da sua vida, você nasceu, viveu, automaticamente você vai morrer também, entendeu. (P2)

Porque a gente sabe que um dia todo mundo vai [...] imagine se ninguém morresse, não é verdade, se tivessem todos aqui ainda (rs), entendeu. Porque a partir do momento que você nasceu, você vai crescer e vai morrer. É a (...) já é a lei da vida. (M2)

A gente se conforma com a morte porque tem que se conformar, é uma coisa justa, porque se a morte viesse só para os pequenininhos e os grandes não fossem, era uma coisa mais complicada para se pensar, né. Mas não. É todo mundo, chega a hora vai. (Vm2)

Nesse sentido, ao se manterem mergulhados na impessoalidade, para eles a morte permanece, aparentemente, como mais um evento naturalizado e, portanto, inserido na não-surpresa característica de tudo o que vem ao encontro da existência cotidiana.

O avô foi o único integrante dessa família a conseguir, desde o início da entrevista, penetrar emoções mais submersas, de modo a deixar aflorar angústias decorrentes do

mergulho em um universo desconhecido e assustador apresentado pela morte. Frente a essas emoções, o morrer é desvelado como aniquilador dos projetos de vida, uma vez que, ao aparecer diante do viver humano, interrompe sonhos e deixa vidas incompletas (*Morte como a impossibilidade do existir*):

A morte para mim é como (...) você que é jovem, você está estudando para ser uma psicóloga amanhã, atender muita gente, para você fazer alguma coisa para essa humanidade. Agora se você vim a morrer neste período, você deixou de completar um sonho seu. Você deixou, você não completou esse sonho. Esse sonho não se realizou, ficou na metade. Então para mim é isso, a morte é como se fosse uma árvore que você planta que (...) você planta hoje, vai molhando, ela vai crescendo, ela vai dar frutos e estes frutos vão servir para muita gente, né, e amanhã, se essa árvore não der mais fruto, não der mais flores, o que acontece? Pelo menos a sombra dessa árvore alguém vai utilizar, alguém vai tomar essa sombra, né. E se a gente partir aí, a gente (...) parte como se diz (...) deixando alguma coisa incompleta. Deixando o que fez até aquela, aquela data que está partindo, incompleto. (Vh2)

Sob seu olhar, cada indivíduo, ao chegar ao próprio fim, precisa ter deixado um legado para as pessoas com as quais convive. Ou, nas palavras dele, necessita ter deixado “*uma sombra*” sob a qual alguém poderá tomar abrigo. Permanecer enquanto sombra, destarte, é permanecer vivo mesmo após a vida ter alcançado o seu fim. Seus frutos e flores já foram ofertados e recolhidos, mas a base que os sustentou permanecerá viva ainda por algum tempo. Quando, por outro lado, a morte apresenta-se anteriormente à realização e conquistas de sonhos e projetos, ela interrompe a possibilidade do desenvolvimento de uma história, impedindo, com isso, que a vida possa realizar-se.

Imerso nessas reflexões e percebendo-se como a árvore protetora que oferece sombra aos filhos, ele mergulha naquela que é a maior inquietação concernente ao pensar em sua finitude, ou seja, sua preocupação em abandoná-los e deixar de ser útil na vida deles (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Eu, no meu caso, eu deixo uma família, um, uns com problemas, outros sem problema, uns melhores que o outro, né, então você parte com essa preocupação, entendeu [...]. Porque hoje, embora, é aquilo que eu falei para você, a árvore se torna uma sombra e hoje eu sou a sombra deles. Essa sombra que eu digo é guiá-los,

orientá-los, é mostrar a realidade da vida como ela é [...]. Essa é uma preocupação que eu tenho, de deixar eles aí sem ajudá-los nessa parte afetiva, né [...]. Então é essa preocupação com a morte, de deixar problemas aí pra eles resolverem. Que a gente deixa, a gente vai deixar alguma coisa. Eu já estou cuidando disso, inventariando, eu estou fazendo em vida pra diminuir um pouco os problemas que possam ocorrer, que assim mesmo, sempre dá problema. Eu estou querendo, estou tentando fazer em vida. Não sei se vai dar tempo, mas estou fazendo. Para evitar complicação. É para facilitar, porque a possibilidade deles fazerem fique pesado para custear essa partilha, certo. Embora eu pretenda deixar algum dinheiro para isso aí, eu pretendo deixar, mas eu gostaria de fazer em vida para depois é só dar baixa nesse processo, custam bem mais (...) bem menos, né, para eles. (Vh2)

Ele apreende-se na medida em que pondera ser o alicerce de segurança para seus filhos, fundamentalmente no que diz respeito ao âmbito afetivo, emocional e financeiro. Fala semelhante também se fez presente no relato de sua esposa (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Às vezes fico sabe, pensando: _Ai meu Deus, eu não gostaria de (...) eu não queria morrer (rs), eu não queria morrer (rs), deixar meus filhos, eu sei que eles vão sofrer muito, né. Mas o que a gente vai fazer. Eu também sofri muito quando eu perdi meus pais, e agora, infelizmente vai chegar a vez deles, né, perder o deles. (Vm2)

Os avós temem a própria morte por se preocuparem, fundamentalmente, em como seus filhos vivenciarão essa perda. Pelos relatos de ambos, percebemos que os vínculos afetivos entre essa família são muito próximos e que qualquer evento externo que represente um abalo a essa relação é visto sob o signo da ameaça. Em se tratando da morte, ela figura como a inimiga mais aterrorizante para essa relação, uma vez que, além de significar ruptura, também representa a separação irrevogável da pessoa amada. Nesse sentido, o mesmo temor foi um traço marcante nos relatos dos genitores (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Eu penso como vai ficar meus filhos se eu vier um dia faltar na idade que eles estão. Se estão maiores, a dor é dura, é, mas se eles estão maiores, eu acho que já tem uma maneira deles se virarem sozinhos. Na idade que eles estão não, né. Dependem muito de mim. Então, nesse sentido, eu tenho pavor só de pensar. (M2)

O pensamento de deixar meus filhos aí, entendeu. Imagine se eu vir a falecer amanhã, eu acho que seria uma perda de eu deixar os meus filhos aí, entendeu (...) minha família, tudo (...) mas, se tiver que ser, será, entendeu. (P2)

A mãe, já no início da entrevista, demonstrou o temor de abandonar os filhos sem os seus cuidados. Essa preocupação é tão presente em sua vida que, em momentos seguintes, a mesma inquietação manifestou-se novamente. Para ela, a experiência de adentrar ao universo materno lhe despertou novas preocupações. Anteriormente ao nascimento dos filhos, ela não refletia acerca de sua morte, no entanto, a partir do momento em que se viu mãe e, portanto, responsável pela existência dos filhos, as reflexões a respeito tornaram-se parte de seus pensamentos.

Nessa mesma direção, o adolescente demonstra apreensão em como ficariam os seus familiares caso viesse a morrer anteriormente a eles (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Eu morrer eu não ligo, mas como é que as pessoas, as outras pessoas vão se sentir com você morto, você não estar mais ali, entendeu (...) Você imagina como é que eles vão reagir se eu não estiver mais aqui. Não é uma preocupação. Pode até ser, mas (...) é uma idéia quando acontecer, como é que vai ser. (Ad2)

Ainda que o adolescente e seus genitores tenham apresentado considerações semelhantes às dos avós nas questões concernentes à própria mortalidade, nota-se que somente os idosos se relacionaram mais proximamente com a idéia da finitude, pois eles a sentem como uma presença real em suas vidas e a vivenciam diariamente mediante a angústia. Frente a essa relação com o morrer, o casal coloca-se resignado ante a certeza de que a cada dia vivido a morte se faz mais presente (*Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude*):

Eu estou com 78 anos e estou aqui ainda né. Estou aqui ainda [...] a gente sabe que a gente não é eterno, né [...] É, não escolhe não [...] eu achava (...) meu pai morreu com 70 anos, minha mãe com 59, eu quando tiver com uns 45, 50 já vou também.

Que nada, eu tô aqui ainda (rs). Tô aqui ainda, já fiz 78 [...] Não adianta sofrer por antecipação, né. Não adianta nada ficar: “_Ai, ai, eu vou morrer, eu não quero morrer, pelo amor de Deus”. Não adianta. Eu peça ou não peça, a hora que chegar eu vou mesmo [...] A gente fica naquela né, não deve ser muito bom morrer, mas enfim, a gente (rs), a gente tem que aceitar porque é a lei do mundo. (Vm2)

É interessante isso, nossa. Você é jovem e eu já fui jovem. Quando jovem a gente sonha, a gente sonha em casar, ter filhos, ter uma casa, né, ter alguma coisa na vida. A gente nem lembra que vai morrer; a gente não pensa nisso. A gente está caminhando e quando a morte aparece de repente, como apareceu para os meus cunhados é pah, puf, acabou. Não dá tempo de você pensar na morte; não dá tempo. Então, a gente sonha em adquirir tudo isso e a morte não é prevista [...] Mas depois dos 70 anos, dos 80 anos, a gente começa a pensar nisso, porque sabe que está chegando o fim, sabe que está chegando. A década pior que existe para o ser humano é a década dos 90, de 80 a 90; dos 80, porque é muito difícil chegar aos 90. Então essa década é uma década preocupante; é uma década que você sabe, será que amanhã eu estou aqui? Porque fica imaginando. (Vh2)

Diante dessa verdade, o avô revela jamais ter elucubrado acerca da morte durante sua juventude, contudo, ao deparar-se com a entrada no mundo da velhice, inaugura-se um universo de estreitamento das possibilidades, que o arremessa ao inevitável encontro com a morte (*Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude*):

Então, nunca pensei na morte (...) nunca me preocupei com a morte. Mas depois que fui envelhecendo, já vem a preocupação, porque você entra numa, numa, numa mata, você entra na mata até a metade, a outra metade você está saindo. Como você não sabe onde é a metade, eu acho que já estou saindo faz tempo, entendeu, como a vida média humana do homem está nos 70 anos, da mulher 77, né, então eu já estou com 81, eu estou saindo da mata, né. Então essa é a preocupação; você sabe que amanhã ou depois eu estou partindo. (Vh2)

E ainda que os avós reconheçam a proximidade do próprio morrer, esse processo não se dá ausente de receios, principalmente no que diz respeito ao temor de um possível sofrimento ante a essa situação (*O desejo da boa morte*):

O melhor de tudo é quando ela pega de surpresa. Porque, você ficar no fundo de uma cama, sofrendo e dando trabalho é muito pior [...] Então, ela que chegue de surpresa (rs) fazer o que né [...] Para a gente, para quem vai, morte repentina é uma morte maravilhosa, a pessoa não sofre, não tem (...) pelo menos a gente acha que não sofre, ninguém sabe na hora ali quando uma pessoa se entrega para Deus, o que vai acontecer. (Vm2)

Porque se eu tiver dormindo e apagar, eu não vou sentir nada (...) eu não vou sentir nada. Agora se eu ficar numa cama deitado, aguardando a morte, eu vou sofrer muito; eu vou sofrer. Esse tempo de espera é que é o sofrimento da gente (...) esse

tempo de espera é que é o sofrimento da gente [...] eu gostaria de não saber o dia que eu vou morrer (rs) como não sei, e também não, não sofrer para morrer (...) não sofrer, porque esse sofrimento, nossa (...) é uma preocupação. (Vh2)

Cabe aqui considerar que, ao falarem em sofrimento, não estão se referindo apenas às dores físicas que comumente podem acompanhar algumas doenças. Em ambos, o que se mostra através do medo de adoecer é o pavor da espera pela morte. Nesse sentido, morrer de maneira repentina é uma forma de sentirem-se libertos, não só do inevitável encontro com a morte, mas também da angústia que há em aguardar o próprio fim, sem nada poderem fazer para evitá-lo.

Com o decorrer da entrevista, o aprofundamento em questões relativas ao próprio morrer faz emergir novos sentimentos. O contato com a idéia da própria finitude, em alguns momentos é tão árduo, que o pai, a mãe e avó preferem não pensar sobre o assunto a fim de o manterem afastado de suas vidas (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora*):

Não gosto muito de analisar isso daí não [...] Por ser uma situação difícil que eu não gosto de ficar falando e pensando muito nisso aí, entendeu. Não tem, não tem (...) falar o que? (P2)

Eu procuro não pensar não (rs). Eu não gosto de ficar pensando não (rs). Eu prefiro deixar ela de lado [...] Tenho medo que me aconteça alguma coisa, é lógico, mas não fico pensando não, eu procuro não pensar muito não. Se um dia tiver que chegar, que chegue e vá logo, porque não adianta a gente sofrer por antecipação, né, então [...] é meio difícil (rs) [...] Eu considero que o que eu tenho, o que eu sinto é medo da morte e eu acredito que não seja só eu que tenha medo da morte. Mas, da maneira que eu, como eu vejo isso daí, para mim, interfere no sentido que se aí, eu tiver com alguma coisinha, aí, será que é uma coisa grave, se tem uma dor, ah, o que será que eu tenho, sabe, tudo, mas também, passa aquele pensamento, passou, eu já procuro esquecer, bola para frente e entendeu. Porque acaba mexendo com você, né, pelo fato de você ter medo da morte, porque o que eu tenho é medo, entendeu. (M2)

Então, não dá para pensar muito viu. Não dá para pensar muito. A gente tem que relaxar um pouco, tentar superar certas coisas, e não ficar pensando muito na vida. É melhor não pensar. Melhor não pensar, porque, pense ou não pense, ela chega [...] Então, a gente tem que procurar fazer o melhor que a gente pode e deixar a morte para lá, não pensar muito nela, porque se pensar fica feia coisa (rs) a gente morre antes do tempo, né [...] porque, se a gente for ficar martelando muito as coisas, acaba ficando doente também, né. Não compensa. (Vm2)

O pai, desde o início da entrevista, buscou evitar o assunto, tratando-o como se fosse algo banal e que não deveria ser motivo de preocupação. A partir de seu relato, evidencia-se uma tentativa de ocultamento do medo mediante a negação dos próprios sentimentos relacionados à morte. Sua negação, destarte, configura-se como o modo de aparecer de outros sentimentos, quais sejam, o temor e o pavor de falar sobre a própria finitude.

Na mesma direção, sua esposa também prefere não abordar o assunto. Todavia, diferentemente do marido, ela aceita a existência de seu medo e reconhece o quanto lhe é difícil, doloroso e angustiante pensar acerca de sua morte. Frente ao temor, ela, assim como a avó, buscam se envolver em diferentes atividades e pensamentos, afastando, com isso, o desconforto de se deparar com a morte enquanto algo pessoal e intransferível.

Por conseguinte, protegidos pela total imersão no mundo cotidiano, essa família reconhece a morte como uma ocorrência na vida do outro e, portanto, que pode apenas ser desvelada enquanto perda e não como um problema pessoal e intransferível. Nesse contexto, os avós lançam-se a uma temporalidade distinta, na qual se deparam com perdas de pessoas amadas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**) e com as lembranças advindas junto a essa vivência (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Meu pai e meu irmão mais velho morreu de derrame cerebral e meu irmão caçula morreu de infarto. Então, foi fulminante, não teve jeito [...] Minha mãe ficou sozinha até morrer. Antes de morrer, dois dias antes, ela estava hospitalizada, ela chamou minha irmã mais velha e falou: _ “Eu saindo do hospital, agora vou morar com você”. Ela teve parada cardíaca, então não descansou. Só que dois dias depois ela faleceu. Então ela morreu morando sozinha, morreu no hospital. (Vm2)

Meu cunhado, por exemplo, quando estava lavando o carro para ir na festa da minha boda, caiu, foi para o hospital e morreu. Tive que suspender a minha festa de bodas de ouro, porque tinha que fazer velório junto. (Vh2)

Falar sobre a morte deixou o casal ante as recordações nostálgicas que se apresentaram para eles. A avó lembrou-se de seus irmãos, pai e mãe, enquanto o avô recordou-se do falecimento de seu cunhado, cuja morte ocorreu exatamente no dia de sua festa de bodas de ouro. E mergulhados nessas vivências, ambos se referiram a essas com grande e profundo pesar (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Então, eu (...) eu perdi tudo. Perdi meu pai com 16 anos, mas não sofri tanto como quando perdi minha mãe. A minha mãe eu senti muito mais, porque a gente conviveu mais com ela [...] Senti [referindo-se aos cunhados] porque era uma pessoa que a gente, quando tinha problemas, também consultava um o outro, e hoje eu não tenho a quem consultar, eu não tenho pai nem mãe, sogro nem sogra, né. Consultar filho é um problema, porque cada um tem a sua opinião, e às vezes cria problema em função do irmão, em função da irmã, de dar um conselho e esse conselho magoar um ou outro. Então, a gente não pede os conselhos. A gente não tem com quem correr. Tenho que desabafar com minha esposa e ela comigo. E às vezes é ruim porque ela tem problema e eu tenho também, de saúde. Eu posso complicar a saúde dela e ela pode complicar a minha (...) que mexe com o sistema nervoso. (Vh2)

É um assunto um tanto doloroso (...) a gente sente muito, é uma dor que não tem explicação [referindo-se a morte de seus pais e irmãos]. [...] É difícil aceitar. Mas enfim, infelizmente a gente tem que aceitar porque não tem outro recurso, outro remédio né. A vida é isso mesmo. (Vm2)

Ao entrar em contato com esses sentimentos, o avô depara-se com uma nova realidade que, ao se fazer presente, arremessa-o em direção ao silêncio e à solidão. A facticidade das mortes de pessoas queridas faz com que ele acredite ter perdido tudo o que sempre teve em sua vida. O falecimento dos cunhados significou a perda dos seus últimos amigos e das pessoas com as quais compartilhava seus problemas e dificuldades. Agora, restou-lhe somente a esposa como companheira e confidente, mas o receio em preocupá-la e agravar seu estado de saúde o leva a se calar e a se fechar em suas próprias angústias. Ela é a única cúmplice de sua história, de sorte que, incomodá-la com suas inquietações poderia significar torná-la mais vulnerável à morte, o que o deixaria ainda mais solitário. O casal já vivenciou o luto de diversas pessoas significativas que faziam parte de suas vidas e, por essa razão, falar sobre morte os remete ao sentimento de ausência do outro, ao vazio, à saudade de tudo aquilo

que se fazia na presença de um alguém que já não pode mais compartilhar de sua história, amizade, e, conseqüentemente, já não pode mais dividir com eles a sua vida.

Diante disso, a ausência do outro, combinada em um misto de saudade, dor e tristeza, é vivenciada de maneira muito intensa pelos avós, levando-os a perceberem a morte como algo impossível de ser esquecido e descrito e, portanto, superado (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Eu perdi pai e mãe, os dois também muito novos, muito novo, a minha mãe tinha 59 anos e meu pai tinha 70, quando faleceu, né. E, então, depois de passado um tempo, perdi tia, perdi primos, perdi tudo. Mas enfim, chegado mesmo foi meu pai e minha mãe, essa tia e os meus irmãos, né, que eu perdi (...). Fica meio pirado, porque é muito doído, muito triste, é uma coisa in (...) não adianta você chorar, você se descabelar porque não vai voltar, né [...] Você perde um ente querido, passe um ano, passe dois, passe dez, passe vinte, passe cinquenta, você não, você não esquece aquela pessoa. É lógico que você se conforma com o que aconteceu porque não tem outro remédio [...] A gente sofre, sofre, sofre. (Vm2)

Eu não sei se a expressão de sentimento chorar seria o suficiente. Chorar seria (...) eu chorei muito, choro por alguém quando eu perco alguém, mas não é que eu choro; corre lágrimas, né, quando eu perco algum amigo. Os meus olhos soltam lágrimas. Agora, o sentimento está dentro da gente. Não está na aparência. A lágrima é uma aparência, a demonstração de sentimento, mas às vezes essa lágrima, qualquer artista de televisão solta aí em qualquer lugar (...) né. Artista de televisão, de rádio. Agora, para mim, sentimento está no coração. (Vh2)

O avô, inclusive, revela que o sofrimento ocasionado pela ruptura do vínculo com um ente querido é tão intenso, que não há meios de expressar a dor ocasionada por essa morte.

Por outro lado, mesmo vivenciando a separação pela morte como algo muito doloroso, a avó salienta que ver alguém dileto padecendo em virtude de adoecimento gera ainda mais tristeza, levando-a a acreditar, portanto, que nesses casos a morte é melhor aceita por significar um alívio àquele que está em sofrimento (*A aceitação da perda: empatia ante ao sofrimento do outro*):

A gente sofre, sofre, sofre, mas, para ver às vezes uma, um ente querido no fundo de uma cama que aquilo não tem remédio e não tem fim é mais doloroso ainda. (Vm2)

Tal como os avós, o adolescente e sua mãe, ao entrarem em contato com emoções relativas à morte de pessoas próximas, vivenciaram-na como deflagradora de tristeza e saudade (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Porque você vê, fica imaginando você quando (...) você imagina antigamente, você não tinha preocupação dele morrer, você conversava com ele, assim tipo, feliz, sem acreditar que ele ia morrer um dia [referindo-se ao avô paterno]. Aí ele morre, acho que já (...) você já (...) não vou me preocupar, vou continuar vivendo sem imaginar a morte [...] angústia de pensar assim, ah, eu não vou ver aquela pessoa mais, não vou mais poder conversar. É, você fica, tipo, sentido, bastante. [...] A única coisa que você vai ter é lembrança, ou vídeo ou foto, né. Ou você lembra de algum momento com ela mais [...] às vezes você lembra, né, de quando tinha aquela pessoa e hoje você já não tem mais, já é diferente. (Ad2)

Que eu sinto quando morre, quando falece alguém que é parente de algum conhecido, alguma coisa, isso aí eu sinto, eu sinto porque eu fico muito mal, fico chateada, fico (...) mas é uma coisa que eu acho que passa rápido, entendeu. Porque me atingiu, mas não atingiu diretamente, me atingiu indiretamente. Porque não é, não está ligado a mim como família, nada [...] Que nem o meu sogro, meu sogro era de eu e meu marido sentar ali e a gente ficar conversando, falando de coisas que tinham acontecido, não sei o que e os dois acabar em choro, mas não foram por uma semana, duas. Foram por vários meses. Ia lá, ele não estava mais lá. Então tudo isso porque era muito próximo, entendeu. Aí o sentimento, eu acho que é o mesmo, de pena, de (...), mas a dor eu acho que é maior, entendeu. Eu acho que é maior. (M2)

O adolescente revela as angústias que a morte de seu avô engendrou em sua vida, colocando-o ante a um mundo até então desconhecido e que se fez assustador. Anteriormente a essa perda, a possibilidade da morte de alguém querido não fazia parte de seus pensamentos e apreensões. Contudo, a partir do momento em que se encontrou vulnerável a essa nova experiência e, com isso, vivenciou a dor decorrente da ausência do avô, ele sentiu que a melhor defesa seria evitar refletir sobre o assunto e seguir como se a morte não existisse.

Já seu pai, ao abordar questões relativas à morte de pessoas queridas, não penetrou nas vivências mais profundas desses acontecimentos, como evidencia seu relato acerca da morte de seu pai (*A banalização das perdas: a naturalização da morte do outro*):

É o natural da vida, né, você perder um pai, ou (...) que nem eu perdi aí. (P2)

Como observado no relato anterior de M2, o esposo vivenciou a morte da figura paterna com muita tristeza, mesmo decorridos alguns meses do fato. No entanto, ao falar sobre essa perda, ele procurou banalizá-la, referindo-se a ela como algo natural e, portanto, ocultando a outra face desse fenômeno, qual seja, a de que a morte do pai ainda lhe deixa cicatrizes dolorosas.

A negação do pai através da banalização, ora de sua finitude, ora em relação à morte do outro, é a típica atitude descrita por Ariès (1977/2003) quando ele faz alusão ao que denominou de *morte interdita*. Essa postura de negação do sofrimento público, aparentando em alguns momentos certa indiferença em relação aos mortos ou àqueles que vivenciam o luto, na verdade, são tentativas de velar a profundidade da dor decorrente do luto. Isso porque, nas sociedades dos séculos XIX e XX e, podemos também dizer, do século XXI, chorar a morte de si e do outro se tornou algo apenas permitido quando ocorre às escondidas, uma vez que as emoções demasiadamente explícitas configuram-se como fraqueza, dramaticidade e, com isso, perturbadoras da ordem vigente na sociedade.

Se lançarmos um olhar cuidadoso sobre as vivências dessa família, podemos compreender a dificuldade de aceitação da morte apresentada por eles a partir dos vínculos de apego existentes no seio familiar. Ao que parece, a Família 2 tem uma convivência muito intensa, sendo, portanto, unida pelo afeto. Quando falam sobre a morte, ela emerge como uma ameaça a essa coesão e à boa convivência familiar, significando, por conseguinte, possibilidade de separação e ruptura. Para a mãe, essa ameaça tornou-se mais evidente no momento em que se deparou com a morte de seu sogro, pois, nesta ocasião, a vivência do luto a impeliu a reflexões acerca da proximidade da morte de seus próprios genitores (*Reflexões ante a morte do outro: reconhecendo-se mortal e o temor de novas perdas*):

Quando morriam pessoas próximas (...) pais ou mães de amigos, de conhecidos, eu me punha no lugar deles, sabe. Que nem o dia que faleceu o meu sogro, eu passei a noite lá, se eu chorar você não repare [...] eu falei, meu Deus, no pé que a gente está,

na idade que estão meus pais, falei, logo eu posso estar aqui numa noite dessas, velando ou o meu pai ou a minha (...) sabe uma coisa que vem, um pensamento que veio e que você não consegue, eu não consegui controlar. Eu me isolei, era de madrugada, eu me isolei e cochilei no meu canto. Eu não estava chorando naquele momento pelo meu sogro que estava ali e sim de imaginar que amanhã ou depois eu poderia estar ali velando o meu pai, velando minha mãe, entendeu. (M2)

O medo de vivenciar a ausência das pessoas amadas reflete-se, também, em sua preocupação com as famílias de pessoas que morreram. Ela coloca-se no lugar daqueles que vivenciam o luto e, a partir daí, experiencia o quanto deve ser dolorido estar na mesma situação (*O cuidado com o outro: orações para o falecido e preocupação com os familiares enlutados*):

Eu tive a perda dos meus tios, os irmãos da minha mãe, que, inclusive são mais novos do que ela. A gente pensa em si, não na pessoa que morreu, mas naqueles que estão ficando. Eu penso assim, entendeu. Para ele, de repente, por um motivo de doença ou qualquer outra coisa que estava sofrendo, para eles foi um descanso, mas eu penso naquele que ficou (...) nos filhos, na mulher, eu penso naquele que ficou, não naquele que foi. Porque ele, para ele ali é só um corpo, né. Então eu penso assim, eu penso que ele foi, mas eu penso na família que ficou. (M2)

O avô, tal como sua filha, ao deparar-se com a morte de pessoas de seu círculo social, também faz dessas perdas momentos de reflexões (*Reflexões ante a morte do outro: reconhecendo-se mortal e o temor de novas perdas*):

A gente sente quando perde um ente querido, porque a gente vê que vai chegar naquele dia também. Só que a gente não espera para a gente aquilo ali. (...) a gente não espera. A gente espera completar a vida da gente (...) a formação da família, a vida. (Vh2)

No entanto, a reflexão o leva a meditar sobre a sua própria morte, bem como acerca da dificuldade em aceitá-la para si. Nesse relato, o avô evidencia o quanto, para ele, é difícil aceitar a idéia de que a vida humana finda seu ciclo com a morte. Ele fala em completar a vida, formar a família, no entanto, não reconhece na morte essa possibilidade de

completude. Pelo contrário, a morte, a seu ver, é algo não esperado e, por isso, causadora de espanto.

No caso da avó, ela relata que a crença em Deus é importante fonte de apoio ante o sofrimento da perda. A partir do suporte religioso, ela busca aceitar o ocorrido, uma vez que sendo a morte tão assustadora, sozinha ela não teria meios de extrair forças suficientes para encará-la (*O auxílio da fé: a busca de força e conforto ante a morte do outro*).

A gente tem que reagir, fazer força, né, pedir para Deus que dê o consolo para a gente, a força que a gente precisa para poder enfrentar a situação, senão é muito complicado [...] Deus dá força para a gente superar. Se não fosse por Ele a gente sucumbia, não é verdade. Ele dá força para gente superar o trauma da perda de um ente tão querido como um pai, uma mãe, um irmão, muito doído. (Vm2)

Já o pai, quando se viu diante da morte de seu pai, sentiu que a sua família se configurou como a mais importante e significativa fonte de sustentação diante desta ocasião (*Ser cuidado pelo outro: o compartilhamento dos momentos difíceis*):

O fato de ser o pai é (...) é uma coisa triste. Só que seria mais triste a partir do momento em que não tivesse família. Família, assim, mulher e filhos, né, mas se torna um negócio triste, né (...) mas é (...) você tenta confortar pensando só pelo lado bem dele, não pelo lado mau. (P2)

Este momento foi a primeira vez que P2 tangenciou um pouco mais proximamente seus sentimentos em relação à morte do pai. Até a ocasião, ele procurava banalizar o ocorrido e negar quaisquer sentimentos dolorosos que pudessem se manifestar. Conforme falou um pouco mais sobre a morte, a palavra “triste” emergiu, desvelando minimamente uma pequena face de suas emoções, até então, negadas e submersas.

Com o transcorrer da entrevista, os colaboradores também puderam refletir a respeito do modo como percebem as vivências da família diante da morte (**Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte**). Nesse contexto, o adolescente, a mãe e os avós

foram unânimes na afirmação de que a morte é um assunto gerador de mal-estar e que, por conseguinte, é silenciado pela família (*O silêncio diante da morte: afastando o sofrimento*):

Eles não tocam muito no assunto, mas, por exemplo, você a (...) acho que se eles vissem a minha avó piorando, acho que eles ficariam mais, tipo, um pé na frente, um pé atrás, entende. Iam ficando mais tristes, eles já não (...) ah, não sei explicar. Eles já não (...) já não ficariam mais felizes como era antes. É uma mudança. Ocorre a morte de alguém eles mudam, ou para melhor ou para pior, mas acho que depois de um tempo passa. Acho que é só no (...) eles ficam (...) eles reagiriam com a morte da pessoa na hora. Eles ficariam bolados, assim, a pessoa morreu, aí você fica mais triste, você fica mais pensativo, você já não é tão feliz quanto antes. (Ad2)

É uma coisa que eu não converso muito. Às vezes, em alguma discussão você fala: Vai ver o dia em que eu morrer, aí não adianta vir chorar (rs). Sabe, a gente fala. Mas, assim, sentar e conversar com as crianças assim [não]. Ela [a filha de 11 anos], quando meu sogro faleceu, ela sofreu muito, tinha nove anos, entendeu. Para eles foi a primeira perda. Quando faleceu os irmãos da minha mãe eles eram novinhos, então não lembrava de nada, né. Mas quando faleceu o meu sogro, para ela foi um impacto muito grande, porque nunca tinha perdido alguém assim tão próximo, né [...] Mas a gente não comenta muito, entendeu. Eu não sou de ficar (...) às vezes eu falo que, penso em comentar, falar, ai, mas acho que não adianta eu comentar. Eles sabem que um dia vai acontecer, então eu espero, deixe que aconteça (...) vamos deixar como está para ver como fica, entendeu. Eu deixo que aconteça para ver o que é que (...) mas não sou de ficar comentando assim, não sou de ficar comentando mesmo. Eles não aceitam muito, acho que por eu não aceitar. (M2)

Minhas filhas têm pavor de falar da morte, a minha filha mais velha, mais velha, já tem 59 anos, ela perdeu um bebezinho também, de dois meses. Foi o primeiro filho dela, tem muitos anos já. Mas (...) a gente não aceita muito a morte, sabe. (Vm2)

Ah, eles não querem nem que fale, né [referindo-se aos filhos]. (Vh2)

Por meio dos relatos, apreendemos que essa família convive atemorizada pela morte e, em decorrência do pavor generalizado diante do assunto, todos evitam fazer comentários referentes a ela, negando que a finitude faça parte da existência da família. A mãe, inclusive, reconhece não aceitar a morte e acredita que sua postura exerça papel fundamental no modo negativo como seus filhos vivenciam as perdas. No interior dessa família, não há espaço para que o luto seja vivenciado e compartilhado, de sorte que cada um convive com sua dor solitária, buscando a todo custo mantê-la afastada. Com isso, a família, que ora apresenta-se tão coesa em sua coexistência, não se percebe apta a viver o luto da mesma forma. Um exemplo dessa dificuldade em vivenciar o luto junto ao outro pode ser observada no relato que se segue:

Minha filha perdeu o sogro há um ano mais ou menos. Meus netos, nossa mãe, no velório (...) são pequenos, não sabem bem o que é a morte, né. Eu falava para eles: _ “calma, o vô ta dormindo. Não se preocupe que o vô ta dormindo”. Mas não adiantava. E sentiram a morte, sem dúvida nenhuma. Por pior que a pessoa seja, é um ser humano e não deseja a morte para o outro, de jeito nenhum. (Vh2)

Vh2, ao perceber o desespero dos netos frente à morte do outro avô, não se encorajou a afrontar o assunto como um fato real. Tematizar a respeito poderia suscitar emoções demasiadamente desgastantes. Então, em uma tentativa de defender-se e, ao mesmo tempo, de proteger os netos da dor, utilizou-se de eufemismos para atenuar a severidade da situação.

O movimento dessa família na tentativa de manter a morte distante de seu cotidiano reflete-se também no modo como seus membros significam a vida (**Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência**). Para Ad2, M2, P2 e Vm2, diante da inevitabilidade da morte eles preferem voltar suas atenções apenas para o momento presente, uma vez que preocupar-se com a morte seria descentralizar suas atenções de momentos alegres para dar lugar a pensamentos deflagradores de preocupações, angústias e tristezas (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

Tem que aproveitar enquanto pode, ir lá, sem pensar no amanhã. Faz hoje, por que você não sabe se amanhã você vai estar vivo ou vai estar morto. Eu acho que é assim [...] Se você ficar mais preocupado mesmo [com a morte], você já não é mais tão feliz quanto você (...) essa é minha preocupação. Sem preocupação, acredito eu, você vê o mundo de outra forma, você já não fica mais, tipo: _ ‘Ah, eu vou morrer amanhã’ [...] Preocupado, você fica com aquilo na cabeça, um peso na consciência. Aí você não chega a viver como você viveria sem as preocupações. (Ad2)

Ai, eu vejo a vida muito linda (rs), né. Com muita alegria, com muita é, sabe, com muito valor em todos os sentidos, no sentido de família mesmo, eu acho que, que é muito importante, por isso eu prefiro pensar na vida, no hoje, né, e (...) prefiro não pensar muito na morte não. Eu levo a vida numa boa (rs) para que tudo transcorra muito bem (rs). (M2)

Ah, viver, sei lá, é (...) é, sei lá. O próprio sonho de você ter algo, trabalhar em cima disso aí, tentar correr atrás disso aí [...] Vamos curtir enquanto a gente der para curtir, né [...] Acho que nós temos muito mais coisas para se preocupar em vez da morte, entendeu. Se vier, que venha naturalmente [...] Eu acho que as pessoas não (...) que se começar a pensar nisso aí não vive. Então, a pessoa que pensa muito na morte não vive, então, você já fez uma pergunta que eu não penso muito, então eu procuro viver. Então você perguntou: _ “como que você vê a vida?” se eu não penso muito na morte, eu penso... agora se a pessoa fica pensando no que pode acontecer

vai ser um objeto, não vive, entendeu [...] Então, isso aí você não tem que ficar pensando, ficar pensando em morte é ficar pensando besteira, entendeu. (P2)

Então a gente tem que tentar separar as coisas, sabe. Pensar mais nas coisas boas, do que na coisa ruim. Pensar mais na vida, na, na, o que a gente ainda pode fazer de bom, né. E (...) deixar o problema da morte para a hora que ela chegar. (Vm2)

Como vimos em momento anterior, a conscientização da morte enquanto a possibilidade mais fundamental do ser humano dá a ele, a oportunidade de responsabilizar-se integralmente por sua própria existência. No caso dos colaboradores dessa família, a morte é significada e compreendida, não como uma possibilidade dentro de qualquer outra possibilidade da vida humana, mas como um acontecimento externo, não pertencente à existência. Como consequência, iludem-se ao acreditar que podem mantê-la distante ao não conjecturarem a seu respeito. Quando afirmam a preferência por pensar no presente em detrimento do morrer, projetam este acontecimento para um futuro distante, sem levarem em consideração que se trata de algo continuamente possível a qualquer instante. De fato, a preocupação com os entes e coisas do mundo apenas camufla a angústia existente ao redor do próprio existir.

Ainda referindo-se ao viver, o pai salientou também, o mérito em levar a vida pautando-se em alguns preceitos morais e religiosos, o que implica em manter o respeito às normas sociais e aos outros com os quais ele convive (*Escolhas na vida: a existência ética, moral e religiosa*):

Se você andar pelo caminho certo, você vai viver melhor, vai passar sua vida melhor e eu acho que você está com o papel cumprido, entendeu. Agora, se você for um ladrão, um assassino, um vagabundo, então é complicado, né. Então para mim, a vida é uma coisa que colocaram você no mundo para você viver, não é para você (...) eu acho que eu não soube me expressar para você (...) não é para você é (...) é (...) maltratar os outros, essas coisas em geral, entendeu. (P2)

Já o avô, conforme falou sobre a vida ante a inevitabilidade do morrer, procurou olhar para a sua história e recordou-se dos obstáculos que superou ao longo dessa trajetória,

demonstrando-se feliz e realizado com as conquistas que obteve em sua vida profissional e afetiva (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*):

A vida é cheia de problemas, altos e baixos, desde o começo da minha vida teve altos e baixos. Eu consegui vencer, ultrapassar essas barreiras e chegar onde eu cheguei. E eu agradeço a Deus ter me dado essa, essa luz, iluminado a minha mente, iluminado o meu caminho, na escolha para o meu casamento, nos meus filhos não digo, porque é Ele quem manda, mas eu (...) os filhos que tive, nossa mãe, eles são maravilhosos, todos eles são maravilhosos, amorosos, até hoje, né. (Vh2)

Portanto, ao contemplar e revisar sua vida, ele sente que cumpriu satisfatoriamente sua missão. De modo semelhante ao esposo, a avó, ao falar sobre a vida, remete-se a sua história, lembrando-se de conflitos e dificuldades já ultrapassados. Diante das recordações, ela sente-se feliz com o que conquistou e aponta a convivência em família como uma de suas principais fontes de alegria e de vida (*Compartilhamento do existir: viver é estar junto ao outro*):

Eu acho a vida maravilhosa (...). Tem os (...), tem problema, tem. Tem as divergências, tem. Mas tem as coisas boas também da vida que a gente não pode deixar para lá, né. Tem muita coisa boa na vida da gente (...) o carinho dos netos é uma emoção que não dá para descrever. [...] Então, a gente, a gente, hoje em dia a gente vive praticamente em função deles né. (Vm2)

Após falarem sobre a própria finitude, perdas e exporem suas maneiras de compreender a vida, os colaboradores também disseram como se sentiram ao falarem sobre esses assuntos no decorrer da entrevista:

Ah, você se abre, né. Falar com uma pessoa que entende, que está aprendendo e que entende isso, acho que às vezes é bom você falar o que você guarda, porque, ah, fica guardado lá dentro e aí você fala, conversa com ela o que aconteceu, o que pode acontecer. Eu acho legal [...] Me senti (...) ah (...) como se liberasse o que você guarda dentro da gente, assim. Poder trocar idéia sobre o assunto, eu acho que, tipo, você se abre mais, você (...) você conta como é que foi a angústia de antigamente, como é que você passou por aquilo, eu acho que é legal, ajuda bastante. (Ad2)

Ah, é meio difícil (rs). Ah, mas é uma coisa que é a realidade da gente, né. Então, é que nem eu falei, eu comentei, falei, mas eu sei que depois que você for embora eu, eu vou continuar, vou procurar não ficar pensando (rs), nisso daí, entendeu. Para

mim é difícil [...] é um assunto que é difícil você, você retratar. Eu acho que é um assunto que não é fácil. Por mais que a gente saiba que é, que faz tudo parte da vida da gente, é uma coisa que ninguém quer, né, encarar, mas faz parte. Então, eu sei que depois passa, né (rs). (M2)

Não vou falar que é um negócio chato, né, é o natural da vida, entendeu, mas, para mim é normal. Eu também nem gosto de ficar falando muito disso, entendeu. Eu não gosto muito de ficar pensando nessas coisas aí. Então, para mim foi natural, não tem problema não. Eu acho que para você é pior ainda ter que fazer o trabalho, né. Não é? [...] se você analisar bem, o que é que tem para falar? Não tem muito o que falar. O que é morte? Morte é um final de tudo (...) no conceito nosso, humano, vivo hoje. Agora, pode ser, que eu acredito que tenha, uma continuidade depois da vida, entendeu. Eu penso assim, entendeu. Eu penso, eu analiso por esse lado. Se você chegou dali, saiu dali, você não fez tudo o que você tinha que fazer, você vai voltar para você continuar isso aí. Entendeu, é isso que eu penso, entendeu. [...] É que não tem o que falar, né. O que é que vai falar, fala para mim. Não tem muito o que falar, né. Então é para mim normal, não tenho problema não. (P2)

Ah, foi uma satisfação para mim poder atender você, né, e espero ter correspondido a sua expectativa e se eu não pude corresponder com o que você esperava, só te peço que você me perdoe (rs) [...] É uma coisa da realidade da vida, não é, que queira ou não queira, mais dias, menos dias a gente faz a viagem também, né. Então, a gente tem que (...) não pensar nela, ficar pensando só nela, porque aí a gente morre antes do tempo, né. Mas, achar que é uma coisa natural e que mais dias, menos dias vai acontecer com a gente também, né. (Vm2)

A princípio a gente se sente meio descontrolado, não sabe por onde começar, o que falar. A gente não sabe. A gente espera quando pergunta para responder a pergunta. Mas depois o leque vai se abrindo e a gente pode ir mais além [...] até me senti bem à vontade, bem à vontade. (Vh2)

O adolescente, ao conversar sobre a morte e o morrer, sentiu que a entrevista teve caráter terapêutico, ajudando-o a expor sentimentos que até então se mantinham guardados e que, por isso, causavam-lhe angústia. A mãe, por sua vez, voltou a dizer que se trata de um assunto muito difícil de ser abordado e que, em decorrência disso, ela prefere continuar a não conversar e pensar a respeito. Seu esposo, no momento de falar sobre como se sentiu ao conversar sobre a morte, continuou negando o que ela representa em sua vida, a saber, que ela seria a grande *Aniquiladora dos seus projetos de vida*, representando, por isso, o término de tudo o que ele conquistou ao longo da existência. Já a avó, primeiramente apontou para a sua satisfação em poder contribuir com o trabalho. Em seguida, ela voltou a dizer que, apesar de saber que a morte acontece para todos e pode acontecer a qualquer instante, ainda assim, ela prefere continuar evitando pensar sobre ela. O avô, em contrapartida, revelou que no início preocupou-se em como iria iniciar o assunto. No entanto, num momento posterior a este,

sentiu-se bem e à vontade, o que lhe permitiu um mergulho um pouco mais profundo em suas vivências.

Síntese compreensiva

A partir da compreensão dos sentidos emergentes das falas dos colaboradores da **Família 2**, notou-se que no seio dessa família as vivências em relação a morte e ao morrer são extremamente dolorosas. Isso porque, ao falarem sobre o assunto, o que se sobressai é a morte vista enquanto ruptura e separação, configurando-se como aquela que traz a ausência, o vazio, a saudade e, com isso, a impossibilidade da manutenção do compartilhamento de uma história de afeto. Como consequência, o contato com quaisquer emoções concernentes a esse evento são tenazmente evitadas.

Esse movimento de tentar manter a morte afastada da convivência familiar, relegando-a ao esquecimento por não considerá-la digna da preocupação dos vivos, é uma forma de negar a existência desse evento. Tal afastamento é um traço tão marcante no modo de ser dessa família, que os relatos das três gerações entrevistadas encontram-se perpassados pela tentativa veemente de manter a morte à distância, tratando-a como um acontecimento externo e não pertencente à existência humana. Como consequência, projetam este acontecimento para um futuro distante e fogem da angústia de reconhecê-la como algo tão concreto e real quanto o viver.

De acordo com Heidegger (1927/2009), todos os seres-aí são, por condição ontológica, plurais e coexistentes. No entanto, por compreender o mundo a partir dos estados de ânimo (ou emoções), cada indivíduo irá singularizar suas sensações, de modo a experimentá-las ao seu modo. No caso da Família 2, vemos que as vivências relacionadas à morte e ao morrer são muito semelhantes ao longo das três gerações estudadas, confirmando

que não há como existir alguma percepção individual, se ela previamente não for uma percepção plural. Contudo, por se tratarem de indivíduos únicos, cada um vivencia suas experiências relacionadas ao morrer de um modo singular e, portanto, a partir de sua própria experiência afetiva.

No caso do adolescente, falar sobre morte o remeteu, inicialmente, às vivências relacionadas às perdas de pessoas próximas e, por conseguinte, aos sentimentos decorrentes do luto. Diante de tais emoções, ele tentou naturalizar o fato como uma forma de se distanciar daquilo que para ele é fonte de muito sofrimento, a saber, a morte de pessoas queridas. Ao reconhecer que a perda é sentida como um evento muito doloroso e que, por isso, suscita a saudade, Ad2 acredita que a melhor solução é evitar pensar sobre o assunto. Com essa atitude, ele procura retirar a morte de seus pensamentos e, assim, evita a convivência com emoções desagradáveis e dolorosas, acreditando, então, estar vivendo livre da existência da morte.

Talvez por a morte do outro ser a principal causadora da angústia de Ad2, as vivências acerca da própria finitude não tenham sido tão aprofundadas por ele. Ao falar sobre a morte de si mesmo, ele disse que já imaginou a respeito de como seria essa situação, no entanto, nesta ocasião focou como seria o luto dos outros em relação a ele. Tal modo de se posicionar ante ao próprio morrer revela o quanto o luto é uma presença constante na vida desse adolescente, pois, até mesmo ao imaginar a própria morte, ele pensa como esse momento seria vivenciado sob o ponto de vista do outro. Ao que parece, o modo negativo que sua família vivencia as perdas é compreendido por ele como um sinal para que o assunto não seja abordado. Como consequência, ele vivencia sua dor de maneira silenciosa e solitária na tentativa de não gerar um mal-estar em sua família ao trazer o assunto à tona. Nesse contexto, a entrevista abriu espaço para que Ad2 falasse livremente sobre suas preocupações, medos e angústias, desvelando a necessidade deste adolescente vivenciar o luto e contribuindo para que esse processo fosse iniciado por ele.

A mãe, ao mergulhar em suas vivências acerca da morte e do morrer, inicialmente falou sobre o pavor que sente ao pensar em sua própria morte, desvelando que a maior preocupação em relação a esse fato seria abandonar os filhos sem seus cuidados. Diante de tal apreensão, ela procura afastar quaisquer pensamentos que possam remetê-la a esse evento, numa tentativa de solapá-lo a todo custo.

Com o decorrer da entrevista, vivências relativas ao luto pela morte do outro também afloraram. Diante das experiências de perda, M2 mostra que a morte a abala bastante, principalmente quando ocorrida com algum de seus familiares. Para ela, a morte do outro significa separação e abandono, vivências essas, profundamente temidas. Frente ao terror despertado por falar sobre a morte, ela o tempo todo afirma que não gosta de pensar sobre o assunto, acreditando ser desnecessário sofrer com ele de maneira antecipada. Assim, a morte não é assumida por M2 como sua possibilidade mais intrínseca, sendo que ela prefere manter-se negando que esse evento venha a tornar-se algo concreto em sua vida. Com essa atitude, a mãe relega a morte a um futuro distante, tratando-o como uma personagem externa que pode ter sua vinda adiada e, talvez, impedida.

Com relação ao pai, desde o início da entrevista ele procurou banalizar a morte do outro e a própria finitude, referindo-se a esses eventos com demérito e, ao mesmo tempo, distanciamento. Ao minimizar suas emoções, ele tenta defender-se de um assunto que, para ele, parece ser experienciado com muita tristeza. Sua negação é tão intensa, que em diversos momentos de seus relatos a palavra “*morte*” foi evitada de modo a ser substituída pela expressão “*isso aí*”. Mesmo quando se referiu à morte de seu pai, ele procurou retratar o evento aparentando naturalidade, de modo a não revelar qualquer emoção. Gradativamente, com o decorrer da entrevista, P2 foi conseguindo expressar suas dificuldades em relação a abordar o assunto, assumindo que se trata de algo difícil de ser explicitado. No entanto, quando estas emoções emergiam, ele com frequência buscava negá-las, afirmando não gostar

de falar ou pensar a respeito. Ao falar sobre a vida, ele seguiu o mesmo fio condutor mantido ao longo da entrevista, qual seja, de que a vida deve ser desfrutada ao máximo em seu presente. Na visão dele, para que isso seja possível, é necessário desconsiderar que a morte possa atravessar seu caminho, pois, a partir do momento em que a morte é vista com tanto temor, conjecturar acerca de sua inevitabilidade seria intolerável.

No que diz respeito à avó, já no início da entrevista ela mergulhou em suas vivências, sentindo a presença da morte como algo que se mostra permeado por muita dor e sofrimento, fundamentalmente quando é experienciado como rompimento e separação. Ao entranhar nessas emoções, ela lembrou de maneira nostálgica as pessoas queridas que cruzaram sua existência, mas que em decorrência da morte partiram em definitivo de sua vida. Frente a essas perdas, sente o desalento de quem reconhece que contra a morte não há meios de travar pelegas. Admitindo tal fato, ela volta o olhar para a proximidade de sua finitude e admite que não gostaria que esse momento chegasse até ela. Elucubrar acerca de um futuro rumo ao encontro com o não-ser é algo inaceitável, como consequência, ela procura evitar pensar a respeito, pois teme que o sofrimento oriundo da antecipação da morte poderia levá-la ao adoecimento. Diante disso, ela busca aproveitar a boa convivência em família e sente-se feliz por estar viva ainda aos 78 anos e, com isso, poder olhar para o seu passado e ter o sentimento de dever cumprido. A morte poderá apresentar-se a qualquer instante, contudo, ela deseja não ter que sofrer por aguardá-la, almejando antes, que o seu morrer seja repentino e se aproxime de maneira silenciosa.

Quanto ao avô, logo no começo da entrevista, demonstrou temer a morte por considerá-la causadora de sofrimento, tanto para quem morre, quanto para aqueles que ficam enlutados. Por ter 81 anos, aceita que sua vida não irá prolongar-se por muitos anos adiante e, por isso, teme e preocupa-se com o futuro dos filhos em sua ausência, uma vez que vê a si mesmo como a fonte de proteção e abrigo para eles. Ante a certeza da aproximação da morte,

ele relembra de suas conquistas, dificuldades e, ao sentir-se realizado com tudo o que concretizou, traz a recordação de amigos e familiares que passaram por sua vida e o deixaram depois que faleceram.

De todos os integrantes dessa família, o avô foi quem mais abertamente falou sobre a finitude enquanto um acontecimento pessoal, de modo a expor sem barreiras os seus sentimentos de temor e preocupação e, ao mesmo tempo, de aceitação com relação ao seu encontro com a morte. Tal aceitação, no entanto, não o impede de sofrer profundamente com a morte de alguém muito afeito, pois, a cada partida, ele sente-se imerso em um mundo que transborda solidão e lhe deixa cicatrizes cada vez mais profundas. A tristeza provocada por essas marcas só não é mais intensa do que aquela sentida diante de cada amanhecer que, ao trazer um novo dia, simultaneamente faz com que Vh2 acredite dar um novo passo em direção à morte.

Conjecturando acerca do que foi desvelado pelos colaboradores, é possível afirmar que no interior dessa família, a morte é vivenciada com distanciamento, tendo sua presença repelida do seio familiar. Todavia, mesmo empenhando-se em refutá-la, a sombra da morte paira como uma constante ameaça sobre essa família. Por sentirem-se ameaçados e assustados ante a idéia da morte, os colaboradores, especialmente os genitores, fecham-se às suas vivências do luto e, por conseguinte, têm dificultadas as ressignificações de suas experiências de perda. Apesar do distanciamento, é importante aqui ressaltar que, sobretudo ao adolescente, a entrevista configurou como uma oportunidade de falar abertamente sobre seus sentimentos, ajudando-o a dar vazão e a reorganizar emoções que até então se encontravam latentes, porém, intocadas.

FAMÍLIA 3

A Família 3 teve cinco de seus integrantes entrevistados, quais sejam, a filha adolescente (Ad3 - 16 anos), sua mãe (M3 - 40 anos) e seu pai (P3 - 41 anos) e ambos os avós maternos (Vm3 - 69 anos e Vh3 - 68 anos). Todos são católicos e têm participação ativa e assídua na paróquia em que frequentam. Os avós relataram como perda mais significativa a morte de seus genitores, todas ocorridas há mais de dez anos, e também relataram a morte do irmão de Vm3, ocorrida aproximadamente há quatro anos. A adolescente relatou que nos últimos cinco anos vivenciou a morte de sua avó paterna e de uma tia. O pai apontou como perdas mais significativas e recentes, a morte de sua mãe, ocorrida há cinco anos, e a perda de uma irmã, há três anos. A mãe foi a única a dizer que ao longo de sua vida não existiram mortes de pessoas significativas para ela.

Os integrantes dessa família, ao relatarem suas experiências e vivências relacionadas ao morrer, iniciaram suas falas remetendo-se ao que para eles seriam **Os sentidos da morte na existência**. Neste primeiro momento, a mãe e os avós referiram-se ao fato, considerando-o uma possibilidade de contínua evolução e transformação (*Morte como prolongamento da existência e transição para uma vida melhor*):

A morte seria mais uma mudança [...] Eu tenho uma imagem de que a gente vai para um outro lugar, né, que como a gente não morre, né, no conceito católico a gente não morre, né, a gente tem a ressurreição, então, eu acho que é mudar de lugar [...] Que nem a borboleta, que ela está, ela é lagartinha, aí ela fica presa ali e de repente ela rompe, vai para um outro lugar, que é uma vida diferente. [...] rompe para um mundo de muito maior liberdade [...] Eu tenho essa coisa assim, e essa comparação com a borboleta me deixa assim numa visão, numa imagem muito gostosa, porque é mudança mesmo, né, é mudança de vida. (M3)

Eu tenho uma visão bem pragmática da morte, porque eu acho que ela parte da vida e entendo também que a morte não encerra a nossa vida. Na minha crença, nós somos antes, durante e depois, quer dizer, neste momento nós estamos neste mundo material em corpo e alma e depois da morte só alma [...] Nós temos a alma no corpo para a vida aqui nesta matéria, mas no momento em que eu morro, a minha alma continua existindo numa outra esfera, numa outra posição. Então, esses que morreram, simplesmente passaram pela transição que a gente chama. Estão num outro mundo, no mundo virtual, no mundo espiritual. (Vh3)

Eu considero a vida como uma gestação. Considero que a nossa vida é uma evolução contínua, como uma espiral. Sempre numa evolução. Esta vida, considero como uma gestação e o momento da morte é o momento do parto para outra vida, entende. Então, são momentos de passagem. Para mim é isso, e sempre é uma situação de melhora, de liberdade, assim de tranqüilidade, de paz. [...] Considero que as pessoas que falecem, elas se libertam de muitos grilhões que têm aqui nessa vida e partem para uma vida mais evoluída, porque você não tem aquela idéia de acabou. (Vm3)

Para eles, acreditar que a vida continue em um mundo superior ao humano é um modo de confiar na existência de um futuro livre do encontro com a finitude, no qual não há perdas e sofrimentos, mas tão somente evolução. Destarte, a morte não é compreendida como um momento em que encerraria a existência, mas como porta de entrada para a continuidade da vida de outra maneira.

A adolescente, por sua vez, iniciou seu relato afirmando que a morte é algo que não faz parte de suas preocupações e que por isso lida com ela de forma natural (*A naturalização: a certeza da morte enquanto um processo inerente à vida*):

Com naturalidade. Não vejo como uma coisa ruim. Não sei. Eu não me preocupo muito (Ad3)

No entanto, a naturalidade e o não se preocupar aos quais ela se refere assemelha-se mais a um distanciamento e a uma banalização do morrer, do que propriamente a uma aceitação inquestionável.

Já o pai, inaugurou a entrevista lembrando-se da morte do seu pai (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**), de modo a mergulhar em um universo nostálgico, permeado pela saudade daqueles que já não se encontram mais com ele (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Perdi meu papai com nove anos. [...] Você sente a falta do carinho, a tal da presença, entendido. Mas você tem a certeza que a pessoa, entendido, que partiu, está bem [...] De repente dá aquela saudade mais forte e você chora, entendido. Hoje é mais fácil de levar, entendido. Quando você compreende mais, realmente é aquilo, chegou a hora e vai embora. (P3)

No entanto, embora tenha se remetido às perdas, ele também compreende que a morte traz consigo a oportunidade de uma existência além daquela vivenciada nesse mundo, tal como os demais colaboradores dessa família. Por outro lado, a crença de que a pessoa que se foi estaria bem em alguma outra vida, não impede que ele adentre em suas recordações, de modo a reviver os momentos compartilhados junto ao seu pai (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Eu estava viajando com o meu pai, meu pai teve um derrame, aquela coisa toda, eu fiquei com ele [...] Então eu tinha a memória, poxa, era chegar, viajar, deitava no colo, entendeu, dormia com o meu pai, viajava junto com meu pai, aquela coisa toda. Então, nós vivemos muito intenso. O tempo que eu estive junto foi muito intenso. (P3)

Com o transcurso das entrevistas, questões concernentes à morte própria também foram suscitadas pelos colaboradores. O pai, ao imaginar a possibilidade de sua finitude, a princípio revelou preocupação em deixar os familiares, sobretudo com relação ao amparo financeiro aos seus filhos (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Eu sofri já alguns acidentes [...] e me deu um certo receio, por quê? Eles [os filhos] estão começando a entrar em faculdade, aquela coisa toda, então, eles estão começando a caminhar. Então quando eu sofri aquele acidente, traz uma certa situação não tão confortável de falar: se eu falto hoje, eu deixo eles desamparados [...]. [mas] o gostoso é você ter a certeza que eu tenho, que se vier a faltar, tudo bem que os negócios ainda estão meio bagunçados, mas ia ter alguém que ia estar dando suporte, entendido. Então, isso, essa segurança é muito gostoso. Saber que você pode faltar, entendido, mas sempre sabendo que vai ter alguém da família que vai estar [...] Então, a minha morte hoje é tranqüila. Então, dá aquela (...) poxa, tem outro lado. Mas depois, você conversando com a criançadinha, não são mais crianças, né, você vê que realmente eles vão sentir o que eu senti que é a falta um pouco do físico, mas estão maduros, entendido, levam bem. (P3)

Quando se percebeu em contato com a possibilidade do próprio morrer, ele foi impelido a reflexões que aludiam a sua função paterna e a sua finitude. Contudo, na medida em que conseguiu refletir a respeito, sentiu-se mais aliviado ao entender que seus filhos já não são mais tão dependentes dele tal como acreditava e que, por isso, pode ficar mais tranqüilo

quando pensar em sua morte. Em contrapartida, a adolescente e a mãe acreditam não haver necessidade em preocupar-se com a própria finitude, uma vez que diz respeito a algo que não está sob controle e contra o qual não há o que ser feito para evitá-lo (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora*):

Basta estar vivo para morrer, então, eu não preciso ficar me preocupando tanto nisso. (Ad3)

A morte para mim é uma coisa assim que a hora que acontecer a gente vê. Eu acho que a gente não tem que pensar quando (...) Ai, mas se acontecer. Gente, mas se acontecer, vamos poder evitar? Não, não vai poder evitar, né. Talvez, se você tomar cuidado, você pode mudar a maneira, mas não vai evitar, né, é coisa que assim, é certo, você pode mudar o caminho como chegar lá, né, então, eu acho que eu não preciso pensar. (M3)

Ao evitarem conjecturar acerca do morrer próprio, mãe e filha não se permitem entrar em contato com a indiscutível realidade de que todos, inclusive elas, caminham rumo a não-ser-mais-aí-no-mundo-com-os-outros. Assim, a fim de manter essa possibilidade longe de seus olhares, elas evitam pensar no assunto, afastando-o do foco de suas atenções. Tal posição, todavia, não deixa de ser um meio de negar o morrer como elemento constituinte da existência de ambas. Assim, ante ao distanciamento da própria morte, a adolescente naturaliza o assunto, projetando-o para o futuro (*A naturalização da própria finitude*):

É, vai acontecer eu querendo ou não. Pode ser hoje ou pode ser daqui dez anos, mas vai acontecer. (Ad3)

Ao projetá-lo para depois, destarte, ela pode seguir tranquilamente sua vida como se a morte não pudesse atingi-la no decorrer de sua adolescência. Na mesma direção, a crença na morte enquanto salvação e possibilidade do desfrute de uma vida eterna e ausente de sofrimentos, intensificam ainda mais a sua posição naturalizadora ante a própria finitude, sendo que o mesmo pode ser também observado nas falas da mãe e da avó (*A busca pela vida eterna: a derrota da morte*):

Acho que no catolicismo, principalmente, eles vêm a morte como salvação, como vida eterna, então, não tem porque ter medo dela. (Ad3)

Agora, com o passar dos anos, dez anos que participo mais e que eu estudo mais, que eu compreendo mais a religião católica, que faz que eu veja de uma maneira completamente diferente a morte, vamos dizer assim, a mudança, que eu não tenho, eu não tenho, assim, como morte aquele coisa ruim. Eu acho, assim, tão maravilhoso o jeito que Jesus colocou que eu não tenho. (M3)

É a base, é o fundamento, é a força, entendeu. A confiança, nossa, tudo isso. A vida religiosa é fundamental [...] Já pensei na minha própria morte. Quando eu estiver pronta, eu vou nascer (rs). Vai terminar a minha gestação. Eu sinto assim, uma, uma fé profunda (...) não sinto medo, não sinto nada. Eu tenho uma fé de que as coisas são boas, né. Então, o momento será bom, será uma experiência positiva, né, de libertação. (Vm3)

No caso da mãe, não apenas a sua própria finitude é relegada ao ostracismo, como também a possibilidade de vivenciar o luto do outro (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**) é temida e, por conseguinte, observada à distância (*Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro*):

Surgiu, por exemplo, um acidente [com o marido], e ele falou: _ “pô, mas seu eu tivesse morrido!” Se tivesse morrido o problema não é seu, né, o problema é meu, como é que eu vou viver se você morrer, com a situação, como é que faz uma falta, se eu vou ser capaz de me sustentar, situações, assim, da vida. Eu não tenho essa coisa assim, né, para pensar assim, se eu ficar viúva, como é que eu vou ser. Eu falei, bom, não é problema meu, eu não tenho que pensar nisso agora, eu não estou viúva agora, eu não estou, então, é uma coisa assim, que eu não penso [...] Lógico que se eu ficar, se a gente pensar com antecipação, eu acho que daí a gente fica com medo, porque a gente fica *pré-ocupada*⁶, né, e aí a gente deixa de fazer outra coisa para pensar nisso [...] se a gente pensar muito, a gente fica, né, preocupada como é que a gente vai enfrentar essa situação. Então eu, vamos dizer assim, eu não penso, prefiro não pensar, né, esperar a situação para eu viver a situação no momento, né, eu só desejo, por exemplo, estar preparada para aquela situação, naquele momento e enfrentar da melhor maneira possível. (M3)

Após o acidente envolvendo o marido, ela se lançou em um universo de reflexões sobre a possibilidade de viver na ausência dele. A perda do marido pode ter inúmeros significados, podendo ou não representar a perda do parceiro sexual, do companheiro, do provedor, daquele que é interlocutor em uma conversa, que aquece a cama com sua presença,

⁶ O termo *pré-ocupada* foi utilizado com hífen, a fim de manter a mesma entonação dada por M3 em sua fala, ou seja, enfatizando que a preocupação seria uma ocupação antecipada com algo.

e assim consecutivamente. Além disso, a morte do cônjuge pode trazer consigo uma série de perdas secundárias, a partir das quais a esposa terá que se reorganizar, de modo a aprender novos e diferentes papéis, além daqueles que ela já estava habituada a desempenhar. Portanto, ante a angústia que a possibilidade de tal separação ocasiona em sua vida, ela busca distanciar-se destes pensamentos, impedindo que sentimentos e preocupações com relação ao fato se manifestem. E mesmo se esforçando para esconder suas inquietações, o temor com que vivencia a morte vem à tona na medida em que, ao vislumbrar sua própria finitude (**Saber-se mortal: existindo na finitude**), revela o desejo de morrer sem a percepção desse momento (*O desejo da boa morte*):

A gente fala, ah, esse negócio de morrer, assim, a gente fica vendo acidente, doença, tudo, eu só penso, assim, que eu gostaria de deitar e não acordar mais. Só penso assim, que eu quero estar num ponto que eu um dia durma e não acorde mais. Eu não quero, vamos dizer assim, passar por esse processo de doença, ou alguma coisa. Eu quero uma morte instantânea, vamos dizer assim, né, resolvida, como eu digo, uma morte resolvida; chega um dia acabou o meu pavio, e simplesmente isso. [...]. Não quero, como dizia a minha avó, não quero dar trabalho para ninguém, eu quero chegar um dia e simplesmente apagar, né. (M3)

Mediante esse relato, desvela-se a maneira como a mãe estabelece o contato com o morrer, a saber, procurando ocultar o temor vivenciado frente a quaisquer eventos que a coloque ante a presença da morte, seja a do outro, seja a de si mesma. Ao dizer não querer adoecer, ela afirma não desejar ver e sentir a aproximação de sua morte, indicando uma tentativa de colocar essa questão para longe de si.

Já para o avô, a idéia de manter-se vivo unicamente por meio de aparelhos hospitalares, leva-o a pensar que está sendo criada uma artificialização da vida e, por conseguinte, uma imposição que o faria ter que aguardar e experienciar o momento de sua partida, contrariando, assim, a sua vontade (*O desejo da boa morte*):

Eu quero ter até o direito de morrer feliz. Quero este direito. Tenho até uma tese de que se eu estiver vivo, meio complicado com saúde debilitada, esse negócio de

aparelho, de hospital, eu quero chamar os meus filhos e olha, não precisa gastar dinheiro comigo não, não precisa, porque imagino que no momento em que nós estamos artificializando a continuidade de uma vida impossível, nós estamos contrariando as leis naturais e as leis divinas. (Vh3)

Para ele, “morrer feliz” implica em permitir a aproximação da morte no momento em que ela se apresentar, de modo a aceitá-la como parte integrante de sua existência. Além disso, ele acredita estar preparado para vivenciar esse momento, considerando ser vantajoso não saber quando será acometido por ele (*Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude*):

Mesmo a minha morte, eu encaro com muita naturalidade. Estou preparado para ela a qualquer momento e sei que vai chegar com uma certeza que nunca saberei a hora, o que é uma vantagem. Aliás, uma grande vantagem a gente não saber quando ela vai ocorrer. Então, não é para mim um motivo de sofrimento. Sofrimento no sentido de ficar angustiada, de ficar triste, não existe. (Vh3)

No que concerne às vivências relativas às perdas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**), ele, assim como sua filha e neta, buscam manter uma postura de naturalização ancorada na crença de que o morrer se configura como algo positivo:

Eu acho que eu aceito de uma forma tão (...) tão tranqüila, né, vamos dizer assim. Embora a gente sente, a gente tem aquele momento de não poder ir ver, mas eu não tenho aquela coisa de que eu perdi a pessoa e de que eu não posso mais sentir nada. Eu acho que eu tenho, eu enxergo muito diferente, que as pessoas às vezes vem e falam de morte, tudo, uma tristeza, e eu não tenho isso, né [...] Então, vamos dizer assim, a morte é muito enfrentada, eu vejo, mesmo pela religião, eles colocam a morte como uma coisa muito triste, muito pesada e eu não sinto que é assim, né, eu não sinto. Eu preciso tomar cuidado, porque às vezes as pessoas acham que eu faço pouco caso, né, o meu jeito. (M3)

Já a da minha avó foi do nada, então foi um susto. Mas eu fiquei só triste, não falei assim que era injusto, nem nada assim. Para mim é uma coisa natural assim. Foi para um lugar até melhor, eu não sei. (Ad3)

Ora, tem que morrer, precisa morrer. É bem assim que eu vejo. Então, não me assusta, não me causa tristeza. Não tive a oportunidade de passar pela perda de um filho, ou de alguém (...) como que não, o meu pai era muito querido, minha mãe era muito querida, meu sogro era muito querido, mas não vi sofrimento, achei que foi uma libertação. [...] Reconheço que talvez possa trazer uma saudade, mas a saudade também existe quando a gente viaja, quando a gente fica longe, não é, mas sempre fica a perspectiva de reencontrar, mas daí, de repente tem que sair de novo, então é assim que eu vejo a morte. (Vh3)

Na compreensão da adolescente, embora a morte da avó aparentemente tenha sido tratada com naturalidade, essa vivência se deu a partir de um contido, porém presente, sentimento de tristeza. A mãe, por sua vez, afirma que compreende a morte sob uma perspectiva muito tranqüila, oposta à da maioria das pessoas. Seu modo de lidar com as perdas se dá de maneira tão distante e natural, que em algumas ocasiões, pode soar como desprezo. Já na visão do avô, ele afirma que as perdas não lhe causam quaisquer sentimentos de espanto ou tristeza. Pelo contrário, como é possível observar em sua fala a seguir, a lamentação da morte é vista como um comportamento disfuncional e desnecessário, diante do qual ele debocha por julgar tratar-se de emoção excessiva e de caráter obrigatório:

Para mim é ridículo passar a noite do lado de um corpo, é ridículo, sou bem sincero para você. Então, a família faz todo aquele negócio, não é, aquele sofrimento estimulado, porque cada um que chega tem que chorar; é obrigado chorar. Você imagine uma esposa do lado do caixão do marido sem chorar, o que vão falar dela, ou do marido do lado da mulher sem chorar, o que vão falar, né. Eu olho, acho, acho até graça, né, dou risada vendo o pessoal: _ “ah, coitadinho”, vem todo o sentimento de culpa, de tudo o que deixou de fazer naquele instante. (Vh3)

Com relação ao pai e à avó, seus relatos aproximam-se aos de Ad3, M3 e Vh3, na medida em que, assim como estes, também buscam atribuir às perdas o caráter de naturalidade e, portanto, ausente de sofrimentos (*A convivência pacífica com a morte: aprendendo a aceitar as perdas*):

Daí, com o amadurecimento, quando eu perdi a minha mãe, aquela coisa toda, você já está maduro, então você sabe que realmente aquilo é matéria, chegou a hora de ir embora (...) e tem que ir embora. Então o lidar é isso. É aceitar. Então é realmente você ter o sentimento maior é a gratidão, não o apego, o fique comigo. Então eu tive que aceitar. (P3)

Na hora que a gente recebe a notícia, a gente leva um susto, né, e logo em seguida vem todos esses conceitos, essas convicções que a gente tem e a gente reconhece que realmente há ali um momento de paz. Eu, pelo menos, percebi isso. (Vm3)

Não obstante, embora as falas do pai e da avó assemelhem-se às da adolescente, mãe e avô, o que se apreende dos relatos de ambos está além de uma postura de naturalização,

configurando-se fundamentalmente como aceitação ante as perdas de pessoas queridas, sobretudo nos relatos do pai. Para ele, as experiências vivenciadas, especialmente a partir da morte de seus genitores, possibilitaram a ressignificação da forma como enfrenta esses momentos. Em virtude dessas vivências, aceita que a ausência do outro jamais pode ser suprida e, ao invés de abater-se ante essa constatação, procura olhar para dentro de si, a fim agradecer àqueles que lhe conferiram a possibilidade do seu existir e da convivência.

Na visão da avó, a morte do outro é inicialmente vivenciada com uma sensação de entorpecimento, no entanto, depois de superada essa fase, ela agarra-se às suas crenças de que o instante da morte é um momento de paz. Ante essa compreensão, quando ela se depara com o sofrimento de algum doente, julga que a morte se configura como um momento de alívio para aquele que se encontra atormentado por perceber-se frente à inevitabilidade do morrer (*A aceitação da perda: empatia ante ao sofrimento do outro*):

Do meu pai, ele estava no hospital, a gente não acompanhou, mas como acompanhei da minha mãe, eu percebi que foi um (...) a gente até queria que ela morresse rápido para ela se sossegar, né (...) se libertar daquele estado de tensão. (Vm3)

A mesma posição foi descrita pela neta adolescente:

Da minha tia, que ela morreu doente, não chocou tanto porque ela estava doente, então, querendo ou não, é uma coisa mais esperada, que ela já estava no hospital, tudo. (Ad3)

Para elas, a aceitação da morte é mais fácil ante as situações de sofrimento, pois, nos casos em que uma pessoa encontra-se em processo de terminalidade, a morte apresenta-se como um acontecimento inevitável e esperado, podendo ainda ser considerado um alívio.

Do que foi exposto até o momento, é possível apreender que os integrantes dessa família, especialmente a mãe e o avô, procuram se referir à morte de modo a naturalizá-la e, assim, evitam aproximar-se de quaisquer sentimentos que os despertem para o desalojamento

de suas convicções acerca do que os espera após o morrer. Nessa tentativa, racionalizam suas falas, negando a existência de possíveis tristezas ou sofrimentos emergidos diante de uma situação de perda. Apesar disso, com o decorrer e aprofundamento da entrevista, M3 desvelou algumas de suas emoções advindas com a reflexão acerca da possibilidade da morte de pessoas queridas (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Eu não tenho um sentimento de tristeza ou de alegria, não tenho. Eu falo, vamos dizer assim se perguntarem, eu falo (...) eu falar da morte dos meus pais, aí eu fico mais triste [começou a chorar] mas, também estou num momento em depressão e tal (começou a chorar). (M3)

Desde o início da entrevista, ela procurou transmitir serenidade diante do assunto, porém, através de suas lágrimas, evidenciou o quão doloroso é pensar na morte dos próprios pais. No entanto, ao chorar, ela imediatamente procura justificar sua “fraqueza”, atribuindo esse deslize a um estado depressivo. De fato, ela aparenta ter um vínculo muito estreito com os genitores, o que a leva a adotar falas muito semelhantes às deles. Contudo, difere à medida que em alguns momentos não consegue evitar que seus medos e angústias diante da morte transpareçam, admitindo que a perda de alguém querido possa trazer uma entristecida saudade (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Eu assim, eu acho assim, o que mais assim é o meu avô, que o que eu acho mais, que tinha uma ligação mais profunda e que dependendo do que a gente comenta, dá aquela coisa assim de lembrar quanta coisa ele fez, né, bacana, né [...] É triste na hora que a gente fala assim, poxa, a gente vai lá e não vê a pessoa, principalmente quando as coisas não mudam, né, o ambiente fica do jeito que a pessoa deixou. (M3)

Para ela, assim como para seu pai, a admissão de possíveis sentimentos dolorosos ante a morte é vista com reprovação, parecendo denotar certa fragilidade, a qual é repudiada neste círculo familiar. Nesse sentido, não são permitidas as lágrimas e, por conseguinte, as

manifestações de luto, uma vez que soam como desnecessárias demonstrações exacerbadas de emoções.

No entanto, apesar do distanciamento com que tratou o tema desde o início da entrevista, ao recordar do avô que morrera, a mãe sentiu o quanto a presença dele lhe faz falta (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Eu fico pensando assim, se eu ficar pensando muito no que está ruim, no ruim, no ruim, eu não consigo ver o que eu consigo fazer, né, e aí eu paro. Então, eu vejo, acho que na morte de um ente querido eu fico pensando o que ele fez de bom, tanto é que do meu avô que é o que mais eu senti, porque quando a minha avó morreu foi uma coisa assim, senti, mas acho que porque também eu tinha os meus filhos muito pequenininhos, eu não pude ficar muito tempo, não pude acompanhar e o meu avô, meus filhos já eram maiores e eu acompanhava, né, e eles, e pedia muita ajuda para fazer as coisas de computador, as matérias que ele escrevia no jornal para as coisas, ele pedia muita ajuda, então ele chamava a gente, ele chamava, tal, então com ele foi diferente a situação. (M3)

Da mesma forma, seu esposo, ao falar sobre as pessoas que morreram, deixou florescer as recordações que essas vivências evocam. No seio dessas lembranças passadas, florescem os últimos instantes compartilhadas junto ao seu pai ao longo de sua infância (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Eu fui um dos últimos a vê-lo ainda vivo, entre parênteses, porque ele já estava morto, nos aparelhos. Eu estava na santa casa, aquela coisa toda, eu soltei a mão da minha mãe, soltei e fui andando no corredor [...] Saiu uma senhora de dentro, de cor: _ “o que você está fazendo aqui?” olhei para ela, eu quero ver meu pai. “Quem é o seu pai?” meu pai é o [NOME DO PAI]. “Você vai ver ele e depois já vai embora com a sua mãe?”, eu falei, é. Então, me carregou no colo, entrei, abriu e olhei na cama, cheio de tubo e tal. “Quer dar um beijo nele?”, quero. “Pronto?”, pronto. (P3)

Ele recordou-se com muito carinho dos momentos de dificuldade e superação enfrentados após a morte de seu pai, reconhecendo a importância de sua família nos momentos em que esteve diante das perdas mais significativas de sua vida (*Ser cuidado pelo outro: o compartilhamento dos momentos difíceis*):

Perdi meu pai, mas eu fui suprido. Minha mãe se desdobrou, meus tios sempre juntos, meus primos sempre juntos. Então, quer dizer, sente a falta, entendido, mas sempre tem companhia. Então, acho que você lidar com a perda, você tendo companhia é muito mais fácil, né. Então, quer dizer, senti, mas tive muita companhia. Então eu sempre tive alguém junto, então foi mais fácil [...] Eu acho isso. _ “ah, porque você perdeu novo”. Viu, perdi novo. E se eu não tivesse a educação, a família, eu ia entender? O grande valor é a família. Não é a família marido, mulher e filhos, só. É a grande família. São os primos, são os tios, são os avós, são os amigos, entendido. (P3)

O fato de ter uma família ampliada que o acolheu em sua infância, enquanto encontrava-se em desamparo causado pela morte do pai, proporcionou-lhe um aprendizado que fez emergir um novo modo de se relacionar com o mundo e com as perdas ao seu redor. Assim, ao tornar-se adulto e deparar-se com a morte de sua mãe, revela que a família continua a ser sua principal fonte de apoio, no entanto, agora essa sustentação abriga-se nos laços estabelecidos com esposa e filhos:

Então, a questão da morte, para ele [irmão], comparando ele comigo. Qual a diferença? (...) Eu tenho filhos. Então, certos valores de amor e apego mudam. Quando você tem um filho, você começa a entender que filho não é seu, não lhe pertence, mas você tem a responsabilidade por aquilo. Então, por ter isto e o meu irmão não ter, eu acredito que a morte para a minha família, estou falando agora eu, meus filhos, é mais fácil, entendido, de aceitar do que ele. Ele tinha mais a presença, entendido, ainda, vamos dizer, do filho com a mãe, entendido, que não gerou, não teve essa responsabilidade de ter a própria casa, de ter filhos, aquela coisa toda. Então eu acho que quando você tem filhos, entendido, muda um pouco a tua forma de encarar quando você perde alguém. Então, eu acho que para mim foi mais fácil. Para ele foi um pouco mais difícil por causa disso, entendido. (P3)

Além do apoio da família, ele acredita que envolver-se em atividades que descentalizem sua atenção da esfera da tristeza também é uma forma de naturalizar as perdas e esquecer-se da dor advinda pela morte de alguém que lhe é dileto (*Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro*):

Não tem, entendeu, como lidar. Porra, dói, hum, entendeu. Então, você tem a dor de um corte, de uma quebradura, entendido, da falta, mas é tranquilo. É só você estar também muito é (...) com a cabeça ocupada com assuntos, do que ficar batendo naquilo, naquilo, naquilo, ah, mas o que eu faço agora, eu estou sem, estou sem, estou sem, entendido. Traz desconforto para você e, além disso, traz desconforto para aqueles que estão em volta. (P3)

A mãe, por sua vez, compartilha da opinião do esposo e reconhece que estar envolvida no cuidado dos filhos ajudou-a a lidar mais facilmente com a morte de seus avós (*Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro*):

Perdi meu avô e minha avó e mesmo assim, quando eles morreram meus filhos eram pequenininhos, então, não tem aquela falta, porque eu tinha muita ocupação, né, eu tinha os três pequenos. (M3)

Para o pai e para o avô, a crença de que a pessoa que morreu está em paz em uma vida espiritual também é apontada como uma de suas fontes de alento frente à realidade da morte, uma vez que a fé em outra vida permite a projeção de um futuro na medida em que se apresenta como uma nova oportunidade para todos aqueles que se deparam com a morte (*O auxílio da fé: a busca de força e conforto ante a morte do outro*):

Você sente a falta do carinho, a tal da presença, entendido. Mas você tem a certeza que a pessoa, entendido, que partiu, está bem. Então você reza, ora e você traz o conforto para você e conseqüentemente para a pessoa também, entendido. (P3)

Então, para mim não é uma perda. Perdi meu pai, perdi minha mãe, nunca pensei assim. Não derramei uma lágrima por eles e por ninguém, porque é muito claro para mim, é a transcendência. (Vh3)

Ao vislumbrarem a continuidade da vida em outra dimensão, eles ensaiam uma postura de naturalidade ante ao contato com a finitude de si e do outro. Imersos nesse modo de ser, quando questionados a respeito da postura da família diante da morte (**Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte**), suas falas mantiveram-se no domínio da compreensão aparente de que a morte é aceita com naturalidade por todos eles (*A aceitação da morte na família: a resignação ante as perdas*):

Eu acho que lidam como eu também. Bem tranquilo. Aceitam numa boa, sabem que aquilo é a única certeza, que sabemos que não para ali. (P3)

Também com a maior tranquilidade [referindo-se ao enfiamento da família diante da morte de conhecidos/familiares]. É que a gente tem uma formação longa e

profundamente espiritual, né, então, a gente não é assim apegado à matéria. Então, a gente acredita no invisível e na força do invisível. [...] Pelo menos nas mortes que já passaram, eles enfrentaram tranqüilamente, assim, compreendem mais ou menos como eu mesmo, entendeu. Todos, me parece que eles enfrentam tranqüilamente. (Vm3)

Todavia, ao mesmo tempo em que categoricamente afirmam familiaridade com a morte, o assunto é abordado apenas de maneira corriqueira (*Abordando a morte de maneira fugidia: os “casos de morte”*):

Nunca vi eles falarem muita coisa [...] Quando a minha avó morreu, daí ligaram falando que ela morreu, daí a gente [família] assustou, chorou e foi no enterro dela (...) natural assim. Como acontece normalmente. (Ad3)

Assim, ignoram como a morte é compreendida e enfrentada entre eles (*A morte como tema distante: o desconhecimento dos modos de ser da família*):

Nunca vi eles falarem muita coisa [...] mas preocupação com a morte em si, eu não sinto na minha família. (Ad3)

Não sei, ele não, eu acho que ele não gosta muito de conversar sobre isso [referindo-se ao marido] [...] Eu nunca, nunca conversamos [ela com os filhos] isso, né, e (...) não sei dizer (...) como é que eles sentem. (M3)

Não sei (...) não sei. Parece que eles enfrentam bem. (Vm3)

A minha mulher, você vai falar com ela também, né, acho que pensa do mesmo jeito. Com os meus filhos eu nunca discuti isso com eles, não sei como eles enfrentariam isso. Uma das coisas interessantes na minha família é que nós não damos muita importância a enterro. Dificilmente eu consigo fazer eles irem. Mesmo quando é uma pessoa conhecida, precisa ir porque é um ato social, como você não vai numa morte [...] a [NOME DA ESPOSA] ela não gosta de ir. Só vai mesmo se for alguém muito chegado e fica muito chato não aparecer. Então imagino que ela tenha mais ou menos o mesmo pensamento que eu, apesar de nós não discutirmos sobre a morte, né. (Vh3)

O desconhecimento de como os familiares lidam com a morte, bem como a minimização e proibição dos sentimentos negativos frente a este evento, leva-nos a compreender que essa família, ao tentar aparentar tranqüilidade ante a morte, nega esse evento

a fim de mantê-lo afastado de sua cotidianidade. De fato, tal atitude indica certa dificuldade em aceitar o morrer como um acontecimento pessoal, a partir do qual finda a existência.

Com o desenrolar da entrevista, os integrantes dessa família também relataram como compreendem o viver ante da inevitabilidade da morte (**Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência**). Na fala da adolescente, evidencia-se que a morte não se apresenta como foco de sua preocupação, uma vez, para ela, a vida exige-lhe muito mais envolvimento e cuidado (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

A vida para mim é mais complexa do que a própria morte. Porque a vida a gente (...) é que nem assim, eu vou morrer, mas eu tenho que fazer de tudo para ter uma vida garantida. Eu não sei quando eu vou morrer, que não sei como que eu vou ficar daqui a uma semana, mas eu tenho que planejar tudo. Eu, por exemplo, em questão a vida, eu me sinto muito cobrada, às vezes. Eu tenho que planejar demais, sendo que eu não tenho certeza de muitas coisas. (Ad3)

Na visão dela, os compromissos e impasses que atravessam sua trajetória de vida revelam a necessidade de fazer escolhas e assumir as responsabilidades pela própria existência. Por vivenciar um momento em que necessita buscar um espaço no mundo e consolidar a própria identidade, ela não encontra espaço para preocupações referentes ao morrer como possibilidade pessoal. Da mesma forma, seus genitores também ressaltam a necessidade de valerem-se da vida, sobretudo do momento presente. Contudo, não deixam de resgatar as conquistas que florescem com a superação das adversidades e se reconhecem satisfeitos ao longo de suas trajetórias existenciais (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

A vida? Eu acho que é um presente, eu tenho isso assim. Eu tenho observado muito, que as coisas são muito boas, né, embora a gente enfrente algumas coisas, eu acho que é aquilo que a gente tem que viver cada momento, conservar mesmo. [...] Então, eu tenho mais aproveitado mesmo, né, eu, vamos dizer assim, o meu marido decidiu que tem que trabalhar para ganhar dinheiro e eu falo assim, eu vou trabalhar e fazer o que eu posso, se o dinheiro vier, ótimo, se o dinheiro não vier, vamos ver e a gente

vai conversar (rs). Então, eu assim, são valores, né, e eu mudei. Então, eu acho que a vida é um presente, a gente tem que agradecer se tem, se não tem. (M3)

Então o viver é a importância que você dá ao instante. É viver intenso aquele instante, com as suas crenças, parabéns para você. Se você acha certo ou errado é a tua vida, você faz o que você quer. Você me respeita e eu te respeito naquele espaço e vivemos juntos. Então, é viver o instante com a maior intensidade que você conseguir [...] Por eu ter escolhido casar e ter filhos, a minha responsabilidade é um pouco maior. Para quem não optou por isso, entendido, ele pode viver um pouco mais tranquilo, ele pode ter uma vida um pouco menos com regras, ele pode sair um pouco mais, ele pode viver certos romances um pouco mais, porque ele não tem esse compromisso, mas não quer dizer que por eu ter esse compromisso, que eu não posso viver intensamente. (P3)

Portanto, enquanto a filha adolescente vislumbra ações que visam a consolidação de sua identidade e almejam a concretização de sonhos e metas futuras, seus genitores salientam a importância que há em vivenciar cada instante da melhor maneira possível, de modo a preservarem alguns valores que consideram fundamentais, tais como o respeito ao outro e a valorização do momento presente. Já o avô, ao conjecturar acerca do mesmo assunto, apontou para a importância que há em viver bem com aqueles que estão ao seu redor, de sorte que, para ele, a razão de viver é a relação entre estar bem e fazer o bem (*Compartilhamento do existir: viver é estar junto ao outro*):

A razão de viver é você estar bem e fazer um bem ao próximo [...] Então, o viver é desenvolver todo o seu potencial, sempre pensando no bem comum. (Vh3)

Com relação à avó, ela recorda-se dos obstáculos que insurgem no decorrer da vida, acreditando que eles fazem parte do caminho a ser seguido rumo à construção e realização de si mesma enquanto um ser que é projeto a ser criado e recriado a cada instante (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*):

A vida para mim é um caminho, né, porque é uma gestação que eu digo, né, que a gente vai enfrentando várias situações para que a gente vença. Acredito que para que a gente evolua com eficiência há muita necessidade de muitos obstáculos para que a gente consiga enfrentar a força de vencer, né. Você vai indo, você está no caminho, você está, vamos dizer assim, trabalhando com a própria evolução, vencendo obstáculos. (Vm3)

Após falarem acerca das maneiras como vivenciam a morte e o morrer, os colaboradores dessa família também relataram como foi a experiência de poderem falar sobre essas questões:

Achei interessante (rs). Achei legal [...] Eu acho que eu estou tranqüila, mas a minha perna está cruzada (rs) eu falo que a perna cruzada é um pouco de nervosismo, então não sei (rs). (Ad3)

Falar sobre isso, eu acho que é uma oportunidade de engrandecer, de ajuda, várias coisas, né. Falar sobre isto, vamos dizer assim, ajudar você é ótimo, muito bom, é uma oportunidade que são poucas pessoas que têm, né e você chegar até nós, né, porque, vamos dizer assim, somos desconhecidos e você tem que chegar até nós para conseguir o que você quer. Então, são caminhos que se cruzam, é interessante. [...] Para mim, este assunto é (...) é natural conversar, porque, vamos dizer assim, é, não é um assunto que a gente não conversa de jeito nenhum. Eu não tenho nenhum problema com isso. Para mim foi natural, normal, né, é um assunto que surge na vida e que a gente conversa mesmo (...) quando é necessário, né (rs). Não é cotidiano, mas se precisar a gente conversa, se precisar refletir, vamos sentar refletir e ver como é que enfrenta, né (...) acho que é assim. (M3)

Meu, é muito tranqüilo e é muito gostoso saber que eu ainda sinto, por ser italiano, por ser leonino, né. Então, realmente essas características realmente estão mais a flor da minha pele, né. Realmente, eu sou muito sentimental. [...] Isso é muito gostoso. _ “ai, como é que foi quando o papai foi?”. Viu, até hoje eu choro. Minha mãe, choro. Mas é gostoso lembrar o tempo que eu tive junto, entendido (...) isso é gostoso [...]. É (...) pela religião, ir até o cemitério, nós temos uma capela, e mandar limpar, entendeu. É agradecer a oportunidade. [...] É muito gostoso entrar na sala lá da casa da minha mamãe e olhar as fotos. Olhar fotos, entendeu, de avô, de avó, da vovó [NOME DA AVÓ], do vovô [NOME DO AVÔ], da nona, do nono. É gostoso olhar e saber que você está aqui por causa deles. (P3)

Ah, foi tranqüilo (rs), tranqüilo porque a gente conversa bastante sobre isso, entendeu. Inclusive na nossa comunidade na [NOME DA COMUNIDADE] os párocos nossos, eles, tanto o anterior, como o atual, eles preparam muito a gente, eles deixam claro, tiram toda aquela fantasia a respeito do terror, né, então, é tranqüilo. (Vm3)

Uma oportunidade de deixar uma sementinha para alguém refletir sobre um outro ângulo, que eu tenho certeza que eu acho que você não ouviu essa teoria ainda (rs). (Vh3)

A adolescente manteve sua postura de naturalização diante do assunto, não aprofundando sua fala, de modo a limitá-la a dizer que se sentiu tranqüila ao longo da entrevista. Sua mãe, primeiramente ressaltou a satisfação em poder contribuir com a pesquisa e, em seguida, voltou a se referir ao morrer sob um ponto de vista naturalizador e generalizante, afirmando tratar-se de algo sobre o qual ela conversa, *apenas* quando

necessário. Já o pai, relatou ter gostado de participar do estudo, uma vez que este lhe propiciou a oportunidade de rememorar e, assim, vivenciar sentimentos que marcaram a sua história afetiva junto àqueles que já morreram. Com relação à avó, ela julgou que conversar sobre o assunto foi tranquilo por não se tratar de algo totalmente ausente de sua realidade. Ao contrário, ela considera a morte uma temática familiar, na medida em que diz respeito a algo muito abordado e trabalhado no interior de sua crença religiosa. Quanto ao avô, ele considerou que a maneira como abordou a morte não é usual e, por isso, julga que seu relato poderá trazer reflexões para aqueles que estabelecerem contato com o mesmo.

Síntese compreensiva

No mergulho nas vivências dos colaboradores da **Família 3**, observa-se aquilo que veio à tona no interior dessa existência compartilhada, a saber, que tudo o que diz respeito à morte é tratado com distanciamento e sob uma perspectiva naturalizadora. Tal forma de fazer referência à temática, no entanto, não emerge mediante a explicitação de um temor, e sim de maneira velada, sob a forma aparente de que todos desse círculo mantêm uma amigável relação com a morte.

Esse modo de alusão mascara a realidade que apresenta o morrer tal como um acontecimento pessoal e intransferível, colocando-os frente ao inevitável fim da existência. Ante esse universo, a morte é transferida e distanciada para um momento remoto e, ao manter-se afastada e ausente, permanece impossibilitada de tolher a ilusão da imortalidade. Todavia, mesmo buscando incessantemente a negação como medida protetora, a angústia frente ao reconhecimento de que se é um ser-mortal acompanha-os ao longo da existência.

Diante disso, portanto, para essa família, a aceitação e o bom convívio com a morte não deixam de ser meios de subjugar-la e vencê-la. Esse modo de ser diante da morte

perpassou os relatos das três gerações entrevistadas, sendo que o pai foi quem mais se distanciou dessa configuração, conseguindo com isso, estabelecer um contato mais íntimo com as experiências relacionadas ao morrer.

No caso da adolescente, o morrer diz respeito a algo muito distante e que nunca fez parte de suas reflexões e inquietações. Por conseguinte, ela busca tratar esse fato com absoluta naturalidade, mantendo-o afastado de sua existência. Diante disso, ela afirma que a vida é o foco de suas preocupações, porquanto que esta lhe exige mais atenção e cuidado. Ao fazer isso, ela retira a morte da esfera de sua vida, sem considerar que ambas dizem respeito ao mesmo processo.

De acordo com Freire (s/d), a adolescência inaugura preocupações que até o momento eram desconhecidas ao jovem enquanto criança, a saber, de que ele é um ser que tem liberdade em relação ao presente e traz consigo o futuro enquanto questão a ser resolvida a partir da construção de si mesmo. No entanto, essas novas tarefas trazem certa sensação de desalojamento, uma vez que essa nova forma de ser-no-mundo ainda o assusta por se tratar de algo totalmente novo. Daí que, ante a esse estranhamento, o jovem busca alternativas que tornam seu existir mais prazeroso, tomando a fantasia como sua principal fonte de refúgio. É nesse sentido que, ao sentirem-se donos do futuro, muitos jovens acabam por se sentirem demasiadamente seguros, levando-os à ilusão de que a mortalidade não pode atingi-los. No caso de Ad3, fica evidente que sua atual preocupação é fazer planos futuros, realizar sonhos, de modo a ocupar-se com a construção de si mesma, ainda que essa condição também possa vir acompanhada de dúvidas, medos e incertezas. Assim, por considerar a morte como um acontecimento alheio a sua vida, ela não tem como tomar tal questão como alvo de seu cuidado.

No que concerne à mãe, desde o início da entrevista ela procurou se referir à morte, não como um encaminhamento para o seu não-poder-mais-ser, mas como via de acesso

a uma nova forma de existir. Segundo ela, esse modo de compreender a morte a mantém em uma posição confortável e segura com relação a tudo o que diz respeito à finitude, pois, a seu ver, a morte implica em mudança e não remate da vida.

Por outro lado, em consonância com o desenrolar da entrevista, desvelou-se que esse modo naturalizador de abordar o morrer, de fato, oculta a negação de tudo aquilo que traz a morte de maneira mais evidente a sua vida, a saber, as doenças, a velhice, o luto e as possibilidades de perda. Para ela, tais eventos devem ser mantidos à distância, de maneira a parecerem inexistentes. Só assim, portanto, é que ela pode manter-se na estabilidade de sua vida cotidiana, de modo a não sofrer com situações que poderiam despertar sentimentos de tristeza e desalojamento. Deste modo, ao julgar a morte como algo familiar e conhecido, ela livra-se da angústia que comumente atinge aqueles que se deparam com a necessidade de se apropriarem do próprio projeto existencial enquanto sua possibilidade mais pessoal.

O pai, ao adentrar em suas vivências relacionadas ao morrer, iniciou sua fala remetendo-se às perdas que experienciou no decorrer de sua vida, sobretudo, a morte de seu pai, ocorrida quando ele ainda tinha nove anos de idade. Embora sinta que na época do ocorrido essa perda não foi bem compreendida por ele, recorda-se saudosamente de alguns dos momentos vividos junto ao pai. A partir dessas lembranças, P3 percorre por caminhos passados, a fim de mostrar como vivencia as situações que remetem a sua própria mortalidade, bem como à mortalidade do outro. Nesse sentido, ele admite a dor advinda com a perda, ao mesmo tempo em que reconhece ser necessária a aceitação desse momento para a amenização do sofrimento. Contudo, mesmo aceitando o luto como parte do processo de rompimento, ele acredita ser mais salutar a não ocupação com pensamentos que lhe façam recordar a ausência do outro.

Com o decorrer da entrevista, ele também lançou olhar sobre sua própria finitude. Ao falar sobre ela, recordou-se que já esteve próximo desse momento, visto que nos últimos

anos esteve envolvido em diversos acidentes automobilísticos. No mais recente deles, temeu morrer e tal sensação lhe remeteu a preocupações referentes ao futuro dos filhos, principalmente no que diz respeito ao sustento financeiro deles. Portanto, ao pensar em sua própria morte, o pai não a observou sob um ponto de vista pessoal, mas sim deslocou sua questão pessoal ao cuidado dos filhos.

Com relação à avó, ela iniciou a entrevista referindo-se à morte como uma possibilidade de contínua evolução e transformação, a partir da qual cada pessoa nasceria para uma situação de maior liberdade e paz. Segundo ela, tal modo de aceitação da morte decorre de suas crenças religiosas que, ao lhe prometerem a chance de uma vida ainda melhor que a atual, confortam-na diante da perda de alguém querido e diante das reflexões acerca de sua própria morte. O consolo trazido pela religião, no entanto, ao mesmo tempo em que a conforta com a promessa da vida plena e eterna, também a afasta da percepção de sua própria finitude. Apesar disso, para Vm3, a religião não se configura como uma escolha inautêntica, pois, a partir do momento em que acredita que a vida é uma constante evolução, ela percebe a necessidade de tomar para si as responsabilidades de sua existência, de modo a dar conta de seu próprio vir-a-ser.

Os relatos do avô assemelham-se aos da esposa, porquanto que, assim como ela, ele também considera a morte como uma transição para outra vida, cuja existência se apresenta sob uma forma mais evoluída. Pautando-se nesse pensamento, ele afirma jamais ter chorado pela morte de alguém, chegando a debochar de quem vivencia a morte com tristeza.

No que diz respeito a sua própria morte, Vh3 mantém o fio condutor de seu relato, banalizando o fato e, com isso, negando a existência de quaisquer sentimentos que o remeta para uma maior proximidade com o morrer. Assim, ao longo de toda a entrevista ele racionaliza suas falas, construindo relatos bem articulados, porém, ausentes de envolvimento.

Com isso, ele reconhece a morte como um fato, contudo, não se apropria dela como algo realmente seu, fechando-se para que ela integre sua existência de um modo único e pessoal.

Diferentemente dos idosos das famílias anteriores, que remeteram à própria finitude mediante um olhar mais próximo e nostálgico, nessa família, os dois avós quase não falaram sobre o morrer de si mesmo, levando-nos a acreditar que esse evento não é tão bem aceito por eles tal como insistem em mostrar.

O mesmo podemos dizer dos demais membros dessa família, excetuando-se o pai. Nos relatos deles, a morte sempre é abordada sob um ponto de vista racional, de modo a impedir manifestação de quaisquer sentimentos negativos que pudessem emergir dessa situação. Se voltarmos nossa atenção para a aparência de suas falas, tomando como realidade apenas parte daquilo que se mostra, acreditaremos que, de fato, essa família tem uma boa aceitação da morte, permitindo que cada um de seus membros integre-a de maneira autêntica às suas existências.

No entanto, ao lançarmos um olhar fenomenológico sobre essas aparências, compreendemos que o sentido de algo também compõe tudo aquilo que não se mostra. Portanto, nas falas desses colaboradores, o sentido que se mostra a partir das inúmeras aparências de aceitação é que a admissão de possíveis sentimentos dolorosos ante a morte é repudiada neste círculo familiar. Com isso, as lágrimas não derramadas, bem como a racionalidade com que o assunto é abordado, ainda escondem a negação que permeia as reflexões suscitadas com o tema.

FAMÍLIA 4

Na Família 4 foram entrevistados cinco colaboradores, sendo eles, a filha adolescente, (Ad4 - 17 anos), sua mãe, (M4 - 45 anos), o pai (P4 - 52 anos), a avó materna (Vm4 - 70 anos) e ao avô materno (Vh4 - 73 anos). Com exceção do avô, que afirmou não seguir religião alguma, os demais integrantes dessa família praticam a religião espírita e realizam encontros semanais na própria residência a fim de estudarem de maneira mais profunda essa doutrina religiosa. A morte mais significativa relatada pela adolescente foi a da sua bisavó, ocorrida há oito anos. Para sua mãe, a perda mais significativa foi a de sua avó há oito anos e a de uma amiga há seis anos. Com relação a avó, ela citou como perdas mais significativas a morte de sua mãe ocorrida há 12 anos e a de seu irmão há cinco. Já seu esposo salientou que já perdeu diversos amigos dentro do período de cinco anos e também se recordou da morte de seus genitores e de seu irmão, todas ocorridas há mais de dez anos.

A adolescente, a avó e o avô iniciaram seus relatos a partir de falas genéricas (**Os sentidos da morte na existência**), de modo a enfatizar a inevitabilidade e universalidade do morrer (*A naturalização: a certeza da morte enquanto um processo inerente à vida*):

Bom, primeira coisa, eu penso que a morte é a única certeza que a gente tem na vida (rs). O resto, a gente (...) a gente planeja, a gente imagina, mas certeza mesmo que a gente tem é que a gente vai morrer [...] Faz parte da vida de todo mundo, né, então, eu não tenho receio nenhum em falar da morte. (Ad4)

É que a gente sabe que é uma coisa que é, né, para todo mundo, né [...] todo mundo vai passar por isso um dia, né, então, a gente tem que aceitar, né. Por mais que a gente sinta, a gente tem que aceitar. [...] Porque a gente vê assim, vai morrendo um da família, morre outro, outro. Morre pessoas amigas, né, então, a gente vê que é uma coisa muito natural, não tem por donde, né. (Vm4)

Eu acho até que é natural da própria criação do pai do céu, né. [...] Natural. Criação de Deus, tudo é criação de Deus, né. [...] Então, tudo existe um criador e dentro disso, tudo o que se cria se encerra também, se desfaz, né. Isso a gente vê, principalmente com o tempo a gente chega a ter a conclusão de que esse fato é a realidade, né. (Vh4)

A adolescente reconhece que a morte é a presença mais irrevogável na vida de qualquer ser humano e que, por isso, ela não deve temê-la, mas aceitá-la. Com relação à avó, ela também reconhece a morte como um fato contra o qual não há a possibilidade de travar alguma batalha. Por conseguinte, admite que pensar nisso lhe causa alguma apreensão, no entanto, esforça-se por aceitá-la, uma vez que se trata de um acontecimento universal. Quanto ao avô, ele compreende a existência como sendo criação divina e que, por isso, tudo o que é criado e, por conseguinte, iniciado, em algum momento, também chegará ao fim. Além disso, ao longo dos seus 73 anos, sua experiência de vida não lhe deixa dúvidas de que o morrer é algo inelutável. Porém, mesmo referindo-se ao morrer como algo natural, ele prefere não abordar o assunto, uma vez que se sente impotente diante de tal fato:

Eu acho que não tem que se dedicar tanto ao assunto dessa passagem, porque praticamente pela lei do pai do céu é natural, né. A gente vê com a vegetação, a gente vê com os animais e assim por diante, né. Então, não (...) acho que não tem grandes comentários, na minha opinião, eu acho que não tem grandes comentários. Não vai resolver, né. Quem resolve é o pai do céu que determina. (Vh4)

Já a mãe remeteu-se à importância da religião para a sua compreensão e aceitação do morrer do outro e de si mesma. Para ela, a morte não seria o final de sua vida, mas a transição para uma nova forma da existência (*Morte como prolongamento da existência e transição para uma vida melhor*):

A morte para mim vem a ser uma transição, né, entre o corpo, a morte realmente do corpo e a vida da alma que se liberta totalmente do corpo, né, para realmente viver na espiritualidade, né. [...] então, realmente você sabe que é um, vamos dizer, é uma libertação, né, porque aqui realmente a gente paga os nossos pecados (rs) e, assim, é lógico que por um outro lado, às vezes a gente sente um certo receio. (M4)

Essa aceitação da morte enquanto uma passagem para outra vida contribui para que ela a aceite com naturalidade. No entanto, apesar da crença de que a morte não seria a aniquilação total da vida, a espera por esse momento não se dá sem certa apreensão e dúvidas.

Tal aceitação da morte enquanto *prolongamento da existência e transição para uma vida melhor* também foi descrito pela filha adolescente:

A gente sabe que é uma passagem, né, pelo menos é que eu acredito. Respeito o que as outras religiões pensam, mas o que eu acredito é que é só uma passagem mesmo. Para mim não tem, não faz sentido que todo (...) que houvesse toda essa criação maravilhosa e não (...) e acabasse simplesmente num dia, assim, em apenas uma vivência, que a gente não tivesse a oportunidade de aprender mais coisas, mais vezes. (Ad4)

No que concerne ao pai, ele iniciou a entrevista aludindo a sua própria finitude (**Saber-se mortal: existindo na finitude**), de modo a salientar que costuma se preparar para este momento, tomando como base a religião e o cultivo da espiritualidade (*A naturalização da própria finitude*):

É, eu no que eu creio, né, eu (...) eu estou me preparando para que seja uma passagem tranqüila, certo. Eu acho que se a gente preparar aqui espiritualmente, nós estaremos atravessando com mais tranqüilidade essa passagem, né. Mas eu (...) eu hoje, hoje eu me sinto mais preparado; não me assusta, entendeu. (P4)

Nesse sentido, assim como sua filha, sogro e sogra, ele também compreende o morrer como um Processo natural e universal inerente à vida (*A naturalização: a certeza da morte enquanto um processo inerente à vida*):

A morte para mim é uma coisa, posso até dizer natural. É da vida. Alguns vão antes, outros demoram para ir e assim, você começa a se fortalecer e saber que é o destino de todos. Ninguém fica para a semente, né, ninguém. Todo mundo vai ter sua hora, alguns vão rapidinho, não ficam muito tempo nesse mundo. Outros demoram bastante. (P4)

E mediante sua compreensão generalizante da morte, o seu próprio morrer (**Saber-se mortal: existindo na finitude**) também se desvela sob o mesmo prisma na medida em que o vivencia como uma passagem para outra vida (*A busca pela vida eterna: a derrota da morte*):

Então (...) eu acho que eu consigo lidar com ela (...) com mais tranquilidade por causa disso daí, sabe. Sabendo que terá uma outra oportunidade. Terá uma outra (...) se eu creio em outra vida, né, reencarnação [...] Eu acho que como a gente lê muito sobre isso daí e, como eu te falei, o próprio espiritismo bate muito forte em cima da morte, da reencarnação, eu não creio que a morte seja uma coisa definitiva, você entendeu. Eu (...) por isso que a morte para nós não assusta, entendeu. (P4)

No entanto, mesmo acreditando que a morte não seja o fim de suas possibilidades, ele teme que ela se faça presente num futuro próximo por apreender-se em como seria o enfrentamento de seu filho mais jovem. Essa mesma preocupação também apareceu no relato de sua esposa (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Hoje eu tenho o caçula que está com doze anos. Então, o meu medo seria com ele, em relação a ele, porque ele se mostra, assim, muito dependente ainda da gente, né. Então, eu peço sempre a Deus que me dê a possibilidade de deixar ele mais preparado, né. Então, esse preparo não é só para mim, como para eles também (...) uma passagem, assim, tranqüila, para que fique tudo em paz. (P4)

Vamos supor que eu estivesse me deparando com a morte nesse momento, né, aí a única coisa que realmente me preocupa é o meu filho menor, né, que eu sei que ele ainda precisa muito de mim. Os outros eu sei que lógico que vão sentir, tal, mas eles já sabem, já estão encaminhados para a vida, já estão definindo a vida deles, né, então, a única coisa que me prende ainda seria o pequeno, porque eu sei que ia ser muito mais difícil para ele, né. (M4)

Para ambos, o que mais os apreende ao pensarem a respeito do próprio morrer é imaginar como seria a elaboração do luto do filho caçula diante desse fato. Eles consideram que ele ainda é muito jovem e que, por isso, não possui a maturidade necessária para lidar com esse momento de maneira tranqüila e ausente de sofrimento. Por outro lado, ao voltarem suas atenções ao filho no momento em que estão falando sobre a relação que mantêm com suas próprias mortalidades, deixam de se aproximar de modo mais íntimo e pessoal de suas experiências de saberem-se e sentirem-se mortais.

No entanto, com o desenrolar da entrevista, embora ainda sob um olhar distante, o pai trouxe o momento de sua morte como foco de sua reflexão, desejando que essa ocasião possa ser uma passagem tranqüila e sem padecimento (*O desejo da boa morte*):

Mas, eu acho que em si mesmo, para mim é uma coisa, assim, normal. Só peço a Deus que não seja com sofrimento, que seja assim tranquilo, né. (P4)

Já a avó ao falar de sua própria morte (**Saber-se mortal: existindo na finitude**), tal como M4 e P4, demonstrou preocupação com aqueles que vivenciarão a sua ausência, sobretudo seu esposo e os cachorros cuidados por ela. Aos 70 anos de idade ela vê a morte aproximar-se de maneira mais contundente e essa aproximação a desperta para o cuidado que dispensa ao outro (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Eu penso [na própria morte]. Até não quero morrer e deixar o meu marido que depende muito de mim, né. Agora o meus filhos estão amparados, minha filha está amparada, né, os netos estão tudo amparados. Então, eu acho que o dia que chegar o meu dia tem que ir. Setenta anos não é brincadeira, né. Só que eu penso isso, eu quero que o meu cachorrinho vá primeiro do que eu (rs). E a gente precisa pensar que eles vão se virar, né, é claro. Mas agora, o meu marido depende de mim para muitas coisas, né, para tudo. E meus filhos já não dependem de mim. (Vm4)

Ao sentir-se encaminhando para a morte, portanto, ela sente que seus deveres de mãe e avó já foram cumpridos satisfatoriamente e alivia-se por estar certa de que seus filhos e netos não necessitam mais de seus cuidados. Todavia, pensar que seu esposo e seu animal de estimação requerem a sua atenção a remete para o desejo de continuar vivendo a fim de não deixá-los desamparados.

Diferentemente da esposa, que se relaciona com a aproximação do seu morrer por meio da preocupação com o outro, o avô prefere tentar escapar de sua impotência ante a morte, deixando de pensar que ela pode se fazer presente a ele a qualquer instante (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora*):

Não adianta eu estar pensando no meu encerramento. A morte o Deus fala lá, opa, e acabou [...] a gente vê quantos amigos, aliás, quantos médicos muito conhecidos e até amigos, quantos, quantos e quantos que já morreram. Quer dizer, e a profissão dele é para salvar pessoas, como Jesus Cristo também foi crucificado para salvação nossa, para se tornar os pecados mais leves, né. Então, dentro disso eu acho que não tem comentários sobre o que a gente pensa. Vai resolver alguma coisa a gente ter aquela coisa de estar pensando na morte? Vai resolver alguma coisa? (Vh4)

Portanto, ao evitar conjecturar acerca da própria finitude, ele encontrou uma maneira de negar esse acontecimento, armando-se de maneira segura contra ele. Com isso, ele mantém a morte afastada de seus pensamentos e evita entrar em contato com essa indiscutível realidade. Todavia, mesmo afirmando preferir não pensar em sua própria morte, o avô não evita que ela freqüentemente apresente-se aos seus pensamentos (*Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude*):

Toda hora, todo dia, a gente pensa, lembra, né [na própria morte]. (Vh4)

E diante de tais pensamentos, ele imediatamente busca refutá-los, julgando-os desnecessários por serem inócuos e, por isso, ineficazes em sua batalha contra o morrer (*A naturalização da própria finitude*):

Nós, o que somos aqui? Somos matéria, isso aqui é matéria, isso aqui é matéria. E como está escrito na bíblia, do pó tu vieste, para o pó tu voltarás [...] Mas vai resolver alguma coisa? Tudo é pensamento. E vai resolver alguma coisa? A gente tem que pensar porque a gente não pode deixar de pequena porcentagem de pensar, porque a morte é uma coisa natural, é coisa criada pelo pai do céu, por Deus. (Vh4)

A avó, por sua vez, não foge das reflexões que a colocam diante da morte. Ela acredita já ter vivido bastante tempo e aceita o morrer como a próxima etapa de seu existir humano, embora diga isso em tom de brincadeira (*A naturalização da própria finitude*):

Ah, eu acho que a vida tem que ser assim e a hora que chega o dia a gente tem que ir, né. Não penso, não fico nervosa não. Até para o médico eu falo, já vivi setenta anos, o que mais. Tem gente que não chega nem nos trinta, né. (Vm4)

Apesar das diferenças nos relatos de ambos, a idade parece remetê-los a pensamentos sobre a própria finitude de maneira recorrente, mostrando que não se vêem

distantes desse momento. O avô, por exemplo, revela que lembra diariamente de sua morte, o que nos mostra o quão forçoso é para ele conseguir mantê-la à distância.

Contra-pondo-se aos relatos dos idosos, a neta adolescente, embora chegue a falar que em algumas ocasiões já pensou em sua morte, demonstra que tal pensamento não ocorreu devido a manutenção de uma relação angustiante com sua própria finitude, tampouco devido à conclusão de que já viveu tempo suficiente para morrer, tal como é possível observar no relato da avó. Ao contrário, o que se mostra em sua fala é ausência de pensamentos referentes a esse evento, e também, a naturalização e o distanciamento de seu saber-se mortal (*A naturalização da própria finitude*):

Para falar a verdade, na minha [morte] mesmo eu não penso muito, mas eu já pensei algumas vezes, mas eu fico tranqüila. Eu acho que a hora que eu tiver que ir eu vou, tal, ta certo, né. [...] Eu faço o possível para cuidar de mim, porque eu fico triste quando eu vejo pessoas por aí que fumam. Eu faço o possível para cuidar da minha saúde, para ter uma vida tranqüila, né, mas o dia que tiver que acontecer, vai acontecer, não é verdade, a gente se previne, mas quando tem que ser não adianta. (Ad4)

Por conseguinte, ao se configurar como algo distante, o morrer é visto sob um olhar naturalizador que aborda a morte como mais um dos acontecimentos não-surpreendentes pertencentes à vida diária. De fato, ao falar sobre a própria finitude, a adolescente prefere manter o foco de sua atenção em sua saúde, o que implica em manter-se atenta a sua vida e às projeções que pode fazer a partir dela. Nesse sentido, ao perceber que esse futuro também envolve a morte, ocupa-se em tornar seu existir mais prazeroso, cuidando, portanto, do que ela julga ser mais importante no momento, a saber, seu existir e a construção de si mesma.

Com o decorrer das entrevistas, apontamentos com relação ao luto e às perdas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**) também foram sendo desvelados e, mediante essas vivências, o morrer de alguém muito próximo acabou por

aproximá-los ligeiramente da melancolia (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Ah, eu fico muito triste, né. Eu acho, dependendo da proximidade, assim, a gente fica mais triste, a gente às vezes no momento se desespera, a gente não sabe como agir (Ad4)

Agora, com relação às outras pessoas, assim, que nem a minha avó que eu senti muito, essa minha amiga (...) a gente sabe, a gente chora ali uns dois, três meses (...) você não consegue, você chora muito, né, mas assim, pela saudade, porque a gente sabe que eles já cumpriram a missão deles e que estão numa parte melhor, né. (M4)

Eu acho que eu tenho mais medo de perder um filho, né, uma pessoa próxima, do que eu mesmo partir, entende. Sentimos ainda medo dela por a gente gostar muito, curtir muito uma pessoa, ela estar muito próxima, então a gente não quer essa distância, né. (P4)

A gente acha que é uma coisa comum, só que aquela hora a gente não suporta, né, a gente chora. (Vm4)

Ah, a gente fica bem aborrecido, né. Fica bem aborrecido. Fica. Não faz muito tempo, que eu falei agora há pouco, eu perdi um amigo aí que era como um irmão. Ele regulava mais ou menos de idade junto comigo [...] mas a gente tem saudade, pensa sempre na pessoa, a gente tinha uma amizade, amizade de irmão mesmo, se dava como um irmão [...] Ah, foi terrível. É uma passagem que nós temos, que a gente tem. É difícil, é difícil, é dolorosa, né [...] Então, o que está vivo e perde um ente querido, ali é uma passagem difícil, né, porque a gente está acostumado a viver com aquele pai, com aquela mãe, com aquele irmão, com aquela irmã, com aquele sobrinho, com aquela cunhada, e de repente, pump, sai fora de área e a gente sabe que passou para o outro lado, né. Principalmente das pessoas que a gente ainda ama, que a gente (...) é difícil de esquecer, né. Tios, perdi todos os tios. Só tenho vivo ainda uma tia torta, né, porque ela era casada com meu tio de sangue, né. A gente quer muito bem ela, mas é a única, né. Tios de sangue mesmo eu não tenho mais nenhum. (Vh4)

Todos relataram que a morte de pessoas queridas significa o rompimento dos laços e da proximidade com a pessoa amada. A dor vivenciada por essa separação é tão intensa, que em alguns momentos, pensar nessa possibilidade pode lhes causar mais apreensão do que pensar em suas próprias mortes. No caso da adolescente, ela revela que a tristeza sempre a acomete diante da morte de alguém querido, principalmente se essa pessoa mantinha um convívio mais próximo com ela. Para a mãe, a morte costuma trazer-lhe saudade por estar acompanhada da ausência de alguém que antes fazia parte de seu dia-a-dia, de sua vida, compartilhando com ela a existência. Na mesma direção, seu esposo também ressalta

que o mais doloroso no que concerne à morte do outro é a lacuna deixada por aquele que se vai. Para ambos, viver com essa falta implica em cortar vínculos e ter que viver distante da pessoa amada. Do mesmo modo, a avó não consegue evitar a tristeza e as lágrimas ante esse acontecimento, mesmo aceitando o morrer como um evento pertencente à existência humana. Seu esposo, assim como ela, vivencia as perdas como um momento de dor. No entanto, ao falar de suas experiências, ele imerge mais profundamente em suas nostálgicas lembranças, revelando que quase todas as pessoas com quem convivia já não fazem mais parte de sua vida.

Apesar da dor vivenciada nos momentos de perda, para a adolescente, seu pai e sua avó, tal sentimento geralmente é amenizado ante as situações nas quais a pessoa que morreu estava sofrendo ou agonizando (*A aceitação da perda: empatia ante ao sofrimento do outro*):

Como quando essa irmã da minha bisavó, que foi a morte mais recente, quando ela faleceu a gente pensou, né, ela estava muito bem para a idade que ela tinha, mas (...) ela (...) estava assim com uns problemas no organismo e daí a gente achou que foi melhor, porque ela não ficou sofrendo, né (...) né, foi melhor, ela descansou, não ficou sentindo dor, né. Porque a gente fica preocupada, né, quando a pessoa fica agonizando por muito tempo, né. (Ad4)

Olha, eu penso da seguinte maneira, primeiro lugar, se estava doente, descansou [...] Como que eu posso querer que uma pessoa que está com uma doença ruim, né, que ela está sofrendo, como que ela pode ficar na terra aqui, passando por o que ela está passando. É melhor que descanse, é melhor que ela tenha um descanso sobre essa vida, sobre essa matéria, né [...] Às vezes a gente sabe, que nem estava a minha mãe, e o meu irmão ficou, eles já estavam doentes, então a gente tem que se conformar mesmo, né. (P4)

Ultimamente, eu não consigo chorar, assim, sabe. Eu penso que a pessoa estava ali sofrendo, tudo, então eu já não consigo chorar. (Vm4)

A mãe, por sua vez, busca encontrar um meio de continuar próxima da pessoa que partiu, ajudando-a e mantendo-a sob seus cuidados mediante orações que visam transmitir paz e alento (*O cuidado com o outro: orações para o falecido e preocupação com os familiares enlutados*):

Peço muito para me iluminar o caminho dessa alma, dar muita luz para que ela possa partir em paz, né, ir para um caminho bom, né e (...) rezo sempre por isso, todas as noites; para aquelas pessoas eu rezo mais ainda, né, e tem que aceitar. (M4)

Já a adolescente e seus avós, ante a tristeza desencadeada por se perceberem na ausência de pessoas que lhe são afeitas, recordam-se daqueles que já dividiram com eles momentos de suas vidas (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Eu lembro quando a minha bisavó morreu, eu ainda era bem novinha, assim, eu acho que eu tinha uns nove, dez anos, assim, e nossa, eu fiquei muito abalada, né, porque era uma coisa que eu não imaginava, por mais dela já ter bastante idade, ela já tinha oitenta e seis anos já e eu, nossa, fiquei muito abalada mesmo. (Ad4)

É, porque desde que morreu meu pai, que a gente tinha loucura pelo pai da gente, pela mãe, por tudo, né, então daí eu estava vendo que o dele foi uma morte muito, assim, ele tinha falta de ar, bronquite e aquele dia ele saiu daqui para [NOME DA CIDADE], ele saiu com um pouquinho de falta de ar só. Aí chegou em [NOME DA CIDADE] ele foi votar lá, né, aí ele se sentiu mal na fila e um conhecido lá pegou ele, pôs no jipe dele, levou ele na casa da minha tia e chamaram o médico, doutor [NOME DO MÉDICO]. Ele veio e falou: _ “foi infarte o que deu nele, então, fiquem prontos porque se ele viver, ele vai ficar sofrendo. A morte seria a melhor coisa”. Aí ele veio e tudo, ele foi enterrado em [NOME DA CIDADE], nós ficamos lá, viemos embora e aquele dia chegamos aqui, eu dormi com a minha mãe, no mesmo lugarzinho que ele dormiu. (Vm4)

Então, como é que a gente vai conseguir esquecer quem (...) não esquece dos (...) pai e mãe, irmãos, sobrinhos, cunhadas. Perdi duas cunhadas, né, do lado da minha família, né, e inclusive o pai dela (referindo-se a esposa); ele faleceu antes da gente casar. Ele faleceu em 59, [NOME DO SOGRO], o pai dela, né. Eu senti profundamente, como se fosse meu pai também, né. Só que a gente era moço. Nós não tinha um certo controle emocional, né. (Vh4)

Para o avô, o contato com a morte se fez presente em diversos momentos de sua vida, tendo sido vivenciado de maneira dolorosa em praticamente todas as ocasiões em que ocorreu. Por conseguinte, ao relembrar tais perdas ele se depara com o vazio da constatação de que apenas lhe resta a saudade de uma história que agora só pode existir por meio de suas lembranças. Tais lembranças, por sua vez, levam-no a rever, sobretudo, sua postura diante das ocasiões de perda (*Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro*):

Mas até um certo ponto, eu cheguei numa conclusão. Também, por exemplo, perdi meu pai, puxa, eu me descabelando lá e chorando e (...) mas no fim eu cheguei a uma conclusão, mas, o que adianta eu estar (...) eles cumpriram a missão dele, ou deles, e eu que estou aqui, ficar me mortificando, não vai resolver. Se eles foram agora, eu vou garantir que amanhã eu estou vivo? Então, até a gente se manera numa perda tão dolorosa das pessoas mais queridas da vida da gente, né, que não é fácil, [...] Não adianta, que a gente sofre, sofre muito, né. Mas também, não se aprofundar na tristeza com tanta intensidade, né. [...] Com o tempo, a gente vai, vai ficando meio curtido [...] Adianta eu (...) eu perdi meu pai, eu perdi minha mãe agora, eu estou me esculhambando aqui de tristeza. Vai resolver? Eu sei lá se amanhã eu estou vivo. Viu, quem de nós tem certeza se amanhã está vivo. É coisa que não é a gente que determina.(Vh4)

Essas falas desvelam o quanto ele mantém viva em seu mundo a memória das coisas que ficaram para trás. As vivências ao longo de sua existência fazem com que as lembranças do passado voltem a emergir em seus pensamentos e, assim, revelam a importância da história de vida e das experiências adquiridas ao longo dessa trajetória. Para o avô, o enfrentamento de diversas perdas levou-o ao sentimento de resignação, ao mesmo tempo em que o remeteu à sensação de impotência, contribuindo para que preferisse não pensar mais acerca do assunto.

No caso da filha adolescente, da mãe e do pai, a convivência com a morte do outro, bem como com a própria mortalidade, parece se dar de maneira mais pacífica, sobretudo, por terem na religião uma importante fonte de conforto e segurança quando se vêem diante dela (*A convivência pacífica com a morte*):

Mas eu não tenho medo, eu não tenho (...) porque eu acho que eu fui criada de uma maneira assim, é (...) desde que eu nasci e me conheço por pessoa e que eu comecei a ser educada, eu fui criada dentro da doutrina espírita e para mim é uma coisa que nunca me assustou muito. (Ad4)

Para mim, eu acho que a minha religião ajuda muito nisso também, trabalha muito isso [...] A religião que me deu toda essa base, né, que a gente está sempre estudando, lendo muitos livros e tal. Então, é ela que me deu essa base de vida e de morte, né. [...] Às vezes eu penso que quando eu era criança, que eu não tinha noção dessa parte, né, de morte. Eu entendia a morte como o que entrou dentro de um caixão, vai para debaixo da terra e aquilo me dava uma aflição tremenda, né. [...] Depois, com o passar do tempo a gente vai entendendo, vai aceitando, vai amadurecendo, vai evoluindo, né. (M4)

E o nosso lado, que nós somos espírita, mas não tem nada a ver com coisa pesada, é um trabalho muito gostoso, cheio de paz, cheio de tranquilidade, então, você passa a ver a vida de uma outra forma, a trabalhar a morte com mais tranquilidade [...] Eu

acho que na verdade, também, o fato de já ter 52 anos, você vem passando por momentos difíceis, né (...) pessoas, entes queridos que se foram, pessoas que eram muito ligadas a gente e a idade vem vindo, você vem amadurecendo, né (...) Então, eu acho que há um pouco também de amadurecimento, sabe. Não é só a parte espiritual também. Então, é uma questão de tempo e eu acho que a gente vai chegando a essa conclusão, sabe. (P4)

A religião, além de lhes dar uma explicação para a morte e como seria passar por ela, contribuindo para que sintam maior tranqüilidade ao abordar o assunto, também os coloca regularmente em contato com essa temática. Essa crença, contudo, não os impede de sofrer diante de uma perda significativa, tampouco os leva a uma postura de negação desses sentimentos. De fato, o que eles ressaltam é que a proximidade com assuntos relacionados ao morrer ajuda-os a aceitarem a possibilidade da própria finitude com mais facilidade, bem como exerce função de suporte ante as perdas de pessoas queridas. E além da religião, pai e mãe também refletem acerca da importância do amadurecimento pessoal enquanto um fator que os auxilia no enfrentamento da morte. Para eles, o avanço da idade, bem como as experiências que vão sendo adquiridas no decorrer de suas vidas, contribuem para que vivenciem o morrer como algo mais concreto e real, porém, sem temores. A adolescente, por sua vez, além de acreditar que a religião facilita sua convivência com a morte, também reflete sobre o papel desempenhado pela família em seu modo de compreender, vivenciar e aceitar o morrer (*Ser cuidado pelo outro: o compartilhamento dos momentos difíceis*):

A educação que eu recebi dos meus pais, né, com tudo que eles foram me orientando, porque ao longo da vida eu fui convivendo com (...) como a minha família é muito grande, eu fui convivendo com muitas mortes de muita gente, né, de amigos, de parentes, então, você, quando esse tipo de coisa vai acontecendo, seus pais vão te orientando, vão falando: _ “olha, faz parte da vida, né, você tem que aprender que um dia vai chegar a vez de todo mundo” e, enfim, é uma orientação que a gente está recebendo, né. (Ad4)

Para a adolescente, o fato de seus genitores dialogarem abertamente diante das ocasiões em que houve alguma morte na família, contribuiu para que ela pudesse elaborar essas perdas, de modo a conseguir apreendê-las como algo inerente à vida. As orientações

proporcionadas pela família permitiram acesso aos seus sentimentos mais pessoais em relação à morte, assim como a auxiliaram na aceitação de que, diante do luto, lágrimas e risos podem caminhar lado a lado.

Corroborando a fala da adolescente, a mãe e o pai, ao serem questionados sobre a maneira como a família lida com a morte em seu cotidiano (**Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte**), enfatizaram que conversam sobre a temática com certa regularidade, uma vez que consideram a meditação e a compreensão sobre o morrer fundamentais para que o sofrimento diante dessa situação possa ser amenizado (*Trazendo a morte para dentro de casa: a educação familiar*):

Eu me preocupei muito em ensinar os meus filhos desde pequenos sobre isso, porque até enquanto eu não sabia, eu sofri muito [...] a gente costuma fazer o evangelho aqui em casa uma vez por semana, a gente fala sobre isso, né, de explicar para eles o que realmente é a morte, porque Deus o livre e guarde de acontecer de eles irem antes da gente, né [...] De repente, eles podem ir antes da gente e eles podem sofrer muito nessa transição. Então, é importante a gente conversar muito sobre isso, passar para eles o que é realmente isso daí, para que não haja sofrimento se Deus o livre disso acontecer. (M4)

Preparar ele, no caso, que é uma criança ainda, né, que ele possa entender melhor, né. E hoje ele já está entendendo porque a gente conversa, lê. [...] nós temos costume de fazer o Evangelho em casa, junto com eles, então, nós colocamos muito isso daí em pauta para que ele possa entender aquilo que nós cremos [...] O espírita, ele no próprio Evangelho fala muito sobre a morte, sobre o espírito em si, né, como que (...) que é esta vida, que aqui nós estamos de passagem, né. Então, isso daí nós colocamos a ele todos os dias que a gente está conversando surgem perguntas, né. A gente, se não sabe esclarecer, procura esclarecer para informá-lo, né, para que possa ter uma, uma ida mais tranqüila, né. Que ele não sofra tanto. Que realmente quem sofre é mais as crianças que não entendem, né. Então, por isso que eu acho que ela assusta, é uma coisa repentina, é uma coisa, né. Então, no dia-a-dia a gente procura falar com ele. (P4)

Por ter a morte como presença constante em seus debates e reflexões, filha e pai sentem que na família a morte é bem aceita (*A aceitação da morte na família: a resignação ante as perdas*):

Eu acho que todo mundo, assim, por pensar dessa maneira, pelo menos na maior parte da família da minha mãe, que a gente convive aqui, porque a parte do meu pai mora em [NOME DA CIDADE], né e a maioria é espírita também e todo mundo

tem mais ou menos esse pensamento, né, de que quando tem que ser, acontece, né. (Ad4)

Aqui (...) nós somos, assim, tranquilos. É lógico, quando você fica sabendo da pessoa é algo comum chorar, você sentir que essa pessoa já se foi, partiu desse plano, né, mas na certeza que ela vai voltar, que ela vai ter outras oportunidades, né. Então, nós todos temos esse pensamento. (P4)

Contra-pondo-se à eles, o avô compreende que a morte não deve fazer parte das discussões familiares, a não ser quando se está diante dela (*Abordando a morte de maneira fugidia: os “casos de morte”*):

Também não vai, não vai resolver nada, né, não leva para lá, não traz para cá [conversar sobre a morte] [...] [conversa] alguma coisa que precisa fazer, vamos dizer (...) acompanhar o velório, essas coisas parecidas (...) não tenho muito a acrescentar disso aí, né. (Vh4)

Condizente com seus relatos anteriores, ele volta a falar sobre a inocuidade que há em conjecturar acerca da morte, enfatizando que diante desse evento não há nada que possa ser feito e, portanto, discutido, uma vez que não é possível evitar e, tampouco, ter controle sobre o mesmo.

Ao falarem sobre a morte e o morrer, os colaboradores também se abriram ao compartilhamento de suas vivências acerca de como compreendem o viver ante a possibilidade irremissível da morte (**Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência**). No seio das respectivas experiências, a mãe atentou-se para a importância de conduzir sua vida de acordo com alguns valores que julga fundamentais, sobretudo a manutenção do cuidado consigo mesma (*Escolhas na vida: a existência ética, moral e religiosa*):

Então, a vida, eu acho que é isso que eu falei para você [...] [viver] com bons pensamentos, cuidar bem do corpo é muito importante, né (...) o corpo é um instrumento que Deus te deu e que ele vai te cobrar se você não cuidar bem dele, né, se você não usufruir direitinho. Então, é importante isso na vida, né. Primeiro cuida do corpo, da mente, né, sobre os seus pensamentos, a sua maneira de ser. (M4)

Além da preservação destes valores, a mãe, tal como seu esposo e filha, concordam que o viver implica em aproveitar os momentos que lhes são proporcionados, de modo a desfrutar de todas as possibilidades disponíveis (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

A vida, eu acho que a vida tem que ser muito bem aproveitada, né (rs). Acho que em todos os sentidos. (Ad4)

Você tem que aproveitar, você viver da melhor forma, né [...] Eu acho que tem que ser alegre mesmo, né, e eu acho assim, viver o melhor, aproveitar o máximo o tempo que você tem aqui, né, com coisas boas, na parte de estudos, o máximo que você puder estudar, a parte profissional, também a gente tem direito de usufruir as coisas boas, viajar, fazer coisas boas. (M4)

Nós temos que, eu penso assim, viver a vida intensamente, sabe [...] Se você viver com inteligência, você vai viver e viver muito bem. Então, para mim a vida é isso daí, viver ela intensamente. (P4)

No entanto, mesmo destacando a necessidade de tirar proveito das situações que a vida apresenta, mãe e pai não deixaram de lembrar que os reveses também fazem parte dessa caminhada (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*):

Encontrar uma maneira de você, digamos assim, vencer as batalhas que a gente tem aqui. (M4)

Nós temos que ser realmente (...) saber viver em todos os momentos, né, e saber compreender que se você está passando por alguma coisa, algum momento difícil, é passageiro. É só você continuar vivendo, respeitando, que você passa por aquilo, por esse momento ruim e virá outras coisas boas, com certeza. (P4)

Além disso, salientaram a importância que há em viver bem com aqueles com quem compartilham a existência (*Compartilhamento do existir: viver é estar junto ao outro*):

Eu acho que é você cuidando de você, respeitando a você e quem está convivendo, quem está do seu lado, quem você está convivendo todos os dias, né, porque eu acho que respeito é mútuo. É uma coisa, assim, que você deve a todos, né, se você quer ser respeitado, é lógico, né. Então, eu levo uma vida, assim, da melhor forma possível. Há pessoas com quem a gente convive que a gente não gosta, né, mas o respeito é o básico, pelo menos para que não haja conflitos o tempo todo, né. (Ad4)

Procurar viver o melhor com as pessoas, aprender a conviver com as pessoas. (M4)

Amar a todos, saber perdoar, saber compreender as dificuldades dos outros e (...) porque na verdade você, quando você vive momentos bons é a coisa mais fácil do mundo, e agora nos momentos difíceis, né, aí que eu quero ver se você realmente é companheiro, se você está ali para ajudar [...] adoro a minha família, adoro estar com eles, viver com eles, aproveitar e tentar passar para eles tudo de melhor, tudo de bom para que a gente possa realmente aproveitar essa passagem aqui. Eu acho que o dever do pai e a mãe é realmente ensiná-lo que a vida está aí para ser vivida. (P4)

Os avós, na mesma direção dos genitores, ressaltam os altos e baixos pelos quais o ser humano passa ao longo de sua existência, apontando para a necessidade de saber conviver com eles (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*):

A vida (...) tem dias que eu acho ela ótima, boa. Tem dias que dá vontade de mandar tudo para o ar (rs). Mas enfim, se a gente olhar para atrás tem muitos que estão pior, né [...] quando a gente olha dá para dizer que está boa até, né, porque a gente vê os outros sofrendo aí, né, passando por certos pedaços que a gente acha que está bem [...] Eu tenho problema (rs). Não é problema, sei lá, a gente invoca com as coisas e às vezes não é o que a gente está pensando, né. (Vm4)

Então, para a sobrevivência, tem que ter (...) tem que ter um pouco de punho, né, e vamos a luta, né E a gente não está aqui no mundo para ficar de beleza, oh Deus, manda um caminhão de dinheiro aqui para mim que está acabando, né. Ele fala, vivei do suor do teu rosto e se durante o dia não for suficiente, intere com parte da noite para que você não pese sobre seu irmão. (Vh4)

A avó, ao falar sobre a vida, mostra bom humor e espontaneidade ao pensar nas dificuldades que às vezes julga fazer parte de sua vida. Sob seu olhar, a instabilidade faz parte do dia-a-dia e o fundamental é não deixar que os obstáculos com os quais depara tornem-se maiores do que parecem, fato que se realiza a partir da comparação dos seus problemas com os de outras pessoas. Já para o avô, superação de obstáculos e de dificuldades são elementos fundamentais para a sobrevivência, uma vez que possibilitam a apropriação responsável pelo direcionamento da vida e pela escolhas que são feitas ao longo dessa jornada.

Ao final das entrevistas, todos os colaboradores falaram como se sentiram ao conversarem sobre a temática abordada:

Ah, eu gostei. Achei bem interessante. A gente começa a lembrar de muita coisa, né. Começa a lembrar das situações, como eu lembrei quando a primeira vez que eu entrei no cemitério que eu fiquei super nervosa que eu era pequena ainda, mas é (...)

foi interessante falar tudo isso, porque às vezes a gente acaba não tendo com que conversar e fica com receio de conversar com algumas pessoas sobre isso, a pessoa fala: _ “nossa, por que ficar falando sobre morte, né”. Então, achei legal, foi bem interessante. (Ad4)

Ai, gostoso. Eu gosto de falar sobre isso. Eu acho que é uma maneira mais fácil de você viver; é mais *light*, né, do que você ficar levando as coisas a ferro a fogo. Então, eu acho que como eu vivo bem pensando dessa maneira, às vezes você vê uma pessoa sofrendo porque ela não tem conhecimento dessas coisas, então ela sofre demais. Às vezes você fala assim, ai, eu acho que eu vou falar para a pessoa, mas às vezes você acha que você não pode entrar naquele campo, né, às vezes a pessoa se sente ofendida, ela não entende e ela te julga mal, né [...] Então, tem pessoas que aceitam. Eu falo, olha, eu penso dessa forma, me ajuda muito, né, então, às vezes você não quer ver a pessoa sofrer também e eu acho importante isso. (M4)

Tranquilo (...) tranquilo. Só a gente fica naquela ansiedade de poder estar te ajudando de acordo com o que você precisa, mas espero ter correspondido (rs) [...] Eu acho que o que eu falei, eu falei realmente aquilo que eu acho, aquilo que eu sinto em relação a morte hoje, né, sem mais e sem menos (rs). (P4)

É, que nós começamos a conversar e, não sei, tive uma vontade de falar, eu sou assim, eu gosto de conversar, sabe. Às vezes eu não converso porque (...) eu falo para o meu marido, puxa vida, você não conversa com a gente, nem nada, por isso que a gente fica em depressão, tudo, já falei para ele umas par de vezes, mas ele não é mesmo de conversas [...] Me senti bem, né, conversando eu me sinto bem mesmo, né. (Vm4)

Gratificante, instrutivo, gratificante. Tudo isso é (...) alimenta-se a vida de cada um. Quem entrevista, você a entrevistadora e eu o entrevistado, né [...] Para você é um alimento da própria vida, te eleva, te desenvolve, cria-se para você um desenvolvimento, você se sente mais impulsionada para a luta, né e tem uma coisa, eu vou dizer para você, todo ser vivente e mais, acredito eu, o ser humano, enquanto vive, ele (...) menos, alguns menos, e a maioria muito mais, eu já vi, né, mas ninguém se livra da luta [...] mas é o que eu acabei de falar, a gente se sente incentivado, se sente (...) é bom, é bom para a gente, né, é bom, certo. (Vh4)

Para a adolescente, conversar sobre a morte foi uma oportunidade de compartilhar suas lembranças e pensamentos sobre um assunto que geralmente ocasiona estranhamento e, por isso, é mantido em silêncio com seus pares. Da mesma forma, sua mãe também se sentiu à vontade para abordar questões relativas ao morrer, uma vez que considera que o modo como lida com a morte lhe traz muita paz e segurança. Já o pai, ao falar sobre como se sentiu ao versar acerca do morrer, remeteu-se a sua preocupação em conseguir contribuir com a pesquisa de maneira satisfatória, porém, ressaltando que tal apreensão não o impediu de tocar no assunto de maneira clara e verídica. A avó, por seu turno, preferiu salientar que o momento da entrevista se configurou como uma oportunidade de conversar e de ser ouvida, ajudando-a, de alguma forma, a suprir o sentimento de solidão com o qual se depara em algumas ocasiões.

Quanto ao avô, em seu relato ele destacou que a participação no estudo lhe trouxe satisfação na medida em que se sentiu incentivado e útil por contribuir com o desenvolvimento do trabalho.

Síntese compreensiva

Ao nos abirmos para compreendermos como a Família 4 vivencia o morrer, deparamo-nos com pessoas que rotineiramente dialogam sobre esse acontecimento, de modo a trazê-lo como pauta de suas conversas e reflexões cotidianas. À exceção do avô, os demais colaboradores dessa família seguem a doutrina espírita, advindo dela o embasamento para tais reflexões.

Esse diálogo freqüente sobre a morte auxilia a família a lidar com esse evento de uma maneira mais aberta, aceitando-o como parte irrevogável da existência, contudo, sem negar a dor que o acompanha no momento em que, a partir da morte do outro, vivenciam a ausência e a saudade de pessoas que fizeram parte de suas vidas.

Todos eles, ao se referirem à morte, mergulharam com maior profundidade nos sentimentos relacionados aos momentos de perda, em detrimento daqueles relativos ao próprio morrer. Segundo Dastur (2002), encontrar na própria morte o recurso da vida não é tarefa fácil, uma vez que exige o entregar-se sem reservas ao espanto que ela suscita, aceitando permanecer constantemente sob seu domínio. Isso não significa que frente ao morrer devemos adotar um heroísmo niilista ou uma atitude de lamentação nostálgica. O que a autora ressalta é que a fim de tomarmos a morte como parte de nossa vida, precisamos aceitar a ambiguidade de sentimentos que acompanha as vivências desse momento, quais sejam, o luto e a alegria; o riso e as lágrimas. No caso da Família 4, podemos dizer que ao longo da maior parte dos relatos, a ausência do outro, bem como a própria finitude, foram

desvelados a partir dos inúmeros sentimentos que acompanham esses momentos: o temor, as incertezas, a esperança de uma nova vida, a alegria e a tristeza. Fato este, que nos leva a compreender um modo salutar de convivência com a morte permeando a existência dessa família.

Na entrevista com a adolescente, observa-se que ela se demonstrou muito à vontade e segura ao falar sobre o assunto, evidenciando proximidade e intimidade com o tema em questão. Já no início, ela reconhece que o morrer é uma presença inelutável na vida de qualquer ser humano e que, por isso, não deve temê-lo, mas sim aceitá-lo. Por outro lado, mesmo tendo a morte como um evento pertencente à existência, ela reconhece o quanto é pesaroso vivenciar a separação por meio da morte de alguém querido. No entanto, mesmo com o sofrimento ocasionado pelas perdas, ela percebe o quanto a educação que recebeu de sua família a auxilia nestes momentos de dor, uma vez que lhe oferece a oportunidade de olhar para a vida de uma nova maneira, tentando conferir-lhe algum sentido.

Apesar de receber uma educação que a prepara para as perdas e para a experiência da própria finitude, a adolescente naturaliza a sua morte, afirmando que não costuma pensar acerca do assunto. A partir do relato dela, portanto, percebe-se que sua própria morte não configura como parte de suas reflexões, uma vez que a vida presente e futura requer quase que a totalidade de sua atenção e dedicação.

Com relação às vivências da mãe, ela acredita que a religião lhe proporciona uma relação muito tranqüila com a morte, na medida em que esta lhe apresenta a oportunidade da imortalidade em um mundo superior e livre de sofrimentos. Assim, morte e nascimentos configuram-se como eventos simétricos, sendo que a primeira surge apenas como um prelúdio para um novo ciclo de vida que teria início após o morrer. Com isso, apesar da reflexão sobre a morte apresentar-se como objeto de diálogo entre os membros da família, essa ponderação ainda parte do princípio da morte parcial, ou seja, de uma morte que atingiria o corpo, mas

não o “eu” individual, que seria eterno. Contudo, mesmo havendo uma negação velada do próprio morrer, a mãe também reconhece o morrer pessoal enquanto possibilidade de abertura para uma vida mais saudável, responsável e, portanto, oportunidade de assumir sua existência de maneira mais plena e, por conseguinte, autêntica. Com o decorrer da entrevista, reflexões acerca das vivências de luto também foram sendo desveladas, apontando que pensar na possibilidade da separação em decorrência da morte pode lhe causar mais sofrimento do que os pensamentos relativos a sua própria finitude.

No que diz respeito ao pai, ele iniciou a entrevista aludindo a sua própria finitude, salientando que a religião lhe oferece uma base sólida para esse enfrentamento, uma vez que lhe promete a continuação da vida sob uma dimensão espiritual e eterna. Nesse sentido, sua própria morte não se configura como um momento assustador, porquanto que apenas diz respeito a uma parte transitória de sua existência. Por outro lado, se o próprio morrer não se apresenta como motivo de inquietação, a preocupação com aqueles que ficariam e sofreriam a sua ausência, sobretudo o filho caçula, desperta-lhe certa apreensão. Ele acredita que o filho sofreria muito caso isso ocorresse em breve, pois o considera ainda muito jovem para compreender a morte como parte inerente à existência.

Além de preocupar-se como o luto do filho seria vivenciado, ele também acredita que as perdas vivenciadas pela morte do outro traz à tona sentimentos causadores de sofrimento e dor, uma vez que apresenta a possibilidade do abandono e da separação de alguém amado. Para ele, a morte apenas o emociona na medida em que representa saudade e ausência da convivência com alguém que, até então, compartilhava com ele a sua existência. Contudo, mesmo vivenciando esse momento com tristeza, ele procura apegar-se às suas convicções religiosas, acreditando que a pessoa que se foi ainda terá oportunidade de continuar a vida e sua evolução rumo ao desenvolvimento pessoal e espiritual. Além do apoio religioso, o pai acredita que sua idade, assim como as experiências com a morte de outras

peessoas, impulsionou-o a uma série de reflexões acerca da necessidade de se aceitar a morte do outro e de si mesmo, auxiliando-o a compreender a vida como uma passagem por meio da qual o morrer faz sentido.

Com relação às vivências da avó, ela iniciou seus relatos refletindo que o morrer trata-se de um fato natural e universal contra o qual não é possível travar qualquer peleja. No entanto, o conhecimento de que a morte aguarda a todos em um futuro que pode chegar em breve ou levar muitos anos, envolve-a em sentimentos de apreensão na medida em que vislumbra o morrer enquanto evento não apenas universal, mas também pessoal e próprio. A partir de tal pensamento, ela vislumbra o seu vir-a-ser enquanto não-poder-ser, conjecturando acerca de sua ausência, essencialmente, no mundo do esposo e de seus animais de estimação.

Além da morte de si mesma, a avó também se recordou da morte de pessoas que lhe eram afeitas e do quanto essas perdas foram dolorosas. Em contrapartida, pelo fato de ao longo de sua trajetória existencial ter experienciado inúmeras situações como essas, acredita que, atualmente, encontra-se menos sensibilizada quando o fato ocorre ao seu redor.

No que concerne ao avô, já no começo da entrevista, assim como no decorrer dela, ele procurou referir-se à existência como sendo uma criação divina que em algum momento terá que chegar ao seu término. Todavia, mesmo reconhecendo o morrer como um evento invencível e como parte do ciclo de vida de todos os seres humanos, ele considera que dialogar e refletir muito a respeito desse momento é uma atitude inócua, uma vez que a onipotência da morte é indiscutível. Ao preferir não tocar em questões relativas ao morrer, ele busca negar que esse momento também faz parte de sua existência e, com isso, evita entrar em contato com essa realidade. Contudo, apesar da negação, com o desenrolar da entrevista o avô aprofundou-se em suas vivências, admitindo que a finitude diariamente apresenta-se de maneira inevitável aos seus pensamentos, de modo a não permitir que ele se esqueça sua condição de ser-para-a-morte.

Além de falar sobre seus sentimentos e pensamentos vinculados a sua condição de ser mortal, o avô também relatou suas dores diante das perdas, bem como aproveitou a ocasião da entrevista para recordar-se de toda uma vida de lutas, desafios e realizações. Mediante as lembranças, ele revela o quanto os idosos mantêm vivas as memórias de toda uma existência, trazendo consigo sua história de vida e as experiências adquiridas ao longo dessa trajetória. Desse percurso existencial, pessoas queridas são relembradas, permanecendo o vazio daqueles que agora só se fazem presente mediante a saudade.

Ao considerarmos os modos de ser dessa família ante a morte e ao morrer, podemos conjecturar que, mesmo mantendo uma boa relação com a morte, a Família 4 ainda não deixa de mantê-la a uma distância confortável quando fala a respeito da própria finitude. Ao lidarem com o próprio morrer, eles o fazem de maneira parcial, uma vez que trabalham com esse evento a partir de uma relação estabelecida com a imortalidade. Com isso, permanece a idéia de um morrer que se faz inexistente a si mesmo e aos outros, caracterizando, assim, a vitória da vida sobre a morte.

FAMÍLIA 5

Na Família 5 foram entrevistados quatro colaboradores, a saber, o filho adolescente (Ad5 – 16 anos), a mãe (M5 – 44 anos), o pai (P5 – 50 anos) e a avó materna (Vm5 – 66 anos). O esposo de Vm5 (o avô materno) preferiu não participar da pesquisa, dizendo que não gosta de conversar sobre o assunto por dizer respeito a algo que lhe provoca temor. Todos eles são evangélicos e participam assiduamente dos cultos religiosos realizados na instituição que frequentam.

O adolescente e sua mãe relataram que a morte mais significativa ocorrida recentemente foi a perda de uma amiga da família há aproximadamente um ano. Já o pai relatou como morte mais significativa o falecimento de seu pai e de sua avó, ambas ocorridas há 21 anos. Para a avó, a última perda mais significativa vivenciada por ela foi a morte de seu sogro há oito anos.

A partir desse contexto, ao serem entrevistados individualmente, o adolescente, assim como seu pai iniciaram seus relatos a partir de uma fala genérica referente à própria finitude (**Saber-se mortal: existindo na finitude**), de modo a considerá-la abertura para uma nova vida em um mundo eterno e espiritual (*A busca pela vida eterna: a derrota da morte*):

Para mim é que não acaba depois da morte, né, a gente tem uma vida depois, com Deus ou longe de Deus, depende do que você fez aqui, né, se você aceitou ou não a Jesus no coração. (Ad5)

A gente encara com naturalidade, né [...] Como a gente crê numa vida, a gente tem essa certeza para onde a gente vai, então eu não me prendo muito nisso e também não fico muito nervoso, angustiado, nem ansioso (...) porque sei que Deus tem um propósito para a minha vida e o tempo que eu estiver aqui eu vou cumprir ele, mas depois eu sei que eu vou encontrar com Ele, então (...) encaro com naturalidade. (P5)

Para eles, a própria morte não se apresenta como razão de angústia e temor por não implicar em algo definitivo que viria a aniquilar a vida, mas sim em uma oportunidade de desfrutar uma vida melhor e eterna junto a Deus.

A mãe, por sua vez, iniciou seu relato reconhecendo que a morte de si ou do outro é um acontecimento diante do qual é muito raro alguém sentir-se preparado para enfrentar, pois, segundo ela, os seres humanos não foram criados para serem finitos e sim para vivenciarem uma existência permanente e infindável e, portanto, imortal:

Oh, sempre com a morte a gente nunca está preparado, né, de ninguém, nem mesmo da gente, né. Porque, de fato, não era esse plano de Deus tinha para nós, né. Tanto é que a gente sofre muito com a morte de alguém. Mas, eu sei que também aqui nessa vida é apenas passageira. Então, é isso que eu creio, né. Nós vamos ter uma outra vida, uma vida eterna. (M5)

A avó, já no início de seu relato, procurou enfatizar que enquanto lhe for concedida a oportunidade de viver (**Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência**), ela deve aproveitar esse momento para viver de acordo com os ensinamentos religiosos, a fim de sempre poder se encontrar sob a proteção divina (*Escolhas na vida: a existência ética, moral e religiosa*):

Enquanto a gente tem vida é procurar fazer o bem, né, e seguir a vontade de Deus, né, e sempre estar na proteção dele que Deus faz o melhor para a gente, né. (Vm5)

Para ela, a crença em uma vida após a morte traz alento, possibilitando que o morrer seja visto, não apenas como oportunidade de descanso após a dedicação conferida a toda uma vida, mas também como porta de entrada para a cessação das misérias humanas (**Os sentidos da morte na existência - Morte como prolongamento da existência e transição para uma vida melhor**):

A morte é o descanso, né, descanso eterno, né. Uma vida melhor, eu acho, né. Uma vida melhor, não tem sofrimento, né, eu acho, sofrimento e preocupação, né. Uma vida de paz, né. (Vm5)

A morte como oportunidade de descanso desvela o cansaço e o desgaste de uma jornada de 66 anos vividos e dedicados ao trabalho e ao cuidado com a família, trazendo consigo sensação de dever cumprido e, portanto, de merecimento desse momento de paz, tranquilidade e ausência de responsabilidades. Assim, como se verá na fala a seguir, ela olha para sua trajetória existencial, contemplando sua história realizada e, portanto, em vias de ser concluída (**Saber-se mortal: existindo na finitude - Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude**):

Na minha morte, quando Deus quiser eu estou pronta, né, porque já casou as filhas e as minhas obrigações mesmo eu já, né. Então, agora é só curtir os netos, né, então. [...] Perdi a minha mãe cedo, meu pai também cedo, então, eu já vivi o dobro da minha mãe, né, e se Deus permitiu que eu vivesse até agora, né, então, a hora que Deus quiser também (...) tranqüilo. (Vm5)

Quanto à mãe, apesar dela acreditar que a religião lhe forneça uma base segura para lidar com essa situação, ela reconhece que é doloroso saber que esse momento faz parte de seu futuro, sobretudo quando pensa que sua morte provavelmente implicará em abandono daqueles a quem ela mais ama (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

O que dói mesmo é deixar os filhos, o marido, no caso, né. Mas também (...) cada um tem que viver o seu propósito, né. Não adianta eu (...). Eu não sou a dona da minha vida, né, nem da vida deles, né, e cada um tem que enfrentar as suas dificuldades, a sua vida como ela é, né. (M5)

Morrer para ela implica em deixar o esposo e os filhos, de modo a não constituir mais uma história de vida junto a eles e, com isso, deixar de existir e ser quem ela é. Diante disso, ela afirma que prefere não pensar sobre seu morrer (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora*):

Mas a gente sabe que é realidade, né. Mas também, porque falar, né, sobre este assunto? Só tem que falar na hora mesmo, né, que acontece, né. (M5)

Assim, ao não pensar acerca da própria finitude, ela evita vivenciar o mal-estar gerado por perceber-se enquanto um ser que tem como seu limite a temporalidade e, por conseguinte, que vai ao encontro do fim da existência.

De maneira semelhante, o pai também descreveu a mesma preocupação com os filhos, fundamentalmente no que concerne ao provimento financeiro deles (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Com a minha eu não me preocupo muito, porque (...) mas eu me preocupo com quem vai ficar (...) como que eles vão estar, como eles vão se manter (...) é difícil, viu [...] o que eu sempre peço a Deus é que quando essa hora chegar, que os meus filhos pelo menos, este é o desejo do meu coração, não sei qual é a vontade d'Ele na minha vida, mas, que eles possam estar formados já, que eles possam caminhar com as suas próprias pernas (...) esse é o meu pensamento. (P5)

Ao perceber-se enquanto um ser-para-a-morte, ele remeteu-se a seu papel de pai provedor e protetor, refletindo sobre como seria o futuro dos filhos em sua ausência, uma vez que é ele quem lhes oferece cuidado e sustento. Já o adolescente, ao falar sobre a relação que estabelece com sua própria mortalidade, referiu-se a ela mediante uma fala genérica e naturalizadora, de modo a não se aprofundar nessa vivência, mas sim tratá-la como algo comum que acontece a todos e a todo o tempo (*A naturalização da própria finitude*):

Na televisão também você vê tantos acidentes, tanta gente morrendo. Você vê que pode acontecer a qualquer hora, né. Ah, não me assusta porque eu tenho Jesus no coração, então, eu sei que se eu morrer eu vou para uma vida melhor com Deus, né, mas (...). (Ad5)

Na visão dele, o morrer é observado sob uma ótica genérica e universal na medida em que está embasado em explicações universais e gerais que lhe trazem alívio ao apresentarem a finitude como possibilidade de uma nova vida. Nesse sentido, o morrer não se configura como algo que requeira sua atenção (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga encobridora*):

Eu nunca parei para pensar tanto assim (...) ah, mas acho que é quando chegou a hora, né, aí, se não tem mais o que fazer aqui, simplesmente ocorre um acidente, né (...) não sei. (Ad5)

A avó, por seu turno, demonstra aceitar sua condição finita. Para ela, o fato de ter vivido mais do que seus pais parece remetê-la a idéia de que já viveu tempo suficiente, tendo cumprido com todas as suas obrigações, não lhe restando, destarte, razão para entristecer-se em decorrência de sua própria morte (*Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude*):

Não sei se eu estou preparada para Deus, mas eu não tenho medo de morrer, né. A gente vai mesmo um dia e (...) a gente não imagina como é que vai ser, né, na hora da morte, mas medo mesmo eu não tenho. É a vida mesmo, né [...]. Eu acho que é por causa que todo mundo um dia vai morrer mesmo, né. Então, a gente, eu acho que tem aceitar isso numa boa, eu acho. Ou cedo, ou mais tarde. (Vm5)

Contudo, cabe aqui uma ressalva acerca do modo como ela se refere ao morrer, a saber, a partir de uma fala geral, permeada pela impessoalidade e distanciamento, na medida em que ao discorrer sobre sua finitude utiliza-se de frases como “todo mundo um dia vai morrer” e “um dia a gente vai morrer”. Assim, mesmo que em alguns momentos ela estabeleça um contato mais próximo com o próprio morrer, em outros, essa vivência não se dá ausente de distanciamento e inquietações, as quais se dão, principalmente, no que concerne à possível necessidade de ser cuidada caso algum problema grave de saúde lhe acometa (*Temor de ser cuidado pelo outro*):

Eu também com essa idade, as minhas irmãs já tudo quebraram o braço, quebraram perna, né, mas eu, graças a Deus, para não dar preocupação para os outros, para mim não sofrer também, então eu tomo todo o cuidado, né, para descer escada, andar mesmo, né, eu tomo todo o cuidado para não dar trabalho para os outros. [...] O que mais eu peço para Deus para mim, né, futuramente, não sei até quando Deus vai permitir que eu viva, né, então, a gente cuidar da saúde e não (...) e não (...) como é que fala (...) sempre prevenir; a gente sempre vai no médico fazer prevenção, assim, né, fazer prevenção para não dar preocupação para os outros, não dar trabalho, né [...] Eu penso mais nisso do que na minha morte [...] Eu perdi uma tia também que ficou com (...) sabe (...) osteoporose, né, e ela ficou muito mal. Então, eu vendo ela passar aquele sofrimento, então eu também disse, nossa, a gente não deve descuidar da saúde da gente, né e daí a gente seguindo a orientação do médico, aí não

precisava passar por isso, né. Então, por isso que eu acho que preocupar, assim, se cuidar é muito importante, né, para não dar trabalho para os outros, né. (Vm5)

Sua preocupação em adoecer e, como consequência “dar trabalho”, desvela outro receio, a saber, a possibilidade de perder sua independência e, com isso, relegar sua vida aos cuidados de outros. Para ela, esse temor lhe traz mais atenção do que o pensar em seu próprio morrer, uma vez que contra o padecimento ocasionado por uma doença ainda lhe restam algumas armas para lutar, enquanto que contra a morte, artifício algum pode com ela medir forças.

Com relação às perdas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**), a família toda, mesmo apoiando-se na religião para lidar com a morte como algo natural, não deixou de relatar que a perda de pessoas queridas trazem-lhes uma série de sentimentos de tristeza e saudade (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

É, no começo eu não tinha me tocado, porque eu não fui no enterro, né, então não tinha me tocado que ela tinha ido ainda. Às vezes até eu me acostumava com ela perto, mas ela não estava perto ali. Então, depois de um certo tempo eu comecei a sentir falta e bate uma tristeza, né [referindo-se a uma amiga da família]. (Ad5)

Quando ela morreu foi bem triste, sabe, bem triste, porque sempre nós estávamos juntos, né e ela era uma pessoa muito sozinha, sozinha mesmo. O marido tinha falecido há pouco tempo e nós éramos a família dela. E de repente ela ficou muito doente, né. Então, nós acompanhamos ela, assim, de perto, todo dia, toda hora, né, mas, assim, o consolo é que ela está bem. Mas dói (...) essa separação, né [referindo-se a uma amiga da família]. (M5)

Não é fácil não. Entristece se você pensar ficar sem a pessoa que você ama do lado, entristece [...] Fácil, para perder alguém não é. De jeito nenhum, não é. [...] Perder quem você ama, que está ao seu lado o tempo todo. Eu, graças a Deus, ainda não tive experiência nenhuma; nenhum filho, nem a esposa, nada mais próximo, mas a gente sabe que o dia de amanhã é incerto, né, não cabe a nós, então (...). (P5)

A gente sofre, né, com a perda, acha falta, né, assim, da companhia, né, da conversa, assim, que a gente tinha, né [...] fica só na saudade mesmo, né. Que pena que a gente não vai ter mais aquele convívio, né, com a pessoas. É só (...) também, não tem o que pensar muito bem não. (Vm5)

Para eles, a distância de pessoas queridas gerada em decorrência da morte é o que mais os entristece. Essa distância os leva a vivenciarem o vazio advindo pela ausência do outro, bem como os remete a saudade daqueles que já não podem mais dividir e compartilhar junto a eles a existência. Imersos nessa vivência, M5 e P5 reconhecem que evitam pensar na possibilidade da morte de pessoas que lhe são queridas, preferindo que o assunto não seja abordado (*Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro*):

Então, a minha mãe, de vez em quando ela comenta, né, que ela já está ficando idosa, que ela precisa se preparar, né, assim, ela está querendo comprar até um lugar para ser enterrada, essas coisas, sabe (rs). Eu não gosto quando ela fala isso, mas ela é bem realista, né. Mas eu também não gosto quando ela fala. (M5)

Há alguns dias atrás a gente até estava comentando a respeito disso [sobre a morte], né, que a M5 falou: _ “quero ver quando eu não estiver aqui, como é que vocês vão fazer, né”. Eu falei para ela: é verdade, a gente vai passar apertado, porque a gente depende tanto de você, né. Mas a M5 é um amor, ela é um doce, né, mas é (...) eu falei para ela: não fala mais isso não, hein. Não fala mais isso, hein. Aí eu falei: e seu eu não estiver mais aqui também, como é que você vai fazer? _ “ai, eu não sei também”. Mas é duro a gente pensar assim. (P5)

Já o adolescente, ao experienciar a morte enquanto perda lançou-se a vivências que o fizeram perceber a morte enquanto uma possibilidade real e própria de seu existir. Tais vivências o levaram a reflexões que propiciaram a percepção de que o morrer se trata de algo que também lhe pertence e lhe diz respeito (*Reflexões ante a morte do outro: reconhecendo-se mortal e o temor de novas perdas*):

Você começa a ter mais medo, né; ver que pode acontecer com você, né, porque é uma pessoa próxima. Você vê na televisão e acha que é tudo longe, né, e você não imagina que pode acontecer com alguém próximo ou até mesmo com você, né, até quando alguém próximo morre. Então (...). (Ad5)

O contato com a morte de maneira mais próxima retirou Ad5 de sua sensação de segurança, dentro da qual parecia que todos os eventos assustadores e desconhecidos estavam domados e sob controle. Diante de tal ocorrido, ele se viu frágil e vulnerável diante de questões que passaram a fazer parte de sua existência, a saber, o futuro e, conseqüentemente,

a morte, porém, com as quais ele ainda não sabe como responder ou enfrentar. Nesse sentido, ele apreende-se pelo que o espera ao longo de uma vida ainda a ser construída, mas que tem como certeza a morte ao final.

O pai, por sua vez, ao relatar suas vivências ante as perdas, imergiu em lembranças que lhe permitiram reviver o momento em que sua avó morreu (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Na morte da minha mãe, da minha avó foi muito triste porque ela tinha câncer e eu fui lá nesse dia, porque eu era muito querido, então todo tratamento era eu quem levava para fazer. Então, no sábado a gente não ia trabalhar no domingo no comércio, eu fui lá, quando eu cheguei lá ela segurou a minha mão e aí ela faleceu. E aí a dedução é que ela estava esperando realmente eu chegar para se despedir. Minha avó me criou, né, um bom tempo na minha vida. Eu sofri muito. Três meses depois, o meu pai se suicidou. (P5)

E a partir destas recordações, ele também lembrou do suicídio de seu pai, ressaltando o quanto essa situação foi dolorosa e impactante:

Então, me chocou muito. Eu fiquei também revoltado do jeito que o meu pai foi; se despediu, me deu um abraço, tudo, como se nada tivesse na cabeça dele. E logo em seguida, depois de algumas horas, eu recebo um telefonema que o meu pai não estava muito bem (...) do meu irmão. Então, para mim foi muito chocante [...] Fiquei quinze dias mais ou menos com (...) não sei se foi depressão, o que foi, mas meu intestino não parava, deu desarranjo intestinal nesse tempo todo, era uma tristeza muito grande e eu me fechei um pouco [após suicídio do pai]. (P5)

Dentre os colaboradores dessa família, P5 foi quem mais mergulhou nas recordações vivenciadas nas situações de perda. O fato de ter perdido a sua avó e, logo em seguida ter vivenciado o suicídio de seu pai, deixou cicatrizes profundas e dolorosas em sua vida (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Porque até então, várias vezes eu pensei também igual ao meu pai (...) ou de dar um tiro na cabeça, ou de jogar o carro de uma ponte, eu também tive esses (...) porque era tão recente a morte do meu pai e era uma pessoa que era meu melhor amigo e a minha avó era a minha segunda mãe e, assim, em três meses, primeiro a minha avó e depois o meu pai, então foi um negócio meio chocante e daí eu comecei a beber muito e a minha vida foi caindo cada vez mais. (P5)

Diante desse sofrimento, ele relata que apenas conseguiu superar essas adversidades a partir do momento que se ancorou em uma crença divina (*O auxílio da fé: a busca de força e conforto ante a morte do outro*):

O que fez a diferença na minha vida foi Deus, foi ter o encontro com Jesus, porque isso que me deu essa certeza para onde eu vou, então me deu a paz (...) e eu sei que meu pai e minha avó estão bem também. Aí você aprende a (...) eu não sei como explicar, mas a gente aprende a suportar de forma diferente e a aceitar também, porque a gente tem a certeza para onde vai. (P5)

O apoio religioso encontrado por ele foi de suma importância para que encontrasse refúgio e alento no momento em que se sentiu completamente sozinho. Diante de um mundo que se lhe apresentou inóspito e ausente de sentido, P5 encontrou uma nova maneira de olhar e compreender a sua existência, obtendo, a partir da religião, um meio mais seguro e menos angustiante de se relacionar com ela.

Do mesmo modo, os demais colaboradores dessa família também se referiram à crença em Deus como sendo importante fonte de apoio e consolo diante das situações de perdas (*O auxílio da fé: a busca de força e conforto ante a morte do outro*):

Foi consolante o fato dela ter aceitado a Jesus no coração. Então, eu sei que um dia eu também vou encontrar ela lá no céu (...) mas (...) é difícil, né, perder um ente querido [REFERINDO-SE À MORTE DE UMA AMIGA DA FAMÍLIA]. (Ad5)

Se a pessoa, assim, tem Jesus Cristo no seu coração, eu sei que por exemplo essa senhora, né, amiga [NOME DA AMIGA] que faleceu, ela, eu tenho certeza que ela está num lugar bem melhor, porque ela aceitou Jesus como senhor e salvador. Então, isso é um consolo, sabe, porque ela não morreu em vão, né, não morreu e (...) né, não está perdida, né. Um dia, eu sei que um dia nós vamos nos encontrar, né, lá no céu. (M5)

A gente se conforma porque (...) eu me conformo porque é da vontade de Deus, né, que um dia a gente cedo ou mais tarde, um dia a gente vai mesmo, né [...] Ah, a gente sente, né, a gente sente, mas a gente, assim, pensa que ela se foi, foi na frente, mas quem sabe um dia eu vou também morrer e a gente tem outro encontro. (Vm5)

A partir do suporte religioso, eles buscam aceitar o ocorrido, uma vez que, ao significar oportunidade de uma nova vida junto às pessoas que morreram, a morte deixa de se apresentar de maneira assustadora, para se configurar como abertura e oportunidade de encontro com todos aqueles que deixaram de existir nessa vida, mas que permanecem vivos em um mundo espiritual. Assim, na visão do adolescente e de seus genitores, além da crença religiosa os auxiliar diante da morte de pessoas próximas, ela também facilita a aceitação da própria finitude (*A busca pela vida eterna: a derrota da morte*):

Ah, não me assusta porque eu tenho Jesus no coração, então, eu sei que se eu morrer eu vou para uma vida melhor com Deus, né [...] E é uma paz a gente saber que tecnicamente não vai morrer, né, que você vai continuar vivo com Cristo, né. Então, acho que ajuda nessa parte, né, de você saber que apesar de você deixar de viver na parte material aqui, no mundo material, você vai continuar uma vida com Cristo, né, é isso, a morte é só passageira, né. (Ad5)

E quanto a chegar a minha morte, por exemplo, né (rs), eu acredito, assim, que eu vou estar preparada, né. Eu sei que é difícil, tal, deixar as pessoas queridas, né, mas também, eu creio que eu vou ter uma vida muito melhor, né, com Deus e, assim, lá no céu onde a Bíblia fala, né, é um lugar assim, onde a gente vai estar com Deus e (...) poxa, é um lugar maravilhoso, onde a gente vai poder ter a vida eterna e com muita alegria e sem sofrimento e sem essas coisas que existem nesse mundo aqui, né. (M5)

Antigamente eu tinha trauma, porque eu pensava assim ficar num caixão, ficar (...) e várias vezes sonhava que estava (...) que tinha morrido e acordava desesperado a noite, né, tinha pavor. A palavra certa era essa, pavor. Hoje já não tenho mais pavor. Hoje eu sinto já que (...) que além de ser uma coisa natural, eu sei qual o propósito disso na minha vida. E essa paz é difícil da gente poder explicar, né, e só tem essa paz quem tem Jesus mesmo, no coração. [...] Para nós que cremos em Deus é um passo para o encontro de Jesus. (P5)

Para o pai, pensar no próprio morrer era algo que o assustava demasiadamente por remetê-lo a possibilidade de permanecer aprisionado a um caixão. No entanto, após envolver-se e dedicar-se a estudos religiosos, ele deixou de ver a morte como algo assustador, passando a compreendê-la como algo que também faz parte de sua existência. Na compreensão do filho e da mãe, é essa crença em uma nova vida após a morte que lhes permite acreditar na existência de algum sentido às suas existências, uma vez que sob seus olhares, pensar a morte enquanto um fim definitivo é algo extremamente doloroso e angustiante.

É uma dádiva de Deus mesmo, eu acho. Eu acho que não tem sentido você viver sem Deus (...) é vazio, né (...) não sei. (Ad5)

Se eu não tiver essa crença, assim, na palavra de Deus, acho que eu estava perdida, né, acho que a vida não teria sentido e nem a morte, né, acabou, acabou. Aí seria (...) seria muito triste, sabe, sem ter essa esperança, né, que a Bíblia fala, que é a palavra de Deus. (M5)

Quando questionados sobre como a família compreende e significa o morrer (**Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte**), o adolescente relatou que os familiares procuram aceitar com naturalidade esse evento (*A aceitação da morte na família: a resignação ante as perdas*):

Até os meus pais (...) até a minha avó, o meu avô não, até minha avó, a gente lida igualmente assim, a mesma cabeça, né. Então, se perde alguém, a gente fala, né, qual que é o único caminho; que essa vida é passageira, né, daí, a gente tem a mesma cabeça assim. (Ad5)

A gente aceita com naturalidade (...) com naturalidade também, né, se conformam. Ficam na saudade mesmo. (Vm5)

Interessante salientar na fala do adolescente que o único em sua família a lidar de maneira distinta com relação à morte é seu avô. Foi justamente este avô que recusou o convite de participação na pesquisa, alegando temer conversar sobre o assunto. Já a avó, apesar de dizer que todos em sua família aceitam a morte com naturalidade, afirma não ter certeza de como eles encaram a situação (*A morte como tema distante: o desconhecimento dos modos de ser da família*):

Ah, eu não sei também. Acho que é assim também, né. (Vm5)

A mãe, por sua vez, reconhece que apesar da crença que sua família tem na existência de uma vida espiritual, todos vivenciam com muita tristeza a perda, sobretudo se ela estiver relacionada à possibilidade da morte de um dos membros de sua família nuclear.

Portanto, para ela, assim como de acordo com o que foi possível apreender dos relatos até o momento, essa família apresenta sólida vinculação, o que os leva a experienciar a morte como separação e ausência dessa marcante presença do outro e, por conseguinte, dos afetos, da união, da amizade, do carinho. Nesse sentido, tanto M5, como o esposo e os filhos procuram não abordar o assunto por ser algo considerado muito doloroso (*O silêncio diante da morte: afastando o sofrimento*):

O meu marido, ele nem gosta que eu fale nisso, né, assim, dessa possibilidade de nós nos separarmos. Às vezes quando eu comento, ele fica muito bravo (rs) [...] é muito dependente, né. Lógico que ele me ajuda, tal, mas sobretudo porque, assim, ele me ama bastante, claro, né (rs), e eu também, né, mas ele não gosta. Ele fala sempre que se um dia eu morrer ele vai junto logo, né (rs). E os meus filhos também não gostam de falar sobre esse assunto, né. Porque é natural, ninguém quer falar, né. (M5)

Nesse ínterim, na medida em que falaram sobre a morte e o morrer, os colaboradores também encontraram abertura para lançarem-se no interior de suas vivências a fim de descreverem os sentidos que conferem à vida diante da morte (**Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da morte: as possibilidades da existência**). Diante dessa abertura, a mãe, o pai e a avó significam o existir como uma oportunidade de compartilhar a vida com as pessoas ao redor, de modo a estabelecer com elas uma boa convivência (*Compartilhamento do existir: viver é estar junto ao outro*):

Eu vejo a minha vida com a minha família, como eu sou feliz, né, assim, com meu marido, com os meus, os meus filhos. De fato, eu sempre procuro ser uma boa esposa, com a ajuda de Deus (rs), porque *** também, né. Procuro ser uma boa mãe, né, e quero que os meus filhos (...) no momento, o meu objetivo é que os meus filhos façam a melhor faculdade, né, e eu luto para isso, né, e se eles tiverem uma boa faculdade e também oro a Deus para que eles tenham boas esposas, né, porque se eles tiverem boas esposas eles vão ser felizes e eu também, né. [...] Então, sempre eu penso que eu tenho que fazer o melhor pelo que está ao meu lado e, de alguma forma, assim, a gente tentar também levar a Jesus nos seus corações, porque eu creio nisso, que se a pessoa tem a Jesus como senhor e salvador, ela já está com a vida eterna, né. (M5)

Então, a vida para mim, Caroline, é maravilhosa, porque eu tenho uma esposa que eu amo e eu sei o quanto ela me ama também, tenho quatro filhos maravilhosos, todos meninos, todos firmes, sem vícios, sempre dedicados, são estudiosos, então,

eu falo para você que sou muito feliz, tenho uma vida maravilhosa. Eu não tenho do que me queixar, não. Só agradecer a Deus mesmo. (P5)

Ah, o importante é a gente viver o dia-a-dia, né, com tudo em paz, sem (...) como que fala (...) sem brigas, sem, né (...) procurar não (...) é (...) aceitar assim normalmente, né. (Vm5)

Os genitores enfatizam a importância da família em suas vidas, de modo a salientarem que essa convivência com o outro traz sentido e felicidade às suas existências. Por outro lado, o pai também ressalta que ao longo dessa convivência cotidiana torna-se necessário e fundamental a superação dos percalços encontrados nesse caminho (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*):

Eu já passei por vários problemas, eu já passei por várias dificuldades, mas em todas as horas, ou em todos os tempos que a gente sente que parece que não tem saída nenhuma, que você começa a ficar desesperado às vezes porque você vê as coisas acontecendo ao seu redor e você não tem controle dessas coisas, principalmente quando você está desempregado e a família depende de você, você sendo o homem da casa e os filhos precisando e você não tem condição. [...] Acho que a coisa difícil para um homem é quando você não tem razão de vida; você perde o chão, eu não sei como explicar (...) você perde o sentido do que é a vida. Você não tem mais perspectivas, você não tem sonhos e o homem sem sonhos, eu vou falar uma coisa para você, é um vazio muito grande dentro do coração dele, e aí, qualquer coisa serve. (P5)

Com isso, ele recordou-se das dificuldades surgidas no decorrer de sua trajetória existencial, tendo conquistado maior familiaridade com o mundo sob os seus diferentes aspectos por meio dessas vivências. Por conseguinte, ao estabelecer novas formas de contato com o âmbito de suas possibilidades e limitações, ele passou a ter condições de alcançar uma forma mais madura de relacionamento consigo mesmo e com os outros, com as coisas do mundo, com sua historicidade e perspectiva de futuro.

No que tange ao adolescente e a sua mãe, ambos compreendem que diante da brevidade da vida é preciso aproveitar o presente (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

Ah, eu vejo que a vida é curta (rs); pode acabar a qualquer hora, né. (Ad5)

Eu acho assim que a gente tem que ir vivendo a cada dia. Não ficar (...) vivendo em função do dia da morte não leva a nada, né. [...] A gente tem que viver o dia de hoje, cada dia, com alegria, né, e viver melhor de nós, porque amanhã talvez eu não esteja viva, né (M5)

Sendo a morte aquela que se opõe a todas as outras possibilidades, ela anuncia que a cada momento somos totalmente limitados e finitos. Nesse sentido, a angústia de ver-se enquanto um ser que tem o tempo e, conseqüentemente, a finitude como seu horizonte, levam mãe e filho a reconhecerem a necessidade de construção e realização de seu próprio ser.

Ao final das entrevistas, tendo os colaboradores revelado as suas vivências acerca da própria finitude e das perdas, eles também relataram como se sentiram ao falar sobre esses assuntos no decorrer da entrevista:

Ah, normal. Às vezes eu falo com outras pessoas também sobre isso, né. Normal. Eu não vejo problema nenhum. (Ad5)

Ah, eu acho que é muito interessante porque faz a gente refletir, né, melhor, e (...) é um reforço daquilo que a gente vai assim organizando, né. De fato, a gente tem que estar preparado para esse dia e quanto mais a gente pensa, né, nesse dia aí da morte, da minha morte, aí eu tenho que realmente me preparar melhor, né, procurar ser uma pessoa melhor e fazer a vontade de Deus, né. [...] Quando eu penso nas pessoas que morreram já, né, lógico, eu sinto saudades, né. Eu às vezes choro, mas, com eu disse, né, a esperança é de um dia a gente estar se encontrando com ela ou com essas pessoas que morreram. E é assim bom a gente refletir mesmo, sabe, essa é a realidade, porque a gente acha que nunca vai chegar o nosso dia, né (rs), mas foi muito bom, eu me sinto privilegiada de poder fazer parte da sua pesquisa, né. (M5)

Ah, é o que eu falei para você, né, o começo. Para mim, hoje é natural. Mas é interessante a gente começar a pensar na perda de alguém; é meio triste, é meio (...) a gente sente mesmo, mas (...) eu creio que no tempo certo, na hora certa, Deus vai dar essa força para a gente poder levantar, mas foi interessante, eu gostei. Não foi assim chocante, não [...]. Eu acho que foi bom por um pouquinho para fora (rs); acho que é interessante, porque é difícil a gente conversar sobre esse assunto com alguém. Eu acho que é difícil não, eu acho que é impossível você conversar com alguém a respeito, né, de morte, ou (...) mas foi interessante. (P5)

Ah (...) eu acho que não tem (...) não há bem expressão. Normal, eu acho que normal isso, né. Enquanto a gente está vivo, eu acho que (...) é o lógico, né, um dia a gente vai morrer mesmo, né. [...] Normal. Nada de, assim, não tenho medo, sabe, nem receio, nem nada. (Vm5)

O adolescente procurou ressaltar que falar sobre a morte não é algo que lhe causa estranhamento, uma vez que o assunto se faz presente em sua vida, especialmente em decorrência de sua doutrina religiosa, que vê a morte como oportunidade de vida eterna. Com relação à mãe, ela considerou que o momento da entrevista propiciou uma série de reflexões que a colocaram mais próxima do caráter intransferível de sua existência e, por conseguinte, de sua mortalidade. Além disso, relatou que a participação no estudo trouxe-lhe recordações das pessoas queridas que cruzaram sua vida e morreram, o que a remeteu a sentimentos ambíguos como a tristeza pela ausência e, ao mesmo tempo, alívio por acreditar que após a morte poderá reencontrá-las e viver ao delas ao longo da eternidade. Dentro desse contexto, a entrevista se configurou como uma oportunidade de revisão e reflexão de sua existência, contribuindo para que ela observasse mais de perto qual é a sua relação com a própria finitude. O pai, por sua vez, disse ter se sentido confortável ao conversar sobre sua mortalidade, bem como a respeito das perdas. Apesar disso, reconhece o tabu existente ao redor do tema, condição essa, que dificulta a sua abordagem em situações cotidianas, impedindo que as angústias decorrentes delas sejam compartilhadas. Nesse ínterim, a entrevista contribuiu para que ele expusesse alguns dos sentimentos que até então eram mantidos em silêncio, auxiliando-o a sentir-se mais aliviado ante a vazão deles. Já a avó, por considerar que o morrer é inerente a sua vida e, portanto, inevitável, acredita que falar sobre esse assunto não lhe causou qualquer surpresa ou temor. Para ela, a morte seria parte de um processo, diante do qual todos se encontrarão em algum momento da existência. Nesse sentido, em sua visão, a entrevista não lhe despertou novas compreensões acerca de suas vivências.

Síntese compreensiva

A partir do olhar compreensivo lançado sobre os modos como essa família se relaciona com a própria mortalidade e com a morte de seus entes queridos, desvela-se que para os quatro colaboradores essa relação se dá mediante a tentativa de superação e neutralização da morte por meio de uma explicação que a toma como abertura para uma vida na eternidade divina. A partir dessa crença, o morrer é convertido em um “não-ser relativo”, testemunhando o quanto a aceitação desse evento como uma possibilidade singular e intransferível é espinhosa. Como consequência, ao existir essa relativização eles se sentem fortalecidos para lidar com a fragilidade diante da qual a morte os coloca diariamente.

No entanto, mesmo que a crença em um futuro livre da finitude apareça a eles como uma maneira de sobrepujar a morte, a experiência advinda a partir da morte do outro os retira, mesmo que momentaneamente, da segurança e estabilidade encontradas no amparo religioso. Nesse sentido, a perda de um ente querido traz consigo o anúncio de que eles também são mortais, já que os apresenta a sensação de abandono e despovoamento existente ante a ausência daqueles que levam consigo parte daquele que ainda permanece existindo.

Quando nos voltamos para as compreensões individuais, percebemos que embora as falas sejam semelhantes, as especificidades dão uma tonalidade distinta aos relatos de cada um dos colaboradores. No que diz respeito ao adolescente, ele inicia sua fala de modo a referir-se ao morrer sob o ponto de vista religioso, que vê na morte a possibilidade de passagem para uma vida eterna, na qual todas as pessoas amadas poderão ser reencontradas novamente. Diante de tal concepção, ele não teme o morrer, uma vez que este momento deixa de ser real e concreto. No entanto, com o desenrolar da entrevista Ad5 foi aprofundando suas vivências, de modo que, ao lembrar o vazio e solidão que a morte do outro lhe deixa, sentiu mais proximamente a presença da morte em sua vida. Foi assim que, ao se deparar com o

falecimento de uma amiga de sua família, o adolescente, que até então se mostrava tranqüilo e seguro ante a idéia da morte, se viu imerso em reflexões acerca da própria finitude e em temores que o remeteram à possibilidade da perda de outras pessoas também queridas. Frente a essa constatação, ele busca ancorar-se ainda mais em sua crença na existência de uma vida espiritual após a morte, encontrando nessa explicação o conforto e a amenização de sua angústia.

Com relação à mãe, ela inaugurou a entrevista admitindo que o morrer, seja o seu próprio, seja o do outro, é algo diante do qual jamais ela se sente preparada a enfrentar. Por isso, frequentemente ao se deparar com a perda de alguém afeito, ela vivencia esse momento com muito sofrimento, uma vez que considera a morte uma dolorida e forçosa separação. Diante dessa dificuldade, em diversas ocasiões ela revelou preferir não pensar sobre esse momento, uma vez que frente à onipotência da morte ela não reconhece qualquer ação capaz de neutralizá-la. Por conseguinte, ao perceber sua fragilidade, ela busca consolo naquilo que considera ser sua fundamental fonte de sustento na batalha contra o morrer, a saber, a esperança de que a morte pode ser vencida por meio da existência de uma vida eterna que lhe é prometida pela religião. Para M5, é essa crença que lhe possibilita ter coragem de olhar para a sua vida, de modo a fornecê-la algum sentido, uma vez que, segundo seu relato, ela não se sente capaz de compreender a razão da existência se ela caminha rumo ao término. Assim, ao desvincular o morrer de seu curso de vida, a negação da morte encontra-se sorrateiramente rondando suas falas, apresentando-se de maneira velada a partir do momento em que ela é deixada de ser tomada como sua possibilidade mais própria, para ser aparentemente aceita mediante a justificativa de que a vida terá continuidade além dessa existência.

No que diz respeito ao pai, ele iniciou sua fala apresentando a morte a partir de uma compreensão estabilizada sobre a explicação religiosa, na qual o morrer é visto como uma oportunidade de desfrutar de uma vida melhor e eterna, na qual não há sofrimentos e,

sobretudo, preocupação com o fim da existência. Como consequência dessa crença, para P5 sua condição mortal não se apresenta como razão de angústia e temor, uma vez que neste momento inicial ela não é apropriada por ele como sendo seu momento mais único e pessoal. No transcorrer da entrevista, o pai aprofundou-se em suas vivências que o remeteram à relação que mantém com sua própria finitude, bem como com as perdas. Nesse desenrolar, reconhece como dolorosa a experiência do luto que, ao abandoná-lo à saudade e à ausência do outro, o coloca em contato com a possibilidade do rompimento do vínculo com as pessoas amadas. Ante essas reflexões, ele recorda-se da morte de seu pai e de sua avó, expondo a dor com a qual essa situação é vivenciada por ele. Além disso, ao remeter-se às perdas, ele também se volta para a sua condição mortal, tendo, a partir dela, a angustiante experiência de visualizar como seria a vida de sua esposa e filhos diante da falta de seu amparo e cuidado. Ao sentir-se desalojado no interior dessas vivências, P5, então, retoma o fio condutor pelo qual iniciou seu relato, ou seja, toma abrigo na religião e lembra-se de que protegido por ela a morte deixa de existir.

A avó, por sua vez, deu início ao momento da entrevista procurando salientar que enquanto lhe for concedida a oportunidade de viver, ela irá aproveitar esse momento para tomar refúgio sob a proteção divina, de modo a viver em consonância com os ensinamentos que a religião lhe confere. Tais ensinamentos, além de direcionarem sua vida, também se apresentam como fonte de alento quando ela se vê diante da morte de pessoas queridas e do sofrimento que esta situação lhe desperta. Nesse sentido, para ela, a morte é fruto de uma “vontade suprema” contra a qual não há nada que possa ser feito. Por conseguinte, a sua finitude também se apresenta a partir dessa compreensão. Destarte, Vm5 relata não temer o momento de sua morte, uma vez que ela é entendida como a passagem para uma vida melhor e eterna, na qual ela poderá desfrutar não só do descanso junto àqueles que já se foram, como da sensação de dever cumprido ao longo de sua trajetória existencial. Assim, a avó reconhece

que suas tarefas no mundo no qual se encontra já estão concluídas, apenas lhe restando deliciar-se em sua convivência com os netos e aguardar ser recompensada, em outra vida, por todo esforço que despendeu até então. Daí que, mesmo atribuindo ao morrer o caráter de continuidade da existência e adotando falas impessoais e gerais para se referir a este momento, ela não deixa de, em algumas ocasiões, tomar a morte como sua possibilidade mais intrínseca e singular, pois, é a partir de sabê-la enquanto tal que ela direciona seu vir-a-ser.

Frente, portanto, à compreensão dessa família, podemos perceber que, apesar de em alguns momentos os colaboradores se aproximarem de uma visão mais próxima do morrer, nos relatos dos quatro colaboradores há uma tentativa de furtar-se à ameaça da morte, fundamentalmente porque, por meio da crença de que esse momento se configura como abertura para uma nova vida, ele deixa de ser apropriado como oportunidade de singularização. Isso significa que, ao se relacionarem com o morrer, tendo-o como um conceito que pode ser explicado, a morte deixa de ser um fenômeno da vida, para se configurar como mais um evento banal e corriqueiro da cotidianidade, de modo que, é quando ela se faz presente a partir da perda de pessoas da convivência da família, que a sua real possibilidade é tida como momento de apreensão e angústia.

FAMÍLIA 6

O estudo da Família 6 contempla a entrevista de cinco colaboradores, a saber, a filha adolescente (Ad6 – 14 anos), a mãe (M6 – 42 anos), o pai (P6 – 50 anos), a avó paterna (Vm6 – 71 anos) e o avô paterno (Vh6 – 77 anos). A adolescente não segue qualquer religião, o pai é católico, embora não tenha o hábito de freqüentar a igreja, e a mãe e ambos os avós são evangélicos e participam regularmente das atividades realizadas na igreja. Como perdas mais significativas, a adolescente citou a morte de sua avó materna ocorrida há três anos, bem como a morte de sua bisavó, falecida há dez anos. M6 referiu-se à morte de sua mãe há três anos, o pai também se remeteu à morte de sua sogra e à morte de seus avós, sendo que a perda destes últimos ocorrera há dez anos. Com relação à avó, ela citou a morte de dois netos há aproximadamente dois anos, assim como a morte de seus pais e irmãos, todas ocorridas há mais de dez anos. Quanto ao avô, ele se referiu às mortes de irmãos, sogros, pais e amigos, todas também ocorridas há mais de dez anos.

Nesse contexto, ao iniciarem seus relatos a partir das questões norteadoras, o pai e ambos os avós adentraram à temática mediante relatos genéricos e impessoais a respeito da morte (**Os sentidos da morte na existência**), referindo-se a ela a partir de um olhar naturalizador, na qual a compreendem como um processo natural e universal da vida (*A naturalização: a certeza da morte enquanto um processo inerente à vida*):

Ah, eu encaro como normal, natural, uma coisa que um dia vai acontecer, então, eu na verdade, eu não penso muito no assunto. Eu encaro de uma maneira, como uma coisa normal na vida. (P6)

Ah, eu acho que é uma coisa natural, né, uma coisa deixada por Deus. Por uma coisa que todo mundo tem o dia de nascer e tem o dia de morrer. Então, é uma coisa deixada por Deus e o homem, ele pode fazer tudo, mas menos impedir a morte. A morte, chegou a hora, nada impede. Por quê? Porque cada um que nasce já tem o dia e a hora marcada de morrer. (Vm6)

Eu acho que a morte é natural, é natural mesmo, né. O nascimento a mesma coisa. Então, tem o dia que nasce, tem o dia que morre, né, e o tempo que vive [...] A morte é natural. Você não acha que é natural? E a vida a mesma coisa. Que a pessoa

desde o dia que nasce, ele vai ter o tempo de começar a sofrer também as conseqüências da vida, né. Então, tudo tem um princípio e tem um fim, e a vida está aí agora. Para mim a morte é natural [...] Aí morre novo, morre velho, aí não tem qualidade para morrer, né (Vh6)

Já a adolescente, inaugurou seu relato a partir de reflexões concernentes a sua finitude (**Saber-se mortal: existindo na finitude**), levando-a a revelar o temor que permeia tais pensamentos, principalmente no que diz respeito aos possíveis sofrimentos que poderiam acometê-la nessa ocasião (*O desejo da boa morte*):

Por uma parte eu tenho medo, né (rs), não agrada muito, mas eu acho assim que todos, segundo a nossa meta no mundo, né, no planeta Terra e eu acho que medo eu tenho, né, mas eu acho que quando eu completar a minha obrigação aqui eu quero morrer de uma forma que não (...) que eu não sofra antes da morte, que eu morra de uma vez. (Ad6)

Por outro lado, a mãe, ao adentrar o assunto, remeteu-se às perdas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**), revelando-as deflagradoras de saudade e, por conseguinte, tristeza e sofrimento ante a ausência deixada por aqueles que junto a ela compartilhavam a existência (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

É (...) é difícil, né. É um sentimento que é meio difícil explicar, não tem [...] é o passar do tempo que a gente sente mais falta, né, da pessoa, porque aí a gente já não pode ver mais, conversar mais, né, e aí vai passando e conforme vai passando o tempo fica mais saudade, né, é mais difícil. Mas, a gente tem que superar, né, porque todo mundo passa por isso (...) de uma forma ou de outra. (M6)

Em seguida, a mãe afirmou que, para ela, a morte se configurou como uma possibilidade de continuação da vida em um mundo superior (**Os sentidos da morte na existência - Morte como prolongamento da existência e transição para uma vida melhor**):

A alma, né, ela não morre, né. Ela passa dessa vida para uma vida eterna, né. Porque aqui é uma terra de tribulação e tristeza. Os momentos de felicidade são poucos e momentâneos, né, aí o fim é a vitória mesmo. Aí lá não vai ter mais pranto, não vai

ter mais choro, né. Vai ter gozo eterno, né, com Deus e aqueles que buscaram a Deus e serviram a Deus, né, vai viver todos juntos, né, que aí a gente vai se encontrar. Então, vai ser uma glória, né. (M6)

Para ela, acreditar que a vida continua de outra maneira em algum lugar distinto é um modo de confiar na existência de um futuro livre do encontro com a finitude, no qual não há sofrimentos e tampouco a preocupação com a morte. A partir de tal concepção, o morrer não se apresenta como razão de angústia e temor, uma vez que não implica em algo definitivo, configurando-se como a chave para a continuidade da vida (*A busca pela vida eterna: a derrota da morte*):

Eu busco a Deus, eu sirvo a Deus, procuro andar direito, tudo certo, então, tenho certeza que se eu guardar os mandamentos de Deus, que Deus ensina pela palavra, né, aí eu tenho certeza de que eu vou um dia alcançar o reino do céu. Então, não tenho medo (...) é uma segurança. (M6)

Contudo, em suas palavras, essa outra vida só pode ser alcançada mediante o julgamento divino, sendo a morte um momento de avaliação de todos os seus atos realizados em vida (*Morte como um momento de julgamento da vida*):

Aí, depende do que você fez, né, se você plantou, né, porque eu creio que vai ser pesado no último dia, né, e cada um de nós vamos ser julgados, né. Se nós (...) o que nós fizemos de bem vai ser pesado na balança, né, e aí que Deus tenha tido misericórdia da alma, porque nós temos que procurar servir a Deus, buscar a Deus, fazer por onde, para que essa alma descanse, né, em paz, né, para que você tenha certeza que Deus vai te dar um lugar de vitória, né. (M6)

Por meio do julgamento divino surge a possibilidade de triunfar não apenas sobre a morte, mas também sobre todos os sofrimentos e tristezas que atravessam a existência de qualquer ser humano. Assim, ao idealizar a morte como um prêmio por suas boas condutas, ela busca safar-se de ter que se deparar com tudo aquilo que poderia lhe trazer mal estar, a saber, a vivência angustiante da própria morte, bem como a tristeza decorrente do luto pela ausência do outro. Essa negação da morte (*Evitando pensar na morte de si mesmo: a fuga*

encobridora), todavia, não se fez presente apenas no relato da mãe, mas também se manifestou nas falas dos demais colaboradores dessa família no momento em que se referiam às relações que mantêm a finitude (**Saber-se mortal: existindo na finitude**)

Na minha própria morte eu nunca cheguei a pensar (rs). (Ad6)

A gente nunca pára para pensar (rs), mas (...) não sei. Tem que estar preparado, né. (M6)

Às vezes a gente conversa, a gente comenta, né, e eu falo que eu não quero morrer [...] Não gosto, não acho legal morrer, mas (...) Sou muito mais viver do que morrer, mas sei que vai chegar um dia. [...] Eu não paro muito para pensar nisso. Procuro mais viver mesmo o dia, o hoje, porque amanhã é um da gente que vai. (P6)

Não, não penso com frequência não. O meu esposo pensa muito, mas eu não. Eu procuro não pensar muito. Eu sei que esse dia vai chegar, mas eu não [...] Quando ele começa se preocupar e começa a falar: _ “ah, se você for primeiro do que eu vai ser muito ruim para mim, porque eu sou muito dependente de você, eu vou sofrer muito”. Então, eu não (...) Eu contrareio. Eu falo, ah, esquece disso. Isso não é coisa de ficar lembrando. Eu tiro da mente dele. Eu sempre procurei tirar. Eu falo, não adianta, vai chegar esse dia, então não adianta ficar martirizando desde agora [...] martirizando aquilo que você pensa que vai acontecer depois que eu for. Então, não adianta. Cada um tem que enfrentar, cada um tem o seu dia marcado e cada um tem que enfrentar a vida do jeito que ela for. (Vm6)

Agora, sabe que a morte é o seguinte, pessoas enquanto estão na saúde, eles não pensam na morte. Você sabe disso, né. Eles não pensam. E não pode pensar. Se pensar na morte a pessoa fica doente, né. Que nem eu não penso na morte. (Vh6)

Perante o assunto procura-se manter um distanciamento de tudo aquilo que os remete à morte, uma vez que não pensar sobre o assunto é uma maneira de velá-lo e não tomá-lo para si como parte integrante da existência. No entanto, no caso da adolescente, o que se faz presente em seu relato, mais do que a negação, é o fato dela nunca ter pensado sobre a morte enquanto uma das possibilidades reais e concretas no interior de sua vida, diferentemente de seus genitores e avós, que buscam afastar a morte de seus pensamentos por não gostarem de trazê-la como tema. No caso do avô, ele revela explicitamente que evita trazer essa preocupação para a sua vida, uma vez que acredita que o pensamento focado na morte pode levá-lo ao adoecimento. No entanto, mesmo preferindo manter a morte distante, ele não consegue impedir que essa convivência diária com ela se faça presente, revelando não

ter condições de esperar nada além de sua vida, a não ser a aproximação do fim (*Ser-para-a-morte a todo instante: vivenciando a finitude*):

A minha própria morte é o seguinte, eu estou preparado, quando Deus achar que eu preciso ir embora, a gente (...) né. Eu já tenho que preparar para isso aí, é ou não é? Que a idade já não vai ter mais futuro. Vocês têm todo o futuro ainda, mas a gente já que está nessa idade não tem mais futuro. Então, vamos esperar o fim [...] Que nem você, ainda tem muita coisa pela frente, né. Agora, eu já penso o fim. Já vivi bastante. Daqui mais quatro anos eu estou fazendo oitenta anos, se eu for vivo ainda. Nós espera qualquer hora, né, pode ser agora, pode ser daqui dois anos, daqui três. Pode até ser dez, né. Eu espero isso aí. Que não pode esperar outra coisa. Eu não vou esperar, vamos supor, que um dia eu vou ser uma pessoa bem de vida, porque não tem mais isso para mim. Isso para mim já acabou. Então, eu vou viver a minha vida, aposentado, tenho a minha despesinha, não falta nada, então está bom, né. (Vh6)

Sua fala desvela um tom conformista, porém melancólico, ante a constatação de que a velhice apenas pode levá-lo ao encontro da morte, não lhe dando, portanto, o direito de ter sonhos e planos futuros. Nesse sentido, sob seu olhar, a vida, mesmo que ainda continue por alguns anos, já chegou ao fim, restando-lhe somente a possibilidade de desfrutar do pouco que a vida ainda lhe oferece enquanto aguarda pelo inevitável chamado da morte. Todavia, essa espera não se dá ausente de apreensão. Ele convive com o temor pelo fim de sua vida diariamente e, na tentativa de amenizar seu sofrimento, realiza orações a Deus a fim de pedir que a morte ocorra sem que perceba esse momento (*O desejo da boa morte*):

Eu todo dia eu peço a Deus que me dê uma boa hora, porque a morte vai vir mesmo, né. Que dê uma morte natural. (Vh6)

E além de desejar uma morte ausente de adoecimentos, ele também teme ficar acamado e impossibilitado de cuidar de si mesmo (*Temor de ser cuidado pelo outro*):

[...] a gente espera que, né, que dê uma boa hora, que a gente possa partir sem dar muito trabalho para ninguém, né. Que nem a minha sogra, como uma senhora, ela deu muito trabalho. Ela viveu até noventa anos. Minha mãe também noventa. A gente às vezes precisa ter aquela paciência, porque meu sogro achou que a gente ia tomar conta, né. Então, tinha dia que eu tinha que levantar da cama, pegar ela no chão, pôr na cama, né, até o finzinho dela, até o último dia dela. Então, a minha vida, eu espero que Deus não vai deixar eu dar trabalho, né, à ninguém, nessa parte.

Você sabe que na velhice, a pessoa já não, vamos supor, já não mantém mais as forças dele. É difícil, né, dá trabalho para os outros. (Vh6)

Assim, ao aceitar não haver solução para a sua impotência diante da morte, ele ao menos deseja que essa ocasião se dê de maneira rápida, sem que ele perceba e sofra com essa aproximação. Ele receia necessitar ser cuidado por outras pessoas, alegando que não gostaria de “*dar muito trabalho*” àqueles que estão a sua volta. No entanto, essa inquietação, além da preocupação com o outro, também reflete o medo do sofrimento e o temor de tornar-se inútil até mesmo no desempenho de suas atividades mais básicas, o que o levaria a ter que aguardar a chegada da morte de mãos atadas. De maneira semelhante, o medo do sofrimento físico fez-se presente também no relato de sua neta (*O desejo da boa morte*):

Eu não tenho muito que pensar, né, então, eu acho assim que, como todos sabemos, como eu já falei, uma hora vai chegar, então eu espero que não seja ***, eu espero que seja quando eu estiver dormindo, assim eu não sinto nada e passe despercebido [...]Ah, um medo de antes da morte eu sofrer ou pegar alguma doença, alguma coisa do tipo. E eu prefiro que eu morra de velhice mesmo e que vá de uma vez. (Ad6)

No entanto, diferentemente do avô, que teme a morte por acreditar estar próximo a ela, no caso da adolescente esse temor relaciona-se à experiência que ela vivenciou durante o adoecimento e morte de sua avó materna:

A minha avó, né, ela sofreu que eu tinha dó dela. (Ad6)

Para ela, o sofrimento vivenciado pela avó contribuiu para que temesse ficar na mesma situação quando igualmente chegar a sua velhice. Contudo, é interessante aqui observarmos como Ad6 se referiu a essa possibilidade, ou seja, afirmando preferir morrer “de velhice”. Assim, aqui novamente evidencia-se seu distanciamento com relação ao próprio morrer, desvelando-se que a morte não é apropriada por ela enquanto uma possibilidade que

se faz presente a qualquer momento da existência, mas como um evento reservado apenas àqueles que não são jovens.

Por outro lado, a morte da avó (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**), além de lhe causar profundo pesar por seu sofrimento, também deixou-lhe marcas de tristeza que decorrem da saudade do ente querido que não se faz mais presente (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

Foi difícil para mim, né, porque eu não via ela muito. Era uma vez mesmo, ou duas vezes no ano, então não via ela muito, né. Então, uma bela parte eu era muito apegada a ela, né. Eu gostava muito dela, ela me fazia lembrar muitas coisas. Até esses dias eu vi a irmã dela, que é tia da minha mãe, primeira vez que eu vi ela, bati o olho assim e bateu aquele aperto no coração, né, porque eu lembrei bastante da minha avó. Eu era muito apegada a ela, demorei bastante tempo para cair na real e até hoje eu não caí em mim que ela não está mais entre a gente, né. (Ad6)

Nesse ínterim, podemos dizer que a morte da avó lançou a adolescente rumo a uma faceta do mundo que até então era desconhecido para ela, qual seja, a convivência com a falta e a ausência de pessoas queridas que a abandonaram com o advento da morte.

Deixando as vivências relativas às perdas momentaneamente em suspenso, a fim de nos determos um pouco mais nas experiências dos familiares ante as reflexões acerca do próprio morrer (**Saber-se mortal: existindo na finitude**), observamos que o pai, bem como os avós, aludiram à preocupação em deixar os familiares como uma das principais fontes de angústia ante a essa possibilidade (*A preocupação em deixar de ser e estar junto ao outro*):

Passa um filme na cabeça da gente, né. A gente pensa em tudo, nos filhos, na família que a gente tem, tudo, a falta que a gente imagina que vai fazer para eles depois. A preocupação parece que é maior com quem fica do que com a gente que está indo, que eu acho que nesse sentido eu já encaro assim um pouco mais como uma coisa normal, uma coisa da vida que vai vir mais cedo ou mais tarde, então não (...). Penso mais em quem ficou. (P6)

Eu me preocupo, sabe o que é que é (...) é que eu tenho os netos, os filhos ainda não conhecem a graça de Deus, não são crente ainda, então a gente preocupa (Vh6).

Eu sempre falo para ele assim, você tem que pensar que se chegou o dia de eu ir primeiro, vai ser difícil para você, mas só que você tem que pensar que o dia seu vai

chegar também, então você tem que conformar, porque um ou o outro vai ter que ir. (Vm6)

O pai, ao pensar em sua finitude, preocupa-se mais com o provimento do sustento e do cuidado com a família, do que propriamente com sua mortalidade. Já o avô, se entristece por alguns de seus filhos e netos não seguirem a mesma religião, o que, para ele, apresenta-se como uma de suas principais apreensões no que tange a sua mortalidade. A avó, por sua vez, constantemente procura conversar com o esposo sobre a possibilidade dele viver sem ela, uma vez que ele é muito dependente de seus cuidados e companhia. Nesse sentido, por meio dessas falas, momentaneamente os três deixam de olhar para a relação que mantém com suas próprias mortalidades e voltam suas atenções para fora de si mesmos, preocupando-se com a vida daqueles que podem permanecer vivos em suas ausências.

Além das vivências concernentes à morte própria, os colaboradores lembram-se de que também eles se deparam com as perdas de pessoas amadas (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**) e, por conseguinte, com a deflagração da tristeza nessas ocasiões (*A saudade, o vazio, a dor e a tristeza de viver na ausência das pessoas amadas*):

É um sentimento de perda, né, tristeza, choro, mas (...) a gente tem que se conformar, né. Aí é com o passar do tempo que você vai se conformando, vai passando, né. (M6)

Ah, ruim, né (...) é ruim. A gente fica um período pensando na pessoa, tentando encontrar explicação, né, mas depois volta, acaba ficando normal. (P6)

Quando eu recebi aquele choque, assim, eu fiquei muito abalada. Fiquei muito abalada. As minhas pernas travou e eu não conseguia andar [referindo-se à morte de dois netos]. (Vm6)

E não apenas eles compreendem a morte do outro sob um estado de ânimo lastimoso, como também a adolescente manifesta o mesmo sentimento, como já apontado anteriormente. Nesse sentido, os quatro reconhecem que entrar em contato com a morte de pessoas queridas gera lamentação e dor. E, em virtude de tais sentimentos, o pai reconhece

que diante da dificuldade que sente em lidar com o morrer, ele prefere evitar pensar sobre o assunto (*Distanciando-se da tristeza: evitando pensar na morte do outro*):

Até quando fico sabendo de alguém, amigo, ou o que for, a gente sente bastante. Mas, por isso que eu acho que eu prefiro viver e não comentar muito deste tipo de assunto, entendeu. (P6)

Para ele, tudo o que diz respeito a morte é visto com repúdio e afastamento, uma vez que ele sente a necessidade de se proteger da tristeza que o acomete nessas ocasiões. Provavelmente, a morte do outro o remeta a sua própria condição mortal, levando-o, portanto, a fugir dessa realidade que o aterroriza.

A avó, por sua vez, ao referir-se à morte do outro recordou-se especificamente da morte de seus netos e da vivência dolorosa durante essa experiência de ver alguém mais jovem que ela morrer. Em sua concepção, essas perdas foram muito impactantes e vivenciadas como tragédias, ocasionando um profundo abalo e um sentimento de entorpecimento ante tal situação. Mergulhada nessas vivências, ela recordou-se de como foi experienciar esses dois momentos de perda (*Lembrança da morte do outro e dos momentos compartilhados junto a ele*):

Primeiro foi os dois netos que eu perdi, né. Então, foi muito difícil porque eram duas crianças. Um já estava falando, me chamando de vovó, com um ano e dois meses e foi uma morte muito assim, trágica, instantânea [...] E o outro [...] acabou de sair da minha casa, cinco meses de vida, poucos metros de distância, o meu genro, bateram no carro dele e a criança veio a falecer. (Vm6)

E inserida nesse contexto de lembranças, ela também rememorou o momento da morte de seus genitores, tendo vivenciando novamente, sobretudo, como foram os dias que anteciparam a perda de seu pai:

Então, foi muito difícil para mim, da mãe, né, e do pai foi um baque, assim, diferente, porque foi para o hospital e daí ficou na UTI vinte e um dias, aí quando já

fazia vinte e um dias que ele estava internado, os médicos desenganaram porque deu derrame cerebral. Mandou para casa, aí ele ficou três dias em casa, mas não falava. Aí revezava. Um dia era uma filha que ficava junto com ele, outro dia era outra e justo o dia que ele faleceu, foi o dia que eu estava junto com ele. (Vm6)

Todavia, se a morte de seu pai foi impactante, a de sua mãe, embora também tenha lhe trazido tristeza, teve a sua aceitação facilitada, uma vez que foi acompanhada de padecimento físico por alguns anos e, por isso, era, de alguma forma, aguardada (*A aceitação da perda: empatia ante ao sofrimento do outro*):

E a minha mãe eu já estava preparada, porque eu sabia que ela viveu noventa anos, ficou três anos em cima da cama. (Vm6)

A partir das falas da avó, percebemos o quanto falar sobre morte a remete às experiências de perdas com as quais se deparou ao longo de sua trajetória existencial. Perdas essas, vivenciadas de maneiras distintas por virem acompanhadas de significações diversas, uma vez que experienciar a morte de dois netos ainda bebês a impactaram de maneira mais intensa do que a morte de sua mãe que já se encontrava na velhice e ante ao adoecimento. Assim, para ela, a morte ocorrida a um idoso, mesmo se tratando de sua mãe, foi mais facilmente aceita do que a morte trágica e inesperada de seus netos.

De maneira semelhante, o pai partilha da mesma compreensão de sua mãe, ao entender que a morte de uma pessoa que está sofrendo trata-se de conforto e alívio ante ao padecimento (*A aceitação da perda: empatia ante ao sofrimento do outro*):

Esses que já foram sofrerem bastante antes, né, e a gente acompanhou tudo isso, então, quando eles foram realmente a gente estava até preparado, vamos dizer, vai. A gente encarou mais como um alívio para eles, né, porque sofrerem bastante. (P6)

Para ele, tal como para a avó, o sofrimento daquele que aguarda a chegada da morte permite uma preparação gradual para o enfrentamento da situação, fato esse que, a seu

ver, facilita a aceitação e a elaboração do luto. Por outro lado, como anteriormente descrito, a adolescente, ao se deparar com o sofrimento de sua avó, não considerou que essa experiência lhe propiciou a aceitação dessa morte, mas sim a fez temer que o mesmo pudesse acontecer com ela. A partir daí, nas diversas ocasiões em que esteve frente a frente com a morte, foi levada a uma série de reflexões que a colocaram ante a uma apreensão que até então era desconhecida para ela, a saber, a certeza de que a morte pode cruzar sua existência a qualquer instante, levando consigo as pessoas que mais ama (*Reflexões ante a morte do outro: reconhecendo-se mortal e o temor de novas perdas*):

Eu já passei pela perda da minha avó e espero não passar pela perda dos meus pais ou de alguém mais da família. Eu acho que não conseguiria lidar com isso [...] Eu acho que contribuiu mesmo foi pelas mortes que eu já ouvi falar, né, pelas mortes de amigos de amigos meus, pela morte de pais de amigas minhas, pela morte da minha avó e da minha bisa e pelas mortes que não fizeram parte de mim, mas de uma forma fizeram parte das famílias das minhas outras amigas. Então foi por isso que eu comecei a pensar sobre (...) que eu penso assim que foi isso que contribuiu para mim ter medo de morte. (Ad6)

Para ela, o encontro inesperado com o morrer de diversas pessoas ao seu redor inaugurou um universo assustador, levando-a a sentir-se muito frágil ante a onipotência e a aproximação devastadora da morte.

Com relação ao avô, vemos que diferentemente dos demais integrantes dessa família, ele foi o único a não falar sobre suas perdas e a não se referir a essa situação como deflagradora de sentimentos negativos. Ele manteve-se mais voltado para a sua própria mortalidade e aos sentimentos referentes a ela, do que às suas vivências e lembranças sobre as perdas. Nesse ínterim, portanto, ao abordar a morte do outro (**Ser-na-ausência-do-outro: a morte desvelando-se como perda**), ele somente salientou que sua maior preocupação, nestes casos, é com relação aos familiares que estão vivenciando o luto (*O cuidado com o outro: orações para o falecido e preocupação com os familiares enlutados*):

Eu peço a Deus por eles, para a família, né, que venha a consolar o coração das pessoas, né. É o baque que a pessoa leva, né. É isso aí. (Vh6)

Ao falar sobre as perdas, o avô não se voltou para si de modo a relatar suas vivências, mas olhou para o sofrimento daqueles que precisam sobreviver e experienciar a ausência de alguém muito querido. Diante de tal cuidado com o outro, ele busca realizar orações, na tentativa de amenizar de alguma forma o sofrimento de quem fica. De modo semelhante, sua esposa e sua nora também costumam recorrer à religião quando se deparam com a morte. Nesse sentido, apegam-se a ela, colocando-a como sendo de fundamental importância para a aceitação, tanto da morte de si, como da morte do outro (*O auxílio da fé: a busca de força e conforto ante a morte do outro*):

Ah, eu choro, né. Sentimento de choro. Mas aí eu oro muito, porque é só Deus para consolar nessa hora, né. (M6)

Eu acho que a religião ajuda muito. Porque se a gente está triste, lembrando de alguma coisa que aconteceu, a gente vai na igreja, a gente volta aliviado. Então, eu entendo que a religião ajudou muito. [...] Eu penso assim, que se a pessoa teve boas obras aqui na terra, ele vai alcançar um bom lugar. Chegou o tempo de terminar a vida dele aqui na terra, ele foi para outro lugar. É um mistério que nós não pode saber, né, como que é. Mas a gente sabe que se a pessoa, se ele teve boas obras aqui, se ele fez o bem, o bem ele vai receber ao retornar. E se ele não fez, vai ser (...) eu acho assim, vai ser de acordo com o que praticou na terra. (Vm6)

Para a avó, a morte dos netos, bem como a da sua mãe, pôde ser superada, também, graças ao apoio e ao cuidado que recebeu das pessoas ao seu redor (*Ser cuidado pelo outro: o compartilhamento dos momentos difíceis*):

Então eu senti, assim, muito a morte daquela criança, mas eu entendia que Deus sabia porque. Porque ele veio, ficou só aquele tempinho com a gente e foi. Porque a hora que eu recebi a notícia tinha uma pessoa do meu lado, que era uma pessoa muito próxima da gente, era um cabeça da igreja que eu congrego e na hora daquele desespero ele teve palavra para falar comigo. Então, eu senti muito, mas já não foi tanto como foi o primeiro (Vm6)

Os próprios médicos que vinham em casa, onde eu morava, vinham examinar ela (a mãe que estava doente), vinham três vezes por semana, né, que é o médico da família. Morava em [NOME DA CIDADE], né, e eles falavam, eles conversavam muito comigo, né, os médicos. Eles chegavam lá, iam lá, examinava ela, cuidava

dela, aí eu fazia um café, punhava na cozinha e aí ele ia comigo na mesa da cozinha e junto com as enfermeiras, aí ia tomar aquele café e ia falando, ia falando para mim. Então, eu fui recebendo aquela força. (Vm6)

Assim, para ela, o apoio e atenção despendidos pela equipe médica que cuidou de sua mãe, configuraram-se como sendo de fundamental importância para a sua aceitação e enfrentamento dessa morte, uma vez que junto a eles, sentiu-se apoiada nesse momento.

No que tange aos modos como essa família vivencia a morte na cotidianidade (**Ser-com-a-família: a coexistência diante da morte**), a adolescente apontou que sua família costuma abordar o assunto apenas em momentos em que há a iminência da morte de alguém próximo (*Abordando a morte de maneira fugidia: os “casos de morte”*):

Que ela uma hora fosse [avó], pelo motivo dela ter estado no hospital, a gente conversava, mas não que não pensava assim que ela iria, né. A gente falava que ia chegar um certo ponto que ela não ia mais agüentar, não ia mais conhecer a gente. Mas a gente conversava. Minha mãe tanto ia sempre para a cidade dela, né, para ficar com ela. Então, a gente conversava mesmo sobre a situação dela, como ela estava, se ela iria agüentar ou não ia. (Ad6)

Assim, ante o prenúncio da morte da avó materna, a adolescente revelou que essa possibilidade era frequentemente considerada pela família. Contudo, a partir das falas dos demais colaboradores e também da própria Ad6, foi possível notar que a ocasião da morte da avó foi um dos poucos momentos em que o assunto foi abordado. No caso da avó, ela revela que seu filho (P6), tal como outra filha, se recusam em tocar quaisquer assuntos que tragam a morte como pauta (*O silêncio diante da morte: afastando o sofrimento*):

O meu filho, eu tenho um filho só. Ele não gosta. Ele não gosta que tratem assunto de morte [...] se tocarem em assunto, assim, se a gente preocupar, assim, falar alguma coisa, ele não aceita. _ “Tem que tirar essas coisas da cabeça”, ele contrareia; ele acha que não; tem que viver, vamos ficar alegre e esquecer que existe a morte, ele fala assim. A filha também fala: _ “não, mãe, não. Não tem nada que ficar lembrando de morte, não”, ela também não gosta. Nem a filha também não gosta. (Vm6)

Ela mostra que, para os filhos, a morte é vivenciada como algo doloroso, o que rotineiramente os conduz a uma postura de evasão e negação perante o assunto. Quanto aos relatos da adolescente e de sua mãe, evidencia-se que nessa família a morte não costuma ser abordada, uma vez que ambas desconhecem como a morte é compreendida pelos demais familiares (*A morte como tema distante: o desconhecimento dos modos de ser da família*):

A minha família (rs) eu nunca cheguei a conversar com eles sobre isso, mas eu acho que lidam um pouco melhor do que eu, porque já sabem mais sobre isso, né, são mais velhos. Mas eu acho que o que eles pensam é a mesma coisa que eu (Ad6)

Ai, eu nunca conversei sobre isso (...) eu não sei; não conversei com ninguém. (M6)

O pai foi o único que afirmou que a morte é aceita com naturalidade pela família, especialmente por seus pais e esposa (*A aceitação da morte na família: a resignação ante as perdas*):

Não tem assim uma preocupação grande com relação ao assunto e, mais assim, encara, acho que quase todos encaram mais ou menos como normal; veio aqui, a gente está aqui na verdade por uma passagem, né, e a gente sabe que daqui a gente vai embora. Então, acho que pelo o que eu percebo deles tudo [genitores e esposa], acho que encaram assim mais como uma coisa normal, da vida [...] eu acho que eles encaram mais como natural, mais do que eu até. Eu ainda penso, eles parecem estar mais preparados. (P6)

Para ele, a naturalidade com a qual a família lida com a morte diverge de alguma maneira do seu modo de compreender a situação. Ele acredita não se sentir tão preparado quanto eles no que diz respeito à aceitação do morrer, não gostando, portanto, de pensar sobre o assunto. No entanto, em sua compreensão, seus familiares não deveriam pensar na morte com tanta naturalidade, uma vez que mediante tal postura, acabam por projetar suas vidas para uma experiência posterior e deixam de desfrutar o que esta vida tem a lhes oferecer no momento. Nesse sentido, quando falou acerca dos modos como compreende a existência diante da inevitabilidade da morte (**Ser-no-mundo ante a inevitabilidade da**

morte: as possibilidades da existência), ressaltou que o viver é aproveitar o presente (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

Eu procuro viver o dia, o hoje, e aproveitar o máximo possível, porque depois que (...) Enquanto você tem saúde tem que viver. Perdeu a saúde, acho que você começa a se preparar para as outras coisas [...] eu vejo a vida como uma coisa boa. Do que eu conheço, acho que é a melhor que tem no mundo, né. Então, eu encaro como (...) ótima, vai. Viver, para mim é bom demais. Viver, viver bem com todo mundo. (P6)

E além de enfatizar que a vida deve ser aproveitada enquanto o adocimento e a morte não estão presentes, ele também acredita que ao longo da jornada de cada um também surge a necessidade da ultrapassagem de adversidades e obstáculos (*A superação de adversidades: a apropriação da existência*), a fim de que o aprendizado com essas situações contribua para constantes ressignificações das experiências até então vividas:

Já passei por período difícil, mas consegui atravessar. Então, acho que a parte mais importante está aí. Até às vezes eu reclamo com eles que eles [genitores e esposa] encaram, assim, muito como natural esse tipo de coisa [a morte] e eu não gosto, não gosto nem que eles comentem. A gente já passou por um período difícil aí e até mesmo com a [NOME DA ESPOSA]. A gente teve, graças a Deus, força e condição para passar e acho que ela também acabou ganhando um pouco mais de experiência e acho que até repensou, né, na parte que eles acham que é natural morrer e hoje acho que até dá mais valor a vida. (P6)

Na mesma direção do pai, a adolescente também acredita que a vida deve ser aproveitada sem que haja preocupações com o futuro ou com a morte (*Viver no presente e ocupar-se do mundo: distanciando-se da morte*):

Então, acho que a gente deve viver a vida como se o amanhã, como se fosse ter para sempre, sem deixar nada nos atrapalhar, sem deixar que nada nos atrapalhe no caminho, né, que como muitos dizem e eu digo, a vida é muito, então, então temos que viver. (Ad6)

Em sua compreensão, a vida deve ser levada como se fosse eterna, ou seja, como se a morte não existisse. Com essa postura, ela mantém tudo o que diz respeito ao morrer à

distância, evitando conjecturar que essa possibilidade pode atravessar a sua existência a qualquer momento. Assim, a adolescente se relaciona com a vida buscando restringi-la ao momento presente e, com isso, permanece acreditando que o morrer não lhe diz respeito.

Em contrapartida ao pai e à adolescente, na visão da mãe e da avó a vida deve ser seguida com a manutenção de alguns princípios morais e religiosos, de modo a manter e cultivar os valores de respeito ao próximo, paciência, humildade e, assim, seguir o caminho traçado como correto de acordo com a religião que seguem (*Escolhas na vida: a existência ética, moral e religiosa*):

Você tem que fazer por onde merecer, né, tem que andar certo, né, nos mandamentos e nas leis de Deus. [...] ser sincero, né, no que você faz; não enganar as pessoas, né (...) ser limpo de mão e puro de coração. Não dever nada para ninguém, né. Tanto material, quanto espiritual, porque se você faz coisa errada, isso vai pesar na sua consciência. Mas se você está bem, você não tem por onde ficar preso em nada. (M6)

A vida, eu acho que para quem faz o bem e segue a Deus, para quem pratica a humanidade e o amor, paciência, caridade, a vida é muito boa. E eu sinto felicidade em viver servindo a Deus. (...) Ainda que a gente não tenha saúde material, mas a gente sabe que a gente estando servindo a Deus, a gente tem saúde espiritual e a saúde espiritual traz vida longa. (Vm6)

Já o pai e o avô, apesar de não se referirem à religião ou a Deus, também salientam a mesma importância dos valores morais em suas vidas, buscando, sobretudo, enfatizar a boa convivência com o outro como uma das principais virtudes do ser humano (*Compartilhamento do existir: viver é estar junto ao outro*):

Viver, acho que é estar junto com as pessoas. Viver bem com todas elas, não ter problema com ninguém. Eu sou uma pessoa assim, vamos dizer, bastante enérgico, mas também entendo o lado das pessoas. [...] Então, viver para mim é harmonia, é entender as pessoas, ajudar o próximo sempre que possível. Acho que solidariedade, né, com todo mundo. Isso é a parte boa do viver para mim. (P6)

A vida, a gente vive, né, vive, porque Deus dá força, a gente vai trabalhando, criando os filhos, e vendo os netos progredir e vai a vida da gente, né. Eu, graças a Deus com a minha esposa, nós sempre vivemos bem; quase nunca tivemos destão na vida, no casamento, né, e nunca também dei desgosto para o meu sogro, minha sogra. (Vh6)

No entanto, se na compreensão do pai a vitalidade se faz presente em seu relato, na fala do avô se sobressai o tom nostálgico de sua vivência, por meio da qual olha para a vida que construiu junto à esposa, aparentando conformismo ante a impossibilidade de projetar o futuro. Ele sente que já cumpriu com todas as obrigações e, por essa razão, não lhe resta almejar mais nada para a sua vida.

No contexto das vivências de cada colaborador dessa família, ao final das entrevistas eles também se abriram a fim de relatar como foi mergulhar nos sentimentos e emoções despertados pelas lembranças e por tocarem em um assunto que apenas se apresenta à família de maneira corriqueira em sua cotidianidade:

Foi bom porque eu me abri um pouco mais, né, e (...) foi bom, gostei e acho que é importante a gente fazer essas perguntas ao povo sobre o que a gente pensa, né, de várias idades, seja a qual for e, acho que também me ajudou um pouco a refletir um pouco mais com o que aconteceu [...] Nas perdas que eu tive, nas perdas que nós vamos ter [...] Na parte da minha avó e da minha bisa, que eram muito queridas, né, foi difícil, bateu um aperto no coração por elas não estarem mais aqui, né. Eu lembrei delas, lembrei de tudo. Quase chorei, né (rs), bateu um aperto no coração por elas não estarem mais entre a gente. (Ad6)

É meio sério o assunto, mas (rs) normal [...] nenhum sentimento, assim, de medo, nada. (M6)

É um pouco difícil por eu não gostar de conversar sobre o assunto e preferir conversar sobre viver (rs). Mas, a gente consegue também falar (rs). (P6)

Ah, eu senti assim que a morte a gente lembrou, né, e a vida traz paz, traz alegria, felicidade de saber que a gente serve um Deus vivo do céu e da terra e tudo está sob o domínio dele [...] Então, eu acho bom, mas não senti nem de falar na morte dos meus familiares, nem na morte minha eu não senti (...) assim, emoção. Eu acho que é uma coisa natural, né (...) aconteceu porque Deus quis que acontecesse, então, se Deus quis, amém. (Vm6)

Ah, a gente vai lembrando os passados e do vindouro, né. Que nem os passados, a gente já sabe que já passou na vida, né. Hoje a gente sabe que a vida da gente já é próxima, então é isso aí que a gente tem que fazer. Eu acho que não estou pensando mal, né. Quero que Deus dê uma boa hora para a gente para não dar trabalho para filho, nem filha, nem nora, né. [...] Agora, a gente só tem medo sabe do que é? Cisma da gente ficar prostrado e precisar usar os outros para manter a vida da gente, né, higiene, essas coisas, mas eu acho para mim que se Deus quiser não vai acontecer isso para mim, viu. [...] Antigamente, quando era solteiro, tinha uma vida tranqüila, sabe porque que é, eu ia lá e dançava junto com as moças, sabe, e hoje já não tem mais isso, né, hoje acabou isso aí, a esperança já foi, né. Acabou a esperança, né. [...] a gente tem que botar na cabeça que a gente vai para ter o fim. Porque a gente sabe que a morte é natural. Não fica ninguém pode ficar para a semente, né. Mas todo mundo vai para debaixo da terra mesmo, né (rs). (Vh6)

No olhar da adolescente, ela compreendeu que a oportunidade de falar sobre as perdas que vivenciou ao longo de sua vida contribuiu para que ela expusesse seus sentimentos de uma maneira que não é usual, possibilitando lançar um novo olhar para essas experiências, ressignificando-as. Com isso, mesmo com a tristeza desencadeada em diversos momentos da entrevista, ela considerou que sua participação foi positiva, fundamentalmente porque lhe propiciou um momento de reflexão. Com relação à mãe, ela ressaltou que se trata de uma temática difícil de ser abordada, embora considere que ao longo da entrevista não houve razão para que se desestabilizasse emocionalmente pela seriedade do assunto. No que concerne ao pai, embora tenha enfatizado que não gosta de conversar sobre a morte e que vê esse tema não sem dificuldades. A avó, por sua vez, viu a entrevista como uma oportunidade de relembrar das pessoas que se foram e, a partir daí, confirmar sua fé de que a morte não é algo negativo, ou definitivo, mas sim obra divina. Diante dessa crença, ela acredita que se torna mais fácil aceitar a morte, uma vez que ela a coloca ante a sensação de paz e alegria ao ver o morrer como continuidade e possibilidade de vida eterna. Já o avô, assim como sua esposa, também se referiu à entrevista como um momento de recordação. No entanto, enquanto ela se remeteu às lembranças de perdas, ele falou do desenrolar de sua vida, sentindo-se com o dever cumprido e, com isso, chegando a constatação de que não lhe restam mais chances de fazer algo diferente ou de planejar algo para o seu futuro, uma vez que por estar idoso, sente que sua vida está em vias de chegar ao final. Nesse sentido, tal como ele já havia revelado no decorrer da entrevista, para ele resta apenas o desejo de não sofrer no momento de sua morte e aguardar que esse momento se aproxime de maneira tranqüila e ausente de dor.

Síntese compreensiva

Ao trazermos à luz os modos como essa família se refere e se relaciona com a morte e o morrer, vemos que, distanciando-se das demais famílias estudadas até o momento, nas quais a homogeneidade entre os relatos se mostrava de maneira mais evidente, na presente família torna-se um pouco mais obscuro qual seria esse modo característico a partir do qual poderíamos afirmar ser o seu modo de existir ante a convivência com a morte. No entanto, ao nos aproximarmos mais cuidadosamente de suas experiências, conseguimos apreender algumas semelhanças em suas falas. Destarte, o que se observa nessa família, com exceção do avô, é uma tentativa constante e veemente de negar e vencer a morte por meio de maneiras distintas, que ora se mostram a partir de um não pensar a respeito, e ora se desvela mediante explicações religiosas.

No caso da filha adolescente, ela iniciou a entrevista afirmando temer a morte. No entanto, sua maior inquietação no que concerne a sua finitude reside na aterrorizante possibilidade dela vir a padecer anteriormente a esse momento. Ao longo das experiências ante a morte de pessoas de sua convivência, sobretudo diante da perda de sua avó materna, ela se deparou com uma situação deveras sofrida, em que houve dor e uma longa espera para que a chegada da morte viesse trazer alívio à agonia de sua avó. Vivenciar essa perda a fez refletir e perceber que a morte pode a qualquer instante cruzar a sua vida, levando de si as pessoas que mais ama. Diante dessa constatação, ela passou a temer a morte, vendo-a como uma vilã que, além de causar sofrimento, também leva para sempre as pessoas que ela ama. Nesse sentido, a fim de conviver de maneira menos dolorosa com essa realidade, ela acredita que deve esquecer que a morte existe. Com isso, volta sua atenção apenas ao presente, focalizando em sua crença que a vida é uma contínua alegria.

No que tange às vivências da mãe, ela iniciou seu relato remetendo-se à dor e à saudade que advém juntamente às lembranças da morte de pessoas queridas. Para ela, o que mais a entristece diante dessas ocasiões é o vazio deixado pela ausência do outro. Vazio este, que lhe retira parte de seu mundo, fazendo permanecer somente a falta da conversa, do carinho, da companhia. No entanto, mesmo tendo inaugurado a entrevista sob um olhar nostálgico, nos momentos seguintes ela evitou se aproximar do assunto, tendo apresentado a partir daí uma tentativa constante de naturalizar a morte, explicando-a mediante suas crenças religiosas, o que a levou a apresentar em diversos momentos uma fala “engessada” que não lhe permitia aprofundar-se em suas vivências. Ao falar de sua própria mortalidade, ela admitiu não ser fácil encarar essa realidade, contudo, no instante seguinte, buscou afirmar sua fé em Deus, dizendo ter certeza de que Ele a salvará de quaisquer sofrimentos e lhe concederá a vida eterna. Assim, ao refugiar-se nas explicações e promessas religiosas, ela evita olhar para si enquanto um ser que se encaminha para a morte, protegendo-se, portanto, das possíveis angústias com as quais poderia se deparar se estivesse frente a frente com ela de maneira solitária, sem ter em que se ancorar.

Com relação ao pai, no momento em que iniciou a entrevista buscou naturalizar a morte, tratando-a sob um ponto de vista distante e geral, porém, tentando aparentar imparcialidade ante ao assunto. No entanto, após aprofundar-se um pouco mais em suas vivências, a morte desvelou-se como algo que o assusta e que, por isso, ele esforça-se para mantê-la afastada de seus pensamentos. Em sua compreensão, ele não consegue considerar a morte como parte integrante de sua existência, embora insista em afirmar que contra ela não há nada a ser feito. Nesse sentido, ele busca negar que a morte também irá se apresentar a ele, afirmando constantemente que prefere focalizar sua atenção na vida e nas coisas que ele ainda pode realizar. Assim, embora também tenha se referido à saudade que a morte do outro evoca, ao longo de praticamente toda a entrevista, o que se observou foi a batalha que ele

travou consigo mesmo, sempre na tentativa de fugir da morte e, com isso, evitando adentrar caminhos que o levariam a um encontro um pouco mais íntimo com a relação que estabelece com sua própria finitude.

A avó, por sua vez, deu início ao seu relato abordando a morte sob um ponto de vista geral, no qual ela a naturaliza e generaliza a partir do momento em que acredita tratar-se de algo deixado por Deus. Contudo, tal maneira de se relacionar com a morte não a impede de aprofundar-se em suas lembranças, sobretudo na morte dos netos, vivenciando-as a partir de tristeza e sofrimento. Para ela, deparar-se com a morte de duas crianças foi uma experiência de profundo pesar, uma vez que jamais imaginou que pudesse ver-se diante dessa situação. A fim de suportar a dor advinda de tais perdas, encontrou na religião o conforto que precisava, ancorando-se, então, nas promessas de vida eterna oferecidas por ela. Com isso, passou a acreditar que aqueles que seguem as “vontades” de Deus jamais morrem, uma vez que têm a oportunidade de renascerem e continuarem suas vidas junto às pessoas amadas. Como consequência dessa crença, a avó afirma não se preocupar com a sua morte, nem tampouco pensar a seu respeito, pois, a partir do momento em que compreende a morte como possibilidade de triunfo da vida, não vê razão para temê-la.

No que diz respeito ao avô, ele deu início à entrevista referindo-se ao morrer como um processo natural dentro do horizonte temporal em que se insere a existência humana. No entanto, embora sua fala assemelhe-se, na forma, às de outros colaboradores quando estes procuram banalizar e naturalizar o morrer, no seu caso, ao voltarmos nosso olhar de modo mais cuidadoso ao todo de sua entrevista, compreendemos que tal maneira de remeter à morte, ao contrário, não é uma negação desse fato, mas a aceitação de que ele encontra-se intimamente perpassando toda a sua existência. Por estar com 77 anos, ele acredita que precisa se preparar para o momento em que a morte virá abraçá-lo, uma vez que não se sente mais no direito de ter sonhos e objetivos. Tal pensamento é recorrente em sua

vida, apresentando-se a ele diariamente, mesmo que se esforce por mantê-lo à distância. Isso porque, essa espera não é algo com a qual ele se relaciona de maneira amigável. De fato, a incerteza acerca da existência do dia de amanhã o remete mais proximamente a outra preocupação também recorrente, a saber, a possibilidade do adoecimento e das incapacitações que dele podem advir. Assim, ao olharmos para as falas do avô, apreendemos que toda a sua entrevista esteve permeada por um tom nostálgico de quem olha para um passado que ficou distante e que não consegue vislumbrar um futuro desvinculado da presença da morte. Todavia, ele demonstra sentir-se conformado ante a sua situação, reconhecendo que para si não há como desejar outra possibilidade.

Diante, então, das diversas maneiras como esses colaboradores compreendem o morrer, quando olhamos para a família nuclear (genitores e filha), o que nos aparece é uma maior proximidade entre os sentidos que a adolescente e o pai conferem ao morrer, sobretudo no que diz respeito ao temor e ao afastamento por meio do qual se remetem a esse acontecimento. A mãe, por seu turno, também revelou uma postura semelhante aos dois, ou seja, refere-se à morte sempre a partir de certo distanciamento, no entanto, diferentemente deles, que em diversos momentos permitem expor seus sentimentos de impotência ante ao fato, ela segue em uma tentativa constante de naturalizar a morte, explicando-a sempre a partir de suas crenças religiosas. Maneira semelhante de se referir à morte também foi, aparentemente, relatada pela avó que, na maior parte do tempo, buscou na religião o suporte e as justificativas necessárias para a manutenção de sua boa relação com o morrer. Já o avô, apresentou um modo ímpar de se relacionar com a própria mortalidade, uma vez que foi o único a verdadeiramente conseguir experienciá-la enquanto sua possibilidade mais intrínseca, olhando-a desprovido de barreiras ou de quaisquer teorias explicativas a respeito.

Nesse sentido, o que nos aparece na convivência dessa família é que além das particularidades de compreensões desveladas pelas idades e das semelhanças advindas com o

modo de ser-no-mundo dessa família, o que também se mostra é que não apenas a convivência entre eles possibilita os modos como cada um irá vivenciar e compreender suas experiências referentes ao morrer, como também a religião lhes oferece caminhos distintos para essas compreensões. Se levarmos em consideração que entre os cinco colaboradores há três maneiras distintas de se relacionar com a religião (adolescente não tem religião, pai é católico e a mãe e os avós são evangélicos), talvez possamos compreender melhor as diferentes maneiras como cada um desses colaboradores se referem à morte.

“Nunca chegamos aos pensamentos. São eles que vêm”

(MARTIN HEIDEGGER, A experiência do pensamento)

10. OS SENTIDOS DA MORTE: REFLEXÕES

Tendo por base as considerações apresentadas sobre as vivências de cada uma das famílias diante do morrer, a partir do presente capítulo procurar-se-á, em primeiro lugar, fazer uma aproximação entre os sentidos destas vivências nas seis famílias estudadas e, em segundo, entre os modos característicos de compreender a morte nas três gerações, de maneira que ao lado dessas compreensões, seja possível adentrar nos caminhos do pensamento heideggeriano acerca de suas questões fundamentais sobre o ser-para-a-morte.

Com o intuito de atingir o primeiro objetivo, vale recordar que, quando este estudo fala em coexistência familiar, está se remetendo ao partilhamento de modos de ser, a partir dos quais cada família pode compreender e significar suas experiências existenciais. Nesse coexistir, cada integrante da família, ao estar lançado facticamente no mundo, inicialmente o percebe de maneira impessoal, uma vez que o mundo já lhes apresenta os significados das coisas e o modo de se comportar diante delas. É a partir da relação com o outro, portanto, que cada indivíduo referencia suas atitudes e pensamentos, de modo a projetar a si mesmo, não em virtude dos próprios projetos, mas sim moldado pelo que os “outros” dizem e julgam ser a maneira “correta” de viver, o qual Heidegger (1927/2009) chamou de vivência inautêntica ou imprópria.

À medida que se volta o olhar para a coexistência familiar, percebe-se que, em cada família, os modos de ser diante da morte perpassaram os relatos das três gerações de maneiras muito semelhantes, mostrando que, cada um dessas famílias apresenta uma maneira singular de se relacionar com a morte. No entanto, apesar das particularidades de cada família, é possível perceber sentidos deveras semelhantes permeando as falas de todos os entrevistados, possibilitando apreender que, independentemente da pertença à família, da

idade ou da religião, a relação com o morrer (próprio ou do outro) se apresentou fundamentalmente por meio da inautenticidade.

Como visto, para Heidegger (1927/2009), a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, insuperável e indeterminada do ser-aí, e com a qual ele se articula constitutivamente por meio de seu caráter de poder ser. Entretanto, no viver cotidiano inautêntico, ela não se apresenta como uma experiência existencial fundamental, mas costuma se configurar como um acontecimento extrínseco que chega ao ser-aí para danificá-lo de maneira irreparável. Isso significa que, cotidianamente, a morte não se revela em sua articulação com a angústia, mas sim por meio de uma associação ao temor. No caso das famílias estudadas, tal temor se mostrou de diversas maneiras, aparecendo, na maioria das vezes, de forma camuflada sob o aspecto de uma aparente aceitação, sobretudo quando acompanhado de explicações religiosas e das crenças na existência e imortalidade da alma.

Esse modo de se relacionar com o morrer, segundo Dastur (2002), é uma maneira de tentar deter a morte, relativizando-a por meio da ideia de que ela apenas pode recair sobre uma parte do nosso ser, ou seja, que ela apenas pode atingir o nosso corpo, mas não aquilo que possuímos de eterno, no caso, a alma. Mediante tal relativização, portanto, a crença de não ser capturado pela morte tem, na vida, a sua última esperança, na medida em que traz consigo a promessa da eternidade. Nos relatos das famílias entrevistadas, essa visão da morte enquanto a oportunidade de uma vida eterna junto a Deus, ou como retorno ao mundo dos vivos, aparece como uma incessante tentativa de encontrar uma explicação plausível para o morrer. De fato, parece ser difícil ao ser humano aceitar que a morte simplesmente não esteja sob o seu controle e que ela pode “vencê-lo” a qualquer instante. Ao ver-se impotente ante a inevitabilidade da morte, há a tentativa de agarrar-se ao último fio de esperança que ainda resta e, assim, assegurar-se de que a vida poderá triunfar. Por outro lado, a convicção na existência em um mundo no qual o morrer não se apresenta como possibilidade, além de se

mostrar como afirmação incondicional da vida e subjugação da morte, também traz consigo a confiança de que, finalmente, será possível desfrutar de uma felicidade incessante, afastando definitivamente quaisquer formas de sofrimentos, preocupações, dores e tristezas.

Em contrapartida, apesar da religião se configurar como uma tentativa de afastar o temor no qual recaem aqueles que se defrontam com sua condição mortal, e por distanciar a ideia de que a separação de alguém dileto precisa ser definitiva, não se pode furtar em dizer que, para os colaboradores deste estudo, ela se mostra como um dos mais utilizados recursos de apoio para o bom enfrentamento do luto. Isso porque, a partir de tal suporte, torna-se possível amenizar a dor advinda do rompimento e da separação, na medida em que a religião oferece explicações àquilo que ainda é ininteligível e assustador ao ser humano.

Nesse sentido, diversos entrevistados relataram que, ao se ancorarem em Deus, a morte deixa de ser tão assustadora, uma vez que a impotência diante dela é parcialmente substituída pela sensação de fortalecimento encontrada na religião. Diante disso, muitos participantes julgaram que se não fosse este amparo, sozinhos eles não teriam como obter forças suficientes para encarar o sofrimento diante do qual a morte os coloca. Desta feita, o fato de as pessoas buscarem racionalizar as perdas e a própria mortalidade, não constitui apenas um atestado de fuga, mas, também, trata-se de um pilar de fortalecimento fundamental na elaboração do luto e na convivência com a própria finitude.

Contudo, ao se considerar que entre as famílias estudadas há três religiões distintas, também é possível assinalar a existência de alguns pontos de convergências e divergências entre elas. Os colaboradores praticantes da religião Evangélica (Família 5 e Família 6, excetuando-se Ad6 e P6) expressam uma forte convicção religiosa em seus relatos acerca da morte. A “certeza” que a religião lhes apresenta sobre a existência de uma vida eterna junto a Deus, garante-lhes a sensação de vitória sobre a morte, levando-os de maneira recorrente a banalizá-la e a naturalizá-la, considerando-a algo inferior ao poder divino.

No caso dos praticantes da religião Católica, percebe-se maior heterogeneidade entre os seus relatos, uma vez que, entre eles, participaram do estudo católicos envolvidos com as atividades religiosas e também praticantes menos participativos. No caso daqueles que relataram participação mais recorrente (Família 3), as explicações religiosas para a morte apresentaram-se de maneira mais evidente em suas falas, favorecendo a racionalização e a naturalização do morrer. As Famílias 1 e 2, apesar de dizerem que semanalmente participam das atividades religiosas (exceção à Ad1, Vm2 e Vh2 que não costumam frequentar a igreja), não manifestaram convicção nas explicações teológicas para a morte, aparentando duvidar delas em alguns instantes. Para estas famílias, sobretudo para a Família 2, sobressaíram o temor e a angústia diante da morte, apontando que quando o domínio sobre ela não é tão seguro, as dúvidas podem transformá-la em um objeto impensável e ainda mais assustador.

Já para a família praticante da religião Espírita (Família 4), as explicações religiosas para o que ocorreria no momento da morte estão constantemente presentes em seus relatos. Todavia, diferentemente do que acontece com os evangélicos, que adotam uma postura de distanciamento e banalização da morte a partir da sua crença religiosa, esta família demonstra estabelecer uma relação mais próxima e amigável com essa questão, na medida em que ela rotineiramente faz parte de suas reflexões e discussões.

Além das explicações que, de maneiras distintas, perpassaram os relatos das famílias sobre o morrer, outro modo recorrente de relação estabelecida com a morte apresentou-se a partir da naturalização e banalização, sobretudo quando o assunto era a própria finitude. Ao falarem sobre o morrer, frequentemente houve a tentativa de sua ocultação, ora pela indiferença, ora pela tranquilidade, na medida em que invariavelmente o saber-se mortal se mostrava como um fato inevitável, apresentado com o caráter de evidência teórica. Segundo Nunes (1986), tal certeza se configura como um estratagema da razão que, ao tentar exorcizar o fantasma da morte a qualquer custo, também impede a apropriação da

angústia. Nesse sentido, a morte deixa de ser um fenômeno da vida, para então se configurar como mais um evento banal e corriqueiro da cotidianidade. Para Dastur (2002), quando o ser-aí refere-se à morte como um mero acidente ou falecimento que acontece aos outros todos os dias, ele está tentando escapar de sua impotência diante da morte:

É dessa fundamental impotência que ele tenta escapar quando pretende ver na morte um “acidente” que acontece certamente “todos os dias” mas somente aos outros, e quando ele identifica de maneira inautêntica o morrer com o simples falecimento. Pois, fazendo da morte um acontecimento que lhe sobreviria do exterior e que lhe aconteceria a partir do mundo, o *Dasein* se arma de uma segurança contra ela, desde que, enquanto ela não está ali, ele pode acreditar-se imortal. É dessa imortalidade provisória que vivemos *a principio e o mais das vezes*, o que implica que a vida humana não pode se estender largamente a não ser na medida em que ela *se esquiv*a da morte e em que é capaz de transformar em acontecimento futuro aquilo que é o próprio fundamento da existência (p.76).

Nas falas das famílias, tal esquiva diante da possibilidade da morte se dá a partir de uma compreensão que se estabiliza em um saber indeterminado acerca do morrer, tornando-o objeto de *falação*⁷, que toma respaldo na autoridade exterior e impessoal da cotidianidade. Segundo Heidegger (1927/2009), no interior do teor público da convivência cotidiana, a morte sempre é conhecida como *casos de morte*, ou seja, como uma ocorrência corriqueira que vem ao encontro como um acontecimento conhecido, mas que sempre é apresentado de maneira fugidia, fazendo-nos acreditar que algum dia também se morre, mas que de imediato não se é atingido pela morte. Nesse sentido, em sua vivência inautêntica, o ser-aí procura observar a morte sob um ponto de vista abstrato e geral, que se mostra a partir de pronunciamentos incontestáveis e triviais, nos quais, na verdade, a própria morte não é assumida enquanto uma possibilidade insubstituível. Ou, nas palavras de Heidegger (1927/2009):

⁷ A “falação” caracteriza-se pelo fato de, a partir dela, o ser-aí ter sempre a impressão de tudo compreender sem, contudo, haver uma apropriação preliminar do que se está dizendo, mas tão somente a repetição do que já se disse. Para Heidegger (1927/2009), no entanto, tal expressão não deve ser tomada em sentido pejorativo, visto que, terminologicamente, apenas significa um fenômeno que constitui o modo de ser do compreender e da interpretação do ser-aí em sua vivência cotidiana.

O “morre-se” divulga a opinião de que a morte atinge, por assim dizer, o impessoal. A interpretação pública do Dasein diz: “morre-se” porque, com isso, qualquer um outro e o próprio impessoal podem dizer com convicção: mas eu não; pois esse impessoal é o ninguém. (p. 329)

Daí que, ao adotarem falas difusas e indefinidas para se referirem ao morrer, as famílias colaboradoras ocultam não só o fato de que ele seja possível a cada instante, como também se furtam em ter que assumir para si o seu caráter pessoal. Foram vários os relatos em que falas como “a morte é natural” e “todos morrem” fizeram-se presentes. No entanto, apesar da aceitação racional do morrer e de sua certeza silogística, a experiência angustiante dessa possibilidade ainda permaneceu distante em grande parte dos relatos. Percebe-se que, quando a angústia ameaçava despontar, o que prevalecia era um retorno ao estado de negação, a partir do qual alguns colaboradores diziam não perceber qualquer utilidade em pensar sobre a morte na existência cotidiana. Por conseguinte, ao tentar afastar a morte, cria-se a ilusão de que a convivência com ela não é necessária e que seria possível viver como se ela não existisse.

Por outro lado, apesar de na maior parte dos relatos prevalecer a fala impessoal e distante em relação ao morrer, quando os colaboradores se referiam às perdas de pessoas muito próximas, tal afastamento se atenuava, cedendo espaço à manifestação de sentimentos de tristeza, dor e saudade decorrentes dessa experiência. Nesse sentido, o que se sobressaiu foi a morte enquanto ruptura e separação, compreendida como aquela que traz a ausência, o vazio, a saudade e, com isso, a impossibilidade da manutenção do compartilhamento de uma história de afeto e amizade. Não obstante, embora a morte do outro seja vista como impossibilidade de continuar existindo com aquele que morreu, para vários dos entrevistados ficou evidente que essa relação pode ser mantida, seja por meio de lembranças, seja a partir de orações. Ao se atentar para o que diz Heidegger (197/2009), é possível entender que coexistir não implica, necessariamente, em estar diante da presença física do outro. Ser-com é um constitutivo fundamental do ser-aí e é por essa razão que a relação com o morto se faz

possível. É porque o ser humano é um ser-com, que ele vivencia o luto como a privação do outro. Aquele que morreu fazia parte do seu mundo, e é a partir desse mundo que ainda é possível ser e estar com ele. Assim, a morte apenas pode se desvelar enquanto perda, justamente porque é dessa maneira que ela é experimentada pelos que ficam.

Todavia, sofrer uma perda não implica que tal experiência possibilite o acesso à experiência do morrer. Ninguém pode vivenciar a morte do outro e pelo outro, uma vez que, no que se refere à morte, cada um precisa assumi-la como possibilidade singular intransferível (HEIDEGGER, 1927/2009). De fato, o que veio à tona quando as famílias se remetiam às suas vivências de perda, além das lembranças, foram as reflexões diante do ocorrido, as quais em diversos momentos os colocaram ante a sombra da própria morte, assim como ante a possibilidade de novas perdas. Para Dastur (2002), é a partir da morte do outro que o homem vê que segue em direção ao mesmo fim, percebendo, dessa forma, o anúncio da própria morte. Para ela, sempre que alguém ao redor deixa de existir, esse momento abre ao que permanece vivo a percepção da insignificância de seu próprio ser, *“pois basta que ‘um único ser nos falte’ para que, de repente, pareça que ‘tudo está despovoado’ [...] quando choramos os mortos, é sempre por nós mesmos que choramos na realidade”* (DASTUR, 2002, p.68).

Assim, na medida em que falavam sobre as perdas enfrentadas, alguns colaboradores também salientavam o quão desesperadora pode ser essa experiência. Ao falarem sobre as experiências de luto, os relatos dos entrevistados foram menos racionalizados, ocorrendo a explicitação de emoções que até então se mantinham veladas quando eles se referiam à relação que estabelecem com a própria mortalidade. Com efeito, algumas pessoas relataram que a experiência da morte do outro os colocou de maneira angustiante diante da possibilidade do próprio morrer. Por outro lado, em diversas outras falas, também foi possível observar que essa relação se deu mediante o temor. Nestas, a morte era referida como algo extrínseco à existência, dotada de uma identidade onipotente, agressiva

e assustadora e que, por isso, poderia lançar sua sombra sobre todos e cada um a qualquer instante.

Mediante as considerações apresentadas até o momento, nota-se que no interior das famílias estudadas, a relação com o morrer se deu, sobretudo, a partir de compreensões pautadas no saber cotidiano (inautêntico). Isso significa que ao longo das entrevistas, as referências sobre a morte estiveram marcadas fundamentalmente, não pela vivência pessoal angustiante da mesma, mas por meio de falas gerais e impessoais, denotando recorrente afastamento da própria mortalidade, bem como de tudo que traz essa possibilidade para mais perto, como no caso das perdas. Esse modo de se referir à morte, todavia, não foi uma característica peculiar a determinadas famílias em detrimento de outras. Em verdade, os sentidos encobertos sob as diferentes formas de pronunciamentos acerca do morrer foram deveras semelhantes, aproximando-se do que Heidegger (1927/2009) já apontara em sua analítica existencial. Com isso, não é intento deste trabalho afirmar que o relacionar-se com o morrer mediante a impessoalidade, fuga, negação e banalização são modos inferiores ou incorretos de vivenciar a própria finitude ou as perdas. O que se pretende mostrar é tão somente que tais modos de se relacionar com a morte são maneiras previamente dadas pelo mundo e que é partir delas que cada ser humano se relaciona com a ideia da mortalidade, parecendo ser, portanto, custoso desvincular-se de tais explicações.

Não obstante, mesmo que as compreensões tenham se apresentado com bases no mundo fáctico impessoal, cada família apresentou um modo peculiar de compreender e interpretar o morrer. Isso porque, ao lembrar que para Heidegger (1927/2009) mundo não se trata de um lugar concreto, mas sim de uma rede de relações significativas dentro da qual cada pessoa existe, é possível entender como o mundo em família abrirá ao ser-aí os modos como ele irá compreender a si próprio. É na família, portanto, que se inaugura uma relação de reciprocidade, na qual todos se influenciam mutuamente e, ao mesmo tempo, desenvolvem

maneiras peculiares de lidar com o mundo. Nesse sentido, se nos relatos de todas as famílias estão presentes elementos fácticos pertencentes à cotidianidade, dentro do mundo de cada uma das famílias entrevistadas, tais elementos apresentam diferentes configurações, que fornecem as possibilidades existenciais a partir das quais cada um projeta a si mesmo.

Entretanto, quando se fala do mundo compartilhado em família, deve-se considerar que cada ser-aí tem a sua singularidade e que o modo como se relaciona com o mundo sofrerá alterações de acordo com o significado e sentido que a ele atribuirá ao longo de sua existência. Em se tratando da relação com o morrer, percebe-se que esta se dá de maneira ligeiramente distinta quando se considera os três diferentes momentos existenciais ou fases da vida em que se encontravam os colaboradores deste estudo.

Nesse sentido, ao se atentar para os adolescentes deste trabalho, observa-se que o que mais se sobressai em seus relatos é o distanciamento a partir do qual eles se referiram ao próprio morrer. Em seus relatos, a morte constantemente foi significada a partir de uma certeza universal e banal, contudo, raramente mediante um olhar mais próximo e pessoal. Talvez por essa razão, suas falas tenham apresentado certa dose de despreocupação com a morte, em detrimento de uma freqüente atenção voltada para o presente e para os planos futuros. De acordo com Freire (s/d), é na adolescência que o jovem é apresentado de maneira mais clara a sua condição de ser existente no mundo. Isso porque, ao sair da infância, ele passa a ter condições cognitivas de fazer planos e projetar futuro, o que também lhe permite perceber-se como protagonista da própria vida. Porém, se por um lado essa abertura ao futuro amplia suas possibilidades, por outro, o coloca ante uma questão até então pouco conhecida ou refletida, a saber, a própria morte. Ao ganhar o futuro, ele descobre que terá que fazer frente a sua existência inexoravelmente finita, de modo que agora se origina uma preocupação totalmente nova em sua vida.

No caso dos jovens entrevistados neste estudo, parece que a abertura para a construção de si mesmos, além de ampliar suas possibilidades, também os coloca diante da necessidade de assumir as rédeas da própria existência. Ante essa nova condição, eles percebem que precisam decidir o que fazer com o seu porvir. Daí que, diante do desalojamento advindo junto a essa nova forma de ser-no-mundo, eles buscam alternativas que lhes dêem a ilusão de que o futuro será sempre bom, o que implica em colocar a morte como uma realidade distante e, assim, vivenciar o presente com menos angústia.

Contudo, se a possibilidade do próprio morrer encontra-se distante, observa-se que, no que diz respeito à morte de pessoas próximas, este momento sempre foi vivenciado com muita tristeza, pois, mediante as perdas, o morrer foi trazido para mais perto, mostrando-se em sua faceta real, de modo a retirar os adolescentes da fantasia de que são superiores e, portanto, inatingíveis pela morte. Anteriormente às perdas, a possibilidade da morte de alguém querido não fazia parte de seus pensamentos e apreensões e, no entanto, a partir do momento em que ela se fez presente, eles se sentiram frágeis e passaram a temer que a morte pudesse vir lhes retirar a presença de outras pessoas também queridas, sobretudo os genitores. Assim, como meio de defesa, alguns acreditam que o melhor a ser feito é evitar a preocupação com essa possibilidade, de modo a continuarem vivendo como se a morte não existisse. Com isso, tanto a morte do outro, como o próprio morrer, são mantidos à distância, o que os possibilita manterem-se voltados para a construção de si mesmos e de seu mundo, de modo a acreditarem que a morte não poderá atingi-los tão cedo.

No que concerne aos adultos, percebe-se que muitos deles buscaram o sustentáculo da religião no momento em que falavam a respeito da morte. Com isso, de início e na maioria das vezes, suas falas apresentavam um tom racional, a partir do qual a relação estabelecida com o próprio morrer mostrou-se de maneira naturalizada e sob certo distanciamento. Em decorrência desta atitude, em diversos momentos observou-se uma certa

similaridade entre as suas falas e as falas dos adolescentes. No entanto, enquanto estes parecem crer serem heróis inatingíveis pela morte, os adultos, longe de manterem a mesma ilusão, tentavam ocultar o quanto se sentem impotentes perante o morrer. Ao falarem sobre a própria finitude, bem como ao lembrarem as perdas, eles foram tomados por uma corrente de sentimentos ambíguos, que ora os faziam negar e banalizar a morte, ora os colocavam ante a sensação de desabrigo e tristeza, e ora os levavam a uma aceitação passiva dessas possibilidades.

Em meio a tais compreensões, todavia, o que se destacou de maneira inequívoca quando falaram sobre a possibilidade do próprio morrer, foi o medo de deixarem o mundo e, com isso, abandonarem sem o devido amparo as pessoas que mais amam e necessitam de seus cuidados. Por serem genitores, acreditam que têm uma série de responsabilidades que ainda precisam desempenhar no que diz respeito ao sustento material e afetivo dos filhos, a fim de que possam sentir-se com o “dever cumprido”. É em virtude deles que projetam seus planos futuros e é por desejarem estar junto a eles que temem ser capturados pela morte. Por essa razão, vários dos genitores entrevistados disseram preferir não pensar acerca da possibilidade da própria morte, uma vez que pensar em romper os vínculos com a família os desperta para uma realidade extremamente angustiante e difícil de ser aceita.

Nesse ínterim, se a própria morte é temida por significar a aniquilação de uma história de afeto e compartilhamento, no que tange às vivências de perdas, a experiência com a morte do outro concretiza e aproxima este rompimento irreversível de um vínculo. Assim, a despeito das explicações religiosas utilizadas para amenizar a dor, e, apesar das falas que apresentam a morte como algo inevitável, o luto pela morte de alguém querido costuma ser vivenciado com muita tristeza, uma vez que traz a brevidade da vida para mais perto, remetendo à consciência da fragilidade humana.

Destarte, se até o momento foi possível apreender que adolescentes e adultos procuram manter uma relação distante com o morrer, à medida que há um aprofundamento na compreensão das falas dos idosos, percebe-se o quanto esta distância passa a ser reduzida. Com efeito, conforme nos aproximamos de suas vivências, é possível observar o tom conformista e ao mesmo tempo melancólico e nostálgico com que se referem à própria morte. Para muitos, o temor acerca da proximidade do morrer é tão presente, que chega a ser uma preocupação diária. Por conseguinte, diante de tais pensamentos, aceitam que o futuro não lhes reserva outra coisa a não ser o inevitável encontro com a morte. Nesse sentido, sob o olhar de vários dos entrevistados, a vida, mesmo que ainda prossiga por algum tempo, já chegou ao fim. Muitos disseram saber que estão no término de suas jornadas e que, portanto, a incerteza com relação ao tempo que ainda lhes resta não lhes permite traçar grandes planos futuros. Como consequência, apenas desejam desfrutar de boa saúde e de uma morte ausente de dor e sofrimento.

Além da convivência diária com a iminência da própria finitude, as perdas também são recorrentes nas vidas dos idosos deste estudo. Vários relataram ter experienciado a morte de diversas pessoas queridas, fato este, que frequentemente os coloca ante a um mundo potencialmente vazio e envolto por recordações. A perda de amigos, irmãos e genitores, em muitos casos, relega-os à sensação de abandono e de profunda solidão, uma vez que o mundo por eles compartilhado, aos poucos, segue desmoronando e, assim, torna-se ausente de qualquer sentido. Nesse ínterim, na medida em que experienciam o esvaziamento do mundo, a proximidade da própria morte vai se apresentando de modo cada vez mais evidente e concreto, desvelando que, ser idoso, significa relacionar-se ao mesmo tempo com dois mundos inseparáveis, a saber, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Assim, em linhas gerais, percebe-se que os idosos convivem mais proximamente com a idéia da finitude, tendo-a como companheira diária. A entrada no mundo da velhice

inaugura um universo de possibilidades restritas, entre as quais a morte apresenta-se como a mais irrevogável delas. Isso não significa, contudo, que os idosos tenham apresentado maior temor da morte, nem tampouco que eles caminhem calmamente para ela. De fato, por manterem uma relação de maior proximidade com o morrer, eles acabam por libertá-lo de inúmeros estratagemas costumeiramente utilizados na tentativa de domá-lo e neutralizá-lo, deixando-o reinar sobre suas existências como se estivessem se preparando para esse momento que se aproxima. Por outro lado, em outras ocasiões também se utilizam de estratégias para fugirem da ideia da morte, uma vez que a convivência com ela em tempo integral seria extremamente desgastante.

Se, contudo, os idosos se relacionam mais intimamente com a morte, percebe-se que os adolescentes, embora a tratem com excesso de naturalidade, em realidade, não a colocam como parte integrante de seus projetos. Os adultos, por sua vez, entre as três gerações entrevistadas, são aqueles que mantiveram uma relação mais conflituosa com o morrer. Todos são genitores e, em certa medida, ainda sentem-se responsáveis pelo cuidado dos filhos, de modo a projetarem suas perspectivas de vida em virtude deles. No entanto, na medida em que envelhecem e experienciam a morte de diversas pessoas ao redor, passam a temer o próprio futuro, que, de um lado pode trazer a perda de seus genitores, e de outro, pode lhes retirar desse mesmo papel. Diante de tal ameaça, portanto, os adultos foram os que mais demonstraram temer a morte, negando-a mais do que adolescentes e idosos.

Destarte, tendo em vista as considerações apresentadas até o momento, é possível perceber que, a despeito das particularidades, os significados da morte são compartilhados dentro de uma mesma família, tal como entre as três gerações de entrevistados. Isso porque é o mundo, que, inicialmente, apresenta à família os significados das coisas e o modo como se deve comportar diante delas. Assim, ao se considerar que na sociedade ocidental, de maneira geral, há uma postura de interdição diante da morte (ARIÈS, 1977; 2003), é possível

compreender as semelhanças das falas entre as seis famílias que colaboraram com o estudo. No entanto, ao olhar para uma família, também se deve compreender que, apesar dela estar inserida neste mundo fáctico impessoal que lhe dá as diretrizes de como ser, em sua própria convivência, ela também desenvolve seus modos de interpretar aquilo que lhe é apresentado pela cultura e, assim, manifesta maneiras peculiares de se relacionar entre si e com o mundo. Além disso, não só as famílias apresentam seus modos de ser, como cada um dos entrevistados revela a sua própria existência a partir de um colorido único.

As diferentes cores desveladas neste estudo mostram que os colaboradores, imersos em seus mundos distintos, confrontaram-se com a realidade da morte e, frente a ela, viram-se colocados perante a própria existência e a necessidade de olhar para ela de uma maneira mais próxima. Por meio da consciência da morte, eles às vezes percebem que cada instante é irreparável e, em outras ocasiões, sentem-se frágeis e inseguros, temem perder seus entes queridos, receiam morrer antes da realização de sonhos, e, também, acreditam que podem ser imortais. Negam, choram, aceitam. Envolvem-se, distanciam-se e ocultam-se. Descobrem que falar sobre a morte é possível, apesar de tal experiência se dar a partir de sentimentos ambíguos, porém, tão inerentes à vida de qualquer ser humano. A entrevista lhes abriu a possibilidade de falar e, falando, angustiaram-se, aliviaram-se e, com isso, puderam lançar luz sobre vivências que diariamente permanecem distantes do olhar cotidiano.

"Ensinar os homens a morrer é ensiná-los a viver"

(MICHEL DE MONTAIGNE, Ensaios, Livro I)

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia enquanto ciência humana visa compreender o homem em sua complexidade e em suas relações consigo e com os outros homens. Em sua prática, busca auxiliá-lo na conquista do auto-conhecimento, da autonomia e qualidade de vida. No entanto, como pensar e refletir sobre essas questões, sem considerar que o morrer pode atravessar a vida a qualquer instante?

Os colaboradores deste estudo se depararam com tal questionamento e, diante dele, mostraram que a relação do ser humano com a morte, embora seja inevitável em qualquer momento da existência, nem sempre se dá de maneira amigável. Todavia, não foram apenas as famílias colaboradoras que se viram ante este tema que desperta sentimentos ambíguos e paradoxais. Enquanto pesquisadora, que tem a tarefa primordial de se debruçar sobre as experiências de cada um dos participantes, também compartilhei muitas de suas angústias, temores e reflexões, na medida em que, tal como eles, pude reviver minhas experiências de perdas, bem como fui colocada mais proximamente ante a minha condição mortal.

A realização deste trabalho foi desafiadora, porém, ao mesmo tempo, profundamente apaixonante. Em diversas ocasiões me deparei com o estranhamento e surpresa de pessoas ao meu redor, afinal, com um leque de possibilidades de estudo tão amplo, escolher pesquisar a relação do ser humano com o morrer pode soar um tanto quanto mórbido, quando se acredita que vida e morte são acontecimentos largamente distintos. Todavia, não vejo que falar sobre a morte seja algo depressivo. Ao contrário, sinto que a cada vez que penso neste assunto, volto-me para mim mesma enquanto alguém que, por estar viva, tem a intransferível necessidade de ser e realizar-se. Pensar na morte me faz questionar as minhas certezas, colocando-me, por conseguinte, mais atentamente ante minha existência.

No entanto, conscientizar-se da morte não implica em dizer que todos devem pensar na morte diariamente e, tampouco, esta é a conclusão deste trabalho. Com sua finitude, cada qual lida a seu modo, não havendo, portanto, receitas corretas para a boa convivência com a morte e o morrer. Assim, considero que a principal contribuição deste estudo tenha sido apresentar diversas visões acerca da morte, não apenas diante de uma situação concreta de perda ou de terminalidade, mas no existir cotidiano das famílias entrevistadas. Entretanto, esta pesquisa desvelou apenas algumas facetas da relação do ser humano com a morte, as quais poderiam mostrar-se de maneiras distintas, caso os participantes tivessem outras idades, pertencessem a famílias de cultura ou religiões diferentes, ou ainda, se elas tivessem outras experiências e histórico de perdas.

Mas, apesar das particularidades encontradas, transitar por esta temática tão temida na cultura em que vivemos, mostrou-me que é possível falar sobre morte, e que, abordá-la, é uma maneira de contribuir para que ela seja refletida.

Não foram incomuns os relatos em que os colaboradores, sobretudo os idosos, expuseram suas angústias e temores por sentirem-se próximos ao fim do caminho da existência. Considero que, para eles, a entrevista teve uma importância diferente daquelas realizadas com os adolescentes e adultos, pois, à medida que falavam sobre a morte, parecia que ela se concretizava ainda mais em suas vidas, remetendo-os, por conseguinte, às inúmeras lembranças das perdas que tiveram, bem como à angustiante certeza de que a permanência deles no mundo não poderá se estender por muito tempo.

Em contrapartida, apesar de a entrevista ter se configurado como um momento de profundas reflexões, vários idosos sentiram-se muito contentes por participarem do estudo, pois, além de ser um momento em que puderam expressar e partilhar suas apreensões, também foi uma ocasião em que se sentiram úteis e gratificados por darem suas contribuições a um trabalho dessa natureza.

Com relação aos adultos, apesar de alguns autores afirmarem que a vida adulta intermediária é um período em que a idéia de morte apresenta-se de maneira mais contundente, a literatura que desenvolve estudos com pessoas dessa faixa etária pouco tem buscado compreender como é a relação dessas pessoas com a idéia da própria finitude. Ao buscar penetrar o mundo dessas pessoas, de modo a compreender quais são suas principais inquietações no que concerne ao relacionamento com a própria mortalidade, este estudo traz subsídios importantes para se compreender e refletir sobre qual o sentido que a morte e a vida têm para os adultos neste momento da existência.

No que diz respeito aos adolescentes, este estudo confirmou o que a literatura da área apresenta, ou seja, que se trata de uma etapa em que os jovens estão em pleno desenvolvimento e construção do próprio mundo, e que, por isso, a relação com a morte acaba por se apresentar de maneira distante, levando-os a acreditar que o morrer é algo que não lhes diz respeito. Todavia, se a própria morte é algo pouco importante, a relação com as perdas se mostrou muito dolorosa e conflituosa, na medida em que os retira da fantasia de que a morte apenas acontece ao outro. Por essa razão, estudos desta natureza são importantes, uma vez que criam espaços que facilitam a comunicação destes jovens sobre esse tema complexo e presente.

Nesse sentido, ao criar espaços para que as famílias expusessem livremente seus pensamentos, sentimentos e reflexões sobre a morte, esta pesquisa, além de evidenciar que a temática é mobilizadora de sentimentos em qualquer etapa da vida, possibilitou a condução de um diálogo pouco comum, que, além de atuar como função terapêutica para diversos colaboradores, também lhes abriu novas possibilidades de olhar para a própria existência e de interagir com vida.

O aprofundamento da reflexão sobre o tema possibilitou, também, trazer à tona os modos como, em uma família, a morte pode ser compreendida em três momentos distintos da

existência. Nesse sentido, cada família apresentou um modo único de lidar com as situações nas quais a morte se faz presente, sendo que a religião e o histórico de perdas se configuraram como fatores fundamentais no desenvolvimento dessas compreensões. Assim, dentro de cada família, as concepções sobre a morte foram muito semelhantes para os adolescentes, seus genitores e avós, apontando para a relevante influência que as gerações mais velhas exercem nas significações de mundo dos mais jovens, sobretudo no compartilhamento de crenças, valores e atitudes. Portanto, compreender como a morte é vivenciada nesse espaço, pode ser de grande valia, não apenas para profissionais da saúde em contato com pessoas enlutadas, mas também, a todos aqueles que visam criar programas focados no desenvolvimento de uma educação para a morte.

Assim, com base nos relatos apresentados, é possível perceber a necessidade de dar continuidade a trabalhos que aprofundem a compreensão da morte em diversos contextos e diferentes áreas de conhecimento, pois, as dificuldades observadas em se abordar o assunto nos levam a afirmar que a sociedade necessita trazer a reflexão sobre a morte para o seu lugar originário, qual seja, o interior da existência humana. A busca pelo sentido do existir é inerente ao homem e, por essa razão, a reflexão sobre a finitude pode contribuir para que essa tarefa seja efetivada de forma mais concreta e humana. Espero que este estudo tenha conseguido lançar uma semente nessa direção.

Quando vier a primavera

*Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera
passada.
A realidade não precisa de mim.*

[...]

*Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter
preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.*

(FERNANDO PESSOA, Obras completas)

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **O homem diante da morte.** (vols. 1 e 2). Portugal: Publicações Europa-América, 1977.

_____. **História da morte no Ocidente.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ALVES, R. A. A morte como conselheira. In: CASSORLA, R. M. S. (Org.) **Da morte:** estudos brasileiros. Campinas, SP: Papirus, 1991, p. 11-15.

AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.) **Psicologia e Fenomenologia:** reflexões e perspectivas. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 17-26.

BEE, H. **O ciclo vital.** Porto Alegre: Artmed editora, 1997.

BENINCÁ, C. R. S. Idoso e morte: qualificação da experiência de finitude. In: BOTH, A.; BARBOSA, M. H. S.; BENINCÁ, C. R. S. (Org.) **Envelhecimento humano:** múltiplos olhares, 2003, p. 82-95.

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: confronto e avanços.** São Paulo: Cortez, 2000.

BOEMER, M. R., ZANETTI, M. L.; VALLE, E. R. M. A idéia de morte no idoso - uma abordagem compreensiva. In: Cassorla, R. M. S. (Org.). **Da morte:** estudos brasileiros. Campinas: Papirus, 1991, p. 119-129.

BOEMER, M. R.; ROSSI, L. R. G.; NASTARI, R. R. A idéia de morte em unidade de terapia intensiva – análise de depoimentos. In: Cassorla, R. M. S. (Org.). **Da morte:** estudos brasileiros. Campinas: Papirus, 1991, p.145-157.

BRÊTAS, J. R. S.; OLIVEIRA, J. R.;YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v.40, n.4, p.477-483, 2006.

BROMBERG, M. H. P. F. Famílias enlutadas. In: CARVALHO, M. M. M. J. (Org.). **Introdução à psiconcologia.** Campinas: Editorial Psy, 1994, p. 243-259.

BROWN, F. H. O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura de vida familiar. São Paulo: Artmed Editora, 2001, p.393-414.

BRUNS, M. A. T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.) **Psicologia e Fenomenologia:** Reflexões e Perspectivas. Campinas: Alínea, 2007. p. 65-76.

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica e Martin Heidegger. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F.

(Orgs.) **Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas**. Campinas: Alínea, 2007. p. 77-92.

BURTON, A. M.; HALEY, W. E.; SMALL, B. J. Bereavement after caregiving or unexpected death: effects on elderly spouses. **Aging e Mental Health**, v.10, n.3, p. 319-326, 2006.

CARVALHO, A. S. **Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

CASANOVA, M. A. **Compreender Heidegger**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CASSORLA, R. M. S. Como lidamos com o morrer: reflexões suscitadas no apresentar este livro. In: CASSORLA, R. M. S. (Org.) **Da morte: estudos brasileiros**. Campinas, SP: Papirus, 1991, p. 17-23.

CYTRYNOWICZ, M. B. O tempo da infância. **Daseinsanalyse**. Associação Brasileira de Daseinsanalyse: São Paulo, n.5, p. 54-73, 2000.

COLE, M.; COLE, S. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DARTIGUES, A. **O que é a Fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992.

DASTUR, F., **Heidegger e a questão do tempo**. Tradução de João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

_____. **A morte: Ensaio sobre a finitude**. Tradução de Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DAUGHERTY, D. J. When death affects life: The experience of adults who live with the loss of a parent that died in childhood or adolescence. **Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences**, v.62 (12-A), p. 4347, 2002.

DELGADO, J. A. Que é o “ser da família”? **Texto e contexto em enfermagem**, v.14, p. 86-94, 2005.

DOHERTY, M.E.; SCANNELL-DESCH, E. The lived experience of widowhood during pregnancy. **J Midwifery Womens Health**, v.53, n.2, p.103-9, 2008.

DOMINGOS, B.; MALUF, M.R. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n.3, pp. 577-589, 2003.

FIELD, D. Older people's attitudes towards death in England. **Mortality**, v.5, n.3, p. 277-297, 2000.

FORGHIERI, Y. C. A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas. In: MACEDO, R. M. S. (Org.) **Mapeamento da pesquisa em psicologia no Brasil**. São Paulo: Anpepp, 1993a.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 1993b.

FREIRE, C. E. C. Conquista do futuro. **Revista Mente e Cérebro – Série especial: O olhar do adolescente**. São Paulo, n.2, p. 48-53, ISBN 978-85-99535-41-7.

FRUMI, C.; CELICH, K. L. S. O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte. **RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 92-100, jul/dez, 2006.

GIORGI, A. **A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. Tradução de Riva S. SCHAWARTZMAN. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GUDMUNSDOTTIR, M.; CHESLA, C. A. Building a New World: Habits and Practices of Healing Following the Death of a Child. **Journal of Family Nursing**, v.12, n.2, p.143-164, 2006.

HANSON, R. O.; STROEBE, M. S. Coping with bereavement. **Generations**, p. 63-65, fall, 2007.

HEIDEGGER, M. A coisa. In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 143-164.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOHENDORFF, J. V.; MELO, W. V. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à psicologia hospitalar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 9, n.2, p. 480-492, 2009.

HOLANDA, A. Pesquisa fenomenológica e Psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.) **Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas**. Campinas: Alínea, 2007. p.41-64.

HORSLEY, H.; PATTERSON, T. The effects of a parent guidance intervention on communication among adolescents who have experienced the sudden death of a sibling. **The American Journal of Family Therapy**, v.34, p.119–137, 2006.

INCONTRI, D; SANTOS, F.S. (Orgs). **A Arte de Morrer: visões plurais**. São Paulo: Comenius, 2007.

JUCÁ, V. J. S. et al. Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social – um estudo com crianças pré-escolares, seus pais e professores. **Psicologia e Sociedade**, Salvador, v.19, n. 2, p. 122-130, 2007.

KISSANE, D.W.; MCKENZIE, D.P.; BLOCH, S. Family coping and bereavement outcome. **Palliat Med**, v.11, n.3, p.191-201, 1997.

KOVÁCS, M. J. Morrer com dignidade. In: CARVALHO, M. M. M. J. (Org.) **Introdução à psiconcologia**. São Paulo: Editorial Psy, 1994.

_____. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.25, n.3, 2005.

_____. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, v.41, n.18, p. 457-468, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LUNARDI FILHO, W. D. L. et al. Percepções e condutas dos profissionais de enfermagem frente ao processo de morrer e morte. **Texto e contexto em enfermagem**, Florianópolis, v.10, n.3, p. 60-81, 2001.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico de currículo: educação como *poiesis***. São Paulo: Cortez, 1992. p. 45-71.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: EDUC, 1989.

McGOLDRICK, M.; WALSH, F. Um tempo para chorar: a morte e o ciclo de vida familiar. In: WALSH, F.; McGOLDRICK, M. **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 56-75.

MOREIRA, D.A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MUFSON, T. M. S. W. Issues surrounding sibling death during adolescence. **Child and adolescent social work journal**, v.2, n.4, p. 204-218, 1985.

NEME, C. M. B. **Ressignificação da clínica e das psicoterapias à luz da perspectiva fenomenológico-existencial: desafios da diversidade nas práticas em saúde e na implantação de um serviço de psico-oncologia – uma trajetória**. 2009. 195f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009.

NUNES, B. **Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

OLIVEIRA, J. B. A.; LOPES, R. G. C. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun. 2008.

- PACKMAN, W. et al. Sibling bereavement and continuing bonds. **Death Studies**, v.30, p.817-841, 2006.
- PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo, Summus editorial, 1998.
- POLES, K.; BOUSSO, R. S. Compartilhando o processo de morrer com a família: a experiência da enfermeira na UTI pediátrica. **Revista latino-americana de enfermagem**, v.14, n.2, p.207-213, 2006.
- RODGER, M. L., et al. Living beyond the unanticipated sudden death of a partner: a phenomenological study, **Omega**, v.54, n.2, p.107-133, 2007, p. 59-90.
- RODRIGUEZ, C.F.; KOVÁCS, M.J. Falando de morte com o adolescente. **Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, 2005.
- ROSENBERG, R.L. Envelhecimento e morte. In: KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 59-90.
- SANTOS, G.A.; VAZ, C.E. Grupo da Terceira Idade, Interação e Participação Social. In: ZANELLA, A.V. et al. (Orgs.) **Psicologia e práticas sociais**. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997.
- SARTORI, A. C. R.; ZILBERMAN, M. L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.36, n.3, p.112-121, 2008.
- SCHWAB, R. Parental mourning and children's behavior. **Journal of counseling and development**, v.75, p.258-265, 1997.
- SHIMIZU, H. E. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.60, n.3, p. 257-262, 2007.
- SILVA, C. A., et al. Vivendo após a morte de amigos: história oral de idosos. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.16, n.1, p. 97-104, 2007.
- SPANOUDIS, S. Apresentação. In: HEIDEGGER, M. **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Editora Moraes, 1981, p. 9-22.
- SPEECE, M.; BRENT, S. Children's understanding of death: A review of three components of a death concept. **Child Development**, 55, p.1671-1686, 1984.
- STARZEWSKI JÚNIOR, A.; ROLIM, L. C.; MORRONE, L. C. O preparo do médico e a comunicação com familiares sobre a morte. **Revista Associação de Medicina Brasileira**, v.51, n.1, p. 11-16, 2005.
- STEYTLER, M. E. **Vivências de médicos que atuam em oncologia diante da terminalidade**: uma análise compreensiva. 2007. 113f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

STILLION, J. Association for death education and counselling: An organization for our times and for our future. **Death Studies**, v.13, p.191-201, 1989.

TADA, I. N. C.; KOVÁCS, M. J. Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência. **Psicologia ciência e profissão**, v.27, n.1, p.120-131, 2007.

TERNESTEDT, B. M.; FRANKLIN, L. L. Ways of relating to death: views of older people resident in nursing homes. **International Journal of Palliative Nursing**, v. 12, n.7, p. 334-340, 2006.

TORRES, W. C. O. Algumas contribuições à pesquisa sobre a morte. In: CASSORLA, R. M. S. (coord.) **Da morte: estudos brasileiros**. Campinas, SP: Papirus, 1991, p. 131-144.

TORRES, W. C. O. **A criança diante da morte – desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

TORRES, W. C. O. O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.18, n.2, p. 221-229, 2002.

VALLE, E. R. M. **Ser-no-mundo-com-o-filho portador de câncer: Hermenêutica de discurso de pais**. 1988. 123f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

_____. Um estudo das pesquisas psicológicas na abordagem fenomenológica sobre o câncer infantil. In: VALLE, E. R. M. (Org.) **Câncer infantil: compreender e agir**. Campinas: Editorial Psy, 1997, p. 73-112.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

WALSH, F. A família no estágio tardio da vida. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura de vida familiar**. São Paulo: Artmed Editora, 2001, p. 269-287.

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, v.26, n.1, p. 97-113, 2003.

WOODING, S; RAPHAEL, B. Psychological impact of disasters and terrorism on children and adolescents: experiences from Austrália. **Prehosp Disaster Med**, v.19, n.1, p.10-20, 2004.

ZAVASCHI, M. L. S. et al. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.24, n.4, p.189-195, 2002.

ZNOJ, H.; KELLER, D. Mourning parents: considering safeguards and their relation to health. **Death Studies**, v.26, p.545-565, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Ficha de identificação dos adolescentes

Nome:

Idade:

Telefone residencial:

Celular:

Endereço:

Bairro:

Nos últimos seis meses, alguém muito querido de você ou de sua família morreu? () SIM () NÃO.

Com quem você mora?

Possui pelo menos um avô e uma avó que mora em Bauru ou em cidades vizinhas? () SIM () NÃO.

Tem interesse em participar da pesquisa “Questões de vida e morte em famílias”, que tem como objetivo, compreender as concepções e significados que as famílias têm sobre a morte? () SIM () NÃO.

APÊNDICE 2 – Carta aos pais**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – CÂMPUS DE BAURU**

Senhores pais,

Seu filho (a) concordou em participar da pesquisa **Questões de vida e morte em famílias**, desenvolvida por mim (faço mestrado na Unesp). Essa pesquisa está sendo realizada com o objetivo de compreender como as famílias compreendem a morte e como lidam com ela. Para a realização dessa pesquisa, é necessário contar com a participação de seu filho adolescente, a do pai e da mãe e de um avô e uma avó. Para cada família que se interessar em participar serão realizadas entrevistas individuais de seus membros, tendo garantida a não identificação das pessoas envolvidas neste processo, bem como o sigilo quanto a locais ou dados que possam identificar os participantes.

Sendo assim, gostaria de solicitar a colaboração de vocês para a realização deste trabalho e para isso, poderei entrar em contato por telefone nos próximos meses. Caso eu não entre em contato é porque já completei o número de famílias necessárias para essa pesquisa.

Atenciosamente,

Caroline Garpelli Barbosa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista.

**APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
PAIS/MÃES/AVÔS/AVÓS**

Eu _____, portador do RG _____, através deste documento, concordo em participar da pesquisa **Questões de vida e morte em famílias: um estudo fenomenológico**, desenvolvida por Caroline Garpelli Barbosa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp Bauru, sob a orientação da Prof. Dr^a Ligia Ebner Melchiori e co-orientação da Prof. Dr^a Carmem Maria Bueno Neme.

Fui esclarecido(a) de que esta pesquisa tem como objetivo compreender as concepções e significados familiares do fenômeno da morte em três gerações distintas, e de que serei entrevistado(a) individualmente, tendo minha entrevista gravada em áudio para possibilitar a análise posterior.

Para participar deste projeto, fui esclarecida de que: a) Minha participação é voluntária; b) As entrevistas serão gravadas e estas ficarão em posse da pesquisadora; c) A pesquisadora poderá publicar os resultados deste trabalho, tendo sido garantida a não identificação das pessoas envolvidas neste processo, assim como não serão feitas referências a locais ou dados que possam me identificar; d) As informações serão utilizadas somente para finalidades de estudo científico, ficando a pesquisadora autorizada a publicar os dados apenas em publicações científicas; e) Sou livre para desistir em qualquer momento da pesquisa, sem sofrer qualquer prejuízo; f) Quaisquer dúvidas que eu tenha quanto aos procedimentos da pesquisa poderão ser esclarecidos em qualquer momento.

Considerando as questões acima, concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma cópia deste documento e pude lê-lo com atenção.

Assinatura do participante:

Data: ____/____/____

Endereço do participante:

Fone:

Assinatura do pesquisador:

Fone:

Orientadora: Prof Dra Lígia Ebner Melchiori

Co-orientadora: Prof Dra Carmem Maria Bueno Neme

APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ADOLESCENTES

Eu _____, portador do RG _____, através deste documento, concordo em participar da pesquisa **Questões de vida e morte em famílias: um estudo fenomenológico**, desenvolvida por Caroline Garpelli Barbosa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp Bauru, sob a orientação da Prof. Dr^a Lígia Ebner Melchiori e co-orientação da Prof. Dr^a Carmem Maria Bueno Neme.

Fui esclarecido(a) de que esta pesquisa tem como objetivo compreender as concepções e significados familiares do fenômeno da morte em três gerações distintas, e de que serei entrevistado(a) individualmente, tendo minha entrevista gravada em áudio para possibilitar a análise posterior.

Para participar deste projeto, fui esclarecida de que: a) Minha participação é voluntária; b) As entrevistas serão gravadas e estas ficarão em posse da pesquisadora; c) A pesquisadora poderá publicar os resultados deste trabalho, tendo sido garantida a não identificação das pessoas envolvidas neste processo, assim como não serão feitas referências a locais ou dados que possam me identificar; d) As informações serão utilizadas somente para finalidades de estudo científico, ficando a pesquisadora autorizada a publicar os dados apenas em publicações científicas; e) Sou livre para desistir em qualquer momento da pesquisa, sem sofrer qualquer prejuízo; f) Quaisquer dúvidas que eu tenha quanto aos procedimentos da pesquisa poderão ser esclarecidos em qualquer momento.

Considerando as questões acima, concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma cópia deste documento e pude lê-lo com atenção.

Assinatura do participante:

Data: ____/____/____

Endereço do participante:

Fone:

Assinatura do responsável:

Assinatura do pesquisador:

Fone:

Orientadora: Prof Dra Lígia Ebner Melchiori

Co-orientadora: Prof Dra Carmem Maria Bueno Neme

APÊNDICE 5 - Questionário de dados sócio-demográficos**Nome:****Sexo:** Masculino () Feminino ()**Idade:****Estado civil:** Casado () Solteiro () Divorciado () Amigado () Viúvo ()**Escolaridade:** Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo ()

Ensino médio incompleto () Ensino médio completo () Graduação incompleta ()

Graduação completa () Pós-graduação incompleta () Pós-graduação completa ()

Profissão: **Atua na área:** Sim () Não ()**Identificação do parentesco em relação ao adolescente:** Mãe () Pai () Avó materna ()

Avô materno () Avó paterna () Avô paterno () Adolescente ()

Pessoas que vivem na mesma casa:**Possui alguma religião:** Sim () Não () **Qual?****Se sim, com que frequência pratica?****Renda familiar:** Baixa () Média baixa () Média alta () Alta ()**Ocorreu a morte de alguém querido nos últimos anos?** Sim () Não ()**Há quanto tempo?**

ANEXOS

ANEXO 1 – Aprovação do Comitê de Ética em pesquisa

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em sua 44ª Reunião Ordinária realizada no dia 20 de agosto de 2008, no Prédio do STI da Faculdade de Ciências da UNESP, Campus de Bauru, às 09h00, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto “Questões de vida e morte em família: Um estudo fenomenológico”, Processo nº 1059/46/01/08, sob responsabilidade da Professora Doutora Lígia Ebner Melchiori.

Bauru (SP), 20 de agosto de 2008


PROF. DR. PAULO NORONHA LISBOA FILHO
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Av. Engº Luiz Edmundo Camargo Coube, 14-01 - Vargem Limpa - Bauru-SP - CEP 17 033-360
Fone: (14) 3103-6187 - e-mail: ceart@ic.unesp.br

* O título: “Questões de vida e morte em famílias: um estudo fenomenológico” foi alterado para “A família e a morte: estudo fenomenológico com adolescentes, genitores e avós” por se considerar que, este, descreve melhor o conteúdo desenvolvido neste estudo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)